

MATEUS

Contando a História
do Rei Jesus

COMENTÁRIO
BÍBLICO
HOMILÉTICO



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

Mario Veloso

MATEUS

Contando a História
do Rei Jesus

COMENTÁRIO BÍBLICO
HOMILÉTICO

Mario Veloso

Tradução
Ranieri Sales

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Título original em espanhol:

MATEO

*Direitos de tradução e publicação
em língua portuguesa reservados à*

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-000 – Tatuí, SP

Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900

Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888

www.cpb.com.br

2ª edição: ? mil exemplares

Tiragem acumulada: ?

2011

Editoração: Zinaldo A. Santos

Programação Visual: Fernando Ribeiro de Lima

Capa: Mark Wallacy

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Veloso, Mario

Mateus : contando a história do Rei Jesus :
comentário bíblico homilético / Mario Veloso ;
tradução Ranieri Sales. – 2. ed. – Tatuí, SP :
Casa Publicadora Brasileira, 2011.

Título original: Mateo

1. Bíblia. N. T. Mateus – Comentários I. Título.

11-02579

CDD-226.207

Índices para catálogo sistemático:

1. Mateus : Evangelho : Comentários 226.207



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.



Sumário

Apresentação	16
Introdução	18
1. A História Começa Assim	20
A genealogia de Jesus Cristo (1:1-17)	20
Por que começar com uma genealogia?	20
Rei de Israel	21
Descendente da humanidade inteira	22
A genealogia da vida eterna	23
Abraão: a promessa (Gn 12:1-5)	23
Davi: o reino (1Rs 9:4, 5)	25
Jesus: a realidade (1:16)	27
Cinco mulheres e um só descendente	30
Tamar, a desprezada (Gn 38:6-30)	30
Raabe, a prostituta (Js 2:1-24)	32
Rute, a moabita	34
Bate-Seba, a adúltera (2Sm 11, 12)	35
Maria, a solteira	37
Conclusão	38
O nascimento do Salvador (1:18-25)	39
Maria, noiva de José (1:18, 19)	39
A visita do anjo (1:20-23)	40
José obedece à ordem do anjo (1:24, 25)	41

2. Os Magos e a Reação de Herodes	42
A Visita dos Magos (2:1-12)	42
Propósito	42
A missão (2:1-8)	42
O objetivo (2:9-12)	44
A viagem ao Egito (2:13-23)	45
A fidelidade de José (2:13-15)	45
A crueldade de Herodes (2:16-18)	46
A prudência de José (2:19-23)	47
3. Preparação Para o Ministério Público	48
A pregação de João Batista (3:1-12)	49
A mensagem (3:1-3)	49
Um estilo de vida (3:4)	51
Êxito verdadeiro (3:5, 6)	52
Frutos dignos de arrependimento (3:7-12)	53
O batismo de Jesus (3:13-17)	57
4. Os Primeiros Anos do Ministério	59
As tentações de Jesus (4:1-11)	59
A primeira tentação: autonomia (4:3, 4)	60
A segunda tentação: incredulidade (4:5-7)	62
A terceira tentação: desvio (4:8-11)	64
O Reino dos Céus começou	67
Residência em Cafarnaum (4:12-17)	68
De Nazaré a Cafarnaum (4:12)	68
Profecia sobre a Galileia (4:15, 16)	68
A chegada do Reino (4:17)	69
Os primeiros discípulos (4:18-22)	70
Pedro e André (4:18-20)	70
Tiago e João (4:21, 22)	71
A primeira viagem pela Galileia (4:23-25)	72
A estratégia do Reino (4:23)	72
A fama de Jesus (4:24, 25)	73

5. Primeiro Grande Discurso: O Sermão do Monte	74
Subiu ao monte (5:1, 2)	75
As bem-aventuranças do Reino (5:3-16)	76
O que os cidadãos do Reino são internamente (5:3-12)	76
Características dos cidadãos do Reino (5:13-16)	79
A lei espiritual do Reino (5:17-48)	80
A permanência da lei (5:17, 18)	80
A entrada no Reino dos Céus (5:19, 20)	81
O cumprimento verdadeiro da lei (5:21-47)	81
A perfeição dos cidadãos do Reino (5:48)	84
6. A Motivação Certa	86
Na vida dos cidadãos do Reino (6:1-34)	86
Nas obras de caridade (6:1-4)	86
Na oração e no jejum (6:5-18)	87
Nas atividades da vida (6:19-34)	88
7. O Estilo de Vida no Reino	90
Boas relações (7:1-23)	90
Relacionamento com o próximo (7:1-6)	90
A oração que crê (7:7-11)	92
A regra de ouro (7:12)	92
O caminho que leva à vida (7:13, 14)	92
Por seus frutos os conhecereis (7:15-20)	93
A entrada no Reino dos Céus (7:21-23)	93
O prudente e o insensato (7:24-27)	94
O prudente (7:24, 25)	94
O insensato (7:26, 27)	95
Reação das pessoas (7:28, 29)	96
8. Os Milagres do Reino	97
O leproso: limpeza do pecado (8:1-4)	97
A lepra e o pecado (8:1, 2)	98
O poder do Reino (8:3)	98
O testemunho do crente (8:4)	99
O centurião: a fé que conduz ao Reino (8:5-13)	100

Um pedido de ajuda (8:5, 6)	100
A ajuda suficiente (8:7-9)	101
A medida suficiente de fé (8:10-12)	101
Como creste (8:13)	102
A sogra de Pedro (8:14, 15)	102
Muita febre (8:14)	103
Serviço constante (8:15)	103
Ele carregou nossas enfermidades (8:16, 17)	104
O poder da palavra falada (8:16)	104
O poder da palavra escrita (8:17)	105
Uma grande tempestade: o poder de Jesus (8:18-27)	105
Não consistia em recursos materiais (8:18-20)	105
Não consistia em aprovação social (8:21, 22)	106
Consistia na fé (8:23-27)	107
Os endemoninhados de Gadara (8:28-34)	108
O domínio do demônio (8:28, 29)	109
A derrota do demônio (8:30-32)	109
A confusão dos pagãos (8:33, 34)	110
9. Em Cumprimento da Missão	111
Autoridade para perdoar pecados (9:1-8)	111
De volta a Cafarnaum (9:1)	111
A ocasião do perdão (9:2)	112
O reconhecimento dos escribas (9:3)	112
A ocasião do milagre (9:4-7)	113
O reconhecimento das pessoas (9:8)	114
Chamado aos pecadores (9:9-13)	115
No trabalho dos pecadores (9:9)	115
Na casa dos pecadores (9:10)	116
Objetivo da relação com os pecadores (9:11-13)	116
Discípulos de João: por que jejuamos? (9:14-17)	117
Por que nós sim e eles não? (9:14)	117
Quando houver necessidade (9:15-17)	119
A realidade que a fé vê (9:18-26)	120
Jairo vê ressurreição (9:18, 19)	120
A mulher doente vê salvação (9:20-22)	121

Jesus tem poder sobre a morte (9:23-26)	122
Dois cegos e um mudo: a dúvida dos fariseus (9:27-34)	122
O grito da fé (9:27-31)	123
Fé intercessora (9:32, 33)	123
Os fariseus expressam uma dúvida insensata (9:34)	124
Conclusão: mais obreiros para a colheita (9:35-38)	124
Território e pessoas, um ministério eficiente (9:35, 36)	125
A colheita (9:37, 38)	126

10. Segundo Grande Discurso: Instruções Missionárias

A missão para os doze (10:1-4)	127
Autoridade sobre as forças do mal (10:1)	128
Os doze apóstolos (10:2-4)	129
Instruções específicas (10:5-15)	129
Território e objetivo populacional (10:5, 6)	130
A mensagem (10:7)	130
Obras de misericórdia (10:8)	131
Vivam como vive o povo (10:9, 10)	131
Hospedem-se na casa de uma família digna (10:11-15)	132
Conselhos para os perigos futuros da missão (10:16-31)	133
Sejam prudentes (10:16)	133
Desconfiem dos incrédulos (10:17, 18)	134
Não se preocupem (10:19, 20)	135
Perseverem até o fim (10:21, 22)	135
Fujam de cidade em cidade (10:23)	136
Sejam como seu Mestre (10:24, 25)	136
Ajam sem temor (10:26-31)	137
Confissão de fé perante os seres humanos (10:32-42)	138
Mútua relação entre Jesus e o crente (10:32, 33)	139
O crente digno de Jesus (10:34-39)	139
Quem recebe a vocês, a Mim recebe (10:40-42)	141

11. As Credenciais do Messias

A terceira viagem pela Galileia (11:1)	142
Jesus, o Rei que devia vir	142
É você o que tinha que vir? (11:2-19)	142

Pergunta de confirmação (11:2, 3)	143
Jesus o confirma (11:4-19)	143
Jesus tem poder de julgamento (11:20-24)	145
Corazim e Betsaida: piedade por sua ruína (11:21, 22)	146
Cafarnaum (11:23, 24)	147
Jesus possui a revelação e a paz (11:25-30)	147
Possui a revelação (11:25, 26)	147
Possui todas as coisas (11:27)	149
Possui o descanso messiânico (11:28-30)	149
12. Enfrentando Oposição	151
Jesus é o Senhor do sábado (12:1-14)	151
Na seara (12:1-8)	151
Na sinagoga (12:9-14)	153
Jesus é o Servo messiânico de Deus (12:15-21)	154
Jesus pode vencer Seus inimigos (12:22-37)	154
Filho de Davi ou Belzebu? (12:22-24)	154
O reino dividido (12:25-29)	155
A blasfêmia contra o Espírito Santo (12:30-35)	156
O dia do julgamento (12:36, 37)	158
O sinal de Jonas: poder de ressurreição (12:38-45)	159
A busca do milagre (12:38)	159
Uma geração malvada (12:39)	159
O sinal de Jonas (12:40-42)	160
Jesus decide o destino da geração malvada (12:43-45)	161
Os membros da família de Jesus (12:46-50)	162
A visita de Sua mãe e Seus irmãos (12:46, 47)	162
Os que fazem a vontade de Meu Pai (12:48-50)	163
13. Terceiro Grande Discurso: As Parábolas do Reino	164
O ambiente de Seu ensino (13:1, 2)	165
A parábola do semeador (13:3-23)	165
A parábola (13:3-9)	166
A pergunta dos discípulos (13:10)	166
A resposta (13:11-17)	167
A explicação (13:18-23)	168

Parábola do trigo e o joio (13:24-30)	171
A parábola (13:24-29)	171
Reação dos discípulos (13:30)	172
O grão de mostarda e o fermento (13:31-33)	172
O grão de mostarda: começando bem pequeno (13:31, 32)	173
O fermento: crescimento invisível (13:33)	174
Revelação dos mistérios por parábolas (13:34, 35)	175
Jesus ensina a Seus discípulos (13:36-52)	176
Explica a parábola do trigo e o joio (13:36-43)	176
O valor do Reino dos Céus (13:44-50)	179
Conclusão (13:51, 52)	183
Começa o fim da missão na Galileia	185
Jesus visita Sua terra: lugar da incredulidade (13:53-58)	185
Primeiro, a dúvida (13:53, 54)	186
A dúvida irônica (13:55, 56)	187
A dúvida violenta (13:57)	187
A incredulidade infiel (13:58)	188

14. Paixões Versus Compaixão	189
Morte do Batista: juramentos equivocados (14:1-12)	189
Herodes reconhece o verdadeiro poder (14:1, 2)	189
As paixões de um homem débil (14:3-5)	190
O juramento das paixões (14:6-11)	190
Agindo sem paixões (14:12)	192
Cinco mil alimentados (14:13-21)	193
A compaixão de Jesus (14:13, 14)	193
Responsabilidade dos discípulos (14:15-18)	195
Ação compartilhada (14:19, 20)	196
Beneficiados: homens, mulheres e crianças (14:21)	197
Jesus caminha sobre o lago (14:22-36)	197
Poder pela oração (14:22-24)	197
O poder da fé (14:25-33)	198
As obras da oração e a fé (14:34-36)	200

15. Misericórdia sem Restrições	201
Tradição e mandamentos de Deus (15:1-20)	201
Discussão com os líderes de Jerusalém (15:1-9)	201
Resposta à multidão (15:10, 11)	203
Resposta aos discípulos (15:12-20)	203
Viagem a Tiro e Sidom: a fé dos gentios (15:21-28)	205
Necessidade dos gentios (15:21, 22)	205
Primeiro passo: harmonia com os discípulos (15:23, 24)	206
Diálogo com a cananeia (15:25-27)	207
Segundo passo: cumpra-se (15:28)	208
Milagre em Decápolis (15:29-39)	208
Ensina como um Mestre (15:29)	208
Cura os doentes (15:30, 31)	209
Tem compaixão pelas pessoas (15:32-34)	209
Poder exercido (15:35-39)	210
16. Filho do Deus Vivo	211
Segundo pedido de sinal: o sinal dos tempos (16:1-4)	211
Propósito do pedido (16:1)	211
Os sinais dos tempos (16:2, 3a)	212
O sinal dos tempos (16:3b, 4)	212
O ensino dos fariseus (16:5-12)	213
Evitem o fermento dos fariseus (16:5-7)	213
Pequena fé dos discípulos (16:8-11)	214
O ensino dos fariseus (16:12)	214
A igreja, comunidade do Reino (16:13-17:26)	215
Edificação da igreja (16:13-20)	216
Os verdadeiros discípulos (16:21-28)	219
17. O Reino em Miniatura	222
A transfiguração: realidade do Reino (17:1-13)	222
Poder do Reino (17:14-21)	224
Jesus anuncia Sua morte (17:22, 23)	225
Imposto do templo (17:24-27)	226

18. Quarto Grande Discurso: Prioridades na Igreja	228
Hierarquias na igreja? (18:1-20)	229
Pergunta (18:1)	229
A hierarquia da humildade (18:2-4)	229
O princípio da aceitação (18:5)	230
O princípio da mente espiritual (18:6-9)	230
A justa valorização das pessoas (18:10, 11)	232
O princípio de conservação (18:12-14)	233
A disciplina justa para os pecadores (18:15-20)	234
O perdão no Reino dos Céus e a igreja (18:21-35)	236
Perdão ilimitado (18:21, 22)	236
Parábola dos dois devedores (18:23-35)	236
19. Viagem da Galileia Para Jerusalém	239
Viagem pelo leste do Jordão (19:1, 2)	239
Pergunta sobre o divórcio (19:3-12)	240
O divórcio em geral (19:3-6)	240
A autorização de Moisés (19:7-9)	241
A observação dos discípulos (19:10-12)	242
Crianças levadas a Jesus (19:13-15)	242
A apresentação (19:13)	242
A aceitação (19:14, 15)	243
O jovem rico: que mais me falta? (19:16-30)	244
“Que devo fazer” (19:16-19)	244
A perfeição (19:20-22)	246
Os ricos no Reino (19:23-26)	247
Os que deixaram tudo (19:27-30)	248
20. Rei Servidor	250
Os escolhidos (20:1-16)	250
Quem procura obreiros é o Pai (20:1-8)	251
Quem paga os obreiros é o Pai (20:9-15)	252
Escolhidos do Pai (20:16)	253
O Filho do Homem será entregue (20:17-19)	254
A ação dos compatriotas (20:17, 18)	254
A ação dos gentios (20:19a)	255

Resultado real: ressurreição (20:19b)	256
Tiago e João: poder da esquerda e direita (20:20-28)	256
“Que queres?” (20:20, 21)	256
Vocês não sabem (20:22, 23)	257
A reação dos demais (20:24)	259
Vocês sabem (20:25)	260
A grandeza do serviço (20:26-28)	260
Saída de Jericó: dois cegos com fé (20:29-34)	262
A declaração de fé (20:29, 30)	262
Oposição à fé (20:31)	263
O pedido da fé (20:32, 33)	263
Resultado da fé (20:34)	263
21. O Rei em Jerusalém	265
Entrada triunfal do Rei vindouro (21:1-11)	265
Betfagé, a casa dos figos verdes (21:1)	266
Um jumento de aldeia (21:2-5)	267
O Rei já vem (21:6-11)	267
Reino espiritual e fé (21:12, 22)	268
Purificação do templo (21:12-17)	269
A figueira seca: uma lição de fé (21:18-22)	270
Ensinos no templo (21:23-23:39)	272
A autoridade de Jesus (21:23-46)	272
Perguntas do sumo sacerdote e outros (21:23-27)	272
Parábola dos dois filhos: a vontade do Pai (21:28-32)	274
Os lavradores maus: um novo povo (21:33-46).	275
22. Boas-Novas do Reino	278
O banquete de bodas (22:1-14)	278
Imposto de César e o que é de Deus (22:15-22)	282
Perguntas dos líderes religiosos (22:23-46)	284
23. Enganos	291
Jesus acusa fariseus e escribas (23:1-39)	291
Enganos de ensino (23:2-7)	291
Recomendações aos discípulos (23:8-12)	293

Enganos de missão (23:13-15)	295
Enganos de condução (23:16-28)	297
Enganos de tradição (23:29-36)	302
Conseqüências dos enganos cometidos por todos (23:37-39)	305

24. Quinto Grande Discurso: Profecias e Parábolas do Reino .. 307

Que edifício! (24:1, 2)	307
A pergunta do desastre (24:3)	308
Sinais desde a Sua morte até o cerco de Jerusalém (24:4-20)	309
Ninguém vos engane (24:4)	309
Enganos, guerras e desastres (24:5-8)	309
Muita maldade e perseguição (24:9-14)	311
O sinal para fugir de Jerusalém (24:15-18)	311
Conselho para os cristãos (24:19, 20)	313
Sinais além da destruição de Jerusalém (24:21, 22)	314
Uma grande tribulação (:21)	314
Dias abreviados (24:22)	314
Sinais do fim (24:23-35)	314
Tempo de enganar os escolhidos (24:23-28)	315
Sinais com datas (24:29-31)	316
O tempo do fim (24:32-35)	317
Vigiem, orem e trabalhem (24:36-51)	318
Ninguém sabe (24:36, 37)	318
Como os dias de Noé (24:38-41)	318
Vigiem como o pai de família (24:42-44)	319
Os dois servos (24:45-51)	320

25. Preparação Para o Reino .. 321

As parábolas do Reino (25:1-46)	321
As dez virgens (25:1-13)	321
Os talentos (25:14-30)	326
As ovelhas e os cabritos (25:31-46)	329
A preparação segundo as três parábolas	333

26. Fim do Ensino Público do Rei na Judeia	334
Traição: o preço do Rei (26:1-16)	334
Complô dos dirigentes (26:1-5)	335
Betânia: o preço de Sua unção (26:6-13)	336
A traição de Judas: trinta moedas (26:14-16)	337
A Santa Ceia: significado da morte do Rei (26:17-30)	338
Páscoa: a missão do Rei (26:17-19)	339
O traidor (26:20-25)	340
O novo pacto em Seu sangue (26:26-30)	341
Clímax do ministério público (26:31-46)	342
O escândalo dos discípulos (26:31-35)	342
Faça-se a Tua vontade (26:36-46)	343
O julgamento do Rei	347
A prisão do Rei (26:47-56)	347
O sinal da traição (26:47-50)	348
O poder verdadeiro (26:51-56)	349
O Sinédrio julga o Filho de Deus (26:57-68)	350
Testemunhos falsos sem resposta (26:57-62)	350
Filho de Deus, Filho do Homem, Messias (26:63-68)	350
Negação, traição e arrependimento (26:69-27:10)	352
As negações da covardia (26:69-75)	352
27. “Está Consumado”	355
Remorso de uma traição (27:1-10)	355
Julgamento perante Pilatos (27:11-31)	356
É você o Rei? (27:11-14)	357
Barrabás ou Jesus, o Cristo? (27:15-23)	358
Entregou-O para ser crucificado (27:24-26)	359
A crucifixão do Rei (27:27-44)	360
A brincadeira dos soldados (27:27-31)	361
E O crucificaram (27:32-38)	362
Injúrias, brincadeiras e insultos (27:39-44)	363
A morte do Rei (27:45-66)	365
Este era o Filho de Deus (27:51-56)	367
A sepultura do Rei (26:57-66)	370

28. Ressurreição do Rei e a Grande Comissão	372
Ressurreição: domingo (28:1-10)	372
Os que tiveram medo (28:1-4)	373
O regozijo da ressurreição (28:5-10)	375
O relatório dos guardas romanos (28:11-15)	376
O que aconteceu (28:11)	376
O relatório falso (28:12-15)	377
Visita a Galileia e a grande comissão (28:16-20)	379
Adoração e dúvidas (28:16, 17)	379
Façam discípulos de todas a nações (28:18-20)	380



Apresentação

O poder da palavra de Deus é imensurável. Foi pelo poder de Sua palavra que foram criados os céus e a Terra. Porque Ele disse, foi feito. Ele mandou e existiu.

Um dia, a Palavra de Deus Se fez carne e habitou entre nós. Jesus, a Palavra encarnada de Deus, encontrou um parálítico e disse: “Levanta-te, toma o teu leito e anda”, e o parálítico andou. Outro dia, Jesus, junto à tumba de Lázaro, ordenou: “Lázaro, vem para fora”, e o morto ressuscitou.

É inquestionável o poder da Palavra de Deus. Ela foi capaz de fazer andar parálíticos e curar leprosos. Foi capaz de trazer à vida quando nada havia. Por que não poderia fazer as mesmas coisas em nossos dias?

É verdade que hoje Jesus não está mais conosco, mas temos Sua Palavra escrita que “é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3:16). O poder da Palavra divina continua sendo o mesmo. Ao longo do meu ministério, tenho visto milhares de pessoas serem transformadas pelo poder da Palavra. Vidas desfeitas foram reconstruídas, gente perdida foi achada. Seres deteriorados foram restaurados.

A grande necessidade do povo de Deus em nossos dias é ser alimentado pela Palavra. No livro de Joel, capítulo 2:28, encontra-

mos uma das mais preciosas promessas de Deus. Esse texto fala do derramamento da chuva serôdia do Espírito Santo, quando veremos maravilhas entre nós. A promessa começa assim: “E acontecerá depois, que derramarei o Meu Espírito...” Depois do quê? O verso 26 traz a resposta. “Comereis abundantemente, e vos fartareis...” Qual é o alimento do povo de Deus?

Portanto, é urgente que a igreja de Deus seja alimentada pela Palavra. Os sermões que são pregados dos púlpitos devem estar fundamentados na Palavra de Deus. Isto é segurança para a igreja. De outro modo, corremos o perigo de termos uma igreja anêmica, frágil e passível de ser levada pelo vento de doutrinas erradas.

Foi pensando nisto que a Divisão Sul-Americana solicitou que o pastor Mario Veloso preparasse este Comentário Bíblico Homilético. A partir das ideias bíblicas apresentadas aqui, será mais fácil para os pregadores adventistas a elaboração de sermões mais sólidos, nutritivos e fundamentados na Palavra de Deus.

É nossa oração que os pregadores se coloquem nas mãos de Deus, tirem o melhor proveito deste material extraordinário e, como resultado, tenhamos igrejas mais fortes e comprometidas com a missão.

Alejandro Bullón



Introdução

Mateus simplesmente contou a história. Não fez teologia nem pretendeu escrever uma obra erudita. Contou. Contar é o modo mais comum da comunicação humana e o mais fácil de entender. O que contou não era um conto. Não era um livro sobre uma pessoa com muitas histórias inventadas, como as histórias de *As Mil e Uma Noites*. Não era uma novela. Era uma história. Mateus contou a história de Jesus. Também a contaram Marcos, Lucas e João. Não escreveram uma história objetiva como *O Declínio e a Queda do Império Romano*, do famoso historiador inglês Edward Gibbon, em que os fatos históricos aparecem por si mesmos sem que o autor pretenda se envolver em nada.

Mateus e os outros evangelistas contaram a história de Jesus como um testemunho pessoal. Contaram o que Ele fez por eles e por outros. Seguiram o mesmo modelo que Jesus ordenou ao ex-endemoninhado de Gadara, quando lhe encomendou a missão de sua vida: “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez” (Mc 5:19). Só tinha que contar. Ele contou. “E todos se admiravam” (Mc 5:20). Sucesso total.

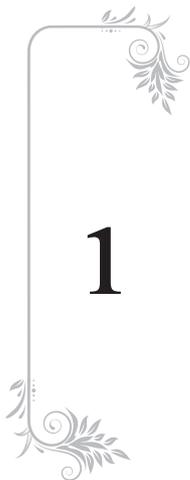
Mateus conta a história de Jesus. Jesus era um homem simples, filho de um carpinteiro de Nazaré. Vivia em Sua casa paterna como todos ali viviam. Nada especial. Nada grandioso. Nenhuma obra es-

petacular. O olhar comum das pessoas não via nele nada extraordinário. Na verdade, viam o filho do carpinteiro como um trabalhador fiel, eficiente, responsável. Uma pessoa reta, boa. Nada mais. Além de tudo, esperava-se que cada israelita fosse assim. É verdade que nem todos seguiam o modelo, mas as pessoas esperavam isso de todos. Jesus era um Modelo. E O admiravam. Para Seus concidadãos, era um admirável homem comum.

Mateus explica as coisas. Jesus não é um homem comum. É o Rei de Israel. Seu Reino cresce dentro de cada crente. E descreve como isso acontece. Descreve como cresce na comunidade universal de crentes, a Igreja. E descreve também como cresce entre todos os seres humanos, os quais, embora pecadores, sempre são objeto da obra salvadora de Jesus. Porque, além de Rei de Israel, é também o Salvador do mundo.

É isto o que faremos neste comentário. Contaremos outra vez a história de Jesus e Suas grandes obras relacionadas com nossa vida, nossa salvação. É nosso desejo que todos os cristãos e cada pregador façam o mesmo. Se cada um contasse a história de Jesus em forma de testemunho pessoal, todos os ouvintes sentiriam, na própria vida, o impacto da pessoa de Cristo, através da vida de quem a contasse.

Uma palavra sobre a forma do texto e as versões da Bíblia usadas neste comentário. Optou-se deliberadamente por um texto sem o aparato erudito, para torná-lo mais acessível e menos complicado para todos os leitores. Não são desconhecidos os temas da erudição, mas são tratados sem referência a ela. Não há a menor intenção de apoderar-se das ideias de outros sem dar o devido crédito a seus expoentes. Trata-se de simplificar tudo. As principais versões bíblicas são a Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição, e o Novum Testamentum Graece, Nestle-Aland, 27ª edição, que tem passado por constantes revisões, sendo utilizado muitas vezes como base do conteúdo que aparece no presente comentário.



A História

1 Começa Assim

A história de Jesus Cristo é fascinante. Um homem simples, membro do povo simples, um simples filho de José. Um Rei, filho de Davi, anunciado por uma estrela. Um Salvador que purifica pecadores de seus pecados. Deus Conosco. Quatro elementos extraordinários introduzem a história de Jesus Rei. Sua genealogia, Seu nascimento, a visita dos magos, e a viagem ao Egito.

A genealogia de Jesus Cristo (1:1-17)

Mateus começa assim: “Livro da genealogia de Jesus Cristo.” Nem tudo o que se conta na Bíblia começa com uma genealogia. Mas, sempre que se menciona uma pessoa, há elementos de genealogia. Mesmo que seja apenas o que já estava incorporado ao nome da pessoa. Exemplo: Pedro, filho de Jonas. De todos os modos, é importante perguntar-se: por quê?

Por que começar com uma genealogia?

Muito importante. Era indispensável que Mateus começasse com a genealogia. A verdade é que essa não parece a melhor maneira de começar um livro. Muitas pessoas acham que as genealogias não são atrativas nem interessantes. Parecem-lhes áridas e enfadonhas. Teria sido um erro? Não! Errar não era possível. O testemu-

nho de Mateus foi inspirado pelo Espírito Santo. O Espírito é infalível. Infalível é também o conteúdo que revela. Embora as palavras sejam de Mateus, o que ele disse provinha do Espírito Santo.

Mateus queria provar que Jesus era Rei e Salvador. O Messias prometido por Deus a Seu povo, Israel.

Não podia ser Rei sem as relações familiares que O tornaram descendente de Davi. Nada provaria esse fato melhor que uma genealogia. Mateus escreveu para um público hebreu e ele conhecia a mentalidade de seu povo. Precisava esclarecer a origem de Jesus e sabia que devia fazê-lo ao começo de sua história. Com essa base, todo o restante de seu livro se tornaria aceitável. Além disso, a genealogia lhe permitiria ampliar a relação familiar judaica de Jesus para uma relação mais universal. Jesus é descendente de Abraão e de Noé, de Israel e da humanidade inteira. Mateus prova a ascendência de Abraão, em relação a Jesus, com os integrantes masculinos de sua genealogia; e a ascendência de Noé, por via não semita, com alguns integrantes femininos.

Rei de Israel

Jesus é Rei porque é “Filho de Davi” (1:1). Em Israel, era uma crença comum que o Messias Rei seria descendente de Davi. A profecia tinha dado ao Messias o título de “Filho de Davi”. E Davi é o primeiro ascendente de Jesus na lista de Mateus. O segundo é Abraão. Vincula-o, assim, com o pai da nação israelita. É “Filho de Abraão”, diz. O certo é que todos os israelitas eram descendentes de Abraão. Mas a atenção não estava dirigida para o comum, de todos, mas especificamente ao Messias Rei. O que ninguém tinha, tinha-o Jesus. É uma referência histórica.

Jesus divide a história e lhe dá sentido. Diz Mateus que a história de Israel se divide em três períodos. De Abraão até Davi, de Davi até o cativo de Babilônia e do cativo até Cristo (Mt 1:17). Afirma que há 14 gerações em cada período. Acontece que, em hebraico, a soma das consoantes que estão no nome de Davi, dá 14. É uma referência indireta à importância histórica de Davi, possivelmente ainda maior que a de Abraão. A repetição das

14 gerações, duas vezes sete, apontando para Jesus, poderia ter por objetivo exaltar o que havia de especial na pessoa de Jesus e que não havia em Abraão nem em Davi. E, por certo, em nenhum de todos os que aparecem em sua genealogia, cuja importância não vai além de serem meros elementos de conexão genealógica. Por isso, Mateus não se preocupa com o fato de que no segundo período tenha havido mais de 14 gerações. Na realidade, são três a mais; e no terceiro, uma a menos. Tudo o que importa é que em Jesus há algo muito especial que não existe em ninguém mais. Não existe nas pessoas sem importância histórica nem nas pessoas historicamente importantes. Só nEle.

Jesus é o Messias Rei. Reconhecê-Lo era fundamental para os israelitas. Se não O aceitassem, ficariam sem rei, e sua história perderia o rumo messiânico que até aquele momento tinha tido. Essa importância transcendia a nação. Abrangia todo o mundo.

Descendente da humanidade inteira

Não era costume incluir mulheres nas genealogias da época. Mateus, entretanto, mencionou cinco: Tamar, Raabe, Rute, Bate-Seba e Maria. Ele queria demonstrar que os vínculos de Jesus vão muito além das fronteiras étnicas e morais de Israel. Incluem a humanidade inteira.

Tamar era cananita, descendente de Canaã, filho de Cão, ou seja, neto de Noé. Raabe era cananita, prostituta de Jericó, uma das cidades mais antigas do mundo. Rute, a moabita, pagã, descendente de Moabe, filho incestuoso de Ló com sua filha mais velha. Bate-Seba era a mulher de Urias, heteu, a qual adulterou com Davi. E Maria era a bem-aventurada descendente de Davi, uma israelita leal, semita fiel, verdadeira serva do único e verdadeiro Deus.

A humanidade inteira está aqui representada. Com seus vínculos genealógicos que, por via não semita, vão até o próprio Noé, pai da nova humanidade, nascida dele, depois do dilúvio; com suas misérias pecaminosas que vão do adultério ao incesto, passando pelo paganismo e a mentira; com suas melhores virtudes e seus mais autênticos vínculos. O Todo-Poderoso esquadrinha tudo e tudo sabe; ama e busca todos para salvá-los.

Mateus conta a história de Jesus, o Rei de Israel, o Filho do Homem, o Salvador do mundo, unido a nós em tudo o que somos, para nos salvar. E nos salva.

A genealogia da vida eterna

A vida eterna também tem sua genealogia. Começa com a promessa, prossegue com o Reino e finda na vida. Na genealogia de Mateus, Davi e Jesus estão ligados a Abraão. “Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1:1). A promessa da vida eterna, a promessa do Reino Eterno, e a realidade de ambas.

Abraão: a promessa (Gn 12:1-5)

Chamado de Abraão. O chamado de Abraão começou com seu pai. Terá, acompanhado de seu filho Abraão, de Ló seu neto, e de sua nora Sara, esposa de Abraão, saiu da cidade de Ur dos caldeus e foi à terra de Canaã. Mas a Canaã não chegou, alcançando apenas a cidade de Harã. Não sabemos a razão pela qual ficou ali. Possivelmente, por enfermidade, porque Abraão saiu da cidade quando ele morreu (Gn 11:31, 32). Harã era uma cidade importante ao norte da Mesopotâmia, cruzamento de caminhos para o Egito, Babilônia e outros lugares da região. Tinha grande importância comercial, política e social. Terá não ficou ali por nenhuma dessas coisas. Por essas coisas, um crente em Deus não detém sua marcha para o cumprimento do chamado divino. O chamado é superior a tudo. Expressa a vontade de Deus, o verdadeiro destino da viagem e a razão suprema da vida. Abraão não se deteve. Seguiu para Canaã.

A promessa de Deus a Abraão. Um dia, Deus Se revelou a Abraão, em Harã, e confirmou seu chamado. “Sai da tua terra”, disse-lhe quando ainda estava na terra dos caldeus, “da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei” (Gn 12:1). Abraão não conhecia essa terra. Não necessitava conhecê-la. Confiava em Deus e isso era suficiente.

“E te abençoarei”, disse-lhe Deus. “Toda Minha abundância é para ti.” Essa abundância incluía tudo o que um ser humano pudesse

desejar: Descendentes em forma de uma grande nação, prestígio e fama ilimitados, abundância de bens materiais, em tal quantidade que ele poderia compartilhar com outros, proteção contra todo perigo a tal ponto que os que o maldissessem seriam amaldiçoados, e os que o bendissessem receberiam bênção. Além disso, havia o mais importante: por meio dele, todas as famílias da Terra receberiam a maior bênção de Deus. Seu descendente seria o Cristo, o Salvador de judeus e gentios, de toda a humanidade (Gl 3:14, 16, 28).

Com essa promessa, Abraão saiu de Harã, onde morreu seu pai. Mas a morte não deteve o patriarca. Não detém nenhum crente. Nada detém os crentes. Impressiona a resposta incondicional de Abraão. Homem sábio, não discutiu com Deus, não questionou, não duvidou. Nem fez perguntas explicativas. Apenas obedeceu. Tinha saído de Ur dos caldeus, e chegou à terra de Canaã. Ali, Deus completou a promessa. “Darei à tua descendência esta terra”, disse-lhe (Gn 12:5, 7).

Nossa promessa. A promessa de Deus a Abraão incluía as bênçãos, uma grande nação, o Salvador e a terra de Canaã. Tornou-se promessa de todos os crentes, nossa também. A terra prometida, para nós, já não é a terra de Canaã, é a Nova Terra, o Reino dos Céus. O Salvador, promessa para Abraão, é realidade para nós na pessoa de Jesus Cristo. A grande nação é o povo de Deus, a igreja. E as bênçãos continuam sendo as mesmas abundâncias de Deus, abertas para nós e para nossos descendentes. Suas riquezas espirituais e materiais estão à nossa disposição, para suprir o que nos falta, progressivamente, até que sejam nossa possessão, ilimitada e eterna, em Sua segunda vinda.

Cristo é nossa promessa, nossa realidade e nossa vida. Com Ele, nada nos falta, embora pareça que nos falte tudo. Com Ele, somos vitoriosos, embora a vitória pareça distante. Com Ele, somos filhos de Deus, embora o demônio nos reclame como seus. Com Ele, vivemos seguros, embora a insegurança nos assalte a cada passo. Se angustiados, nEle confiamos. Se afligidos, caminhamos com Ele. Se perseguidos, para Ele fugimos. Se caluniados, confiamos nEle. Por Cristo vivemos e por Ele morremos. Nada nos intimida. Nada

nos espanta. Nada nos detém. Somos livres em Cristo e de Cristo escravos somos. Somos Suas testemunhas, Seus colaboradores, Seus servos, Seus embaixadores. Sua propriedade somos. Sua obediência é nossa obediência. Sua justiça, nossa justiça. Suas obras, nossas obras. Ele é nossa consciência e a força de nossas ações. Ele é nossa alegria e o gozo de nossa vida. Nossa vida é Ele, e Ele é tudo o que somos. Nada queremos que não seja dEle, nada que nos separe dEle. NEle vivemos e nos movemos e somos. Ele é tudo para nós, em tudo. A maior de todas as promessas que os seres humanos jamais poderiam ter recebido.

Davi: o reino (1Rs 9:4, 5)

O reino de Davi e Salomão. Salomão, por ordem de Deus e de seu pai Davi, construiu um templo magnífico, uma maravilha mundial de seu tempo. Quando o concluiu, Deus lhe apareceu, pela segunda vez desde sua coroação, e lhe assegurou duas coisas: (1) Estava plenamente satisfeito, e santificaria o templo com Sua presença. (2) Estava disposto a cumprir Sua promessa a Davi acerca do reino. Disse-lhe: “Confirmarei o trono de teu reino sobre Israel para sempre, como falei acerca de Davi, teu pai, dizendo: Não te faltará sucessor sobre o trono de Israel” (1Rs 9:5; cf. 2:3).

A promessa feita por Deus a Davi, de lhe dar um reino com seus descendentes no trono para sempre, fez com que o povo de Israel, de todos os tempos, visse Davi como um rei ideal, permanente; e o seu reino, como um reino sem fim. Isso era o que Deus queria. Pôs, entretanto, uma condição: “Se teus filhos guardarem o seu caminho, para andarem perante a Minha face fielmente, de todo o seu coração e de toda a sua alma, nunca te faltará sucessor ao trono de Israel” (1Rs 2:4).

O reino de Cristo. Os descendentes de Davi não cumpriram a condição. Mas Deus a cumpriu. Interrompeu os descendentes de Davi no trono, por causa de sua infidelidade, e o reino deixou de existir. Primeiro, ficou sob o controle de Babilônia; e em seguida se sucederam vários dominadores. Jesus, descendente de Davi que cumpriu as condições da promessa, veio para ser o Messias prometido e verdadeiro Rei de Israel. A Seu respeito, o anjo Gabriel disse a

Maria: “Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; Ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim” (Lc 1:32, 33).

Ao começar Seu ministério público, proclamou: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mt 4:17). Não era um reino territorial. Era um reino de poder que subjuguava os demônios. Aos incrédulos fariseus, disse: “Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós” (Mt 12:28). Reino espiritual agora; territorial, em Sua segunda vinda. Com este reino, Deus cumpre as duas promessas que fez a Davi: (1) a duração eterna do reino e (2) a eterna permanência de um descendente de Davi no trono. Também cumpre Seu propósito original para Israel, no sentido de que Seu reino se expandisse por todo o mundo.

O reino é para os que fazem a vontade de Deus. “Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus” (Mt 7:21). Para definir o que significa fazer a vontade de Deus, Jesus contou uma parábola. Estava no templo, ensinando à multidão, e se tinham aproximado uns sacerdotes e anciãos para Lhe fazerem uma pergunta. Queriam saber qual era Sua autoridade e de quem a recebera. Jesus lhes disse que se eles Lhe respondessem uma pergunta, Ele também responderia a deles. “De onde provém o batismo de João, do Céu ou dos homens?” “Não sabemos”, responderam. “Tampouco Eu lhes digo com que autoridade faço estas coisas”, disse-lhes. Não quis lhes dizer diretamente que Sua autoridade provinha de Deus e era expressão de Sua vontade.

Mas, disse-lhes, um homem tinha dois filhos. Aproximou-se do primeiro e lhe ordenou que fosse trabalhar em sua vinha. O jovem não tinha boa vontade. “Não quero ir”, respondeu. Mas depois se arrependeu e foi. Aproximando-se do outro filho, o homem disse-lhe a mesma coisa. Parecia de muito boa vontade e rapidamente respondeu: “Sim, senhor. Vou”, mas não foi. “Qual dos dois fez a vontade de seu pai?”, perguntou Jesus. “O primeiro”, responderam todos.

Para fazer a vontade de seu pai, o primeiro filho precisou se arrepender. Mas o arrependimento é só o começo. Há algo mais.

É necessário crer. Comentando a resposta dos sacerdotes e anciãos, Jesus disse: “Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus. Porque João veio a vós outros no caminho da justiça, e não acreditastes nele; ao passo que publicanos e meretrizes creram. Vós, porém, mesmo vendo isto, não vos arrependestes, afinal, para acreditardes nele” (Mt 21:23-32). A vontade de Deus era que se arrependessem e cressem, porque só se arrependendo e crendo o homem pode fazer a vontade de Deus. Quando fazemos Sua vontade, entramos em Seu reino e o reino de Deus passa a ser nosso reino.

Em Abraão, temos a promessa do Messias. Em Davi, a promessa do reino. Em Jesus, temos a realização de ambas as coisas. Ele era o Cristo.

Jesus: a realidade (1:16)

Concluindo Sua genealogia, Mateus diz: “E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo” (Mt 1:16). Cristo, em grego, significa “Ungido”, o mesmo que Messias em hebraico.

Os fiéis de todos os tempos sabiam sobre o Messias. Adão O conhecia como a Semente da mulher (Gn 3:15). Abraão, como Rei de Salém, e Príncipe de Paz (Gn 14:18). Jacó, como Siló, perante quem se congregariam os povos (Gn 49:10). Isaías, como Emanuel, Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da paz (Is 7:14; 9:6). Jeremias, como Renovo justo de Davi, e nossa Justiça (Jr 23:5, 6). Daniel, como o Messias Príncipe (Dn 9:25, 26). Oseias, como Deus dos exércitos (Os 12:5).

Todos eles acreditavam nEle e O esperavam. Nós não precisamos olhar a promessa, como eles, com expectativa e esperança, acreditando no futuro. Para nós, é uma realidade histórica. O Messias já veio. Já trouxe o reino. Já deu Sua vida. Já outorgou a vida. Já Se fez realidade e em Si mesmo tornou real todas as promessas. Também nós cremos, não como esperando receber, mas como tendo recebido. E a vida que nos deu conosco estará como possessão eterna; porque sendo vida eterna, começa aqui, quando cremos. Para eles, tudo estava no futuro;

o passado não tinha nada mais que a história da promessa. Nós, ao contrário, temos no passado a história da salvação já realizada; e no futuro, a continuação magnífica de um presente, em Cristo, com a vida de novas criaturas, na qual tudo se faz realidade e vida eterna.

O avião, em pleno voo transatlântico, parecia não existir. Um jovem, ao meu lado, lia. Eu, concentrado em meu computador, escrevia. Depois de um longo tempo, pareceu ter-se cansado de ler e eu prestei atenção a seus movimentos enquanto guardava o livro. “Para onde viaja?”, perguntei. “Vou visitar uma amiga que mora na Alemanha”, disse. “E você?” “Vou a Moscou”, respondi. Ele se mexeu no assento, como se estivesse acomodando seu interesse que, repentinamente, pareceu aumentar. “O que faz em Moscou?”, perguntou-me. “Trabalho para a Igreja Adventista.” “Pastor?”, perguntou. “Sim”, respondi. “Interessante!”, comentou.

Sua voz tinha uma espécie de curiosidade mesclada com surpresa. “Você é membro de alguma igreja?”, perguntei. “Não”, disse-me pensativo. “Meus avós eram batistas, muito religiosos”, acrescentou. “Minha família não. Meu pai sempre dizia que ninguém entende esse assunto de evangelho, que não se pode viver o evangelho. Ao menos são tão poucos os que vivem bem o evangelho, se é que há alguns.” “E você o que diz?”, perguntei-lhe. “Não sei”, disse. E, dando um novo impulso a suas palavras, acrescentou: “A propósito, como se vive o evangelho? É possível vivê-lo?”

“Sim, é possível e é fácil”, respondi. Olhou-me como que me estudando. Tinha em seus olhos a forma redonda da surpresa incrédula. Guardei silêncio por um momento e ele tampouco disse nada, mas aguardava. “Para se viver o evangelho”, continuei, “é preciso saber o que o evangelho é. O evangelho não é uma ideia, por isso não deve ser vivido apenas intelectualmente, como encadeando conceitos ou explicando razões. Tampouco é uma emoção, ou um conjunto de emoções espirituais. Não é possível vivê-lo em uma euforia emocional que nos faz oscilar da alegria para a tristeza, da paz para a culpa, ou do sonho à ficção. O evangelho é um modo de ser. O modo de ser de Deus. A maneira de ser de Cristo. É a própria obra do Espírito Santo. É um poder. Não qualquer poder. É o poder de Deus para salvação.”

“Isso está muito complicado para mim”, disse, sem perder o interesse. “Isso do poder...”, acrescentou. “Eu ouvi que o evangelho está relacionado com o amor, mas nunca me definiram isso como poder”. “Sim”, disse-lhe, “você está certo”. “Está relacionado com o amor, porque Deus é amor. O amor está direcionado a muitas coisas. Deus ama os seres do Universo que nunca pecaram, e ama os seres humanos pecadores. Mas o poder de Deus no evangelho está direcionado para os seres pecadores, somente. Não há evangelho para os seres que nunca pecaram. Quando Deus cria, Ele direciona Seu poder em uma função criadora para produzir seres e coisas que nunca existiram. Concentra esse poder em Sua Palavra. Ele diz e as coisas se fazem, ordena, e elas vêm à existência. No evangelho, Ele concentra Seu poder para a salvação. Só que, neste caso, concentra na ação. E em lugar de dizer: ‘pecador, seja salvo’, para que o pecador se torne uma pessoa salva, Ele realiza ações que o salvam. Deus Filho veio ao mundo e morreu para salvar. Isto é um processo que implica muitos atos de Deus, e esse conjunto de ações é seu modo de vida para salvar o pecador. Todo o Seu Ser está comprometido nesse modo de vida. O evangelho nos diz que a salvação é uma obra de Deus. Não do ser humano.”

“Isso é diferente”, disse o jovem, como se estivesse olhando um lugar de sua própria casa que nunca tivesse visto antes. “Até meu pai estaria surpreso e meus avós também. Não é uma questão de palavras”, acrescentou. “Eu pensava que o evangelho era uma boa notícia, palavras”, disse como que meditando. “Sim”, acrescentei, “também é boa notícia, porque é uma grande notícia saber que Deus está executando nossa salvação. Mas o evangelho não é só a palavra da notícia, inclui a ação de Deus que produz a notícia. E o mais fantástico é que Deus não só faz a ação salvadora fora de nós, também a executa dentro de nós. Faz-nos uma nova pessoa. E essa nova pessoa vive o evangelho, só ela pode vivê-lo.”

“Então, como se vive o evangelho?”, perguntei, respondendo eu mesmo em seguida: “É simples; como uma pessoa nova, recriada, que age conduzida pelo poder de Deus. Deus é quem realiza nossa salvação fora de nós, na cruz, e dentro de nós, quando cremos. Quem crê é uma nova criatura. Crer também é uma ação de Deus

em nós, não é mera palavra nossa. A salvação não é produzida quando uma pessoa diz: Eu creio, mas quando Deus atua nela e ela não rejeita a ação divina. Deus lhe dá a capacidade de crer, embora tenha sido uma pessoa incrédula, e a capacita para viver como pessoa nova, crente.” Seguimos conversando muitas outras coisas, mas só relatei o relevante para o tema que tratamos aqui.

A salvação é uma realidade presente porque Cristo é plena realidade no presente de nossa vida hoje, amanhã, e em todo o tempo futuro, porque o presente de Deus para nós é vida eterna em Cristo Jesus.

A genealogia da vida eterna inclui a promessa da vida, a promessa do reino e a realidade das duas promessas na pessoa de Cristo, o doador da vida presente e da eterna.

Cinco mulheres e um só descendente

Nenhuma delas podia ter filhos e todas geraram o mesmo Descendente. Nenhuma era socialmente aceitável, mas todas se tornaram exemplo para sua própria sociedade e para a sociedade humana de todas as gerações. Elas geraram um Descendente que foi chamado “Filho do Homem” e “Filho de Deus.” Totalmente homem e totalmente Deus. Por que foram incorporadas à linhagem de ascendentes humanos de Jesus? Tem isso alguma relação conosco hoje?

Vejamos. Seus nomes estão na genealogia de Jesus dada por Mateus (1:1-17): Tamar, Raabe, Rute, Bate-Seba e Maria.

Tamar, a desprezada (Gn 38:6-30)

A família de Judá. Depois que os filhos de Jacó venderam José, seu irmão, e os midianitas o levaram como escravo ao Egito, Judá se separou dos irmãos e foi viver em um lugar onde vivia seu amigo chamado Hira. Nessa terra se casou com uma cananeia, filha de Sua. Tiveram três filhos, Er, Onã, e Selá. Aonde os filhos de Jacó fossem, a esse lugar os acompanhava a história de sua família. As pessoas se inteiravam das promessas feitas por Deus a Abraão, a Isaque e a Jacó. A promessa mais fascinante estava em relação com o Descendente deles que seria uma bênção para toda a humanidade: o Messias.

Tamar entra na família de Judá. Entre as pessoas que ouviram essa história, estava uma juvenzinha chamada Tamar. Fascinava-lhe o futuro dessa família. Tanta era a atração da história que a fez sonhar consigo mesma formando parte dela. Havia uma só maneira: casar-se com o primogênito. Mas isso ela não podia decidir. Entretanto, havia algo que podia fazer. Fez-se amiga da família, especialmente do pai. Sabia muito bem como se faziam as coisas. Era o pai quem tomava esposa para os filhos. Judá tinha que ser cuidadoso nisso. Conhecia sua responsabilidade. Tinha que assegurar um descendente, através do qual, a promessa do Messias, pudesse cumprir-se. Tamar o impressionou bem. Ela adotou seus princípios e suas tradições e ele a tomou como esposa para seu filho primogênito.

Agora, ela era membro da família que queria. Seus sonhos poderiam se tornar realidade. Que importava que ela não fosse descendente de Abraão? Agora, era a esposa do primogênito de Judá, mas ainda havia coisas, muitas coisas de Deus, que precisava conhecer. Seu marido era mau. Por isso, Deus não podia proteger sua vida, e o primogênito de Judá morreu sem filhos. Uma situação complicada para ela. Como ficariam agora seus sonhos? Mas uma antiga lei veio socorrê-la. Onã, seu cunhado, tinha o dever de casar-se com ela; e o primeiro filho que gerasse pertenceria a seu irmão morto, seria o primogênito. Isso foi exatamente o que Judá fez. Ordenou a Onã que se casasse com Tamar, sua cunhada, e levantasse descendência para seu irmão. Onã se casou com ela, mas não quis gerar filhos para ele. Isso não agradou a Deus, que castigou a Onã e lhe tirou a vida. Morreu sem filhos. Nova dificuldade para a viúva. Todo o seu projeto parecia naufragar. É certo, restava Selá com o mesmo dever de seu irmão. Mas era muito jovem. Não tinha idade para se casar. Tamar teve que ir para a casa de seu pai e permanecer ali como viúva.

Tamar na linha familiar do Messias. Por outro lado, Judá não queria casá-la com seu filho, porque, se seu último filho também morresse, ele ficaria impossibilitado de ter um descendente, e estaria fora da linhagem do Messias. Impensável. Mas, quando chegou a idade em que Selá podia se casar, nada fez para que isso acontecesse.

E, por sua omissão, ficava sem descendentes. Tamar não o permitia. Maquinou um estranho plano, mas em harmonia com a lei de seu tempo. Disfarçou-se de prostituta para ter uma relação sexual com Judá. Quando Judá se inteirou de que ela estava grávida, pensou que ela havia fornicado e deu ordem para que fosse castigada conforme a lei. Devia ser queimada. Tamar provou que Judá era o pai de seu filho, e se livrou do castigo. Além disso, assegurou sua presença na genealogia do Messias. Em lugar de ter um filho, teve gêmeos. E teve também a aprovação completa de seu sogro.

Tamar mais justa que Judá. “Mais justa é ela que eu”, disse ele. Por que mais justa? Porque ela fez tudo o que pôde para que Judá tivesse um descendente. Ele, ao contrário, não tinha feito nada. Ela tinha dado mais valor à promessa de Deus e havia crido com maior entrega. Em sua mente, o que fez com Judá, por estar em harmonia com a lei de sua época, não tinha delito algum. Mais tarde, quando Jacó profetizou o futuro de seus filhos, a respeito de Judá, disse: “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos” (Gn 49:10). Siló é uma referência ao Messias. Sem Perez, o filho de Tamar, isto teria sido impossível.

Tamar, embora pagã, entrou na genealogia de Cristo; porque esteve disposta a abandonar seu paganismo e se integrar ao povo de Deus. Creu em Suas promessas e viveu só para elas. Embora parecesse que não poderia ter filhos, gerou o verdadeiro substituto do primogênito de Judá, um novo primogênito que entrou na genealogia do Primogênito verdadeiro de Israel, Jesus, o Rei.

Raabe, a prostituta (Js 2:1-24)

Aconteceu nos dias que antecederam à conquista de Canaã. Moisés tinha sido sepultado e Josué, seu servo, eleito por Deus como o líder de Seu povo. “Como estive com Moisés, estarei contigo.” Josué era valente, obedecia a Deus, era esforçado, espiritual, inteligente. Depois de cruzar o Jordão, deparou-se com Jericó, a primeira cidade que devia conquistar. Antes de cruzar o rio, preparou seu plano de conquista e a primeira coisa que fez foi enviar dois espias

à cidade. Eles entraram na casa de uma prostituta, chamada Raabe que, até aquele momento, tinha sido uma mulher sem importância, só conhecida por homens pecadores que iam a ela para praticar seu pecado. Não eram condições socialmente apropriadas para se ter filhos e ela não os tinha. Mas sua vida estava para mudar radicalmente. Não sabemos o que os espias, ao chegar, conversaram com ela. Mas ela se identificou com eles, ficou preparada para defendê-los e os escondeu no telhado de sua casa. Não passou muito tempo até a chegada dos emissários do rei. Queriam prender os espões.

“Tira os homens que vieram a ti”, disseram-lhe. “É verdade”, disse ela. “Vieram dois homens, porém, ao anoitecer, se foram e não sei para onde”. Os emissários saíram atrás deles, e a mulher fez um pacto com seus protegidos. “Sei que Jeová lhes deu esta terra”, disse. “Porque ouvimos o que fez Jeová no Mar Vermelho e com os reis que estão do outro lado do Jordão. Portanto, vos rogo que me jurem, por Jeová, que, quando Ele lhes entregar esta cidade, porque o fará, vocês pouparão a vida de meu pai, de minha mãe, de meus irmãos e irmãs, e tudo o que possuem.” Estava segura do que Deus faria por Israel e também tinha plena convicção do que poderia fazer por ela. Além disso, sabia que Deus atuaria só através de Israel e depositou toda sua confiança nEle.

Os espias aceitaram o pedido. Puseram, entretanto, duas condições: (1) no dia da destruição, todos os familiares de Raabe deveriam estar em sua casa e (2) ela deveria atar, na janela, um cordão de escarlata que eles lhe entregaram. A mulher não discutiu, não duvidou, não vacilou, simplesmente o fez. Por sua parte, Josué salvou a vida de Raabe e a casa de seu pai e tudo o que ela possuía (Js 6:25). Mas queimou todo o resto, exceto os objetos de bronze, de ouro, de prata e de ferro que colocou no tesouro do santuário. Daí em diante, Raabe habitou entre os israelitas e foi incorporada ao povo de Deus. Os objetos de valor foram integrados ao santuário; e as pessoas crentes, à família de Deus. Raabe se casou com um importante príncipe de Israel chamado Salmão e Deus a colocou na linhagem de Cristo.

Os pecadores que se tornam membros da família de Deus deixam de ser pecadores. A fé os leva por um caminho que não tinham transitado antes. É o caminho da confiança em Deus, o caminho da

integração com Cristo, o caminho da salvação. Raabe o percorreu e se tornou um exemplo para os pecadores de todos os tempos.

Rute, a moabita

Ela nunca havia pensado em se casar com um israelita. Rute e todos os moabitas os desprezavam. Sim, eram seus parentes distantes, porque ela e seu povo descendiam de Ló, sobrinho de Abraão, de quem descendiam os filhos de Israel; mas as relações entre eles tinham sido sempre conturbadas. Além disso, para se casar com um israelita, Rute teria que viajar a Israel, algo impensável na ocasião. Mas, às vezes, a vida coloca as pessoas em circunstâncias muito inesperadas. Veio uma fome em Israel e uma família de Belém decidiu se mudar para os campos de Moabe. Pai, mãe e dois filhos. Permaneceram ali dez anos. Nesse tempo, os dois filhos se casaram e depois, em momentos sucessivos, os três homens morreram. Moabe já não oferecia boas perspectivas para as viúvas. Em realidade tudo era negativo. “O que fazer? Só há uma possibilidade”, concluiu Noemi. Voltar para Israel. Pelo menos ali tinha parentes e as leis de Israel, que protegiam às viúvas, poderiam favorecê-la. Noemi decidiu tentar essa possibilidade. Pareceu-lhe justo deixar suas noras em Moabe. Ali poderiam se casar de novo e ter suas próprias famílias. Mas Rute preferiu acompanhar a sogra.

“Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus” (Rt 1:16).

Uma decisão muito estranha para uma moabita, mas fala muito bem a respeito da influência que sua família israelita tinha exercido sobre ela, especialmente sua sogra. Tinha conhecido o Deus de Israel e estava decidida a jogar sua sorte com Ele e com Seu povo. Retornaram juntas.

Chegaram a Belém, pobres e sozinhas. Viúvas, sem nenhuma possibilidade social de ter filhos. Sem saber o que o futuro imediato lhes proporcionava, e menos ainda a respeito de seu futuro distante. Mas os dois seriam grandiosos. A entrega a Deus abre novas possibilidades, promissoras, abarcantes, infinitas. Naquele momento, se conformaram

com a colheita dos pobres, uma magnífica provisão da lei israelita, e Rute foi recolher espigas soltas no campo de Boaz onde se colhia trigo. Homem temente a Deus, cheio de bondade, generoso. Foi uma alegria descobrir que era parente de Noemi. As duas mulheres sentiram que Deus estava com elas e se apegaram à Sua bênção. Deus não falha jamais. Tinham acreditado nEle e Ele estava trabalhando por elas. Quanta felicidade pode surgir de uma experiência negativa, de pobreza e solidão, quando se passa por ela apegado à mão de Deus!

Boaz se tornou *goel* (redentor) para elas. Redimiu a herdade que tinha sido de Abimeleque, marido de Noemi, e se casou com a viúva de seu filho.

Os anciãos que estavam na porta bendisseram Rute desejando para ela a mesma bênção que tinham recebido Raquel e Lia, por meio da qual edificaram a casa de Israel. Além disso, pediram a Deus que a casa de Boaz, seu marido, fosse como a casa de Perez, que Tamar concebeu de Judá. De Perez, em quinta geração, descendia Salmom, que se casou com Raabe, a prostituta de Jericó, cujo filho era Boaz. Este Boaz e Rute tiveram um filho que chamaram Obede, que foi pai de Jessé, pai de Davi, o maior rei de Israel, figura real do Messias, Jesus Cristo, Rei eterno do verdadeiro Israel de Deus.

Rute, a moabita, estrangeira e angustiada, encontrou, em Deus, cidadania com Seu povo, alegria com Suas bênçãos, e eternidade com Seu descendente Jesus Cristo em quem todos alcançamos a mesma experiência e os mesmos resultados eternos.

Bate-Seba, a adúltera (2Sm 11, 12)

Era formosa. Muito formosa. No calor da tarde, Bate-Seba se banhava com a maior inocência da vida. Estava feliz. Era neta de Aitofel, o homem mais sábio de Israel, um político inteligente e perspicaz que trabalhava a serviço do rei. Era esposa de um alto oficial do exército, heteu estrangeiro, é certo, mas um dos homens mais valentes do reino, a quem o rei valorizava muito. Nada lhe faltava. Nada pretendia das coisas que outras pessoas usualmente cobiçavam. Sequer reclamava o filho que não tinha, tão desejado por toda mulher israelita. Naquela tarde, enquanto seu marido estava

longe e na guerra, ela se banhava distraída e tranquilamente, no pátio de sua casa. Estranho! Aquele momento tranquilo e seguro se transformou na porta de entrada para a angústia maior de sua vida.

Depois de dormir a sesta, o rei passeava pelo terraço do palácio e a viu. Sofreu um choque emocional intenso. Irresistível. Mandou buscá-la e se deitou com ela. Já o mal estava consumado. Por quê? Ele não pensou em nada e ela não resistiu. O castigo da lei era terrível. Morte para ele. Para ela, morte. O que acontece na mente, no sentimento, na vontade; o que acontece nas entranhas para que o mal faça um estrago tão nefasto? De repente, Davi cai na realidade. O filho que ela não tinha podido gerar estava começando a se formar dentro dela. “Vai ter que ocultá-lo”, pensou o rei. Como? Um crime chama outro crime maior. Maquinou um plano para que Urias parecesse ser o pai. Não deu resultado. Tramou a morte de seu abnegado oficial, pela mão dos inimigos, na guerra, para que Bate-Seba ficasse livre e ele pudesse casar-se com ela. Urias morreu e Davi a tomou por esposa. Mas foi descoberto. Tudo se descobre, sempre. E o castigo sempre espreita.

Deus não podia ignorar. Enviou Seu profeta e os censurou. Era um pecado. Desprezaram a palavra de Deus, Suas leis, Seu povo. Desprezaram seu prestígio pessoal. Desprezaram a Deus. Pecado. E o pecado produz todo tipo de consequências. “O que você fez em segredo”, disse-lhe Deus, “Eu lhe farei diante de todo Israel e à luz do dia. Tomarei suas mulheres diante de seus olhos e as darei a outro.” Davi acordou. Arrependeu-se. “Pequei contra Jeová”, disse. E o profeta Natã lhe respondeu: “Também Jeová perdoou teu pecado. Não morrerás.” Quão rápido é Deus para perdoar!

Se houver arrependimento genuíno, Deus não demora. Grande é Sua misericórdia; e Sua bondade, ilimitada. O perdão elimina a culpa, mas não evita as consequências do pecado.

Bate-Seba perdeu o único filho que tinha podido conceber. Ele morreu. De novo, sem filhos. Antes não sofria por isso. Agora, sim. Antes se sentia como se tivesse tudo. Agora, como se nada tivesse. Mas o nada do ser humano arrependido não é limitação alguma para Deus. Bate-Seba acompanhou Davi no arrependimento. Deus a per-

doou e a abençoou. Deu-lhe um novo filho e o chamou Salomão, ao qual “amou Jeová” (2Sm 12:24).

Bate-Seba entrou na genealogia de Cristo porque se arrependeu genuinamente. Não renegou as consequências de seu pecado e se dispôs a servir a Deus muito melhor que antes.

Maria, a solteira

Ela era pobre. Muito pobre, mas pertencia à linhagem de Davi, o rei mais importante em toda a história de seu povo. Apesar de sua linhagem, a pobreza escondia entre os pobres uma importância que muitos teriam reconhecido se tivesse sido rica. Ninguém sabia. Tampouco andava ela contando-o. Era humilde, simples, trabalhadora, despretensiosa. Vivia como vivem as pessoas comuns de todos os tempos, lutando cada dia pelo sustento diário e desfrutando o máximo do pouco que podia obter. Alimento, teto e amizades era tudo o que podia ter. E os tinha. Era filha de uma anônima família da qual nada se sabe, salvo as informações que há sobre sua prima Isabel, mais tarde mãe de João Batista, vivia confiante e feliz.

A pobreza não é uma virtude em si mesma, mas o pobre pode ser virtuoso. Não criou Deus a pobreza, nem a exige. Ela é consequência do mal que domina os humanos, incrédulos e crentes. O crente pobre dá testemunho de sua fé servindo a Deus mesmo em meio à pobreza. Tampouco a riqueza é uma virtude, embora possa ser uma bênção de Deus, se for Ele quem a outorga. O rico pode ser virtuoso, apesar de sua riqueza, porque, embora seja difícil que um rico entre no Reino dos Céus, para Deus nada é impossível.

Maria era solteira. Nenhuma mulher solteira de Israel podia ter filhos. Mas essa falta de filhos suscitava o respeito da comunidade e o direito a todos os benefícios que as leis de Israel pudessem outorgar a uma mulher sem marido. Um deles era o direito ao amparo. Jamais ficava desamparada. Era protegida por seu pai, se este fosse vivo; ou pelo parente mais próximo, se o pai tivesse morrido. Sempre pertenceria a uma família. Tinha segurança. Era respeitada e até admirada, se fosse virtuosa. Maria tinha tudo isso que, por sua pobreza, valia muito. Contudo, por sua condição de solteira, não podia ter filhos.

Um dia, sem transgredir a lei, ficou grávida. A sociedade não entenderia. Uma solteira grávida dava origem a um julgamento e a um castigo: morte. O que para as mulheres casadas era o começo da felicidade, para Maria, a solteira, era o fim de todo o prestígio. O começo de uma enorme tragédia. Morte. Mas não se importou com os riscos. Só se importou com o cumprimento do plano divino. Nada é superior ao plano de Deus. Nem mesmo a vida, porque Deus dá vida a quem quer e quando quer. Além disso, Deus nada faz para morte. Com sua fidelidade a Deus, ela estava tão segura como segura tinha estado sempre. E muito mais. A segurança da lei era forte, ela nunca a desprezou, mas agora se acrescentava uma segurança adicional, mais firme que a lei. A ponto de protegê-la mesmo da parte punitiva da lei. Confiou em Deus e obedeceu. Deus a honrou sobre todas as mulheres fazendo-a mãe do Rei prometido, o Salvador do mundo, que trouxe vida eterna para todo aquele que nEle crê, ao judeu primeiro e também ao grego, como Paulo diria mais tarde.

Conclusão

Tamar, embora desprezada por Judá, creu no Deus de Israel com uma fé superior à de um israelita e se apegou à família de Deus com toda convicção. A mesma fé espera Deus de nós. Embora fosse pecadora e pagã, Deus a aceitou. Incorporou-a à Sua família terrestre, a família de Israel, e a aceitou em Sua família celestial, por meio do Messias, Seu Filho.

Raabe percorreu um caminho duro, mas com final feliz. Adúltera, pagã, condenada à morte com todos os habitantes de Jericó, confiou no poder de Deus e foi salva. Um exemplo de conversão.

Rute, a moabita, jogou sua sorte com a fé própria de uma filha de Deus, e, com o Deus de Israel, enfrentou a vida nova. Fé, determinação, sabedoria e obediência. Distante de Deus, tornou-se próxima. E todos os afastados de Deus, com a experiência dela, sabem que Deus também os aceita.

Bate-Seba, adúltera, condenada à morte, voltou para a vida porque se arrependeu. O arrependido sempre consegue perdão de Deus. Não há outra maneira. Só arrependimento. Não há outra forma. Só o perdão de Deus, por Jesus Cristo.

Com Maria, todos aprendemos que o plano divino é o melhor e resolve toda situação complexa da vida. Não importa se é perigosa ou trágica, impossível ou irrealizável. Deus tudo resolve com o presente da salvação e o dom da vida eterna.

O nascimento do Salvador (1:18-25)

Segunda história. O nascimento de Jesus Cristo. Depois de provar que era descendente de Abraão e Davi, provou que é Filho de Deus. A história do nascimento tem esse objetivo.

Maria, noiva de José (1:18, 19)

Já o havia dito a profecia: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um Filho e Lhe chamará Emanuel” (Is 7:14). Esta jovem era uma mulher a ponto de se casar. Em nossas palavras, noiva de alguém (Gn 24:43, 44; Pv 30:19). Por isso, Mateus, com toda simplicidade, diz: O nascimento de Jesus, o Cristo, foi assim: sua mãe, Maria, estava comprometida para se casar com José, um homem justo. Mas antes do casamento, aconteceu que ficou grávida. Isto deu a José a impressão de uma gravidez contrária à lei, por isso, imoral.

Mas os justos nunca ofendem ninguém. Quanta falta fazem os justos na vida humana! Cada vez que uma pessoa entra em dificuldades, ou cada vez que alguém necessita de compreensão, a presença de uma pessoa justa é muito valiosa. José era justo e não queria difamar Maria. Estava em um dilema. Como agir nessas circunstâncias? Às vezes, os justos também não sabem qual é a melhor decisão. Também podem decidir equivocadamente. Pensou em se separar dela, secretamente. Assim, não a exporia à vergonha pública nem iniciaria os castigos requeridos pela lei. Seria justo com ela. Mas, com essa decisão, deixaria o menino sem pai e se exporia ele mesmo a um julgamento errado das pessoas. Poderiam pensar que o menino era filho dele, concebido antes do casamento, a quem ele estava abandonando junto com sua mãe. E o justo pareceria injusto. Um problema grave; porque o justo, além de ser justo, tem que parecer justo.

A visita do anjo (1:20-23)

Deus nunca deixa um justo à mercê da própria sorte. O anjo do Senhor se aproximou dele para auxiliá-lo. Em sonhos, disse-lhe: “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo.” Era o mesmo que lhe dizer: “Você pertence à família do Rei a quem Deus prometeu um Descendente que seria o verdadeiro Rei de Israel, o Messias. O menino que está no ventre de sua prometida é o Messias. Foi concebido por obra do Espírito Santo. Será chamado Jesus, porque Ele salvará a Seu povo de seus pecados. Ele cumprirá a profecia de Isaías.” É o Filho do homem. Homem verdadeiro; mais que homem verdadeiro, verdadeiro Deus. Deus Conosco. E está conosco de modo mais intenso que a presença de um morador integrado a um grupo alheio. É um Ser divino incorporado ao ser da pessoa humana. Deus encarnado.

Como pode ser isso? Um mistério. José não sabia. Ninguém sabia, mas o entende. Não é necessário saber para entender, mas o que não crê nada entende, nem às pessoas. José creu na palavra do anjo e, por isso, sabia que não há engano no que Deus diz e faz.

Sendo Deus, Jesus Cristo Se fez carne, como nós somos carne. Teve fome e sede. Sentiu cansaço. Foi sustentado pelo alimento. Restaurado pelo sono. Participou da sorte do ser humano. Tomou nossa natureza, sem ser governado por ela. Viveu vida sem pecado. Venceu todas as debilidades humanas, para que nós, tomando Sua natureza, em forma espiritual, pudéssemos vencer. Jesus era a Palavra de Deus feita audível. O pensamento divino feito visível. Eterno, Todo-Poderoso, Criador do céu, da Terra, e de tudo que existe. Mantenedor do Universo. Encarnou-Se para ser Um conosco, para mostrar Sua compreensão, revelar Seu amor, mostrar-Se Salvador de todos os pecadores. Veio para revelar o caráter do Pai, para nos conceder Sua graça e Sua verdade, para ser semelhante a nós em tudo e em tudo Se mostrar perfeito. Exemplo de obediência e humildade, exemplo da verdadeira grandeza, aquela que serve e salva. Exemplo de abnegação e amor. Ele é Deus. Admirável, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz (E. G. White, *DTN*, 1955, p. 278).

José obedece à ordem do anjo (1:24, 25)

José entendeu a situação. Homem de fé, por isso mesmo, também obediente, logo que despertou do sonho no qual o anjo lhe apareceu, “fez como o Senhor lhe tinha mandado, e recebeu a sua mulher” (Mt 1:24).

É difícil saber tudo o que José sentiu naquele momento. Segurança, gozo, confiança, paz, certeza de estar agindo corretamente? Talvez, tudo isso. Ao menos, sabemos que ele teve profundo sentimento de respeito por sua mulher e pelo que Deus estava fazendo. Não teve relações sexuais com Maria até que nasceu Jesus (Mt 1:25). Possivelmente, isso não era necessário, mas demonstra a atitude de José. Um marido respeitoso para com sua mulher e um crente profundamente obediente a Deus. Não há palavras de José registradas no evangelho, mas suas atitudes e suas ações nos permitem conhecê-lo. Entendia a vida como um serviço a Deus, e O servia incondicionalmente. Isto o fez equânime e compreensivo com seu próximo. Foi justo, homem de bom trato, agradável, bondoso, pacífico, terno. Além disso, um trabalhador incansável que atendia a sua família com responsabilidade exemplar.



2

Os Magos e a Reação de Herodes

A Visita dos Magos (2:1-12)

O terceiro relato que introduz a história de Jesus Rei é a visita dos magos do Oriente. Existe um propósito em vincular Cristo com a humanidade inteira. Uma missão em anunciá-Lo ao povo de Jerusalém e a Herodes com sua corte; e um objetivo em adorar o recém-nascido Rei.

Propósito

O relato da visita dos magos cumpre um propósito semelhante ao da introdução das mulheres na genealogia: Dar a Cristo uma dimensão universal e mostrar que todos os seres humanos, israelitas ou não, são aceitáveis a Deus e Deus pode agir por meio deles. As mulheres não semitas representavam os párias sociais, que eram desprezados pela sociedade por causa de seus pecados reais ou aparentes. Os magos, sábios filósofos orientais, representam o mundo pagão. Possuíam e procuravam conhecimento. Além disso, criam nas profecias que anunciavam o Rei de Israel.

A missão (2:1-8)

Quando, guiados pela estrela, eles chegaram a Jerusalém, perguntaram pelo Rei a quantas pessoas encontraram. Ninguém sabia. Uma

grande decepção. Eles criam que em Israel todas as pessoas O estavam esperando. Não foi assim. Herdeiros da promessa, donos das profecias, povo do Rei, nada sabiam. Sem pensar, os magos trouxeram a notícia. Uma missão inesperada. Mas é sempre assim. Os que têm a verdade, não importa de que origem sejam, recebem a missão de compartilhá-la. Tendo a verdade sobre o Messias, os magos a compartilharam com os habitantes de Jerusalém. Logo, foram ao rei. A missão era a mesma. Não podiam se calar.

“Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?”, perguntaram a Herodes, que estremeceu. Estava no trono de Israel por maquinações políticas com o imperador romano. Herodes não era israelita, mas idumeu. Como seu povo, sempre fora inimigo de Israel. Descendentes de Esaú (Gn 36:9), irmão de Jacó, os edomitas ou idumeus trataram os israelitas como inimigos quando estes, em seu êxodo do Egito, estavam chegando a Canaã (Nm 20:14-21). Quando Davi estava em seu apogeu, voltando vitorioso de uma guerra contra os sírios, os edomitas o enfrentaram com 18 mil soldados, no Vale do Sal. Davi os derrotou e os submeteu ao domínio de Israel (2Sm 8:6, 13, 14). Cumprindo sua tácita missão, os magos agora anunciavam aos idumeus da corte o nascimento do rei de Israel, o descendente de Davi.

“Vimos Sua estrela no oriente”, acrescentaram, “e vamos a adorá-Lo.” O conhecimento que possuíam e o que procuravam era com objetivo claro: adorar a Deus. Como identificaram a estrela? Sem dúvida, conheciam bem astronomia, para que identificassem uma estrela a mais, alheia ao Universo conhecido. Diferente. Mas isso não era suficiente para saber que se tratava da estrela do Rei. Também conheciam as profecias. O profeta Balaão, contratado por Balaque, rei de Moabe, para amaldiçoar o povo de Israel, não pôde fazê-lo. Deus não o permitiu. Só o autorizou a abençoá-lo e a profetizar bem a respeito de seu futuro. Falando do rei prometido por Deus a Israel, disse o profeta: “uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro” (Nm 24:17). Os magos, sábios e filósofos, sabiam que o sinal da estrela estava vinculado ao Rei de Israel. Alarmaram Herodes com sua pergunta. Onde está o rei dos judeus que nasceu?

Herodes era ardiloso. Possuía a mesma astúcia que tinha a serpente no Éden (Gn 3:1). E ocultou sua angústia com aparente interesse pelas profecias e a revelação. Chamou os especialistas, os principais dirigentes religiosos, a fim de consultá-los.

“Onde?”, perguntou. Onde tinha que nascer o Cristo? Confiava na autoridade de seus especialistas. Apoiados em uma profecia de Miqueias (5:2), responderam que o Cristo teria que nascer em Belém. Eles sabiam a resposta. Mas o conteúdo da informação não o criaram eles, provinha de Deus. E embora eles fossem falsos, sua resposta era verdadeira.

A essa altura, Herodes mudou sua pergunta. Primeiro, perguntou: “onde?” Já sabia que o Rei de Israel deveria nascer em Belém e ele sabia onde Belém estava. Agora, perguntou: “quando?” Isso o afetava mais. Se fosse em seu tempo, seu trono estava em perigo. Não perguntou a seus especialistas. Os magos lhe pareceram mais confiáveis. Eles já conheciam as profecias e vieram no tempo certo. A estrela anunciara. “Vão a Belém”, diz-lhes, “e quando O encontrarem, façam-me saber para que também eu vá adorá-Lo.” Falso. Ele não queria adorá-Lo. Destruí-Lo era sua intenção. Não queria que chegasse à idade de assumir o trono. Sabia, ou ao menos acreditava saber, que então todo o povo O ajudaria a recuperar o trono de Israel e ele estaria perdido. Não entendeu. Não sabia que o Rei de Israel, já nascido, não devia conquistar seu trono, vinha para conquistá-lo, a fim de salvá-lo. Devia conquistar o mundo para a vida eterna.

As duas etapas da missão, não planejadas pelos magos, já estavam cumpridas: Primeira, anunciaram o nascimento do Rei aos habitantes de Jerusalém. Segunda, o anunciaram a Herodes junto com sua corte.

O objetivo (2:9-12)

Os magos saíram do palácio. E ao cruzar as portas de Jerusalém, para seu novo destino, tornaram a ver a estrela. Seu gozo foi imenso. Estavam seguros de que o objetivo da viagem seria completo. Sob a guia da estrela, os magos chegaram ao lugar onde Jesus estava. Ao vê-Lo, reconheceram Sua divindade e, prostrando-se diante dEle, O adoraram. Esse era o objetivo de sua viagem. Tinham percorrido

uma enorme distância e driblado todo tipo de perigos para cultuar o Rei dos judeus. Como parte de sua adoração, cada um deles entregou o presente que havia trazido: ouro, incenso e mirra. O contraste entre o simples casebre onde Jesus estava e os custosos presentes dos magos era enorme. Era semelhante à diferença entre a fé que tinham e as intenções de Herodes, que eles não puderam perceber. Mas quando estavam prestes a empreender a viagem de volta, em sonho Deus lhes revelou o perigo e lhes ordenou que não voltassem para Herodes. A fé sempre é obediente. E eles obedeceram a Deus sem vacilação alguma. Retornaram à sua terra por outro caminho.

Todos os cristãos foram conduzidos a Cristo pelo próprio Deus. Não lhes enviou uma estrela. Mas enviou Seu Espírito Santo que realizou todos os milagres necessários para sua conversão. Deus espera que creiam em Jesus e, porque creem, sejam obedientes a cada revelação que lhes envia. Talvez não em forma direta, como aos magos, mas sim através da Sua Palavra escrita. Poderá haver muitos Herodes, dando a aparência de ser crentes, mas suas palavras não são confiáveis. Só a Palavra de Deus é verdadeira. Ela conduziu os magos orientais a Jerusalém, onde lhes esperava uma missão, que não foi recusada. Cumpriram-na fielmente e em pouco tempo. Ela os conduziu em sua volta e não se enganaram. Nada é mais seguro na vida que a Palavra de Deus. Com ela, sabemos discernir o melhor e jamais tomaremos o caminho para o erro. “Lâmpada para os meus pés é a Tua Palavra e luz para os meus caminhos” (Sl 119:105).

A viagem ao Egito (2:13-23)

No relato sobre a viagem ao Egito aparecem duas formas de conduta humana. Uma é a de José: sempre obediente, prudente, sempre guiado por Deus. A outra é a de Herodes: iracundo e violento, fazendo sempre sua própria vontade e sempre defendendo seus próprios interesses, até à crueldade.

A fidelidade de José (2:13-15)

Possivelmente, José já sabia do perigo. Os magos deviam ter-lhe contado o que tinham visto em sonhos e como Deus lhes tinha mandado

evitar Herodes. Pode ter sido na mesma noite da partida deles, quando um anjo do Senhor falou com José, em sonhos. “Fuja para o Egito”, disse-lhe. “Herodes procurará o menino para matá-lo. Fique lá até que Eu lhe diga.” De uma forma ou outra, Deus sempre orienta aos que se deixam guiar por Ele. E José nunca ofereceu nenhuma resistência a Suas ordens. Levantou-se imediatamente e, junto com Maria e o menino, empreendeu a viagem ao Egito. Que eficiência da fé! A fé nunca é preguiçosa. Não perde tempo. Jamais deixa algo para depois. O que deve ser feito, o faz imediatamente. A distância de Belém ao Egito, no lombo de um jumento, é grande. Nada se diz sobre as dificuldades da viagem. Mas o mesmo Deus que lhe ordenou sair, o protegeu na viagem. E esteve presente até a morte de Herodes. Por sua fidelidade, José produziu as condições para que se cumprisse a profecia de Oseias: “Do Egito chamei o Meu filho” (Os 11:1).

A crueldade de Herodes (2:16-18)

O contraste entre o procedimento de José, homem crente, guiado e protegido por Deus, e Herodes é enorme. Quando Herodes descobriu que os magos não seguiram sua instrução de voltar a ele com a informação sobre o nascido Rei dos judeus, enfureceu-se. Como todo seu interesse estava centrado em si mesmo, sentiu a insegurança de seu trono. Pensou que, enquanto esse Menino vivesse, ele corria muito perigo. A solução lhe pareceu simples. Já tinha decidido desde o primeiro momento: o Menino teria que morrer. E como a artimanha para identificá-Lo tinha falhado, decidiu que deviam morrer todos os meninos de Belém. Uma crueldade absurda. Mais absurda porque o Menino já estava fora de Belém, em viagem para o Egito, inalcançável. Mas ele não sabia. A ira, a crueldade e a ignorância pertencem naturalmente à pessoa concentrada em si mesma. Só quando o ser humano permite que Deus o guie pode descobrir os traços negativos de sua personalidade e, nEle, pela fé, conseguir o poder necessário para superá-los. Herodes era autossuficiente, independente de Deus. Agia por si mesmo, diante de si mesmo e para si mesmo. Não permitia que Deus tivesse alguma coisa que ver com suas decisões.

Mandou matar todos os meninos menores de dois anos. Belém estava de luto. “Pranto e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável por causa deles, porque já não existem” (Jr 31:15). Cumpriu-se a profecia. Não por fidelidade. Por crueldade. E a pessoa cruel só produz destruição e sofrimento para outros e para si mesma.

A prudência de José (2:19-23)

Quando Herodes morreu, um anjo do Senhor foi a José e lhe disse: “Vai-te à terra de Israel, porque morreram os que procuravam a morte do menino.” De novo, submisso à vontade de Deus, José se pôs em marcha. Para onde voltar? Para Judá? Teria sido o óbvio, porque o povo de Deus morava ali. A Galileia estava muito mais impregnada de paganismo que Judá. José queria ir a Belém, onde Jesus tinha nascido. Mas, Arquelau, filho de Herodes, governava na Judeia. Era muito perigoso. A prudência de José entrou em ação e ele temeu ir para lá. De novo Deus se faz presente para guiá-lo na decisão. Em sonho, lhe disse: “Vá para a Galileia.” Especificamente a cidade de Nazaré. E lá se foi ele. Outra vez, a fidelidade de José permitiu que, em Jesus, se cumprisse a profecia e Ele pudesse ser chamado nazareno.

Dois pessoas: José e Herodes. Uma permitiu que Deus guiasse suas decisões; a outra guiou a si mesma. Duas personalidades: Uma creu, foi obediente e cumpriu a profecia aonde quer que fosse. A outra, sem fé, egoísta, iracunda, violenta, cruel. Esse tipo nega todos os valores divinos e produz morte por onde quer que vá. Uma se manteve em contato permanente com a vida; a outra nada sabia da vida. Sem vida presente e sem vida eterna. Só sabia da ruína humana e da morte. José nunca dizia nada, mas agia. Estava todo o tempo sob a condução de Deus. Prudente, sábio, seguro. Deus lhe deu a maior bênção da existência humana. Viveu junto a Jesus até morrer.



3

Preparação Para o Ministério Público

José e a família ficaram vivendo em Nazaré. Nada novo. Já tinham vivido ali antes de ir a Belém para recensear-se. Quanto tempo? Não sabemos. Cidade montanhosa, pequena, onde todos se conheciam e a vida não se alterava com nada, exceto quando as tropas romanas passavam por ali, em viagens de fiscalização ou rumo a Jerusalém. Governava ali Herodes Antipas, um dos filhos de Herodes, o Grande. Isso, entretanto, não era um perigo tão grande como o que teriam se tivessem ido para Jerusalém, porque a população de Nazaré era mista, com muitos estrangeiros. Durante aproximadamente trinta anos, Jesus viveu ali uma vida quieta e tranquila. José tinha uma pequena oficina de carpintaria e Ele aprendeu o ofício. Paciente, honesto, dedicado ao trabalho, sem pretensões de nenhuma espécie e muito serviçal. Vivia com simplicidade. Não assistiu às aulas dos rabinos, mas foi eficientemente educado por Sua mãe, em casa. Seus livros de texto foram as Sagradas Escrituras e a Natureza. Sua sala de aulas, o lar e a oficina de carpintaria. Trabalhava com alegria e tinha um comportamento cordial, prudente, cheio de sabedoria.

Ao chegar o tempo de Seu ministério público, integrou-Se espontaneamente à missão de Sua vida. Mateus fala dos primeiros passos para a missão, contando três relatos: A pregação de João

Batista, o batismo de Jesus e Suas tentações. O que quer dizer com eles? Vejamos.

A pregação de João Batista (3:1-12)

Foi durante os dias da permanência de Jesus em Nazaré que João Batista apareceu pregando no deserto da Judeia. Deserto árido, profundo, triste. Mas não inteiramente despovoado. Havia nele seis cidades com suas aldeias (Js15:61, 62). Algumas delas eram famosas, como En-Gedi, onde Davi encontrou refúgio, protegendo-se das perseguições de Saul. Ali, o rei perseguidor teve a vida poupada, quando entrou sozinho na caverna em que se refugiavam Davi e seus homens. Ali, Davi recebeu a notícia da morte de Samuel e, em seguida, fugiu ao deserto de Parã, mais seguro, onde chorou a morte de Samuel escrevendo o precioso Salmo 121. “De onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a Terra.” João Batista nasceu e cresceu nas proximidades do deserto da Judeia, um passo para o Oeste, em Hebron, entre os montes da Judeia.

A mensagem (3:1-3)

A proclamação. Os habitantes do deserto ouviram a voz do Batista: sonora, segura, certa. Sabendo-se arauto do verdadeiro Rei, com tom alarmante e firme, dizia: “Arrependei-vos. O Reino dos Céus se aproxima.” Era uma proclamação sem medo. João sabia que o povo e seus dirigentes eram poderosos. Com o poder político, os dirigentes podiam colocá-lo no cárcere, ou matá-lo. O povo tinha poder para apedrejá-lo. Mas João sabia que eram pecadores. Também sabia que a única porta de entrada para o Reino dos Céus é o arrependimento. E era urgente. O Reino estava chegando. Tinham que se arrepender.

O arrependimento. Embora a consciência pecaminosa sempre acuse, o arrependimento não é espontâneo. É sempre a resposta a um convite divino. Tem que ser uma resposta sem rebelião, porque a rebelião contra Deus é o pecado mais comum do ser humano. Prima da autossuficiência, a rebelião divide, separa, isola. Os ouvintes de João Batista constituíam um povo rebelde, duro de coração, afastado do Deus a quem pretendiam servir. Os rebeldes não estavam separados

dEle pelas palavras que proferiam, mas por suas ações, seus pensamentos e desejos do coração. Isso que forma o verdadeiro ser interior da pessoa humana, com as ações visíveis, mantinha ao povo longe de Deus. Tinham que se arrepender. Tinham que voltar para Deus.

O arrependimento é uma forma genuína de ver a nós mesmos. Não é camuflado pelo egoísmo ou autossuficiência. Não é alterado por interesses pessoais. Nem distorcido pela hipocrisia. É uma forma genuína. O que está diante de nosso olhar espiritual, quando olhamos a nós mesmos com arrependimento, é nossa realidade autêntica. O que realmente somos. Vemo-nos como vê uma pessoa com vista curta quando coloca as lentes. Passamos do confuso ao certo, do impreciso ao nítido. Somos pecadores e pecadores nos vemos. Temos um pecado específico e o percebemos. “Pois eu conheço as minhas transgressões”, dizia o arrependido Davi, “e meu pecado está sempre diante de mim” (Sl 51:3). Em vez de responsabilizar outros por nossas faltas, vemos nossa própria culpa. O arrependimento é uma forma diferente de vermos a nós mesmos. Essa mudança é produzida pelo Espírito Santo. Ele traz o convite ao arrependimento e Ele mesmo limpa os vidros sujos de nossa janela, para que vejamos claramente nosso ser interior, sem distorções. Dá-nos também a força de vontade para procurar perdão e para desejar a mudança de vida em Cristo.

As pessoas sentiam a ação do poder divino. Compreendiam a urgência. A expectativa do Reino foi sempre uma experiência dramática para o povo de Israel. Mas o anúncio de João acrescentava ao drama uma emoção de urgência. O Reino, que até aquele momento tinha sido uma questão futura, já estava presente, diante deles, em seu tempo e em seu espaço. “Acelerou-se”, dizia João.

A *prova*. E existe uma prova, conta Mateus. João Batista foi aquele de quem profetizou Isaías, como a voz que, clamando no deserto, preparou o caminho do Senhor e Lhe endireitou uma vereda por onde Ele pudesse chegar (Mt 3:3). De acordo com o costume daqueles tempos, a preparação do caminho, ou o endireitamento de uma vereda, realizava-se quando um rei estava por chegar a um dos lugares de seu reino. João Batista anunciou a chegada do Reino dos Céus; e Mateus, a chegada do Rei.

Um estilo de vida (3:4)

Sem perceber, João Batista se tornou um mensageiro do arrependimento, um anunciador do Reino dos Céus, um personagem da profecia e um estilo de vida. Tudo muito notável, impressionante. Quando seus ouvintes se arrependiam, ficavam comovidos e contavam essa experiência. Quando ouviam que tinha chegado o Reino dos Céus, assombravam-se, e o repetiam. Quando percebiam que ele era a voz do deserto que preparava o caminho do Rei prometido, emocionavam-se, e o diziam. Quando viam seu estilo de vida, não podiam esquecê-lo, e o comentavam. Simples. Muito simples. Para que mais? Um manto feito com pele de camelo, um cinto de couro, sandálias nos pés; e por comida, gafanhotos, mel silvestre e água pura das colinas. Tudo natural, de custo mínimo e saudável. Os gafanhotos poderiam ter sido os conhecidos insetos que, em Israel e outros povos antigos, eram usados como alimento; porém, como João era vegetariano, deveriam ser sementes da árvore alfarroba que, no idioma usado para escrever o relato, tinha nome similar.

Ser um estilo de vida é muito mais que ter um estilo de vida. A neve é um estilo ou forma de ser da água. Não tem água, é água. Pode-se fazer com a neve tudo o que se quiser para transformar sua forma de ser, mas não se lhe pode tirar a água. Se lhe tirassem a água, deixaria de ser neve. Quando João Batista aparecia nos lugares onde pregava, as pessoas viam sempre o mesmo personagem, pregando a mesma mensagem, vestido do mesmo modo, comendo as mesmas coisas. Um homem centrado em Cristo, simples, desprezioso, sem busca de notoriedade. Por isso mesmo, notável. Com a notabilidade de uma pessoa diferente. Era um profeta, com aspecto de profeta, com vida de profeta, com a mensagem de um profeta. Não vivia de aparências nem de impressões. Era o que era. Nada mais. Nada menos. E o que ele era estava em harmonia com a vontade de Deus, previamente anunciada pelos profetas, com autenticidade, vivida por ele, sem falha. Uma vida totalmente identificada com Cristo. Por isso, era pregador de êxito espetacular. E teria tido êxito em qualquer atividade para a qual Deus o tivesse enviado.

Êxito verdadeiro (3:5, 6)

João Batista, o homem solitário do deserto, desconhecido e sem antecedentes, encontrou-se, de súbito, rodeado por uma multidão que acudia de Jerusalém, da Judeia e de toda a província ao redor do Jordão. O país estava dividido em três províncias: Galileia, Samaria e Judeia. A Judeia abrangia o território localizado a oeste do Jordão e ao sul de Samaria. Depois da morte de Herodes o Grande, ficou sob o governo de seu filho Herodes Arquelau (Mt 2:22), junto com Samaria e Idumeia (o antigo Edom). Se Arquelau não tivesse perdido sua tetrarquia, teria governado durante o tempo de João Batista, mas a perdeu no ano 6 d.C. Dois homens: João Batista, um êxito extraordinário; e Arquelau, um fracasso total.

O que é o êxito? Enquanto João Batista crescia nas montanhas da Judeia, junto ao deserto do mesmo nome, Arquelau recebia o título de rei (etnarca) da metade do território sobre o qual reinou Herodes, o Grande, seu pai. Sua família estava composta por pessoas de certo talento, mas ambiciosas, cruéis, criminosas, tiranas, sem princípios morais. Como era o filho favorito de Herodes, o Grande, e o mais velho dos que este teve com Maltase, samaritana com metade de sangue idumeu, lhe deixou como herança a metade de seu reino, cuja capital era Jerusalém. Não chegou ao trono sem dificuldade. Seu meio irmão Herodes Antipas, considerado herdeiro dessa parte do reino, lhe pôs um juízo perante Roma, questionando o testamento de Herodes, o Grande. Roma falhou em favor de Arquelau. Triunfo para ele.

O que é o êxito? Arquelau conseguiu o poder, o governo, o reconhecimento de Roma, tudo o que queria. João Batista nada tinha. Seus pais, Zacarias e Isabel, embora de linhagem sacerdotal, formavam uma família simples; não podiam pretender nenhuma herança importante para seu filho. Eram honestos, piedosos e justos. Não ambicionavam nenhum reino para ele. Nem por isso era um fracassado. Arquelau, sentindo-se seguro sob a proteção de Roma, governou com extrema dureza. Provocou uma luta constante dos judeus contra si. O mesmo aconteceu com os samaritanos. Dois povos que se odiavam profundamente tornaram-se amigos na luta contra o inimigo comum. No ano 6 d.C., surge nova acusação diante da corte romana. Dessa

vez a queixa foi levada por uma embaixada de judeus e samaritanos, que se queixavam de sua conduta. Resultado: Roma o condenou por má administração, tirou-lhe o reino, confiscou seus bens e o exilou em Viena das Gálias. Fracasso total.

Enquanto Arquelau estava no exílio com o reino perdido, João Batista ganhava o Reino dos Céus e o anunciava. Continuava não tendo nada, embora tivesse tudo. Era um profeta simples, membro de uma família simples, sem herança. Permanecia fiel a Deus e à missão que recebera. E as multidões iam a ele. As pessoas se arrependiam, confessavam seus pecados e eram batizadas. O que é êxito? Uma ambição conseguida? Um momento de triunfo? Uma riqueza obtida? Um instante de poder? Só o fim da vida e nada? Ou algo que tem que ver com a simples virtude, o Reino dos Céus, a fidelidade a Deus, a missão e a vida eterna? Certamente tem muito, possivelmente tudo.

Frutos dignos de arrependimento (3:7-12)

O verdadeiramente importante. João Batista também se impressionou. Em seu público, quem diria, havia fariseus e saduceus. Eles, que se consideravam tão importantes (religiosamente, os fariseus; politicamente, os saduceus), iam de Jerusalém para ouvir a pregação e ver o batismo de João, um homem sem prestígio religioso e sem importância política! Frente a esse fenômeno, não se pode evitar a pergunta: o que é realmente importante? Pareceria desnecessário dizê-lo, mas as pessoas dão importância a coisas, feitos, experiências e pessoas, às vezes, por razões incríveis. Parece que, entre os seres humanos, sempre foi assim.

Nos dias do rei Pul (neto de Salmanasar II), que governou a Assíria entre os anos 800 e 750 a.C., sua capital foi visitada por um estrangeiro muito excêntrico. Vinha de uma desconhecida e insignificante vila montanhosa perto do porto de Jafa, chamada Gate-Hefer. Não era rei, embaixador nem viajante como Marco Pólo. Mas tinha sua importância. Tinha anunciado a restauração dos domínios de Israel a suas fronteiras originais e, sob o governo do Jeroboão II, seu anúncio foi cumprido (2Rs 14:25; Nm 13:21; 34:8; Js 13:5). Tinha pregado aos 120 mil habitantes de Nínive que se arrependessem de seus pecados, e eles, juntamente com seu rei, se arrependeram.

Entretanto, Jonas deu mais importância a uma aboboreira que a todos os habitantes de Nínive. Tentou fugir para a Espanha, para não pregar aos ninivitas, pois não queria que eles se salvassem. Em compensação, quando a aboboreira, que o protegia do sol, se secou, disse: “Melhor seria para mim a morte que a vida.” Em realidade, não lhe importavam os habitantes de Nínive, por serem inimigos de sua nação, nem a aboboreira. Para ele, o importante era ele mesmo. Sem dúvida, repetia em sua mente seus próprios valores: minha nação, meu bem-estar, minha reputação, minhas ideias. Isso era importante para ele. E tudo isso era ele mesmo. Não se parece Jonas com a grande maioria dos seres humanos de todos os tempos?

João Batista viu a mesma situação nos fariseus e saduceus que foram a ele. É bem verdade que alguns aceitaram sua mensagem de arrependimento e se converteram. Porém, a maioria não deu importância a João Batista. Esses davam importância a si mesmos. Os fariseus davam extrema importância às formas e aos costumes, à justiça própria e à altivez mundana. Isso os fazia hipócritas e egoístas. Os saduceus eram céticos, negavam a ressurreição dos mortos, a existência dos anjos e davam grande importância à lei, a política e à filosofia humanista dos gregos. Tanto fariseus como saduceus tinham elevado grau de importância própria.

O ser humano é egoísta. O egoísmo está tão expandido pelo mundo como expandidos estão os homens e as mulheres. Mas esse mal tem remédio. Os fariseus e os saduceus, geração de víboras, que só na aparência fugiam da ira vindoura, podiam fugir de verdade. Podiam sair da importância fictícia deles mesmos para o que é verdadeiramente importante. “Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento”, disse-lhes João (Mt 3:8).

Quais são os frutos dignos arrependimento? Aqueles produzidos por uma pessoa realmente arrependida. E são muitos. Entre eles estão os seguintes:

Primeiro, não dar muita importância a si mesmo. O valor humano não é medido pela posição econômica ou social, pelos lucros pessoais alcançados, pelo prestígio concedido por outras pessoas, nem pelos antecedentes familiares ostentados. “Não pensem dentro de vós mes-

mos: Temos por pai a Abraão”, disse o Batista aos fariseus e saduceus. Tampouco devemos nos dar importância pelo oposto a tudo isso. Porque tudo o que tenhamos obtido na vida ou o que não tenhamos conseguido é transitório e passageiro. Hoje, podemos ser algo; amanhã, ser nada. Hoje, podemos ser nada; amanhã, ser alguém.

Em certo lugar do mundo, um trabalhador pobre associou-se a um líder religioso importante. Dele recebeu orientação social e política, até ajuda econômica, junto com uma nova visão para si mesmo e para seu grupo ideológico. Saiu do anonimato. Converteu-se em dirigente sindical, e, logo, candidato à presidência de seu país. Impossível, diziam muitos. Jamais será presidente. Mas um bom dia, as condições político-econômicas de seu país o ajudaram; e ele saiu da condição de impossível para se tornar presidente, na realidade. Por quanto tempo? Mais de um período? Várias vezes em sua vida? Ninguém sabe. Entretanto, um dia não mais o será. O que uma pessoa chegar a ser é uma dádiva divina. E Deus pode nos ajudar a ser até o que parece impossível. “Deus pode levantar filhos a Abraão até destas pedras”, afirmou João. E mais que filhos a Abraão, ele pode nos fazer Seus próprios filhos, e o faz.

Segundo, ser autêntico. Embora a questão da presidência tenha acontecido a um homem simples do povo, não acontece o mesmo a todas as pessoas simples. Na maioria dos casos, a vida transcorre de uma rotina à outra. Do trabalho de um dia comum a outro comum dia de trabalho. Sem muita transcendência, sem grande significado. Mas as pessoas, mesmo nessas circunstâncias, tendem a se dar uma importância desmedida. Imaginam-se o melhor marido, a melhor esposa, o melhor filho, o trabalhador mais eficiente, o melhor estudante, o profissional mais inteligente, o mais atrativo personagem de seu meio social. Não que isso seja mau. O mal está em alguém pensar que é tudo isso sem ser. Pode até ser tudo, sem afetação. “Toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo”, disse João Batista (Mt 3:10). Deve ser boa árvore e produzir bom fruto. “Por seus frutos os conhecerão”, disse Cristo. Nada se parece tanto à fé como as boas obras de uma pessoa crente. Porque não há bons frutos, sem fé; e com fé, não há árvore sem frutos.

Terceiro, uma vida virtuosa, por associação com o Espírito Santo. Os fariseus e os saduceus, como todos os que iam a João, no deserto, podiam receber o batismo da água para arrependimento e, de fato, muitos foram batizados. Mas isso era só o começo, e era indispensável. Sem arrependimento, nada depois dele poderia acontecer, e a vida cristã seria igual à maneira de viver de qualquer pessoa boa não convertida. Por isso, ficar só no começo era estacionar na religião de João Batista, sem Cristo. “Eu lhes batizo com água para arrependimento, disse João, mas o que vem depois de mim, Cristo, lhes batizará com o Espírito Santo e fogo” (Mt 3:11). Quando Cristo outorga o Espírito, com Ele, entrega todas as virtudes, e a vida de uma pessoa pecadora se torna cristã de verdade. Quando uma pessoa está em Cristo, em sua vida não há separação entre fé e obras. As obras nela operadas pelo Espírito estão de tal maneira unidas à sua fé em Cristo, que já não são simples boas obras; são verdadeiras virtudes, ou frutos do arrependimento. Muito diferentes das boas obras que todo ser humano possa realizar por si mesmo.

O contraste entre a virtude e a boa obra é tão grande que envolve um processo que vai da intenção de fazê-la até a ação que a executa. A má intenção polui tudo. Os fariseus iam a João com más intenções e formalmente praticavam as mesmas coisas que o restante da multidão. Por isso, terão de enfrentar no juízo divino suas boas obras juntamente com as más. Ao contrário disso, a virtude cristã, ou boa obra motivada pelo Espírito de Deus e executada em associação com Ele, pertence ao trigo que Deus recolhe em Seu celeiro, e, salvo da condenação do juízo, permanece para sempre (Mt 3:12).

João pregou uma mensagem de arrependimento generalizado. Mas, quando falou com os fariseus e saduceus, como bom pregador, personalizou sua mensagem. Chamou-os ao arrependimento pessoal e a uma experiência de conversão completa. De outro modo, como a palha, seriam lançados no “fogo que nunca se apagará”. O que não significa que os que não se arrependem estejam continuamente queimando em um lugar de horrível tormento eterno. João segue o Antigo Testamento que ensina a destruição final dos impenitentes. Essa é uma destruição completa. Por exemplo, falando do

juízo final, Malaquias menciona o “dia de Jeová, grande e terrível”. Nesse dia, os que fazem maldade “serão como estopa”, totalmente destruídos. “Não lhes deixará nem raiz nem ramo” (Ml 4:5, 1). Não há tormento eterno, há eterna destruição. Mas a grande mensagem de Mateus não é a destruição final nem o eterno castigo que os pecadores não arrependidos sofrerão. Sua mensagem é o Reino. Jesus, o Rei e Salvador, chegou. Por isso, passa imediatamente a contar como foi o batismo de Jesus.

O batismo de Jesus (3:13-17)

A notícia do que João fazia se estendeu pelo país inteiro. Era o sinal que Jesus esperava para começar Seu ministério público e Sua pregação. Continuava vivendo em Nazaré, província da Galileia, e agora tinha que ir para onde João estava. Então, começou Sua viagem para o sul, sob a maior expectativa que ser humano algum, ao começo de uma viagem, jamais experimentou. Tinha que fazer duas coisas nessa viagem: ser batizado e enfrentar as tentações do diabo. Em seguida, estaria preparado para começar a missão. Cada metro percorrido nesse caminho desde Nazaré ao Jordão, 102 quilômetros, se tornou um lugar de encontro com o Pai. A missão não era de Jesus sozinho, também era missão do Pai e do Espírito Santo, e deveriam cumpri-la juntos. Sempre juntos, antes, agora e depois. Nada sabemos a respeito dos tempos eternos, mas Eles sempre estiveram juntos. Nada sabemos sobre a unidade sem discrepâncias, mas Eles não discordaram nunca. Nada sabemos da comunhão sem interrupções, mas Eles jamais a interromperam. Eles são Um. Só Eles são plurais e Um ao mesmo tempo.

“Um dia Jesus foi da Galileia ao Jordão para que João O batizasse. Mas João tratou de dissuadi-Lo” (Mt 3:13). Era como se dissesse: “Eu preciso ser batizado por Ti, e Tu vens a mim? Por favor, não alteremos as coisas. Além disso, este é um batismo de arrependimento e Tu nada tens de que Te arrependeres.” Jesus não discutiu, simplesmente respondeu. “Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3:15). Noutras palavras: “João, não se trata de Meu arrependimento, trata-se de Minha identidade com o Reino, trata-se de Minha missão. Isto é um ato de justiça

ou de relação correta. Devo restaurar com Deus a relação que o pecado destruiu. Devo tomar o lugar do ser humano que pecou contra Deus. Devo estabelecer o Reino de Deus. Não fará o certo o que traz a justificação e a justiça? E o que ao injusto transforma em justo, não fará Ele mesmo a justiça? Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém; porque isto é, agora, o conveniente.”

Fazer o que é justo é sempre conveniente e é a obra eterna de Deus. Mas agora Jesus estava começando um ministério especial de restauração da justiça nas relações do ser humano com a Divindade. João entendeu e consentiu, conforme diz o texto. Seu consentimento não foi forjado a partir da imposição de um superior a um inferior. Foi a cortês submissão a um superior. João manifestou profundo respeito pelo desejo de Jesus. Expressou afetuosa obediência à Sua vontade. Essa atitude sempre foi agradável a Deus, desde os tempos antigos, quando preferia obediência a sacrifícios, até os tempos modernos, quando continua preferindo atos de obediência a palavras de boas intenções.

Houve profunda emoção no coração de João Batista, porque ele entende tudo o que acontecia. Jesus subiu da água, enquanto a multidão observava. Os seres celestiais também participaram. O Céu se abriu, o Espírito Santo e o Pai manifestaram Sua aprovação. O Espírito desceu em forma de pomba e pousou sobre Ele. Feliz, o Pai não Se calou. “Este é Meu Filho amado”, disse, “e estou muito feliz com Ele.” A voz era clara, distinta, sem confusão.

Não se produziu pânico nem houve tremores no chão. Apenas um ambiente de segurança e de alegria. Sem extravagância. Sem bulha. Sem ruído. A alegria divina foi serena e plena, profunda e ampla. Nada nela estava fechado, mas tudo estava aberto como a luz quando difunde sua claridade sem sombras escondidas. Seu prazer era como o prazer dos montes quando sai o sol sobre seus cumes. As pessoas o sentiram, mas não disseram nada. O que cabe ao ser humano quando Deus Se regozija? Só um coração pulsando a um ritmo novo. Só a emoção crescendo com Seu Reino. Só um novo ser que sente o regozijo eterno. Mas nem tudo seria alegria na missão de Cristo. Era preciso enfrentar o pecado e sua consequência de morte.



4

Os Primeiros Anos do Ministério

As tentações de Jesus (4:1-11)

Jesus não voltou imediatamente para Nazaré. Tinha que pensar em Sua missão e em Sua obra. Por isso, foi ao deserto para estar sozinho. Ali poderia meditar e planejar Suas atividades futuras. Além disso, precisava realizar a preparação espiritual que toda obra, grande ou pequena, requer. Se a requereu dEle, quanto mais de cada um dos seres humanos em seu agir de cada instante. Jejuou por quarenta dias e quarenta noites e o Espírito Santo estava com Ele. Além disso, tinha um assunto a ser esclarecido logo no começo de Seu ministério. O diabo tinha que saber. Não haveria acordos. Não haveria arranjos. Não haveria concessões. Tampouco era possível misturar seu reino de trevas com o Reino de Deus. O Espírito concordou. Jesus podia ir enfrentar o diabo e Ele O acompanharia.

“A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto” (Mt 4:1). Jesus estava preparado para o que viesse, mas tinha fome. O diabo pensou que a fome seria um ponto fraco e se aproximou dEle. Para dialogar? Não. O diabo não sabe conversar. Só sabe tentar. E, embora Jesus não procurasse a tentação, não podia evitá-la. O diabo aproveitou a oportunidade para tentá-Lo três vezes. Três tentativas para o desvio. Queria encontrar uma alternativa que afastasse Cristo de Sua missão. Ou pelo menos que O levasse a consentir em cumpri-la de modo

impróprio. Antes de analisar as tentações de Cristo devemos recordar que ninguém está livre de ser tentado; e que, sem a devida preparação espiritual, as possibilidades de vencer o tentador são nulas.

A primeira tentação: autonomia (4:3, 4)

O deserto era árido e a fome era intensa. Jesus estava fraco, abatido, macilento, exausto. A imensa solidão do deserto se desdobrava diante dEle como uma prisão sem fim. Nada parecia protegê-Lo. E o diabo se apresentou a Ele como se fosse um anjo do Céu que trazia uma mensagem diretamente de Deus, para Lhe informar que Seu jejum tinha terminado e que ele estava ali para ajudá-Lo. Agora, devia comer. Mas não Lhe trouxe o pãozinho cozido sobre as brasas que o anjo deu a Elias no deserto, para alimentá-lo por quarenta dias e quarenta noites (1Rs 19:6-8); nem o maná com que, por quarenta anos, Deus alimentou Israel, sem que nunca lhe faltasse. Só trouxe suas dúvidas. “Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães” (Mt 4:3).

A tática da dúvida teve êxito com Eva e o mesmo acontece com quase todos os seres humanos. Não com Jesus. Ele conhece Deus e confia nEle. Tem conhecimento de Si mesmo e não duvida. Parece que a dúvida é maior quando o ser humano não conhece Deus, nem a si mesmo. A ignorância gera instabilidade e desconfiança. Como Cristo conhecia o Pai, sabia que nunca estaria sozinho e que nunca precisaria agir independente do Pai. Sabia que a autonomia não tem lugar nas relações com Deus. Além disso, bem sabia quais eram suas prioridades: (1) O espiritual estava acima do material. Abraão demonstrou isso quando escolheu obedecer a Deus. E o animal para o sacrifício, que ali não estava, apareceu. (2) A necessidade imediata é menos importante que a vida inteira. Para satisfazer a fome imediata, Esaú perdeu a primogenitura e também perdeu seu lugar na família da bênção. Jesus não faria isso. Ninguém que conheça Deus atenderá o minuto presente esquecendo-se do resto da vida.

“*Está escrito*”, disse Jesus. Ele não precisava inventar uma explicação. As Escrituras têm tudo, e a elas recorreu para definir o curso de Sua conduta. Os seres humanos passam a vida inventando explica-

ções para o que fazem. “Não posso devolver o dízimo, porque ganho pouco e o dinheiro não me é suficiente.” “Não é que tenha sido rude com você; o que acontece é que eu sou franco e é assim que eu sou.” Ou como alguém que tirava materiais de seu trabalho para uso pessoal e dizia: “isto não é roubo; roubar seria retirá-los do país. Se eu os levar para casa, continuam formando parte do patrimônio nacional.”

O poder da Palavra. Jesus estava no deserto. Com fome, muita fome. Mas não há necessidade física tão prioritária que tenha o poder de controlar a vida inteira de uma pessoa. Esse poder só existe em Deus. “Não só de pão viverá o homem”, continuou Jesus, “mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4). O alimento material é importante. Não se pode viver sem ele. Mas a vida foi criada pela palavra de Deus e dela depende para sua existência: “Ele falou, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:9). Além disso, a palavra revelada de Deus, a Sagrada Escritura, é autoridade infalível em matéria de crença e prática. Deus é superior a tudo e Seu poder não tem limite. Pode resolver igualmente necessidades espirituais e materiais.

Alimento de Deus. Não aconteceu no mesmo deserto. Jesus estava no deserto de Judá. Bastante ao sul, na Península do Sinai, não mais nem menos árido estava o deserto de Sem. Ali, Israel peregrinou durante quarenta anos, por causa de sua incredulidade. Seu pecado maior era a murmuração que o mantinha na incredulidade e na desobediência.

Só havia passado um mês e quinze dias desde a saída do Egito, quando começaram a murmurar: “Como desejávamos que o Senhor nos tivesse deixado no Egito! Não importava se tivéssemos de morrer ali! Tínhamos carne em abundância. Comíamos pão até nos saciar. E vocês”, diziam a Moisés e Aarão, “nos trouxeram para este deserto para nos matar de fome a todos” (Êx 16).

É certo que a fome e a sede no deserto são sempre mais intensas e mais angustiantes do que em qualquer outro lugar. Mas Deus estava com eles. Por que afligir-se? O problema é que o ser humano incrédulo reage sempre da mesma forma. Os israelitas se esqueceram do poder de Deus. Esqueceram até Sua presença. Consideraram somente

o que podiam fazer por si mesmos. E não tinham carne nem pão. Tampouco podiam consegui-los no deserto. Depender de si mesmo, em qualquer coisa, é uma limitação muito grande. Insuperável.

Deus, entretanto, pode tudo. E lhes deu a carne e o pão que não tinham. Ao alvorecer de cada dia, a extensão vazia do deserto se enchia de maná, verdadeiro pão do Céu que atendia plenamente suas necessidades. Não precisavam amassá-lo, cozê-lo ou comprá-lo. Só recolhê-lo. Era um presente diário do Deus que os amava. Também chegaram codornizes. Que abundância! A tarde escurecia, quando elas, sobrevoando o acampamento, chegaram para que cada um pudesse caçar sua porção ilimitada.

Só precisavam obedecer à Palavra do Senhor: recolher o maná que era necessário para cada dia, e recolher o dobro na sexta-feira, para não sair ao campo no sábado, porque era dia de repouso para Deus. Mas nem todos obedeceram. Uns saíram no sábado para procurar sua porção para esse dia. Nada encontraram. O campo estava vazio como estava antes do presente. Sem pão, frustrados, culpados, sentindo aflição mais intensa que a aflição da escassez, voltaram para o acampamento para receber a reprimenda. “Até quando recusareis guardar os Meus mandamentos e as Minhas leis?” (Êx 16:28).

Jesus era obediente. Não cedia a tentações. Não murmurava contra Deus. Não pretendia ser autônomo, sem Deus, sem Seu conselho, sem Sua companhia. Ele estava disposto a viver sempre pela Palavra que sai da boca de Deus. E a tentação do deserto, a tentação da autonomia, não teve poder sobre Ele.

A segunda tentação: incredulidade (4:5-7)

Tentação cosmopolita. Pareceu ao diabo que o deserto não era o ambiente propício para continuar tentando a Jesus. Ele estava muito forte ali. Preferiu um lugar menos apropriado para a concentração, onde houvesse mais distrações. Um lugar onde tudo acontecesse como uma vertigem e não houvesse tempo para pensar devidamente as coisas. A cidade. Levou-O à cidade Santa, importante, atrativa, cheia de atividade. O centro da nação israelita e, para cada judeu, o centro de todo o mundo habitado (Ez 38:12). Não era uma cidade

industrial, mas tinha um comércio muito intenso e rico. Havia muito dinheiro vindo de fora, impostos do templo provenientes de todo o mundo, peregrinos ricos que a visitavam por razões religiosas, ricos comerciantes da diáspora que escolhiam viver nela. Ali também eram produzidos artigos de luxo como perfumes muito caros e unguentos especiais (Mc 14:3). Jerusalém sempre se agitava com uma intensa atividade religiosa com visitantes de todo o país e do mundo inteiro. Além disso, dava a impressão de que tudo o que ali se fazia era religioso, aprovado por Deus, porque o mais importante era o templo.

Presunção religiosa. Por isso, pensou o diabo, o melhor lugar para tentar Jesus era o pináculo do templo, sua parte mais elevada, cerca de 120 metros sobre o Vale do Cedrom e o lugar mais alto da cidade. Dali podia-se ver tudo o que acontecia na cidade. Lugar ideal para que uma pessoa se distraísse do que lhe diziam. Ali O levou o diabo. Não tinha modificado sua simulação de anjo ajudador. Mas, outra vez repete a insidiosa dúvida: “Se és Filho de Deus”. Jesus podia ter discutido esse ponto e esclarecido que efetivamente era Filho de Deus. Mas nunca esqueceu que Satanás não conversa. Não raciocina nem entende as razões. Apenas tenta. Entrar em diálogo para esclarecer suas dúvidas é começar a duvidar com ele. A mente de Jesus estava sempre atenta e concentrada no foco da discussão. Não Se distraiu para prestar atenção ao periférico.

Agora, o diabo quer conduzi-Lo à presunção. E a presunção é incredulidade. “Atira-Te abaixo, disse-lhe, porque está escrito...” Quer dar a impressão de que ele também respeita as Escrituras e nada do que Lhe pede para fazer está fora das provisões que O favorecem. Mas qual é o objetivo dessa ação? Atirar-se abaixo para quê? Só para que Deus Se veja obrigado a provar, com uma ação, que Jesus é Seu Filho? Mas o diabo quer ocultar essa falta de sentido e afirma, como dando segurança a Jesus: Deus “aos Seus anjos ordenará a Teu respeito que Te guardem”; e “eles Te susterrão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra” (Mt 4:6).

O argumento não está completo. A revelação não diz que O protegerão em todas as ações temerárias que executar, apenas para provar Sua origem divina. Isso é presunção e não se deve confundir fé

com presunção. A Escritura diz que o Altíssimo ordenará Seus anjos que O “guardem em todos os [Seus] caminhos” (Sl 91:11, 12); os caminhos que Pai e Filho tiveram escolhido juntos, os caminhos da missão. Jesus não veio arriscar Sua vida provando que era o Filho de Deus. Não precisava prová-lo. Veio oferecer Sua vida em sacrifício pela salvação dos pecadores. Esse era o único risco de vida que estava em harmonia com a missão e só isso era aceitável a Deus.

Também está escrito: “Não ponha à prova o Senhor seu Deus”, respondeu-lhe Jesus (Mt 4:7). Jesus nunca pediria nada a Deus para provar se Ele cumpre ou não Sua palavra. Nenhum cristão jamais deveria fazê-lo. Esse pedido demonstra incredulidade. A fé sabe que Ele cumpre, e não duvida. Quando a fé pede algo a Deus, faz isso porque confia em Suas promessas e porque Ele as cumpre. O que pede duvidando, ainda que muito levemente, embora também se apegue às promessas divinas, cai na presunção. A presunção é uma fé falsa, inventada por Satanás para que o pecador pense que crê, quando na realidade não crê. Usa-a para desculpar sua transgressão. Por exemplo, pode pensar: “Vou pecar, só isso, depois peço perdão a Deus; e Ele me vai perdoar.” Ou “não importa que eu peque, Deus me vai perdoar porque me ama.” A fé nunca raciocina se desculpa. Apenas obedece. Saul cometeu o pecado de presunção quando poupou a vida do gado de Amaleque, o qual Deus lhe tinha mandado destruir, e se explicou dizendo: “O povo poupou o melhor das ovelhas e das vacas, para as sacrificar a Jeová seu Deus, mas o resto o destruímos”. Samuel lhe respondeu: “Por que, pois, não atentaste à voz do Senhor, mas te lançaste ao despojo e fizeste o que era mal aos olhos do Senhor?” (1Sm 15:15, 19). Jesus não deu lugar à incredulidade. Creu e obedeceu.

A terceira tentação: desvio (4:8-11)

Tática da generosidade falsa. Então o diabo mudou de tática. Já não simulou ser um anjo enviado por Deus para ajudar Jesus. Conservou sua própria identidade de anjo poderoso, embora cansado. Apresentou-se a Jesus como rei do mundo e O levou a um alto monte, que alguns acreditam ter sido o monte Pisga, de onde Moisés viu toda a terra de Canaã, antes de morrer. Queria Lhe mos-

trar todos os reinos deste mundo, seus reinos. Falso. Nada é dele. Satanás conquistou apenas o poder que Adão tinha sobre o mundo, e Adão só era vice-regente. O verdadeiro dono é o Criador. Esse poder Satanás nunca conquistou. Mas ele pintou um quadro falso, ilusório. Pretende conseguir que Jesus Se confunda e pense que o governo do mundo está realmente em suas mãos.

Por isso, O levou a um alto monte onde, panoramicamente, em forma virtual, Lhe mostrou o melhor da Terra e o mais atrativo dos governos terrestres. Apareceram cidades cheias de templos, palácios magníficos, campos em plena produção, pomares com suas árvores carregadas de frutos, cenas de beleza insuperável, segundo Ellen G. White. A glória e a magnífica aparência de príncipes, suas roupas, suas coroas, seus assistentes e guarda-costas, a pompa dos tronos, as cortes dos palácios, os edifícios suntuosos das cidades, de acordo com Matthew Henry. Tudo sem rastros do mal que, oculto, parecia não existir. A ilusão enganosa era perfeita.

Usurpador e enganador. “Tudo isto Te darei”, disse-Lhe o diabo, “se Te prostrares diante de mim e me adorares.” Como Satanás poderia dar o que nunca lhe pertenceu? Uma fraude. Como poderia Jesus receber em doação o que já era dEle? Uma falácia. A tentativa de Satanás de dar a Jesus os reinos que não eram seus o revela como usurpador e mentiroso. Usurpador, porque pretendia se apoderar do poder alheio. Mentiroso, porque não podia cumprir o que prometia. A ilusão que o diabo montou para enganar Jesus enganou a si mesmo.

Como pôde imaginar que Jesus o adoraria! Alguns seres humanos caem nesse engano, porque constantemente se aventuram a decidir com sua própria sabedoria tão limitada, sem consulta alguma com Deus. Mas Jesus estava sempre em comunhão com o Pai. Assim, era impossível enganá-Lo. A adoração que Satanás pedia era o pior desvio que poderia ter pedido a Jesus. Atender-lhe significava desviar-Se de Deus para adorar outro deus; desviar-Se da missão e, em lugar de procurar os pecadores para salvá-los, procuraria os reinos do mundo para governar sobre eles, de acordo com o estilo do diabo. Significava desviar do serviço a Deus para servir a Si mesmo.

Vai-te Satanás! Vendo a ilimitada arrogância do demônio, Jesus respondeu-lhe com uma ordem. “Retira-te, Satanás!”, disse-lhe, “porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a Ele darás culto” (Mt 4:10). O diabo sentiu o impacto. Estava derrotado. Não restava outra alternativa. Aquele que assim lhe ordenava tinha um poder que ele não podia discutir, nem desconhecer. Além disso, Jesus deixou tudo muito claro. Não haveria desvios. Ficaria com Deus e com Seu Reino. Continuará servindo a Deus, não a Si mesmo, muito menos ao demônio.

Sua rota de serviço e redenção estava marcada e não aceitaria desvios na maneira de salvar a humanidade. Não seria pelo caminho fácil, oferecido por Satanás. Primeiro, porque sua oferta era falsa. Não haveria caminho fácil para salvar o ser humano; seu oferecimento é pura ilusão, engano e pura fraude. Segundo, porque havia só uma forma de obter a salvação dos pecadores: carregando seu pecado e suas consequências. Ele sabia que isto implicava sofrimento, muita angústia e morte de cruz. Era isso o que Jesus devia fazer; e o fez, sem desvios.

A tentação é inevitável. Inevitável foi para Cristo e é inevitável para cada ser humano. Não precisamos procurá-la. Mas quando se apresenta, precisamos saber como agir diante dela. Jesus demonstrou isso. Venceu, pelo poder da Palavra de Deus: “Está escrito.” “Guardo no coração as Tuas palavras”, disse o salmista, “para não pecar contra ti” (Sl 119:11). Enfrentou a tentação guiado pelo Espírito Santo. Com Seu poder, nós poderemos vencer toda tentação. Além de nos outorgar o poder necessário para a vitória, o Espírito reduz a dimensão da tentação ao tamanho que possamos suportar. “Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (1Co 10:13).

Como vencer a tentação. Quando a tentação nos assalta, o melhor é fugir dela, para nos escondermos com Cristo em Deus. E quando fugimos da tentação e da corrupção que há no mundo por concupiscência, participamos das promessas de Deus e somos feitos participantes da natureza divina (2Pe 1:4). Ficamos preparados para vencer as próximas tentações que nos sobrevierem.

Na tentação, precisamos nos unir com o Espírito Santo. É simples. Contemos a Cristo, em uma conversa mental, o que nos está acontecendo. Cada passo da tentação, cada sentimento que ela desperta, cada emoção positiva ou negativa que surge em nós, cada pressão interna ou externa que nos empurra para o mal, cada desejo que brota, tudo o que, sob a força da tentação, vivemos. Contemos tudo a Ele. Na medida em que contarmos tudo a Cristo, abriremos a porta de nossa vontade ao Espírito Santo e Ele controlará a mente para fazê-la pensar o que convém e controlará todas as nossas forças para aumentá-las no grau de poder que necessitamos para vencer. E venceremos. A sensação da vitória em uma tentação deixará uma tendência positiva para a seguinte. Cada vez será mais natural nos abrimos plenamente a uma conversa de entrega total a Cristo e ao Espírito Santo, pela fé. E ao que crê, nada é impossível, a vitória é segura.

Então, o diabo deixou Cristo; e deixará cada cristão que, pela fé, viver e agir como Cristo. E os anjos virão socorrê-lo, assim como ajudaram Cristo na montanha. A preparação de Cristo para o começo de Sua tarefa redentora estava magnificamente concluída. Sua identidade com o Reino de Deus estava demonstrada. Agora, podia iniciar a grande missão de Sua vida.

O Reino dos Céus começou

Jesus permaneceu na Judeia até o encarceramento de João Batista. O que aconteceu nesse tempo, desde as tentações até o retorno de Jesus à Galileia? Mateus não diz. Possivelmente, porque desejava unir a terceira tentação, na qual Jesus rejeitou o reino deste mundo, ao começo de Sua pregação sobre a chegada do Reino dos Céus. Não devemos esquecer que Mateus declara Jesus Rei de Israel e do Reino de Deus.

O primeiro ministério de Jesus na Judeia. O Evangelho de João, sim, conta o que aconteceu neste primeiro ministério de Jesus na Judeia. Depois da tentação, apareceu pela primeira vez diante de João Batista quando este O identificou, dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29). Foi à Jerusalém para assistir à festa da Páscoa (Jo 2), numa noite aconteceu a conversa

com Nicodemos (Jo 3) e, já a caminho para a Galileia, junto ao poço de Jacó, encontrou-Se com a mulher samaritana (Jo 4).

Residência em Cafarnaum (4:12-17)

A notícia do encarceramento de João chegou a Jesus, possivelmente, quando Ele estava ainda em Jerusalém. João pregava na Pereia, ao leste do Jordão que, junto com a Galileia, era território de Herodes Antipas. Essa má notícia motivou Sua volta. Ao retornar, Jesus não foi à Sua casa, em Nazaré. Seus habitantes não criam nEle. Segundo João, foi primeiro a Caná (Jo 2:1-12), depois a Nazaré. As notícias do que Ele fez em Jerusalém e o que fez em Caná O precederam. Quando decidiu mudar-Se para Cafarnaum, o ambiente estava preparado para recebê-Lo.

De Nazaré a Cafarnaum (4:12)

Mateus não conta o que aconteceu em Nazaré. Mas, num dia de sábado, Jesus foi à sinagoga, onde assistiam os que O conheciam desde pequeno, e Se levantou para ler as Escrituras. Aplicou o texto de Isaías a Si mesmo e o povo se encheu de ira contra Ele. Expulsaram-nO da cidade. Queriam apedrejá-Lo. E Ele Se foi para Cafarnaum (Lc 4:16-31).

Cafarnaum está na terra de Zebulom e de Naftali, na margem noroeste do Mar da Galileia, onde o Jordão deságua. Parece que não era uma cidade muito antiga, pois não aparece no Antigo Testamento. Contudo, por sua posição estratégica na rota comercial que ia de Damasco a Tiro, era muito próspera. Também seria estrategicamente muito valiosa para o ministério que Jesus cumpriria na Galileia. Tornou-se a cidade de Jesus. Mas Jesus não tinha uma casa própria, como era a casa de seus pais em Nazaré. Vivia na casa de Pedro.

Profecia sobre a Galileia (4:15, 16)

Estas informações preliminares sobre a residência de Jesus em Cafarnaum são importantes para Mateus, porque Ele quis vinculá-las com uma profecia messiânica de Isaías. As profecias são elementos poderosos para provar aos judeus que Jesus é o prometido Rei de Israel, o Messias que os israelitas esperam desde os primórdios da nação. Mateus escreveu seu evangelho para eles. Mas são também muito va-

lios para os que, não sendo judeus, O recebem. Qualquer revelação do futuro, normalmente fechado, é atrativa para todo ser humano.

Mateus cita uma profecia relacionada com sua argumentação profética, com a qual quer provar que Jesus é o Rei. Aconteceu nos tempos antigos, mais ou menos no ano 734 a.C., quando Acaz, um rei relativamente bom, governava o reino de Judá (735-715 a.C.). O rei de Israel e o rei da Síria tramaram contra Judá. Queriam repartir o reino e destituir o rei Acaz, colocando outro rei. Acaz se “estremeceu”. Todo o povo se estremeceu com ele. Nessas circunstâncias, o profeta Isaías o deteve no caminho para lhe dar uma mensagem de boas-novas da parte de Deus. “Não tema”, disse-lhe. “O complô fracassará. Mais ainda, dentro de sessenta e cinco anos, o reino de Israel deixará de existir e o reino da Síria perderá seu domínio. Perecerão sob o domínio da Assíria e até Judá será açoitado por ele. Mas estas trevas não durarão para sempre. Virá um menino rei que iluminará as terras de Zebulom e Naftali, pois ao fim encherá de glória o caminho do mar, daquele lado do Jordão, na Galileia dos gentios” (Is 7:1-9:2).

Dos tempos em que Salomão deu 20 cidades desta região a Hirão, rei de Tiro, em pagamento pela madeira dos Montes do Líbano, enviadas por ele para a construção do templo, a população da Galileia foi se tornando uma mistura de judeus e gentios (1Rs 9:11). Essa mistura cresceu até o ponto em que a maioria de seus habitantes era pagã. Isso aconteceu quando os reis assírios realizaram, na Galileia, seu tradicional trabalho de levar os nacionais cativos e repovoar os lugares conquistados com pessoas estrangeiras. Tiglate-Pileser conquistou a Galileia, com outros lugares, e levou israelitas cativos à Assíria. Esar-Hadon os repovoou com estrangeiros (2Rs 15:29; 17:24; Ed 4:2, 10). Por isso, o nome de Galileia dos gentios (Mt 4:13, 15, 16).

Mateus afirma que Jesus traz luz à terra de Zebulom e de Naftali, na Galileia dos gentios. Jesus é o Rei prometido.

A chegada do Reino (4:17)

“Desde então”, continua Mateus, “começou Jesus a pregar: Arrependam-se porque o Reino dos Céus já está aqui.” Se o Rei estiver aqui, aqui também está o Reino.

João Batista também disse: “Arrependam-se. Voltem-se de seus próprios caminhos aos caminhos de Deus. Identifiquem-se com o Senhor. Se querem viver no Reino dos Céus têm que viver em harmonia com a vontade do Rei.” Jesus traz a mesma mensagem: “Arrependam-se”, diz. Só poderão entrar no Reino dos Céus, por meio de uma experiência de transformação, que começará quando vocês se arrependerem.” Não existe nem pode existir outra maneira, porque a única forma de voltar para a vontade de Deus é por meio do arrependimento. Por que é preciso arrepender? “Porque o Reino dos Céus chegou”, diz Jesus. Para Ele, a chegada do Reino dos Céus marca o começo de tudo o que Ele devia realizar e marca também o começo da nova vida, que deve ser adotada pelos que creem nEle. A frase “está próximo”, na forma verbal que aparece no texto original, significa “está aqui”.

Se o Reino já está aqui, o que esperam para se arrepender? Que esperam para adotar o estilo de vida do Reino? Que esperam para entrar nele? Não há tempo a perder. Não se pode desperdiçar a oportunidade. Não se pode esperar mais. Arrependam-se. É uma exortação com força imperativa. O Senhor os chama e os convida a iniciar a experiência de arrependimento, sem interromper o processo, até que entrem no Reino dos Céus.

Os primeiros discípulos (4:18-22)

A casa de Pedro, onde Jesus vivia, estava perto do Mar da Galileia. Todas as casas ficavam perto, porque Cafarnaum era uma cidade relativamente pequena.

Pedro e André (4:18-20)

Certo dia, caminhando junto ao Mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos: Simão e André, pescadores que, naquele instante, jogavam a rede. Devia ter sido bem de madrugada, possivelmente ao fim de uma noite de trabalho árduo, porque os pescadores profissionais não pescavam de dia. Jesus era diligente e esses homens esmerados O impressionaram. “Venham, sigam-Me”, disse-lhes. “Farei de vocês pescadores de homens.” Além de esforçados no trabalho, eram obedientes. Imediatamente, deixaram as redes e O seguiram.

Porventura O conheciam? É obvio! Nos pequenos povoados de então e de agora todos conhecem todos. Além disso, Jesus já estava pregando e Sua pregação era igual à de João Batista, cuja fama e influência tinham superado as dos sacerdotes e dos dirigentes da nação. E André tinha sido um dos discípulos de João, provavelmente Pedro também. Parece que os dois estiveram presentes ao batismo de Jesus e, segundo o relato do evangelho de João, dias depois de Seu batismo, os dois conversaram com Ele (Jo 1:35-40).

Agora eram três que seguiram caminhando juntos. O que conversaram? Mateus não registrou. Mas não é difícil imaginar que os novos discípulos perguntassem sobre seus trabalhos futuros. Sabiam, pelas palavras que Jesus usou ao chamá-los, que seriam pescadores de homens. Sobre pescar eles sabiam tudo o que se podia saber. Mas pescar homens era outra coisa. O que significava? Seria como a obra que João fazia? Onde a fariam? Como? Por quanto tempo? Voltariam a pescar peixes? Nada perguntaram sobre salário, o que comeriam, onde viveriam, que tipo de vida levariam. Tudo isso estava subentendido.

Ser discípulo de um mestre significava viver todo o tempo com ele onde ele vivesse e comer o que ele comesse. Em uma palavra, significava ser como mestre. Eles não tinham nenhuma dificuldade para aceitar tudo isso. Eles entenderam que não seria tarefa fácil, especialmente ser como Ele. Mas, por tudo o que tinham ouvido, não conheciam melhor pessoa, não sabiam se haveria outro israelita melhor que Ele. Além disso, estando com Ele, tinham lugar assegurado em Seu Reino. Que mais podiam pedir? Isso valia qualquer esforço.

Tiago e João (4:21, 22)

Não precisaram caminhar muito, apenas tempo suficiente para que os outros pescadores terminassem sua jornada noturna. Mais adiante, segundo o relato de Mateus, viu dois homens que, com seu pai, ainda no barco, estavam remendando as redes que se estragaram no trabalho da noite anterior. Homens que não deixavam para depois o trabalho que deviam fazer: Tiago e João, filhos de Zebedeu e Salomé que, provavelmente, era irmã de Maria, a

mãe de Jesus. Nesse caso, seriam primos de Jesus e parentes de João Batista.

Quando estava perto deles, Jesus os chamou. Mateus não descreve o chamado. Simplesmente diz que os chamou. Para que mais informação? Já disse que chamou Pedro e André para que fossem pescadores de homens. Este novo chamado teria que ser para o mesmo trabalho. Não perguntaram nada. Nem um minuto demoraram. Em seguida, deixaram o barco e o pai, e O seguiram. Eram agora quatro discípulos. Quatro que estavam dispostos a segui-Lo por onde quer que fosse. Quatro homens decididos a uma dedicação de tempo integral, em que aprenderiam dEle tudo o que lhes ensinasse e fariam tudo o que lhes mandasse.

A primeira viagem pela Galileia (4:23-25)

Naquele momento, Jesus já estava preparado para estender Sua obra um pouco além da cidade de Cafarnaum. Toda Galileia estava diante dEle. Já vimos que não era um campo fácil. Tratava-se de uma população mista, com muito paganismo e uma marcante presença romana. Havia também forte influência da filosofia grega e pouco interesse pelos assuntos religiosos. Mas Jesus desenvolveu uma estratégia apropriada para esse ambiente e a executou em três viagens públicas pela Galileia: primeira viagem (Mt 4:23), segunda viagem (Mt 9:35), terceira viagem (Mt 9:36-11:1). Duas viagens curtas: uma à Fenícia (Mt 15:21-28), outra a Cesareia de Filipe (Mt 16:13-28) e uma viagem secreta pela Galileia (Mt 17:22, 23).

A estratégia do Reino (4:23)

Jesus foi pessoalmente às cidades da Galileia, uma por uma, percorrendo todo o território, e dividiu Seu trabalho em três atividades: ensino, pregação e cura. Mateus não diz como, nem quando realizava cada atividade; porém, Marcos diz que aos sábados ensinava nas sinagogas (Mc 1:21). A sinagoga era um centro judeu que foi criado no exílio, no cativeiro babilônico e depois dele, durante o período intertestamentário, uns quatrocentos anos que vão do último escritor do Antigo Testamento ao primeiro do Novo.

Nela, os judeus podiam estudar as Escrituras e adorar a Deus. Podia ser estabelecida em qualquer povo onde houvesse, pelo menos, dez homens judeus casados. Como os mestres visitantes tinham plena liberdade para ensinar na sinagoga, Jesus utilizou esse recurso e, mais tarde, Paulo seguiu seu exemplo (At 13:15; 14:1; 17:2; 18:4). Durante outros dias da semana, Jesus pregava às grandes multidões, que se reuniam para ouvi-Lo ao ar livre, e combinava Sua pregação atendendo e curando enfermos.

O *tema* de Sua pregação era as boas-novas do reino. Em realidade, o foco mesmo de Sua atividade era o Reino dos Céus. Naturalmente, Ele falava de muitos outros assuntos, mas fazia girar todos eles em torno do reino. Assim veremos um pouco mais adiante quando pronunciar o sermão do monte, nas imediações de Cafarnaum.

A estratégia é clara. Um tema principal, visitação de cada cidade, ensino nas sinagogas, pregação em todas as partes, atenção aos doentes. Era uma atenção ao ser humano integral: corpo, mente, espírito. Jesus atendia às necessidades físicas, materiais e espirituais de todas as pessoas. Tinha êxito notável.

A fama de Jesus (4:24, 25)

E Sua fama se estendeu por toda Síria, segundo Mateus. Embora ele tenha escrito seu evangelho para os judeus, utilizou aqui o nome romano para a região; porque não pretendia alcançar só os judeus da Palestina; também incluiu todos os judeus que se encontravam na diáspora, fora da Palestina. A província da Síria incluía o território da Judeia, da morte de Arquelau (6 d.C.), Galileia e a região ao norte da Galileia, incorporadas ao Império Romano por volta do ano 64-63 a.C. Em cada lugar onde chegava, levavam-Lhe todo tipo de doentes e Ele os curava.

A fama de Jesus abrangia a Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judeia e a região do outro lado do Jordão, de onde grandes multidões iam a Ele.



5 Primeiro Grande Discurso: O Sermão do Monte

Uma tarde, Jesus saiu de Cafarnaum com Seus discípulos, para um monte próximo, sem nome. Era um desses momentos na vida em que acontecem fatos que marcam época. Os discípulos não sabiam, mas Jesus sabia muito bem o que faria na madrugada do dia seguinte. Assim, trataram de se instalar em um determinado lugar, possivelmente perto do cume, para passar a noite. Jesus Se afastou para um lugar solitário e passou a noite orando a Deus, como parte da eterna conversa que Eles nunca interrompem, mas que, em determinadas ocasiões, se concentra intensamente em um ponto muito específico. Era chegada a ordenação de Seus discípulos. Isso aconteceria na madrugada, e, durante a noite, intercedeu em favor deles. Para eles, seria o momento-chave de sua vida presente e futura. Depois da ordenação, já não haveria como voltar atrás. Teriam um futuro exclusivamente dedicado à missão que Jesus estava prestes a lhes confiar.

Bem de madrugada, Jesus os chamou para junto de Si, a fim de executar o que foi combinado com o Pai durante a noite. Enquanto orava, colocou as mãos sobre a cabeça deles. Dessa maneira, os abençoou e os separou para a obra do Evangelho. Mateus não fala sobre a reação daqueles homens que foram tirados dos deveres comuns da vida. Mas um sentimento de surpresa e enorme expectativa deve ter invadido aquelas

vidas. Como fariam a tarefa que agora estava diante deles? É verdade que conheciam bem os ofícios que tinham realizado até esse momento, e até tinham assistido à escola elementar do sistema judeu de educação. Por isso, sabiam ler, escrever, alguma coisa de matemática, a Torá, os regulamentos e rituais da religião judaica. Mas, quanto ao novo ofício religioso que Jesus lhes tinha confiado, eram totalmente ignorantes. Contudo, não tiveram muito tempo para pensar nisso. A realidade e a necessidade do povo os pressionariam, a partir daquele momento até o final de sua vida.

Subiu ao monte (5:1, 2)

Uma multidão tinha começado a se reunir junto ao lago. Cada vez mais pessoas queriam ouvir Jesus. Apreciavam Seus ensinamentos e esperavam por Seus milagres. Jesus, sabendo o que acontecia, Se dirigiu para o lago e os discípulos O seguiram. Começou a ensinar ali, mas a multidão crescia mais e mais. O lugar ficou estreito e Jesus iniciou uma marcha para a montanha onde tinham passado a noite. Ali havia espaço para todos os que já estavam presentes e para os que chegariam depois. Deteve-Se em um lugar alto e, como normalmente faziam os escribas quando ensinavam, sentou-Se. Os discípulos, junto a Ele, fizeram o mesmo e toda a multidão os acompanhou.

Começou assim um dos cinco grandes discursos que Mateus registra em seu evangelho. Este é conhecido como o Sermão do Monte; e o monte que não tinha nome passou a ser conhecido como o Monte das Bem-aventuranças. Os cinco discursos contêm instruções de Jesus relacionadas com o reino e a missão dos discípulos. O primeiro explica o caráter dos cidadãos do Reino (Mt 5-7). O segundo contém as instruções de Jesus relacionadas com a missão dos discípulos (Mt 10). O terceiro é uma coleção de parábolas com vários ensinamentos (Mt 13). O quarto responde à pergunta dos discípulos sobre quem é o mais importante no Reino dos Céus (Mt 18). E o último contém os sinais do fim do mundo e o começo do Reino dos Céus (Mt 24, 25). Mateus ordena seu testemunho a respeito de Jesus Rei em uma sequência de relatos e discursos. Cada nova série de relatos culmina com um discurso, e o Sermão do Monte é o clímax dos relatos que vão da genealogia do Rei até a ordenação dos discípulos.

As bem-aventuranças do Reino (5:3-16)

A multidão pressentia que algo muito importante estava para acontecer. Alguma declaração de Jesus que mudaria o curso de sua vida. Possivelmente, pensavam eles: “Hoje anunciará o começo de Seu reino e Seu plano de conquista do Império Romano”. Até os dirigentes da nação teriam dado as boas-vindas a um anúncio dessa natureza e, sem dúvida, teriam apoiado totalmente um projeto assim. Eles esperavam o Messias. Imaginavam um rei terrestre, um conquistador que os deixaria livres do domínio romano, um governante que transformasse Israel em um reino mundial. Mas o anúncio de Jesus foi muito diferente. Não falou dos territórios do reino. Falou do caráter de seus cidadãos: os que cressem verdadeiramente em Seus ensinamentos.

O que os cidadãos do Reino são internamente (5:3-12)

Jesus diz que estes são pobres de espírito, choram, são mansos, têm fome e sede de justiça, são misericordiosos, têm coração limpo, são pacificadores, sabem sofrer a perseguição, suportam o insulto e a calúnia com perseguição. Os ouvintes de Jesus devem ter pensado que seres humanos assim não conquistam um Império como o Romano: tirano, cruel, sanguinário, despótico, perseguidor, duro, intolerante. Não era isso o que eles esperavam. Não era isso o que eles queriam. Mas a voz de Jesus chegava ao coração deles com um tom tão convincente que as palavras pareciam despertar emoções dormidas ou quase inexistentes. A ternura de Jesus era tão penetrante que parecia aceitá-los de modo alheio à sua experiência diária. Ninguém os compreendia, ninguém os ajudava, ninguém os queria. Seus dirigentes não trabalhavam para o benefício deles, só usavam o trabalho deles para favorecerem-se a si mesmos. Havia algo novo, sim, e embora não fosse o que esperavam encontrar, causava-lhes alegria. Por isso, entusiasmados, desfrutavam das palavras de Jesus.

Pobres de espírito. Compreenderam isso em seguida. Talvez por contraste com a atitude que conheciam e era vista nos fariseus, nos escribas, nos dirigentes e neles mesmos. Todos eles eram soberbos, orgulhosos e seguros de si mesmos, porque se faziam cumpridores de todas as formalidades religiosas que constituíam o supremo valor de sua religião.

Não sentiam necessidade espiritual alguma, mas estavam vazios. Por isso, compreenderam imediatamente o que Jesus lhes disse. Os que estavam entrando no Reino dos Céus reconheciam seu vazio espiritual. Sentiam-se pecadores e necessitados de Deus, porque nada de bom havia neles. Sabiam também que Deus perdoa aos arrependidos. Para eles, essa experiência era nova; mas perceberam que, à medida que escutavam as palavras de Jesus, começavam a senti-la.

Os que choram. Todos ouviram quando Jesus disse: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.” Ninguém chora sem tristeza. E eles tinham muitas razões para estar tristes: insegurança política, opressão, solidão, discriminação, angústia e escassez econômica. Já tinham chorado por tudo isso, mas eles sabiam que o pranto do qual Jesus falava era diferente. Era causado pela tristeza que o pecado deixa na alma, quando alguém o comete e, arrependido, busca o perdão de Deus. Tratava-se de um pranto espiritual. Um pranto que abre um novo caminho, da escravidão espiritual para a plena liberdade do espírito em Cristo. Os filhos da dor avançando pela fé em direção à vitória.

Os cidadãos do Reino, homens e mulheres de fé, uma vez que superem a tristeza causada por seus próprios pecados, começam a sentir tristeza pelos pecados da humanidade inteira e procuram o consolo para todos eles em Cristo. Assim, nasce sua abnegada participação na missão de Cristo e na busca dos pecadores para o Reino dos Céus.

Mansos, com fome e sede de justiça, misericordiosos, limpos de coração e pacificadores. Logo, Jesus lhes apresentou uma visão do progresso na experiência espiritual daqueles que vivem como cidadãos do reino. A multidão vivia cada passo desse progresso à medida que Cristo o expunha. Sentiram a convicção de seu pecado, passaram pela tristeza que conduz ao arrependimento e viram o fruto do progresso espiritual. “Não pode ser”, pensaram eles, “os mansos e os misericordiosos, por serem débeis, nada conseguem. Quem procura a justiça pela maldade dos que a administram só recebe injustiça. Os limpos de coração são ridicularizados e os pacificadores são pisoteados. Mas, ao mesmo tempo, quão verdadeiro é o que Ele diz”, pensavam.

Os mansos são os que se vencem a si mesmos. Nunca agem motivados pelo próprio eu. Vivem centrados no bem de outros. Assim também

são os misericordiosos. Com sua amabilidade e seu desejo espontâneo de servir, nunca discriminam ninguém. Sempre veem os outros como seres humanos que precisam de auxílio e, com alegria, os ajudam sempre. São simpáticos, bondosos, de bom trato e compassivos. Os que têm fome e sede de justiça procuram a santidade à semelhança a Deus e, por isso, vivem conforme a vontade de Deus, em tudo. Não é estranho que sejam limpos de coração ou fiéis a Deus, sejam nos pensamentos ou nas motivações da alma. Também são pacificadores. Os pacificadores procuram sempre a paz e sempre estão procurando a conversão de outros. Estão em paz consigo mesmos pelo abandono do pecado, estão em paz com Deus pela obediência, estão em paz com os outros pelo amor abnegado.

A multidão entendia que o progresso espiritual dos cidadãos do reino produzia resultados excelentes e, nessa compreensão, regozijavam-se todos os que ouviam. Não era para menos. “Os mansos herdarão a terra por herança”, dizia Jesus; “os que têm fome e sede de justiça serão fartos; os misericordiosos alcançarão misericórdia; os limpos de coração verão a Deus e os pacificadores serão chamados filhos de Deus.” Que mais poderiam desejar? Isso abrange tudo.

Os que padecem perseguição e os insultados. Enquanto pensavam que Jesus havia dito tudo, ainda O ouviram falar de gozo e recompensa. Para quem? Para os que sofrem perseguição por causa da justiça e para os que são insultados ou caluniados, e perseguidos por causa de Cristo. A justiça verdadeira e a pessoa de Cristo são duas causas pelas quais os cidadãos do Reino dos Céus estão sempre dispostos a sofrer. A perseguição não os assusta porque os perseguidores podem lhes tirar a vida presente, mas nunca a vida eterna. Eles estão seguros em Cristo Jesus. A calúnia não os espanta, porque os caluniadores podem manchar seu nome; mas o caráter, jamais. Seres malvados podem falsear e desfigurar o prestígio de um cidadão do reino, mas a sua pessoa está sob o amparo de Deus; e, com esse amparo, lhe está assegurada a alegria aqui na Terra e uma grande recompensa no Reino dos Céus. Os cidadãos do Reino têm em seu interior tudo o que forma um caráter reto diante de Deus. Tudo o que Deus espera de um verdadeiro filho e filha do Reino dos Céus. Por isso também podem, externamente, ser úteis a Deus e a Seu Reino.

Características dos cidadãos do Reino (5:13-16)

Mais uma vez Jesus surpreendeu a multidão. Quando pronunciou as bem-aventuranças, parecia Se referir a outras pessoas e não às que estavam naquele auditório. “Bem-aventurados os...”, disse. Agora Ele diz: “Vós sois”. É como se dissesse: Já que ouviram como devem ser os tratamentos, sejam realmente assim. Daí em diante, Jesus direciona o conteúdo do discurso para eles. Fala-lhes como se realmente fossem Seus discípulos e como se já pertencessem ao Reino dos Céus.

Sal da Terra. “Vós sois o sal da Terra”, disse-lhes (Mt 5:13). Recordaram imediatamente a utilidade do sal, com o qual temperavam e preservavam o alimento. Para poder exercer seu efeito, o sal era misturado aos elementos da culinária. Desse modo, aprenderam que teriam que viver com pessoas às quais deviam servir. Distantes, não seriam efetivos. As pessoas necessitam da força vital dos cristãos fiéis e do amor de Jesus exemplificado na vida deles: amor desinteressado e simpatia cordial. Tudo isso tempera a vida do mundo desanimado e sozinho. Por outro lado, esse contato não deveria absorvê-los no sentido de perderem sua identidade. Caso o sal viesse a ser insípido, como recuperaria seu sabor? Para que serviria? Não para demonstrar a alegria do Reino dos Céus. Serviria só para ser desprezado. Imaginaram o sal inútil jogado pelas ruas, abandonado e pisoteado pelas pessoas. Viram-se a si mesmos, vazios de valor, na religião formal dos escribas e fariseus sem espiritualidade e sem afeto.

Luz do mundo. “Vós sois a luz do mundo”, disse-lhes Jesus (Mt 5:14). Assim, os comparou com as cidades estabelecidas nas colinas; visíveis de dia pela luz do sol que as ilumina, visíveis de noite pelas luzes que nelas se acendem. Não podem ser escondidas. A vida recebida pela justiça de Cristo acende o cristão com brilho inocultável. Uma vida de fé é tão maravilhosa como um céu iluminado, como um sol que esparrama sua luz pelas montanhas, dando brilho e cor a seus nevados picos, que ilumina os estendidos vales com uma multidão de flores e plantios sucessivos, que engrandece a beleza colorida dos lagos e rios, que enche de alegria os pátios das casas, onde crianças e animais domésticos brincam descontraídos. A luz outorga vitalidade à semente, engrandece a floresta, aumenta o horizonte, torna mais bela a terra e os metais. E até as casas mais humildes, pela luz, se

tornam mais claras. Os ouvintes se lembraram de suas casas simples. Um quarto e um abajur, era tudo que possuíam. Mas todos se iluminavam. “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens”, disse-lhes Jesus, “para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus.”

A lei espiritual do Reino (5:17-48)

Todos escutavam atentos e uma profunda convicção nascia dentro deles. Ali estava um Mestre verdadeiro. Como nos tempos antigos, como os profetas e como Moisés. Pode haver alguém maior que Moisés? “Deu-nos a lei”, pensavam. “Ninguém pode mudá-la.”

A permanência da lei (5:17, 18)

Não foi revogada. “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas”, disse-lhes (Mt 5:17). Todos se assombram. “Como sabe o que pensamos?” Mas não lhes deu tempo para conjecturas. “Não vim para revogar”, acrescenta, “vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o Céu e a Terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei”, assegura-lhes, “até que tudo se cumpra.”

A cruz prova a continuidade da lei. A multidão não esperava ouvir nada diferente. Mas muitos que hoje pretendem fazer parte do Reino dos Céus creem que Jesus aboliu a lei na cruz. Isto é paradoxal! Se fosse assim, tivesse-a abolido antes da cruz, haveria duas maneiras de suprimir a existência do pecado. Uma era eliminando a lei. Onde não há lei, não há pecado; porque pela lei é que vem o conhecimento do pecado. Além disso, a lei condena o pecado e o pecador. Sem lei não há condenação, simplesmente porque se o pecado não existir, o pecador não é pecador. Mas Deus não eliminou a lei. Não podia aceitar uma ficção. O pecado existe e quem comete pecado é pecador. Deus optou pela segunda forma de eliminar o pecado: a morte de Cristo na cruz. Nela, Ele substituiu o pecador, para lhe dar vida; pois, por ter transgredido a lei, o pecador estava condenado à morte. A cruz, longe de revogar a lei, é a maior prova de que a lei continua existindo e continuará vigente, para sempre.

A entrada no Reino dos Céus (5:19, 20)

“Aquele pois que violar um desses mandamentos”, continuou dizendo Jesus, “posto que dos menores, será considerado mínimo no Reino dos Céus.” E também aquele que, por seu ensino, induz à transgressão. E a pessoa que fizer as duas coisas – transgredir a lei e ensinar a transgredi-la – está fora do reino. Como entender isso? A entrada no Reino dos Céus não é pela misericórdia e o amor de Deus? Claro que sim! Não há outra forma. Acontece que a lei, que é justiça, e o amor, que é misericórdia, não são inimigos, nem incompatíveis, nem excludentes. Deus é ao mesmo tempo justiça e misericórdia. DELE procedem a lei e o amor. Não há antagonismo entre eles. Ao contrário, um é a descrição do outro. A lei é uma lei de amor e o amor é a base da lei. “Nisto se resume a lei e os profetas: Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma; e a teu próximo como a ti mesmo.” Quem transgredir a lei age contra o amor de Deus e com essa atitude inimiga não pode entrar no Reino dos Céus.

“Mas o que pratica os mandamentos”, disse Jesus, “e o que ensina a praticá-los entrarão no Reino dos Céus. Não só entrarão, como serão grandes ali.” Como é a grandeza no Reino dos Céus? Não é como a grandeza do poder, da riqueza, da influência, da fama que existe no reino do mundo. É a grandeza da justiça. Justiça que na vida do cidadão do Reino dos Céus, primeiro, é justificação pela fé; e logo, a obediência, pela fé em Cristo Jesus. As duas juntas – fé e obediência – em uma integração semelhante à integração da lei e do amor em Deus. Porque a justiça do crente é um milagre de Deus em sua vida, por meio da obra do Espírito Santo. Jesus completa Seu ensino sobre o cumprimento presente da lei dizendo: “Porque digo a vocês, que não podem entrar no Reino dos Céus, a menos que sua justiça supere a dos fariseus e a dos mestres da lei.”

O cumprimento verdadeiro da lei (5:21-47)

A irritação. “Ouvistes”, Jesus continuou dizendo, “que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento.” Mas a lei diz algo mais do que isso. Jesus quer que todos os cidadãos do Reino se recordem sempre que se ficarem zangados com seu

próximo, ou o insultarem, ou o amaldiçoarem, serão culpados de transgredir este mandamento (Mt 5:21, 22). O cumprimento da lei tem que ser completo, no sentido de abranger toda a lei, cada um dos dez mandamentos. Além disso, tem que incluir a letra e o espírito. Não que um seja mais importante que o outro. Os dois fazem parte do mandamento e nenhum dos dois pode ser descuidado.

Isto é tão sério que afeta a adoração que vocês rendem a Deus. Pode anular o significado e o valor de sua adoração a Ele. Quando se lembrarem de que pecaram contra seu próximo, não cometam o engano de continuar adorando a Deus. Ele não aceitará esse gesto. Pecado é rebelião contra Deus. E Ele não tolera essa separação. Em troca, aceita o arrependimento e recebe o pecador arrependido como um filho pródigo que volta para casa. Com amor e festa. Vá primeiro se reconciliar com seu irmão, logo depois, volte e continue adorando a Deus.

Não tenha nenhum adversário. E se alguém se tornar seu adversário, chegue a um acordo com ele, sem demora. Não perca tempo, nem o deixe para depois. É perigoso. O seu adversário pode levá-lo a um juiz ou ao julgamento de toda a comunidade, e todos eles podem condená-lo. O juiz pode enviá-lo ao cárcere, sujeitá-lo à condenação da comunidade, ao desprestígio e à rejeição. O que faria você se todos o rejeitassem? E você, o que faria se Deus o rejeitasse?

A cobiça sexual. “Ouvistes que foi dito: Não adulterarás” (Mt 5:27). Mas, agora, esse mandamento não é bem entendido. Esqueceram-se de que ele inclui a mera cobiça sexual oculta na mente de vocês. O pecado não reside apenas no mal que aparece visível em suas ações, mas também no mal que levam oculto em seus pensamentos. Qualquer que cobiçar uma mulher já adulterou com ela em seu coração. Eliminam a ação má. Eliminam também os desejos maus que estão escondidos na alma. Entreguem sua vontade a Deus. Embora, às vezes, tal entrega signifique fazer um sacrifício tão grande, como se alguém deixasse amputar um membro do corpo, um olho ou a mão que estivesse doente, e essa enfermidade colocasse em perigo toda a vida. É melhor viver com um membro a menos do que morrer com o corpo inteiro.

A infidelidade conjugal. Jesus continuou falando a respeito do problema do adultério. Além de estar oculto no interior do pensamento,

pode estar socialmente oculto no divórcio. “Também foi dito”, acrescentou, “qualquer que repudiar sua mulher dê-lhe carta de divórcio” (Mt 5:31). Mas o divórcio tem um problema. O que Deus juntou o homem não pode separar. Só Deus pode fazer isso. E Ele determina um só motivo de divórcio que autoriza um novo casamento: adultério. Se alguém se divorciar por outras razões, não pode se casar de novo. Se o fizer, comete adultério. E os judeus se divorciavam por qualquer motivo criando as condições sociais que ocultavam o adultério no divórcio.

“Mas Eu lhes digo”, declarou Jesus, “que no divórcio há um engano.” Podem se divorciar, mas não por qualquer causa. “Qualquer que repudiar sua mulher”, continuou Jesus, “exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério.” Isso também se aplica ao que dá carta de divórcio (Mt 19:9). Fornicação (*porneia*) inclui qualquer imoralidade sexual praticada fora do matrimônio, que configure infidelidade ao cônjuge. Inclui adultério, fornicção, prostituição e homossexualismo. Jesus esclarecerá isto mais extensamente um pouco mais tarde, e Mateus o registra no capítulo 19.

Juramentos e olho por olho. Jesus incluiu em Sua descrição da obediência espiritual da lei a forma de reagir frente à resistência que o cidadão de Seu Reino normalmente encontra. Uma forma de resistência das pessoas é a falta de credibilidade, e outra é a agressão ou a violência física. No primeiro caso, quando uma pessoa não confia ou rejeita a palavra de outra, a tendência pode ser oferecer um juramento. Isto não se refere a uma declaração feita com valor legal, que não se faz como defesa de uma rejeição, mas como cumprimento de um requisito legal.

Os cidadãos do Reino de Cristo não precisam se ofender porque alguém os rejeita, nem precisam emitir juramento para que creiam neles. Não devem jurar por Deus, pelo Céu, pela Terra, nem pelo que a sociedade considere mais sagrado, como era o caso de Jerusalém, para os judeus. Quando falarem devem ser absolutamente verdadeiros. Se disserem sim, deve ser sim; ou não, se disserem não.

Perante a agressão física, não reajam à maneira antiga. Os antigos diziam: olho por olho e dente por dente. Essa lei não valia

para os cidadãos do Reino dos Céus. “Não faça mal aos que lhes fazem mal. Vocês têm que estar tão dispostos a fazer o bem que quando um agressor lhes exigir uma ação para seu benefício, vocês a façam de boa vontade, como quem dá um presente. E quando o agressor lhes fizer uma violência física, respondam com paciência e o tolerem. Não sejam violentos com os violentos; sejam amáveis e controlados com eles. Deem ao que lhes pede; e ao que lhes pedir emprestado, não o despeçam vazio.”

Amem a seus inimigos. Pior que os agressores são os inimigos. “Vocês ouviram de seus mestres que devem amar seu próximo e odiar seus inimigos. E ouviram o que é o mais natural para o sentimento humano. Todo mundo ama seus amigos e odeia os inimigos. Porque é natural na pessoa pecadora e é também o mais fácil para ela. Não requer esforço nem autocontrole. Mas vocês são filhos do Pai que está nos Céus. Ele faz o bem a maus e bons. Por isso, vocês devem amar seus inimigos e orar pelos que lhes fazem mal. Se vocês amassem unicamente aos que os amam, só estariam fazendo o que também fazem os piores membros da sociedade de vocês. Vocês não podem ser como eles. É muito pouco. Não haveria diferença entre vocês e um deles. E essa diferença tem que ser tão grande como é grande a diferença que existe entre eles e Deus. Vocês têm que ser perfeitos.”

A perfeição dos cidadãos do Reino (5:48)

“Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste”, disse Jesus (Mt 5:48). Mateus não registrou a reação dos ouvintes, mas é fácil imaginar algum deles pensando assim: “É impossível. Como ter a mesma perfeição de Deus? Só o fato de pensá-lo é espantoso e até temível.” Mas não é assim. Se Jesus, imperativamente, lhes disse que deviam ter a perfeição do Pai, foi porque era possível. Se era possível então, também o é agora. Como?

A perfeição na experiência de Paulo. Paulo conta sua própria experiência de perfeição e a sua experiência pode se repetir em cada cristão. Estava prisioneiro em Roma, em sua primeira prisão, quando ficou detido por dois anos em uma casa alugada por ele (At 28:30). Epafrodito, um de seus colaboradores, depois de uma enfermidade muito séria, estava

em bom estado de saúde para ir a Filipos, na Macedônia, onde havia uma igreja que Paulo fundou, em sua primeira viagem missionária. Paulo desejava lhes escrever e lhes enviou uma carta através dele. A igreja de Filipos parecia uma igreja sem problemas, exceto uma pequena disputa entre duas irmãs (Fp 4:1, 2). Nessas condições, era apropriado tratar sobre o tema da perfeição, e assim o fez. A carta aos filipenses é o texto do Novo Testamento que mais amplamente explica a perfeição.

“Não se preocupem com minhas prisões”, disse-lhes. “O que para mim era ganho, agora o estimo como perda, pelo conhecimento de Cristo. O que realmente me importa é estar unido a Ele. Não quero minha própria justiça, mas a que procede de Deus, apoiada na fé. Quero conhecer Cristo e receber o poder que produziu Sua ressurreição. Quero participar dos sofrimentos que Ele teve na cruz e chegar a ser semelhante a Ele em Sua morte, para alcançar, eu também, a ressurreição de entre os mortos.

“Não é que eu já seja perfeito. Entretanto, esquecendo-me do que para trás fica, me esforço por alcançar o que está adiante, e prossigo neste caminho para ganhar o prêmio. Vocês escutem, todos os que são perfeitos vivam de acordo com o que já alcançaram. Sigam meu exemplo e o exemplo dos que se comportam conforme o modelo que receberam. Não sigam o exemplo dos inimigos da cruz de Cristo. Eles seguem seus próprios desejos, orgulham-se de si mesmos e só pensam nas coisas terrenas. Eles serão destruídos. Mas nós somos cidadãos do Reino dos Céus, onde o Senhor transformará nosso corpo, que agora nos humilha, em um corpo semelhante ao corpo de Sua glória” (Fp 4:12-21).

A perfeição é um caminho: Cristo. Paulo diz que não é perfeito e, ao mesmo tempo, que é perfeito. Mas não se trata de contradição. A perfeição é um caminho. Nele, vamos alcançando objetivos de perfeição e deixando-os para trás, para seguir em busca de novos objetivos, até que cheguemos à meta final que inclui também a perfeição do corpo físico. Perfeitos são aqueles que não se desviam do caminho. Prosseguem, prosseguem e prosseguem pela fé. Nunca saem do caminho. Que caminho? “Eu sou o caminho”, disse Cristo, “e a verdade e a vida” (Jo 14:6). Então, a perfeição do cristão é a perfeição de Cristo, vivida pela fé. Como Cristo é o único igual ao Pai, o crente que vive pela fé a perfeição de Cristo pode ser perfeito como nosso Pai que está nos Céus.



6

A Motivação Certa

Na vida dos cidadãos do Reino (6:1-34)

Jesus não poderia esquecer as motivações e não as esqueceu. Por quê? Porque a motivação é como a seiva que alimenta a árvore da ação. Determina a qualidade da árvore. As boas obras sempre parecem boas. E de fato o são. Se alguém der uma roupa a um pobre, a motivação egoísta ou altruísta que tiver não modifica a roupa nem troca o benefício que o pobre recebe. Mas quando a motivação é boa, a boa obra é melhor; porque modifica o que a executa e modifica a relação dessa pessoa com Deus, na obra executada e na valorização que Deus faz dela.

Nas obras de caridade (6:1-4)

“Guardai-vos”, disse-lhes Jesus, “de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste” (Mt 6:1). Tal atitude é hipocrisia. A única recompensa que recebem é o louvor ou a simpatia das pessoas, e estes são efêmeros. Não há estabilidade nas reações das pessoas. Hoje, louvam; amanhã, desprezam. Para que serve tal aprovação? As ações que em sua motivação e em sua execução estão reduzidas à esfera humana são humanistas e carecem de permanência. Não acumulam satisfação. O gozo que o doador experimenta no

momento de dar pode se tornar, amanhã, uma frustração pelo esquecimento das pessoas. Até o beneficiado esquece. Não há gratidão.

Mas quando a ação bondosa, que atende a um necessitado, é feita secretamente, com a motivação correta em associação com Deus, permanece guardada na memória. Isso é estável. A satisfação do bem realizado perdura. Não há frustração. A benevolência se torna muito mais atrativa, gera o desejo de sua repetição, e a pessoa que a executa melhora, por sua associação com Deus ao realizá-la.

Na oração e no jejum (6:5-18)

A *motivação hipócrita* na oração é pior. Os fariseus tinham horários fixos durante o dia para orar. E quando chegava a hora, oravam no lugar onde estivessem. Isso não era necessariamente mau. Deus não condena a oração em público, seja ela feita em um lugar de culto ou em qualquer outro lugar. O problema aqui era a motivação. Como os fariseus gostavam de que as pessoas os vissem orando, para que os considerassem piedosos, planejavam para que o momento de orar os encontrasse na rua ou nas praças. E até nas sinagogas oravam em forma chamativa, ostentosa, para que todos os vissem. “Quando orarem, não sejam como os hipócritas”, disse Jesus. “Orem em segredo. E o Pai de vocês que vê em segredo, os recompensará.” A que recompensa Se refere? À resposta que corresponde à oração. Deus não responde à oração hipócrita. É um silêncio para Deus e até pode ser uma ofensa. Diferentemente, a oração verdadeira, sem hipocrisia, é uma conversa com Ele e Ele responde.

“Outra coisa”, disse-lhes Jesus. “Ao orar, *não falem só por falar*, nem multipliquem as palavras desnecessariamente. Os gentios fazem isso. Eles imaginam que a efetividade da oração está nas muitas palavras. Não é assim. Deus sabe tudo o que vocês necessitam.” Não faz falta deixar de informá-Lo de cada detalhe. O importante é a comunhão com Ele. Por isso, quando orarem, Lhe digam: “Pai nosso que estás nos Céus, és meu Pai; e por isso, o que mais desejo é santificar o Teu nome, fazer Tua vontade e que o Teu Reino venha. Tenho algumas necessidades, por favor, peço-Te que as atendas. Preciso de alimento diário. Necessito que perdoes as dívidas que tenho para Contigo; entendo que o farás na medida em

que eu perdoe aos que me devem. E o que mais preciso é que me ajudes a não cair em tentação e que me livres do maligno.”

Perdoar aos outros é fundamental. Se vocês não perdoarem, Deus não pode perdoá-los. O perdão está vinculado com a reconciliação e, por isso, com a justificação pela fé. Justificação pela fé é reconciliação (Rm 5:11, 12). Se vocês não perdoarem, não há espírito de reconciliação em vocês. Isso significa ter mente inimiga. A mente inimiga que pede perdão a Deus sem perdoar a seu próximo realiza um ato hipócrita. A hipocrisia na oração é o maior absurdo que pode existir. Como Deus vai nos perdoar? Ele sabe tudo. Sabe que o seu pedido não é genuíno; e, se não é genuíno, quando vocês pedem, realmente não pedem, mentem. Vivam a verdade e digam a verdade a Deus. Se fizerem assim, a motivação da oração de vocês será verdadeira. E, se for perdão o que realmente procuram, poderão perdoar a seu próximo e Deus os perdoará.

O jejum. Não mostrem rosto triste quando jejuarem. Não fica bem. Os hipócritas mudam o rosto. E as pessoas não se impressionam com isso. Sabem que, nessa atitude, há uma tentativa de engano e que a piedade assim manifestada é falsa. Uma moeda falsificada não tem valor. É ilegal, ofensiva e traiçoeira. Merece rejeição e é rejeitada por todos. Além disso, o jejum de rosto triste descreve muito mal a religião de Deus, que é alegre, feliz, e oferece um gozo espiritual permanente que só ela produz. “Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto”, é o conselho. Mostrem a alegria de seu serviço a Deus sem proclamar a todo o mundo que estão jejuando. E Deus lhes dará uma recompensa de gozo espiritual multiplicado e permanente.

Nas atividades da vida (6:19-34)

As maiores motivações que as pessoas têm na vida são as riquezas e as preocupações. Acumular e se angustiar. “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a Terra”, disse Jesus, “mas ajuntai para vós outros tesouros no Céu” (Mt 6:19, 20). Na Terra, a inflação, os maus negócios, as decisões arbitrárias dos governos, as manipulações internacionais dos valores e os ladrões os fazem desaparecer. E vocês ficam sem nada. Por outro lado, no Céu, nada disso acontece. O que depo-

sitam ali permanecerá para sempre. Mas como fazer o depósito? Em espécie? Em cheque? Em metais preciosos? Em ações? Em bônus do tesouro divino? Em bens do paraíso restaurado? Como? Não é tão complicado. O investimento celestial é feito na Terra. Aquilo que interessa a vocês e a Deus. Quando interessar a vocês e a Deus, o tesouro de vocês estará no Céu; e onde estiver seu tesouro, ali estará também seu coração. Não se confundam pensando que devem dar tudo a Ele e nada sobrar para vocês, ou que, para acumular tesouro no Céu, vocês têm que viver como pobres, escondendo seu tesouro da vista dos outros, como se não o tivessem, ou gastando tudo para ajudar o próximo e a igreja. A igreja, a pregação do evangelho, os pobres e também vocês interessam a Deus. Ele não deseja ver ninguém sofrendo por escassez e miséria. Seu desejo é que haja o suficiente para todos.

Entretanto, *o inimigo introduziu tanta miséria no mundo*, que agora é necessário agir com a sabedoria do Espírito Santo, para saber atender o que é prioritário e mais urgente. Vocês necessitam de visão clara, porque se estiver nublada, todo o ser estará em trevas. E não pretendam servir a Deus e ao deus da riqueza. Porque ninguém pode servir a dois senhores, pois menosprezará um e amará o outro, ou desejará muito a um e ao outro desprezará. Vocês devem servir a Deus e Ele se encarregará de orientá-los nas demais coisas.

Por isso lhes digo: *“Não se preocupem com sua vida; o que comerão ou o que beberão; nem pelo seu corpo e o que vestirão. Deus alimenta as aves, e vocês valem muito mais que elas. Ele vestiu os lírios com uma magnificência maior que a de Salomão, e vocês duram, no tempo, muito mais que eles. Não precisam se preocupar com isso. Deus já conhece as necessidades de vocês. O que precisam é fé. Por isso, procurem primeiro o Reino de Deus e Sua justiça e todas estas coisas lhes serão acrescentadas”* (Mt 6:33).

O que vale é o Reino dos Céus. Ele deve ser a correta motivação de vocês para tudo o que fizerem, para a qualidade de vida material, para a vida espiritual que desenvolverem e para o tempo de vida que desejarem. E não se angustiem, pois, quando chegar o amanhã, ele trará seus próprios cuidados. Façam o bem cada dia, sob a direção e o poder Deus. Cumpram os deveres de cada dia e tudo lhes sairá bem, sempre.



7

O Estilo de Vida no Reino

Boas relações (7:1-23)

Jesus Se aproxima do final de Seu discurso. Ainda não entra na conclusão, mas começa a enfatizar algumas verdades que já havia dito. Não as diz da mesma forma. Ele gira o diamante para que brilhe em outro ângulo. Chama a atenção para as boas relações com o próximo (Mt 7:1-6), a oração (Mt 7:7-12), o caminho que leva à vida ou ao Reino (Mt 7:13, 14), os bons frutos (Mt 7:15-20), e a entrada no Reino dos Céus (Mt 7:21-23). Cada nova frase de Jesus aumenta a impressão favorável dos Seus ouvintes. Sentem que Ele atende à sua real necessidade espiritual. E O reconhecem internamente, ali onde o sentimento autêntico não pode ser controlado por pressões externas.

Relacionamento com o próximo (7:1-6)

Como não reconhecer a veracidade de Jesus quando lhes diz: “Não julgueis, para que não sejais julgados” (Mt 7:1)? A relação crítica entre fariseus e escribas era um hábito, um modo de vida. Protegiam seu estilo de vida condenando os que não o seguissem. O povo sofria as consequências, vivia uma vida de autoamparo espiritual, tensa, insegura, rígida e triste. E o pior, as pessoas imitavam seus mestres, tratando-se mutuamente de modo parecido. É estranho, mas o ser humano sempre

faz o que encontra de mau e condena em outros. E Jesus advertiu: “com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também.” Falta de equidade na conduta deles? É obvio! Desequilíbrio, insensatez e extrema falta de sabedoria, porque, agindo assim, eles estabeleciam uma medida rígida para suas próprias ações. O pior era que agiam com hipocrisia. Condenavam a palha no olho alheio, quando eles tinham uma viga no próprio olho!

O julgamento pertence a Deus, não a nós. Deus julgará todas as pessoas apoiando-Se na soma total dos atos vividos por elas. Não é uma ação isolada que determina a tendência de vida de uma pessoa. Por outro lado, nós julgamos a ação isolada como se fosse a soma total das ações vividas por essa pessoa. E a julgamos mal, muito mal, se ela não nos agrada. Mas se nos for simpática, tudo nela será bom. Muito frequentemente, nossos julgamentos são autodefensivos. Quando condenamos alguém por injustiça, queremos dizer que nós somos justos, e ao dizer que tal pessoa é antipática, dizemos que nós somos simpáticos.

Por outro lado, “não deis aos cães o que é santo”, disse Jesus, “nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem” (Mt 7:6). Sejam sábios em suas relações com os outros. Cada um deve receber a confiança que merece. Não confiem naqueles que podem destruí-los e nem nos que não sabem respeitar a confiança neles depositada. Há indivíduos que não têm reação alguma contra o pecado. Não querem sair de sua escravidão. Apegam-se a ele com todas as forças de sua vontade. Não são confiáveis. Tornaram-se agentes do inimigo e inimigos de Deus. Esses não serão seus amigos, mas vocês não podem ser inimigos deles. Há outros que consideram o evangelho apenas um campo de contendas e de conflito. Não se deixem envolver por eles. Não percam a fé por causa de seus argumentos críticos ou irônicos. Continuem vivendo e pregando o evangelho, respeitando o que é sagrado, valorizando as pérolas a fim de enriquecer os que estão dispostos a crer. Não importa que sejam pecadores, como Maria Madalena ou Saulo de Tarso. Eles podem se converter e, convertidos, entrarão também no Reino dos Céus.

A oração que crê (7:7-11)

A oração que crê é persistente. Não duvida. Pede, busca e chama. Tem confiança completa em Deus. “Pois todo o que pede recebe”, disse Jesus, “o que busca encontra; e, a quem bate, se abrir-lhe-á” (Mt 7:8). Essa oração é incondicional. Nada deve impedi-la. Desejam vocês aperfeiçoar o caráter para que seja semelhante ao de Cristo? Peçam. Sentem-se pecadores? Peçam perdão. Desejam que Deus os limpe? Peçam. Sentem-se em estado de impotência extrema? Peçam. Procurem com insistência a bênção de Cristo. Mas, sobretudo, busquem-No. E quando pedirmos, recordemos que estamos respondendo a um convite do Pai, e Ele sempre recebe Seus convidados.

A regra de ouro (7:12)

Disse Jesus: “Tudo quanto quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7:12). O maior interesse de vocês não deve estar no que recebem e sim naquilo que dão. Nunca no que vocês merecem e sempre no que os outros merecem. Vocês não devem ser o centro do que fazem. Esse centro deve ser o semelhante. Sejam corteses com eles. Com semblante alegre, de espírito amável, coração puro, atitude terna, ações amáveis, palavras suaves e de espontânea doçura, como o caráter de Cristo. Compartilhem com eles. Compartilhem o evangelho que receberam de graça, compartilhem o amor que Deus lhes deu como presente, compartilhem as bênçãos espirituais outorgadas sem medida, compartilhem os bens materiais que Deus concedeu a vocês, Seus administradores, para que façam das obras de misericórdia a maior força da verdade. Sejam como Cristo, e o Pai os receberá juntamente com aqueles que vocês ganharem com o seu testemunho, assim como Cristo foi recebido, em Seu retorno ao Céu, depois de ter completado Sua missão.

O caminho que leva à vida (7:13, 14)

Diante de todos vocês estão a destruição e a vida; o reino do mundo e o Reino dos Céus. “Larga é a porta”, disse Jesus, “e espaçoso o caminho que conduz para a perdição.” É tão fácil, que muitos entram por ele. Recomendo-lhes que não entrem por ele.

“Entrem pela porta estreita [...] porque estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz para a vida.” Isso é o que todos querem, mas poucos são os que a encontram. Por quê? Porque não fazem esforço para se desviar. Enquanto as pessoas ouviam, lembravam-se das muitas vezes em que, ao final do dia, tinham de se apressar pelo estreito caminho, montanha acima, para chegar à cidade antes que as portas se fechassem. O caminho ao Reino é difícil porque exclui todo egoísmo e obriga a andar com poucas pessoas. Ser parte da maioria é sempre mais atraente. Viver com a minoria produz uma sensação de pouca importância e de fracasso. É um sacrifício. Mas o glamour da maioria é enganoso e o preço cobrado por isso pode ser a destruição. É muito melhor entrar pela porta estreita.

Por seus frutos os conhecereis (7:15-20)

“Acautelai-vos dos falsos profetas”, continuou Jesus (Mt 7:15). Há um grave problema com eles. Pretendem ser uma coisa, mas são outra. Mas isso não acontece só com os falsos profetas; também acontece com os falsos cristãos. Este é o terrível jogo da simulação, sempre presente na vida humana. Quando os mestres do povo o praticam, o dano é maior, porque a identificação deles é demorada. Mas existe uma prova infalível: “Pelos seus frutos os conhecereis.” Cada árvore dá seu próprio fruto. Os abrolhos não produzem figos, nem há uvas nos espinheiros. Se um mestre produzir conflito e discórdia, desconfiança e ódio, acusação e questionamento, briga e luta, mas pretender ensinar o evangelho e a verdade, aí está o engano. Esses não são os frutos de um mestre verdadeiro, mas de um falso profeta. Não o sigam. Seu destino é o fogo (Mt 7:19). Por que teriam que segui-lo para a destruição?

A entrada no Reino dos Céus (7:21-23)

Lembrem-se: “Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos Céus” (Mt 7:21). Uma declaração de fé no Senhor não garante o acesso ao Reino. A boa relação com Deus não é só questão de palavras. É uma *questão* de fé. Os que entram no Reino dos Céus são os que têm uma fé que faz a vontade do Pai. De nada vale alguém simplesmente

professar que é discípulo de Cristo. O discípulo terá que demonstrá-lo. O discípulo crê e obedece. A obediência é a prova visível do discipulado. Ele não ganha o Reino dos Céus com a obediência, porque este é um presente de Cristo; mas, com a desobediência, o perde. Embora os desobedientes tenham profetizado ou expulsado demônios ou feito milagres, Jesus não lhes permitirá o acesso ao Reino. “Nunca vos conheci”, lhes dirá, “apartai-vos de Mim, os que praticais a iniquidade” (Mt 7:23).

O prudente e o insensato (7:24-27)

“Portanto”, disse Jesus (Mt 7:24). Isso indica que está concluindo. Foi um sermão cheio de sabedoria. Cristo não Se dedicou a dar informações sobre o Reino. Importantes como são, as informações sobre o Reino dos Céus aparecem nas profecias e em todo o Novo Testamento. Só que Jesus, neste sermão, por causa das circunstâncias que o rodeiam, concentra-Se no estilo de vida que os cidadãos do Reino devem adotar. As circunstâncias têm como base a ordenação dos apóstolos e o interesse da multidão congregada para ouvir o Mestre. Jesus sempre adaptou Seus sermões às necessidades do auditório que tinha diante de Si. Dividiu Seus ouvintes em dois grupos: prudentes e insensatos.

O prudente (7:24, 25)

O prudente é uma pessoa especial, não apenas porque edificou. O insensato fez o mesmo. Os dois edificaram uma casa. São parecidos na ação. Também são semelhantes quanto às dificuldades que encontram na vida. Os dois sofrem. Os dois grupos morrem igualmente. O prudente é especial quanto ao modo de edificar e quanto ao fundamento sobre o qual constrói. Ele edificou sobre a rocha. Esse é um símbolo que o povo conhecia desde os tempos antigos. Seu uso começou quando Moisés completou sua obra. Deus lhe anunciara que não entraria em Canaã. Ele já tinha escolhido Josué como o novo líder de Israel, e dito a Moisés que ele estava perto de morrer. Já lhe havia dito que o povo entraria em apostasia. E, para ajudá-lo, nesse tempo ordenou que Moisés escrevesse um hino, cujo início diz: “Porque proclamarei o nome do Senhor. Engrandecemos o nosso Deus. Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é fide-

dade, e não há nele injustiça; é justo e reto” (Dt 32:3, 4). Estes são os princípios da permanência, os princípios da segurança.

Cristo é a rocha. Ele é justo e nos justifica. É perfeito e nos aperfeiçoa. É fiel e nos torna fiéis. Pratica a justiça e nos ajuda a praticá-la. Ele é reto e nos converte em pessoas retas. Somos edificados na rocha viva sobre a qual nos tornamos pedras vivas para Ele. A rocha é Cristo, Sua palavra é rocha. A religião de Cristo não é letra morta, é pura vida. Consiste em praticar cada palavra dela e cumprir cada mandato. É uma relação viva com Ele. Uma relação de fé, e não mero dizer da fé. É a ação da fé traduzida em obras de justiça sob a condução do Espírito Santo. A religião de Cristo é a viva relação com Sua palavra, tão firme como Ele, tão verdadeira como Ele é, porque Ele é o caminho, e a verdade, e a vida.

A multidão estava impressionada. Muitos dos ouvintes tinham passado a vida em torno do Mar da Galileia e sabiam muito bem do que Jesus estava falando. Viveram muitas vezes essa experiência. E os outros que não viviam na região, sentados na encosta do monte enquanto ouviam Jesus, podiam ver os muitos vales e campinas por onde, em tempo de chuva, as correntes fluíam para o lago. No verão, eram caminhos secos, poeirentos e vazios. As pessoas descuidadas edificavam nesses lugares mais fáceis e com menos trabalho. Quando chegava o inverno, correntes furiosas destruíam tudo o que encontravam pela frente. Mas as casas das colinas, construídas sobre a rocha, permaneciam através dos anos. Algumas delas tinham resistido a um milênio de tempestades. Tudo era muito claro.

Os prudentes ou sábios ouvem e praticam. Aceitam a autoridade de Cristo. Não argumentam contra nem duvidam. Para eles, Cristo tinha e tem a autoridade que disse ter. Para eles, Jesus era o profeta anunciado por Ezequiel, que trazia a Palavra de Deus, a quem todos deviam ouvir e obedecer (Ez 33:32, 33). Para eles, Jesus era mais que um simples mestre. Em Si mesmo, era o padrão do julgamento e o instrumento da salvação.

O insensato (7:26, 27)

Por outro lado, o insensato ouve, mas não pratica. Tão próximo para ouvir e tão distante para praticar. A palavra de Jesus chega a ele

tão nítida e tão clara como ao prudente. Chega com a mesma autoridade e firmeza como chega ao prudente; tão plena e verdadeira como chega ao prudente. Mas ele, por não praticá-la, se distancia de Jesus. Não se relaciona com Ele no dia-a-dia. Não aceita Sua autoridade e não crê. É néscio. Coloca sua esperança em si mesmo construindo uma casa sem fundamento, apenas com areia que não resiste às tormentas da vida e se destroça.

Reação das pessoas (7:28, 29)

Jesus terminou Seu sermão. Silêncio total. Ele não acrescentou mais nada. A multidão meditava. A reação das pessoas era de um assombro profundo, com afeto e simpatia. Não o assombro dos filósofos dos quais surge a filosofia, mas um assombro de surpresa, alegria e satisfação. Encontraram a sã doutrina. Descobriram o ensino sábio, no qual sentiram a verdadeira autoridade, que é superior à dos escribas e mestres da lei; que também é superior a Moisés que transmitiu a lei ao povo. Sentiram a autoridade dAquele que, no dia final, julgará vivos e mortos, por Sua própria autoridade.



8

Os Milagres do Reino

Uma simples viagem de retorno para casa se transforma na oportunidade para continuar servindo às pessoas. Logo que Jesus desceu da montanha, grandes multidões se amontoaram para ouvi-Lo. Ele não podia nem queria evitar. Estava permanentemente aberto às necessidades delas, sem importar o lugar, tempo ou circunstâncias. Mateus disse que Jesus cumpria Seu ministério pregando, ensinando e curando (Mt 4:23). Pregou o evangelho do Reino (Mt 4:17, 23), ensinou o estilo de vida do Reino (Mt 5-7), e agora relata alguns exemplos dos milagres curadores do Reino. Assim, conta o milagre que curou um servo do centurião. “Digo-lhes”, afirmou Jesus sobre o centurião, “que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos Céus” (Mt 8:11).

O leproso: limpeza do pecado (8:1-4)

“Ora, descendo Ele do monte”, escreveu Mateus. Alguns entendem essa frase como se o relato seguinte tivesse acontecido nesse mesmo dia. Porém, não é assim. Mateus não conta sua história testemunhal em forma cronológica. Esse fato aconteceu em outro momento. Contudo, está incluído nesta parte do relato porque Mateus ordenou os incidentes de acordo com o tema tratado.

A lepra e o pecado (8:1, 2)

O que Jesus fazia era sempre emocionante. Por isso, a multidão jamais O deixava. Quando Jesus desceu da montanha, não fica claro qual montanha, um leproso se aproximou, ajoelhou-se diante dEle e, perante a multidão surpreendida, Lhe pediu: “Senhor, se quiseres, podes purificar-me”. Mateus coloca a história do leproso em primeiro lugar na série de milagres relatados, porque a lepra é símbolo do pecado, que é a primeira coisa que Jesus deseja resolver na vida de uma pessoa, a fim de que esta entre em Seu Reino.

O poder do Reino (8:3)

Nada poderia ter sido mais dramático naquele instante. Jesus tinha ensinado o mais importante para entrar no Reino: os princípios que o regem e o estilo de vida que Deus espera ver em seus cidadãos. Para que isso aconteça, é necessário poder. Um poder superior às forças humanas; poder que faça parte do Reino e juntamente com o restante dele também seja irradiado aos que desejam entrar nele. Esse poder só pode vir de Jesus. De outro modo, a entrada no Reino seria impossível. Aqui está a oportunidade de mostrá-lo em ação. A multidão espera em silêncio. Quer ver o que acontecerá. Como responderá Jesus a esse pedido?

Para Jesus, não havia nenhum problema. Aquele era um pedido genuíno, um pedido de fé, um pedido respeitoso de Sua vontade. “Se quiseres”, disse Lhe o leproso. Jesus estendeu a mão e o tocou. Tocar um leproso era arriscar-Se a uma infecção e à acusação de todos, porque implicava impureza cerimonial. A lepra era símbolo do pecado e os judeus a consideravam marca visível do desagrado de Deus por um leproso, que, indubitavelmente, era pecador. Não podiam esquecer de Miriã, irmã de Moisés (Nm 12:9, 10); nem de Geazi, o servo de Eliseu (2Rs 5:27); nem do rei Uzias, a quem Deus castigou com lepra, por pecados específicos cometidos por ele (2Cr 26:19, 20). Os judeus criam que nenhum médico deveria tentar curar um leproso. Sofrendo uma enfermidade que representava castigo divino, só Deus poderia curá-lo. Por isso, quando Naamã, chefe do exército da Síria, visitou o rei de Israel em busca de cura para sua lepra, o rei respondeu: “Acaso, sou Deus?” (2Rs 5:7).

Com uma simplicidade só compreensível aos crentes, tomando o lugar de Deus, Jesus respondeu ao leproso: “Quero, fica limpo!” E Mateus espontaneamente informa: “E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra.” Aqui se juntam a fé do leproso, o poder de Jesus e o testemunho de Mateus que narra a história, para que também nós creiamos e Jesus nos limpe da lepra do pecado, a fim de que possamos entrar em Seu Reino.

Mas a formosura literária do relato não deve nos fazer perder a grandeza de seu conteúdo. Nas Escrituras, o conteúdo é sempre mais importante que a forma literária empregada. Por isso, o estudante deve se ocupar mais com o que a Escritura diz do que como o diz. Deus inspira o conteúdo, mas as palavras e a forma literária são do escritor inspirado. O conteúdo desta preciosa frase, simples, bela e perfeita, está na maneira como o poder de Jesus agiu. Não exigiu grandes requisitos, só a autêntica necessidade do ser humano e a expressão de fé genuína. Jesus estava preparado para agir em seu favor. Ele sempre está preparado. Não há trâmites burocráticos. Não há rituais extraordinários, não há taxas a pagar, não há méritos que justificar. Basta necessitar e crer. E, nesse episódio, Jesus expressou Sua vontade em uma ordem simples: “Quero, fica limpo!” A verdadeira autoridade não necessita de argumentos para ser demonstrada. Jesus não precisou dizer: “Quem manda aqui sou Eu e vocês têm que Me obedecer.” Até a enfermidade reconheceu Seu poder, e a lepra imediatamente se foi.

O testemunho do crente (8:4)

“Olha”, instruiu-o Jesus, “não o digas a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e fazer a oferta que Moisés ordenou, para servir de testemunho ao povo.” Não o digas com palavras, dize-o com feitos. Comece por onde deve começar. A lepra estava sob a observação dos sacerdotes e só eles tinham autoridade para declarar a cura. Não saia falando por aí que não tem lepra, porque ninguém crerá. As pessoas fugirão de você. Sua palavra, nesse caso, não serve como testemunho. Não é assim em todos os casos, mas em relação com a lepra é assim. Uma vez que você tiver devotado a oferta requerida em gratidão a Deus pela cura, e o sacerdote o tiver declarado livre da lepra, você estará em condições de falar com as pessoas. Mas antes, não.

Para que o testemunho seja válido, tem que ser aceitável pelas pessoas. Se não for aceitável, será preciso cumprir os requisitos que o tornem aceitável. Não é que Deus ponha requisitos ao testemunho. É a aceitação das pessoas que o torna plausível. E como o testemunho tem que ter valor para quem o ouve, será preciso expressá-lo e, sobretudo, vivê-lo, de maneira que possa ser aceito.

O centurião: a fé que conduz ao Reino (8:5-13)

Não foi fácil avançar arrastando uma multidão detrás de Si. Constantemente, o povo seguia a Jesus por afeto e por curiosidade. Todos queriam estar com Ele e sabiam que estando perto dEle sempre poderiam ser testemunhas de algo extraordinário. Não estavam enganados. Ao chegar a Cafarnaum, aconteceu de novo.

Um pedido de ajuda (8:5, 6)

Um centurião romano O esperava. Não era judeu. Era um gentio, representante do Império Romano. Possivelmente, era o chefe da pequena guarnição que Roma mantinha em Cafarnaum, já que, pelos acordos políticos com Herodes Antipas, o tetrarca da Galileia e Pereia, não podia haver ali um exército completo. Um símbolo da dominação. Um inimigo se aproximou pedindo ajuda.

“Senhor”, disse-Lhe, “meu servo está prostrado em casa. Tem paralisia. Além disso, sofre terrivelmente. Está a ponto de morrer.” Todos ficaram atentos. O que fará com esse inimigo? Jesus já tinha ensinado como tratá-los. “Amem seus inimigos”, lhes havia dito. Cumprirá Sua própria ordem? É obvio! Não havia alternativa. Eles pensavam assim porque estavam acostumados a ver seus mestres ensinando uma coisa e fazendo outra. Para Jesus, entretanto, não havia padrão duplo; nem pode haver duplo padrão para os cristãos de todos os tempos. As ordens do Reino eram e são iguais para todos. O estilo de vida, o mesmo. Os mandamentos não se modificaram nem se modificam jamais. No Reino não existem uns que devem obedecer sempre e outros que só devem obedecer quando lhes for conveniente, ou quando assim o decidirem.

A ajuda suficiente (8:7-9)

Tratou-o com amor e simpatia. “Eu irei curá-lo”, respondeu-lhe Jesus (Mt 8:7). Na realidade, o centurião só era um inimigo formal, e isso pelo que representava. No fundo, ele não era inimigo. E Jesus sabia. O soldado tinha uma atitude piedosa para com Jesus, um afeto sincero por seu servo e uma forma humilde de agir, uma fé imensa.

“Senhor”, disse-Lhe, “não mereço que entre em minha casa. Você é muito importante e é tudo o que as pessoas dizem a Seu respeito. Eu não O ouvi nenhuma vez nem O vi agir. Mas que diferença faz? Você é tudo o que ouvi. Não faça para mim nada mais que o necessário para atender minha necessidade. Só peço a cura do meu servo.”

Apenas uma palavra. “Não me importo, se não for à minha casa. Basta apenas que diga uma só palavra e meu servo ficará curado. Sua palavra é tudo o que necessito” (Mt 8:8).

Uns pediam sinais, para crer; outros se conformavam apenas com a palavra. Não é necessário ver milagres para crer, e sim crer para ver milagres. Mas a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus. Tudo o que necessitamos hoje para crer é a Palavra de Deus. Ela está sempre à nossa disposição. Ao alcance de todos nós. Não peçamos mais. Pedir mais é pedir demais. Por outro lado, ao que pede de menos, Deus dá sempre mais.

Obediência à autoridade. Além disso, o centurião sabe muito bem o que é autoridade. “Você a tem. Não precisa provar isso. Eu sei. E sei também como funciona. Eu mesmo sou um homem sujeito a ordens superiores, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz. Tudo o que preciso é que dê uma ordem e meu servo será curado (Mt 8:9). Frente à autoridade resta apenas uma coisa: obediência. Ele sabia obedecer, sabia também que suas ordens eram obedecidas, não poderia duvidar quanto à obediência correspondente à autoridade de Cristo: teria de ser obedecida.

A medida suficiente de fé (8:10-12)

Agora quem Se assombra é Jesus. Tão assombrado estava que trocou de interlocutor. Em lugar de continuar conversando com o centurião, dirigiu-Se à multidão, expectante e curiosa. Todos queriam saber o que aconteceria.

A fé que obedece. “Asseguro-lhes”, disse, “que em Israel não encontrei ninguém que tenha tanta fé.” Nem vocês! Como isso era possível? Entre eles havia aqueles que tinham deixado tudo para segui-Lo. E não era suficiente? A fé que deixa tudo não é a fé que Jesus louva. Entre eles havia quem estava disposto a aceitar todos os Seus ensinamentos. E não era suficiente? A fé que aceita tudo não é a fé que Jesus louva. Jesus louvou a fé que obedece. Por quê? Porque os obedientes O seguem. Mas nem todos os que O seguiram obedeceram. Porque os obedientes aceitam tudo. Mas nem todos os que tudo aceitaram obedeceram. Os obedientes são os que entram no Reino dos Céus.

Entrada dos não súditos no Reino. “Digo-lhes”, continuou Jesus, “que, como o centurião, muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos Céus; porque creem com fé obediente. Mas os súditos do Reino, por não terem a fé que obedece, serão jogados fora, à escuridão, onde chorarão rangendo os dentes” (Mt 8:11).

Como creste (8:13)

Voltando-Se de novo ao centurião, disse-lhe: “Pode voltar. Tudo se fará como você creu.” As obras milagrosas de Deus não só acontecem para benefício dos que creem com fé obediente. Também beneficiam, de acordo com a fé, aqueles que os acompanham e pelos quais eles pedem. Na mesma hora, o servo do centurião ficou são. Além dos que estão com os que creem, também os que não creem se beneficiam com o que Deus outorga aos crentes. Pelos rogos e as ações dos que creem, os que não creem recebem o evangelho e têm a possibilidade de entrar, como eles, no Reino dos Céus. Quando Abraão intercedeu perante Deus, para que não destruísse os crentes junto com os ímpios, em Sodoma e Gomorra, Deus deixou claro que se houvesse apenas dez justos naquelas cidades, não as destruiria, por amor dos dez (Gn 18:32).

A sogra de Pedro (8:14, 15)

“Tendo Jesus chegado à casa de Pedro”, segue dizendo o relato de Mateus, ou seja, à casa onde Se hospedava quando estava em Cafarnaum. Embora nesse tempo vivesse nessa cidade, Jesus não

tinha casa própria. De qualquer forma, não necessitava de morada permanente, porque o tempo que tinha para passar em Sua casa era pouco. A casa de Pedro era a Sua casa.

Muita febre (8:14)

“Logo que entrou”, diz o relato, Jesus viu a sogra de Pedro na cama. Não pode haver qualquer atividade para uma pessoa viva que está de cama, especialmente se estiver com febre. “Com muita febre”, diz o médico Lucas (4:38). Literalmente, uma enfermidade a estava queimando. Possivelmente malária. Uma pessoa que está se queimando está no processo de destruição. A sogra de Pedro tinha uma enfermidade que a estava destruindo, mantendo-a paralisada na cama. Jesus não podia ficar indiferente. Ela era muito amada por Pedro e sua esposa, de outro modo não a teriam em casa. Além disso, era muito serviçal e, com isso, todos se beneficiavam. Jesus também manifestou afeto por ela.

Serviço constante (8:15)

“*Tomou-a pela mão*”. Os judeus, por causa de suas leis, não podiam tocar em doentes que padeciam de certas febres. Fazer isso significava ficar cerimonialmente impuro. Jesus a tocou. Não precisava fazer mais nada. O toque deu à anciã o afeto de Jesus e Sua intenção de curá-la. A febre desapareceu, imediata e completamente. Não necessitou de um período de recuperação, depois da febre, para entrar em sua atividade normal. “Levantou-se”, diz Mateus, “e começou a servi-los” sem demora. A expressão do texto é de uma ação não interrompida. Trata-se de um serviço constante. Assim ela era: sempre serviçal, como todo súdito do Reino dos Céus deve ser.

Quando há afeto, há espírito de serviço; e se o serviço for por amor, nunca é interrompido. Assim era a família de Pedro. Um lugar cheio de afeto, repleto de amor, onde todos eram serviçais todo o tempo. Modelo simples para todas as famílias do Reino de Cristo. Um modo muito prático e muito real de ser cristão. Não era um lar em que cada um se preocupava com as próprias necessidades, respeitando a individualidade mútua a ponto de se ignorarem uns aos

outros quase completamente. Essa sofisticação não existia. Só existia afeto, amor e o serviço que age sempre em favor dos outros, levando todos a se sentirem respeitados e protegidos. Era um lar feliz.

Parece que esse milagre aconteceu num sábado. Marcos diz que depois da cura, alguns foram à casa de Pedro, pois, na sinagoga de Cafarnaum, um homem foi tomado por um espírito imundo.

Ele carregou nossas enfermidades (8:16, 17)

Passado o sábado, a multidão se amontoou à porta da casa de Pedro. Não foram com seus doentes antes do pôr do sol do sábado. Era assim que observavam o sábado: do pôr do sol da sexta-feira ao pôr do sol do sábado. A razão? Porque, segundo a Bíblia, assim Deus contou os dias no princípio: “À luz chamou ‘dia’ e às trevas, ‘noite’, e vindo a noite, e chegou a manhã: esse foi o primeiro dia” (Gn 1:5, NVI). Além disso, porque assim ordenou Deus a Israel (Lv 23:32).

O poder da palavra falada (8:16)

Com uma só palavra, diz Mateus, “expulsou os espíritos e curou todos os doentes”. Era o mesmo poder que, no princípio, com a mesma palavra, criou os céus e a Terra. Jesus não necessitou de remédios para curar uma enfermidade. Sua palavra era suficiente. O que Ele diz, executa-se.

O caso dos endemoninhados é especial. No endemoninhado, ocorre a maior aproximação maligna ao ser humano. Sua presença está na própria personalidade do ser humano. Assim, Satanás exerce nele um domínio direto, e todo o seu poder age sem restrição alguma. O endemoninhado é o melhor símbolo e a mais crua realidade de seu reino tenebroso. O trabalho do demônio tem por objeto o controle opressivo e a destruição paulatina da personalidade humana. Não quer sua liberdade. Odeia sua sanidade, especialmente a mental, que lhe permite tomar decisões. Por isso, o endemoninhado era o campo de batalha mais dramático e decisivo na luta entre o Reino dos Céus e o reino das trevas. No endemoninhado, Jesus e Satanás enfrentavam-se diretamente. A palavra de Jesus o vencia sempre. E a vitória de Jesus dava ao ex-endemoninhado o melhor:

saúde, liberdade, renovação psicológica, restauração social e a oportunidade de entrar no Reino dos Céus.

O poder da palavra escrita (8:17)

“Isto aconteceu”, diz Mateus, “para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías.” O profeta era um instrumento de comunicação entre Deus e o povo. O que ele escrevia provinha de Deus e, embora o profeta usasse suas próprias palavras para se comunicar, seu escrito constituía a Palavra de Deus. A Palavra de Deus em Isaías 53:4, diz: “Certamente levou ele nossas enfermidades e sofreu nossas dores.” Essa Palavra se cumpria na pessoa de Jesus, quando Ele enfrentava o inimigo nos endemoninhados e o vencia, expulsando-o dali; quando Ele curava um doente de uma enfermidade qualquer, restaurando-lhe a saúde; e quando ofereceu Seu corpo na cruz para dar a vida eterna ao ser humano que, por causa do pecado, não a tem.

Uma grande tempestade: o poder de Jesus (8:18-27)

Parece que aconteceu depois do discurso junto ao lago (Mc 4:1, 35), provavelmente no começo do outono, ano 29 d. C. Havia muitas pessoas ainda junto dEle. Era difícil dispersá-las. Desprender-se delas, voltando para Cafarnaum, era impossível. Então, Ele deu a ordem de passar para o outro lado do lago (Mt 8:18): Decápolis. Menos povoada que a Galileia, tinha algumas aldeias e vilas. Mais pagã do que a Judeia, relacionava-se muito pouco com a Galileia. Os escribas e rabinos não a visitavam. Lá, havia uma missão que O esperava e Jesus queria cumpri-la. Mateus conta dois fatos ocorridos entre o momento em que Jesus ordenou a viagem e a partida do barco. Possivelmente, porque junto com a tormenta que aconteceu ao atravessar o lago, esses fatos mostram em que não consistia e em que consistia o poder de Jesus.

Não consistia em recursos materiais (8:18-20)

Certo escriba quis segui-Lo como Seu discípulo. Não era o momento mais apropriado para um mestre da lei como ele, porque Jesus ia para Decápolis, onde eles não iam. Mas, ao mesmo tempo, era apropriado para que Jesus captasse a profundidade de seu desejo.

“Mestre”, disse-Lhe, “eu Te seguirei para onde quer que fores” (Mt 8:19). Um discípulo voluntário. Sua intenção era evidente. Estava disposto a desprezar a maneira de agir dos escribas e fariseus para proceder como Jesus. Sem prejuízos raciais, sem considerações rituais e sem desprezo pelos pagãos. Qual era a sua motivação? Apenas considerações espirituais, ou havia motivações materiais escondidas atrás dessa opção? As motivações são sempre importantes, mas o que motiva uma decisão para seguir a Cristo é mais importante que todas as demais. Não pode ser de ordem material. Seguir a Cristo para ser mais rico ou mais importante, ou mais aceito, ou mais querido, ou mais respeitado, não agrada a Deus. Que sentido tem seguir a Cristo sem agradar a Deus? Isso não é possível. Portanto, é melhor que tudo seja muito claro. Sem confusão.

“As raposas têm seus covis”, respondeu Jesus ao escriba, “e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8:20). Não tem lar. Em todo caso, para quê? Jesus está em marcha. Seus discípulos estão em marcha. Sua missão está em marcha. Ele bem pode ser um sem-terra. Só necessita de recursos para a missão e ela é de tal natureza que se sustenta a si mesma. Um convertido sustenta a conversão do próximo e assim sucessivamente, até a segunda vinda de Cristo. E o que dá, faz isso porque crê. A base dos recursos financeiros da missão está na fé dos que creem. Por isso, a missão é pela fé. Uma fé comprometida com ação é verdadeira fé. O melhor capital do mundo. Mateus nada registra sobre a resposta do escriba. Provavelmente foi um discípulo permanente de Jesus, embora não dos doze, que O seguiu por onde quer tenha ido. Houve muitos desse tipo de discípulos.

Não consistia em aprovação social (8:21, 22)

Outro discípulo a quem Jesus tinha chamado, diferente do anterior, que era um voluntário, desculpou-se dizendo: “Senhor, permite-me ir primeiro sepultar meu pai.” Queria estar conforme a lei judaica que requeria a presença dos filhos no funeral dos pais. Queria estar em harmonia com a comunidade que o considerava aceitável e correto. Queria manter o prestígio que tinha perante a família e suas relações. Não está claro se o pai estava doente, já morrendo, pos-

sivelmente morto, ou se apenas estava velho e ele queria postergar sua entrega total à missão de Cristo até que o pai morresse. O que está claro é a sua falta de entrega. Seu excessivo respeito à aprovação social como se fosse um valor indispensável para o cumprimento da missão de Cristo. Por isso tinha que postergar sua entrega, até quando pudesse contar com a aprovação da sociedade e dos seus.

Não dependemos disso. A missão que cumprimos não despreza essas pessoas, mas abrange muito mais. Tem que ver com o mundo inteiro. “Segue-Me”, replicou-lhe Jesus. “Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos”, completou. Os mortos espirituais podem dedicar-se aos mortos. Os mortos espirituais podem pensar que para viver necessitam de aprovação social. Os mortos espirituais podem trabalhar para a sociedade dos mortos e se ocupar dos mortos físicos que precisam ser enterrados. Os mortos espirituais podem se dedicar ao negócio dos mortos. Nós não. O negócio da vida é superior. Objetivamos que todos se salvem da morte e isso é muito superior ao enterro de um morto. Não dependemos da aprovação social. Dependemos da aprovação de Deus. Não estamos sob a lei do “o que dirão”. Nossa lei é a fé. Trabalhamos só para Deus e pela salvação das pessoas.

Consistia na fé (8:23-27)

“Entrando Ele no barco, Seus discípulos O seguiram”, Mateus informa. Começa assim, a travessia do lago. Eles têm que navegar uns doze quilômetros. Já é tarde e logo a noite chegará. Não terão oportunidade de ver a formosa safira azul nas quietas águas nos dias ensolarados. Só o mistério da noite escura e o vento. A fúria do vento soprando pelos desfiladeiros das montanhas, ao leste do lago, cresceu rapidamente. Chegou a tormenta. Uma tormenta forte que levantava grandes ondas que alagavam o barco. Os discípulos, experimentados pescadores, tinham enfrentado muitas tormentas, igualmente avassaladoras, nesse lago que nem sempre era inquieto. A princípio pensaram que fariam o mesmo como sempre tinham feito. Levariam o barco com segurança ao porto. Mas essa tormenta parecia diferente. Empregaram suas energias até o ponto do esgotamento. Então, lembraram-se de Jesus.

Com ansiedade, O buscaram. A morte estava diante deles e eles nada podiam fazer para evitá-la. E Jesus dormia. “Senhor, gritaram, nos salve que perecemos!” (Mt 8:25). Sem pressa e com a segurança de quem sabe o que faz, disse-lhes: “Homens de pouca fé, por que têm tanto medo?” A resposta à Sua pergunta estava em Sua própria repreensão: Porque não criam. Confiaram no aguçado treinamento, na larga experiência, na experimentada habilidade, em tudo o que sabiam sobre o mar e as tormentas. Nada disso valia. O que valia era a fé. Por que os seres humanos confiam mais no que podem fazer do que no que Deus pode fazer? Por que não crer no começo das dificuldades, em vez de só crer quando nada do que podemos fazer funciona?

Jesus cria antes, no meio e depois das dificuldades. A fé era Seu modo de viver; e Sua vida, um modo constante de crer. Conhecia o poder de Deus e esse poder era também o Seu poder próprio. Tudo era fácil. Tão sublimemente fácil que, durante a tormenta, dormia. E quando despertou, à Sua ordem, a tormenta se foi. “Tudo ficou completamente tranquilo”, diz Mateus. Não tinha onde reclinar a cabeça, não contava com a plena aprovação social de Israel, mas tinha todo o poder de Deus ao Seu dispor, a ponto de ser obedecido pelos ventos e as ondas, por toda a natureza. Dispunha desse poder pela fé; e pela fé, todo o poder necessário para a missão estará ao nosso alcance. Jesus estava fazendo essa viagem para cumprir uma missão especial e já estava para chegar ao lugar onde devia executá-la.

Os endemoninhados de Gadara (8:28-34)

O quadro não podia ser mais trágico. Dois endemoninhados vivendo no cemitério, possuídos pelo demônio, a maior destruição da pessoa humana enquanto o ser humano ainda vive. Aliado a isso, a maior destruição da vida como tal, a morte, um cemitério. Além desse desastre, havia a confusão dos seguidores de Satanás que não reconheciam a Luz, não a vendo. Os três sinóticos contam a história. A história de Mateus é a mais simples, possivelmente, porque ele só queria destacar o poder de Jesus sobre os demônios. A história aconteceu assim.

O domínio do demônio (8:28, 29)

Os dois endemoninhados saíram dos sepulcros ao encontro de Jesus. Eles eram violentos. Tão violentos que ninguém ousava passar por aquele caminho. A violência não conversa nem raciocina. Grita. Os demônios Lhe gritaram: “Por que Te intrometes, Filho de Deus? Este não é Seu domínio. Nada tens que fazer nos assuntos de meu reino tenebroso. É verdade que és o Filho de Deus, mas sou eu quem controla aqui. Esta é uma terra gentil, pagã, minha.” Terrível! Espantoso para os endemoninhados e para os habitantes daquela região. Algo horrendo para o mundo inteiro, porque o diabo não só reclama como seu grupo humano de Gadara, como reclama a humanidade inteira. Cada um de nós. E se ele pudesse invadir nossa personalidade como fez com os dois gadarenos, certamente faria. O mundo inteiro povoado de seres endemoninhados seria o caos total e a maior tragédia jamais imaginada. Mas o diabo imagina, quer e trabalha ansiosamente para concretizá-la. Não o conseguirá, e ele sabe disso.

“Vieste aqui nos atormentar antes do tempo famoso”, disseram os endemoninhados, os demônios. Sabiam que chegará seu tempo. Esta invasão de Jesus no reino de Satanás aconteceu como uma demonstração de Seu poder como Filho de Deus, e como uma antecipação da destituição final e completa de Satanás e de todos os demônios. Acontecerá ao final do milênio, segundo a profecia de João (Ap 20).

A derrota do demônio (8:30-32)

O cósmico e grandioso se torna ridículo nas mãos do demônio. Trata-se de uma batalha entre o bem e o mal, entre Jesus, o Filho de Deus, e Satanás, o maligno usurpador do mundo e da raça humana. E ele se sente derrotado. Quer fugir. Para onde? Perto dali, há uma manada de porcos. Não é um lugar atrativo; mas, para os demônios, qualquer lugar está bem. Habitar dentro de seres humanos ou habitar dentro de porcos lhes parece uma alternativa aceitável. Solicitam-na.

“Se nos expulsar”, dizem, “mande-nos à manada de porcos.” É uma oração demoníaca? Tais orações não existem. O demônio nunca pede ajuda a Deus. Não é um rogo. É o reconhecimento de sua derrota. Quem tem todos os poderes chegou, e até o demônio

O reconhece. “Vão”, disse-lhes Jesus. E os demônios entraram nos porcos, que, agora enlouquecidos, procuravam, desesperados, sua própria destruição. Lançaram-se pelo despenhadeiro em direção ao lago, como que sabendo que nem eles poderão viver, já que os demônios estão dentro deles. A derrota do maligno é total.

A confusão dos pagãos (8:33, 34)

Mas a obra do Reino requer tempo. O Reino dos Céus pode invadir o reino das trevas, mas não pode, como faz o diabo, invadir a mente dos seres humanos. Vai a ela pela persuasão e pela misericórdia. Isso requer tempo. Os pagãos não estavam preparados para receber Jesus. Estavam confusos. O valor dos porcos para eles, era maior que o valor de dois homens endemoninhados. Perder os porcos era-lhes maior perda que o ganho de dois seres humanos. O material valia para eles mais que o espiritual. Que confusão! O que vale menos é mais desejado que o que vale mais. Os que cuidavam dos porcos levaram o relatório da tragédia e não o relatório da salvação dos endemoninhados. Não eram portadores do evangelho. Eram mensageiros fatalistas da destruição. E todos os habitantes do lugar rogaram a Jesus que Se afastasse da região.

Marcos, ao contar o episódio, diz que Jesus comissionou os ex-endemoninhados a fazerem a obra de persuasão necessária para salvá-los. Como? Contando a história testemunhal do que Jesus lhes tinha feito e como tinha tido misericórdia deles. Eles contaram sua própria história por toda Decápolis, e todos se maravilhavam (Mc 5:18-20). Assim, os ex-endemoninhados preparavam seus conterrâneos para a visita seguinte de Jesus a Decápolis, quando grandes eventos aconteceram e a aceitação de Jesus foi geral (Mt 15:29-39). Mas isso veremos no seu devido tempo. Agora temos que prestar atenção ao que aconteceu no retorno de Jesus a Cafarnaum.



9

Em Cumprimento da Missão

Autoridade para perdoar pecados (9:1-8)

O poder para fazer milagres e a autoridade para perdoar pecados pertencem igualmente ao Rei. Na realidade, Jesus faz milagres para que Seu poder e autoridade sejam visíveis. No perdão dos pecados, eles não são vistos. As duas atividades divinas não estão em conflito e ambas ajudam os seres humanos em seu estado de permanente necessidade física e espiritual.

De volta a Cafarnaum (9:1)

“Entrando Jesus num barco, passou para o outro lado e foi para a Sua própria cidade” (Mt 9:1). Muitos estudiosos da Bíblia têm problemas com esta sequência cronológica e a que segue, em relação com os demais eventos relatados no capítulo nove. Porém, não devemos esquecer que Mateus não escreveu uma biografia seguindo a ordem cronológica dos fatos, mas uma história testemunhal, organizando os acontecimentos de acordo com o tema abordado. Nesse caso, reuniu tudo o que aconteceu em Cafarnaum, embora tenha acontecido em diferentes ocasiões. Além disso, nem sempre ele informa todos os detalhes da história; mas só aquilo que considera relevante para provar seu argumento. Não que altere os fatos ou os modifique para provar sua ideia; o que faz é registrar os fatos da história real, focalizando seus

relatos nos fatos específicos que demonstram os poderes de Jesus, o Rei. De qualquer forma, Jesus tinha que voltar de Gadara ao lado ocidental do lago. Primeiro, porque Ele vivia desse lado do lago, em Cafarnaum, e segundo, porque os gadarenos Lhe pediram que saísse de seu território. Jesus nunca Se impôs a ninguém pela força.

A ocasião do perdão (9:2)

Aconteceu que, estando em Sua cidade, levaram-Lhe um paraplético deitado em uma maca. Quem o levou? Mateus não o diz, nem diz se pediram o milagre. De qualquer forma, duas coisas são evidentes. O doente e seus amigos foram a Jesus porque criam nEle e porque desejavam que fizesse um milagre para devolver a saúde do paraplético. A esta altura dos acontecimentos do ministério de Jesus, esperar um milagre era a coisa mais natural do mundo. Ninguém mais duvidava de Seu poder curador. As pessoas silenciaram e concentraram a atenção no milagre que certamente veriam. Os escribas também fizeram o mesmo. Evidentemente, eles ainda duvidavam e sua atenção era mais para ver se o milagre realmente aconteceria, ou se, acontecendo, seria uma fraude e nada mais. Jesus não fez o milagre, logo de início. Tomou a fé do paraplético e de seus amigos como base para algo mais grandioso que um milagre. Sim, Ele poderia ter começado com o milagre, mas o impacto talvez tivesse sido menor.

“Tenha ânimo, filho”, declarou ao paraplético, “seus pecados estão perdoados.” Não há milagre maior que o perdão dos pecados. Como é possível que um ser humano pecador, poluído até o fundo de seu ser, escravizado inteiramente pelas forças do mal, possa ser transformado em uma nova pessoa e se torne filho de Deus, obediente e fiel? Mancha nenhuma onde, antes, tudo era nada mais nada menos que um trapo de imundície! O perdão é um milagre. O maior dos milagres, a ponto de requerer a ação do maior poder do Universo. Só Deus tem autoridade para perdoar pecados.

O reconhecimento dos escribas (9:3)

E os escribas estavam ali para vigiá-Lo. Ninguém sabia tudo melhor que eles. Sabiam que ser humano algum era capaz de perdoar

pecados. Nem os fariseus, os escribas, os doutores da lei ou mesmo os sacerdotes podiam fazê-lo. Nem podiam agir como intermediários do perdão divino. Os sacerdotes apresentavam a Deus os sacrifícios que os pecadores usavam para confessar seus pecados no templo. Mas o perdão vinha de Deus, direto ao pecador. O sacrifício era instrumento da fé do pecador e símbolo da morte de Cristo que perdoa os pecados de todos os pecadores. O cordeiro sacrificado no altar não perdoava o pecado. O sacerdote que levava perante Deus a oferta pelo pecado não perdoava os pecados. Só Deus e Aquele a quem os cordeiros representavam – o Messias, o Cristo – podiam fazê-lo.

“Este homem blasfema!”, disseram os escribas entre si. Coloca-Se em lugar de Deus. Atribui-Se a Si mesmo autoridade que só corresponde a Deus. O que também significa dizer que, se este realmente possui a autoridade para perdoar pecados, só pode ser Deus. E era. Mas eles não O reconheciam. Para reconhecê-Lo teriam que crer. Os incrédulos diante da evidência não creem. Por quê? Muito simples: porque não a veem. Os escribas ouviram as palavras de Jesus. Com seus ouvidos ouviram, mas não ouviram com a mente. Não captaram o que aconteceu ao paraplético. Não sabiam que sua enfermidade era produto de seu pecado indefinidamente repetido, constantemente acariciado, racionalizado ao infinito para justificá-lo. Mas sempre voltava à consciência o mesmo sentimento de culpa que pouco a pouco se tornou um suplício maior que o da paralisia física. Não sabiam que a maior necessidade daquele homem pecador não era a cura física que procurava, era o perdão dos pecados, que só não pedia, porque não sabia que Jesus poderia concedê-lo. Não ouviram com a mente, porque na mente deles não era possível que Jesus tivesse autoridade para outorgar perdão ao pecador. Não sabiam e, por não saber, O rejeitavam.

A ocasião do milagre (9:4-7)

Mas Jesus, sim, sabia o que eles tinham na mente. Não era fé, mas dúvida. Na mente deles só havia dúvidas. Por isso, lhes disse: “Por que dão lugar a tão maus pensamentos?” A dúvida e a incredulidade são pensamentos maus. Contribuem para o aumento do mal na pessoa incrédula e aumentam a maldade naqueles que recebem a palavra

duvidosa de quem duvida. O bem, pela fé, cresce no crente porque, ao crer, aproxima-se de Deus e o compreende. Só o crente sabe os íntimos pensamentos do bem e seus caminhos. Só o crente experimenta a doçura interna do agir com fé, quando a fé viva, que se traduz em benevolência, faz de Deus um amigo.

“Proponho-lhes um enigma: O que é mais fácil dizer: teus pecados são perdoados, ou dizer: levanta-te e anda?” Não lhes dá tempo para responder. Para quê? Se lhes desse, não responderiam. Sabem eles a resposta? Possivelmente sim. Mas é muito arriscado dizê-la. Perdoar requer autoridade divina, e sem a aprovação divina não se pode fazer um milagre. Se o que não se vê, como o perdão outorgado, pode-se provar pelo que se vê, agora é o momento apropriado para fazer o milagre.

“Pois, para que saibam”, disse-lhes, “que o Filho do Homem tem autoridade na Terra, para perdoar pecados, dirigindo-Se ao parálítico, disse-lhe: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa.” Mateus, com a sublime simplicidade que o caracteriza, acrescenta: “E, levantando-se, partiu para sua casa” (Mt 9:7). A autoridade para perdoar pecados está provada. Jesus a tem. Não há mais discussão dos escribas. Não há mais argumentos contrários. Só o milagre que prova e o povo que a testemunha.

O reconhecimento das pessoas (9:8)

Ao verem o episódio, incluindo o diálogo, as pessoas se encheram de assombro e glorificaram a Deus. Por quê? Porque a autoridade para perdoar pecados só pode vir de Deus e Deus a tinha dado aos humanos. Mateus o conta assim: “Vendo isto, as multidões, possuídas de temor, glorificaram a Deus, que dera tal autoridade aos homens.”

A discussão ideológica sobre a religião, ou a argumentação teológica para sustentar ou negar uma determinada posição, já não tem significado algum. Os fatos da vida ligados às ações de Deus são superiores às palavras. Não que os fatos estejam em lugar das palavras. Eles as incluem. O sobrenatural aconteceu quando as palavras da verdade que Jesus pronunciou transformaram-se em feitos na vida que Jesus viveu e, juntos, se acumularam no testemunho das pessoas. Jesus tem autoridade para perdoar pecados e nos perdoa.

Chamado aos pecadores (9:9-13)

Em certa ocasião, quando Jesus fez uma curta viagem pela região próxima a Cafarnaum, passou pelo lugar onde Mateus realizava seu trabalho. Era cobrador de impostos a serviço de Roma. Os publicanos eram especialmente desprezados por todos os judeus. Trabalhavam para Roma e para si mesmos. Extorquindo as pessoas em benefício próprio, enriqueciam-se às custas do povo. As pessoas os odiavam. Se o publicano era judeu, consideravam-no um traidor à honra da nação e apóstata da religião nacional. Era um dos mais vis membros da sociedade. Mateus pertencia a esse grupo. Ninguém o queria.

No trabalho dos pecadores (9:9)

Sua guarita de pedágio localizava-se nos subúrbios de Cafarnaum, na fronteira que separava os domínios de Herodes Antipas e Herodes Felipe II. Jesus aproximou-Se. Mateus O viu em seguida e uma forte emoção se apoderou dele. Já tinha ouvido falar a respeito de Jesus e lhe tinham contado, também, o que ensinava. Por influência do Espírito Santo, sentia uma forte atração por esse Mestre, chegando mesmo a pensar em Lhe pedir ajuda. Mas tinha medo. Habitado ao tratamento que lhe dispensavam os dirigentes do povo e o próprio povo, temia sofrer a mesma rejeição.

“Segue-Me”, disse-lhe Jesus, ao Se aproximar dele. Não duvidou. Não vacilou. Não calculou a perda material que lhe produziria o abandono de seu abundante negócio. Não lhe importou nada do que tinha, nada do que era. “Ele se levantou e O seguiu”, diz Mateus, contando sua própria história. Só queria estar com Jesus, absorver Seus ensinamentos e trabalhar com Ele em Sua obra. Foi dessa forma que todos os discípulos seguiram a Jesus. E é assim que Jesus deseja ser seguido ainda hoje, e sempre.

Mateus não teria seguido a Jesus se Ele não o tivesse buscado em seu trabalho. Esse era o único lugar em que os publicanos podiam ser vistos. Não tinham vida social. Não recebiam ninguém em casa. Não queriam se expor à crítica direta nem à violência das pessoas que os odiavam. Jesus procurou Mateus onde ele estava. Só o afeto pode fazê-lo. As pessoas o julgavam com base em seus prejuízos e pelo que Mateus fazia. Jesus conhecia o que ele pensava e o que desejava em

seu íntimo. Não o prejudicou. Buscou-o para salvá-lo. A notícia se espalhou rapidamente causando alvoroço entre os publicanos, porque todos sentiram o bom tratamento de Jesus. Entre os fariseus, não foi diferente, porque pensavam que não era algo normal um mestre religioso incorporar um publicano em seu círculo íntimo.

Na casa dos pecadores (9:10)

Mateus fez uma festa. Sua casa se encheu de publicanos e pecadores. Nenhum deles, por nada do mundo, deixaria de ir. Não recebiam convites para assistir a festas, e essa era especial. Jesus também foi convidado. E aceitou. Uma grande mesa foi preparada. Só uma mesa para todos. Jesus e Seus discípulos com publicanos e pecadores. Eles queriam estar perto de Jesus. De qualquer forma, era um quadro pouco comum, para não dizer, raro. Na verdade, não acontecia. Um dirigente religioso reunir-se com pecadores para atender seus interesses? Impossível. Muito menos com publicanos. Mas Jesus não fazia distinção. Podia ir à casa dos pecadores. Não discriminava ninguém e oferecia salvação a todos.

Objetivo da relação com os pecadores (9:11-13)

Os fariseus não entenderam. Não podiam aceitá-Lo. Reagiram de acordo com a psicologia que possuem todos os que se consideram retos e bons: foram corrigir os que, segundo eles, estavam agindo mal. Falaram com os discípulos. A crítica foi indireta. “Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?”, indagaram. Jesus estava atento a tudo, como sempre. É uma boa característica de um líder religioso e uma forma de ser que ajuda a evitar problemas antes que estes apareçam. Além disso, quando a situação é positiva, permite que o dirigente atenda a todos no momento mais apropriado para cada um. Essa, entretanto, era uma situação negativa. Os fariseus não procuravam um favor pessoal. Queriam produzir separação entre os discípulos e seu Mestre. Jesus interveio antes que os discípulos reagissem.

“Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes” (Mt 9:12). Os fariseus se consideravam espiritualmente sãos. Jesus não contradisse esse conceito, no entanto, simplesmente usou a maneira de pensar deles para explicar por que estava com os doentes. Havia,

entretanto, um pouco de ironia em Suas palavras. “Como é possível que vocês, sendo médicos, não façam nada pelos doentes?”

“Vão, pois”, acrescentou Jesus, de modo mais direto, “aprendam o que significa: ‘Misericórdia quero e não sacrifícios’; porque não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento” (Mt 9:13). Precisavam aprender o valor da misericórdia e perceber que a suficiência própria e o fanatismo que eles alimentavam eram enfermidades da alma, tão pecaminosos quanto os pecados que eles condenavam nos publicanos. Não é suficiente conhecer as Escrituras, como eles as conheciam. Também é necessário compreender seu espírito e seu objetivo. Jesus visitava os pecadores em seus lares, não para Se divertir em banquetes e bebedeiras, mas para levar o evangelho e lhes abrir a possibilidade de entrar no Reino dos Céus. Seus discípulos de então fizeram o mesmo, e os de agora não devem fazer diferente. O interesse maior, em tudo o que um verdadeiro discípulo faz, deve ser sempre a salvação das pessoas.

Discípulos de João: por que jejuamos? (9:14-17)

Tinha que acontecer. Os fariseus não ficaram contentes e procuraram um meio de desprestigiar Jesus. Com Seus discípulos, não conseguiram. Procuraram então os discípulos de João Batista. João estava no cárcere. Eles estavam muito tristes, solitários e bastante desanimados. As circunstâncias para eles não poderiam ser piores. Era assim que se sentiam. Então, os fariseus os visitaram com uma atitude muito amigável. Quando a sensação de fracasso toma o controle da vida, qualquer manifestação de simpatia é bem-vinda. E eles, apesar de saberem que os fariseus tinham rejeitado a pregação de João, os ouviram e até aceitaram seus argumentos. Como não levá-los em conta, se na realidade parecia que Jesus agia em contradição com a reconhecida austeridade do Batista? Assistia a festas de publicanos e pecadores. Não fazia nenhum esforço para libertar João do cárcere; sequer jejuava como eles.

Por que nós sim e eles não? (9:14)

“Vieram, depois, os discípulos de João e Lhe perguntaram: Por que jejuamos nós, e os fariseus muitas vezes, e Teus discípulos não

jejuam?” Não se animaram a perguntar: por que Você não jejuava? Não queriam parecer agressivos. Preferiram tratar o assunto indiretamente: “Seus discípulos não o fazem”, disseram. A situação de Jesus estava subentendida. Qualquer que fosse a resposta, O incluiria; e eles ficariam bem. Contudo, a comparação clássica entre os seres humanos estava presente. “Nós sim e eles não, por quê?”, muitas vezes se inverte para “nós não e eles sim, por quê?” Mas o sentido é o mesmo. Sempre é uma queixa contra alguém ou alguns. Uma experiência religiosa apoiada em queixa contra outros é amarga. O sol da alegria não brilha nesse vale. Há apenas sombras, trevas e noite escura sem estrelas. Uma espécie de rosto sombrio, solitário e triste.

Os fariseus e os discípulos de João jejuavam duas vezes por semana, como o faziam todos os judeus estritos. Consideravam que o jejum lhes acrescentava méritos diante de Deus. Os tornava mais santos. Em um esquema de salvação pelas obras, isso era excelente. Mas a salvação não é pelas obras. Nunca foi. Não era isso o que Jesus ensinava. A salvação é um presente de Deus, pelos méritos de Cristo, para os que creem nele. Esse foi o ensino do santuário através de toda a história de Israel. E foi a promessa de Deus para a humanidade inteira, desde o primeiro sacrifício de um cordeiro às portas do Éden (Gn 3:21).

A verdadeira piedade não cresce por comparação do tipo “nós o fazemos, eles não”. O que aconteceria com o que nós fazemos se, embora pensássemos que fosse bom, fosse desagradável diante de Deus? Acontece que a comparação com outros é quase sempre ruim. Por isso, a comparação que fazemos, reservando a vantagem para nós, é mais uma expressão de nosso próprio egoísmo do que uma descrição do mal que, segundo nossa insinuação, existe na outra pessoa. A verdadeira piedade cresce através de íntimo contato com Cristo, intimidade com Deus. A integração de nossa vontade com a vontade do Espírito Santo nos enche com Seus dons, entre os quais estão todas as qualidades da verdadeira piedade e todos os atributos de caráter que nos fazem aceitáveis perante Deus. A isso se acrescentam os atributos do amor que nos tornam simpáticos e amáveis com todos os seres humanos, próximos ou distantes.

Quando houver necessidade (9:15-17)

Jesus, sempre detalhista, simplesmente ignorou a acusação. João não estava presente para se defender. Além disso, a autodefesa quase sempre é sinal de orgulho. “Por que me condena se eu não sou culpado?” E a gente começa a se defender sem notar que só o fato de sentir necessidade da autodefesa indica que alguém se sente culpado. Cristo não era culpado de nada, não precisava Se defender. Nunca Se defendeu. Defendeu Seu ensino, como o caso da defesa de Sua posição a respeito do sábado, quando curou o paraplético no tanque de Betesda (Jo 5:17, 18), mas nunca Se defendeu a Si mesmo, quando acusado de faltas pessoais.

“Podem, acaso, estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo, e nesses dias hão de jejuar” (Mt 9:15). Recordaram o que João havia dito: “O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está presente e o ouve muito se regozija por causa da voz do noivo. Pois esta alegria já se cumpriu em mim. Convém que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3:29, 30). Agora é tempo de alegria e felicidade. Não de jejum. Não é necessário jejuar todo o tempo. Só quando há necessidade. Que necessidade? A necessidade espiritual de compreender mais claramente algo que não se compreende. A necessidade de procurar Deus com maior intensidade por causa de circunstâncias especiais que assim demandam. A necessidade de ajudar o próximo em suas necessidades espirituais e até materiais, pois disse Deus: “Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante?” (Is 58:6, 7).

A maior necessidade dos discípulos viria com a crucifixão de Jesus. A frustração, a dúvida, a sensação de fracasso, a possibilidade de terem sido enganados, tudo isso viria sobre eles como uma sombra espiritual que só poderia ser dissipada com fé, com jejum e oração. Mas, quando Jesus sair da tumba, tudo seria outra vez brilhante como o dia. Outra vez firme como uma rocha. Outra vez eterno como Deus. Porque Jesus ressuscitado era o mesmo Deus encarnado, o Rei eterno e o eterno Deus. A abnegação e o serviço

foram sempre Seus atributos mais visíveis enquanto esteve na Terra. Fosse jejuando no deserto ou em pleno banquete com publicanos, Seu objetivo era servir e salvar pecadores para a vida eterna e para o Reino dos Céus. Nada O detinha. Sempre foi abnegado. Sempre servo. Sempre verdadeiro Deus. A mesma abnegação espera-se dos cristãos, ou seja, que estejam preparados para o sacrifício. Não um sacrifício ritual aparente, visto em um rosto gasto pelo mal entendido jejum meritório. O sacrifício da própria vontade, submetida à vontade de Deus, para servi-Lo em tudo, incluindo o serviço missionário que ajuda na salvação do pecador.

Esse ensino de Jesus era o vinho novo. Embora não fosse tão novo assim. O mesmo ensino fora dado por Deus desde o início. O que era novo eram os odres, a nova atitude com que Cristo pregava. E essa nova atitude, ausente nos mestres de Israel, devia aparecer em Seus discípulos e em todos Seus seguidores até a chegada literal do Reino dos Céus. Humildade, obediência, serviço, amor, entrega à missão e fé duradoura. Uma vida inteira, disposta ao sacrifício, entregue totalmente a Cristo e a Seu trabalho para salvar os pecadores.

A realidade que a fé vê (9:18-26)

A fé tem uma forma de ver as coisas, semelhante à maneira como Deus as vê. Enxerga como são e como poderiam chegar a ser. A pessoa que não crê só as vê como são. Uma pessoa doente é só isto: um doente. Uma pessoa morta é só um morto. Mas a fé vê um milagre na tragédia e, na morte, vê ressurreição.

Jairo vê ressurreição (9:18, 19)

Jairo, um dignitário príncipe da sinagoga, foi a Jesus quando Ele ainda estava na casa de Mateus. Tinha um pedido urgente. Ao encontrá-Lo, com muita angústia, se jogou a Seus pés. “Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a mão sobre ela, e viverá” (Mt 9:18). Jesus imediatamente o seguiu. Os discípulos foram com Ele, e a multidão os acompanhou. Todos com extrema expectativa. Não foram à casa de um homem comum, nem à casa de um inimigo centurião romano, nem à casa de um publicano traidor e despre-

zado. Foram à casa de um nobre israelita. Jairo era rabino. Como? Acaso atenderá, também, o pedido de um líder religioso de Israel? Sim, sem dúvida. Para Jesus, não havia diferença. Além disso, os rabinos podiam ser Seus inimigos, mas Ele não era inimigo de nenhum. E esse rabino era um crente.

Se o crente era do povo, do exército ou da aristocracia, não importava; era crente. A fé encontrava sempre uma porta aberta no coração de Jesus. Além disso, Jairo tinha uma fé tão grande que na morte de sua filha via a ressurreição. E em Jesus, desprezado por seus colegas, via o poder para ressuscitá-la.

A mulher doente vê salvação (9:20-22)

No caminho, uma mulher “padecendo hemorragia” se uniu à multidão. Fazia doze anos que estava doente. A carga era pesada. Gastara tudo o que tinha com médicos e remédios. Resultado? A cura não foi encontrada. Então, boas notícias chegaram a seus ouvidos. Havia um Mestre, procedente de Nazaré, que vivia em Cafarnaum, com grandes poderes curativos. “Curou muita gente”, disseram-lhe. Todo tipo de doença. Cada vez que fazia um milagre, a notícia chegava a ela. Nova esperança nasceu em seu coração. Se apenas pudesse estar perto dEle, seria curada. Por que não? Curava os outros, por que não a ela? A esperança foi se transformando em convicção e a convicção em certeza. Tinha certeza absoluta de que o faria.

Com imenso esforço e sacrifício, foi à margem do lago. Ao retornar de Gadara, Jesus ficou ali algum tempo, ensinando às pessoas. A doente tratou de se aproximar. Não pôde. Jesus foi à casa de Mateus. Ela O esperou. Quando saiu da casa, outra tentativa. Não conseguiu. Havia muitas pessoas. Ela estava muito débil. Como superar a multidão? Não era possível. Quando todos seguiram com Jesus para a casa de Jairo, ela seguiu a multidão, pensando: “Se eu apenas tocar Seu manto, serei salva.” Que fé! Já não sentia o incômodo fluxo de seu sangue. Não sentia a debilidade extrema que a atormentava. Sua fé só lhe dava a visão da saúde. Só o milagre.

Antes que percebesse, Jesus estava quase no lugar onde ela estava. Então ela se aproximou e estendeu a mão para tocá-Lo. Mas tudo

estava em movimento. Quase O perde. Tocou só a borda de Seu manto. Só um instante. Não era necessário mais. Jesus tinha poder para curá-la e ela possuía fé para ser curada. Um milagre. Instantaneamente se foi a dor. A debilidade se foi. De novo, o vigor e a saúde perfeita. Uma emoção intensa a invadiu. Alegria, felicidade e gratidão. Algo novo em sua experiência. Nova realidade. Um novo ser. Nesse instante, ocorreu o inesperado. Esperava o milagre, mas não que Jesus Se detivesse para falar com ela. “Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou”, disse-lhe. Mateus, com a candura de sempre, acrescenta: “E a mulher foi salva desde aquela hora.” Que hora? A hora da fé e do milagre, a hora em que ela, ao tocar Jesus, além da doença, viu também o milagre.

Jesus tem poder sobre a morte (9:23-26)

Seguindo viagem, chegaram à casa do rabino. Ali havia flautistas chorosos e alvoroço de morte. O quadro era muito triste. “Retirem-se”, disse-lhes Jesus. “Não é necessário que façam tanto barulho, a menina não está morta.” Mas eles não eram crentes, só viam a morte. E a morte estava ali. Riram-se de Jesus. Como dizer que dorme, se está morta? Que falta de conexão com a realidade! Quão irracional pode ser uma pessoa quando nega o que os olhos veem! Não era alienação. Não era irracionalidade. Era poder. Eles não sabiam, mas Jesus tinha poder sobre a morte e estava prestes a usá-lo. Quando os que faziam o alvoroço da morte saíram, Jesus tomou a menina pela mão e a levantou. E ela reviveu. Com a ressurreição, acabou-se a brincadeira. Jesus um dia virá dizendo: “Onde está, sepulcro, a tua vitória, e onde, ó morte, o teu aguilhão?” Todo o poder de Cristo se fará visível e “os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro”. Não mais choro, pranto, clamor ou dor; porque todas as coisas más serão passadas e Ele fará tudo novo. Um mundo novo, sob Seu poder ativo e presente, eterno e belo, para ser desfrutado.

Dois cegos e um mudo: a dúvida dos fariseus (9:27-34)

Naquele dia não houve tempo para nada. Logo que Jesus saiu, dois cegos ouviram os comentários da multidão e O seguiram.

Estavam dispostos a tudo, menos a perder a preciosa oportunidade que aparecia diante deles.

O grito da fé (9:27-31)

Elas sabiam tudo a respeito de Jesus. Mas como não podiam ver, não sabiam se estavam longe ou se distanciando deles. Nesse último caso, perderiam a oportunidade de recuperar a visão. Começaram a gritar, dizendo: “Tenha compaixão de nós, Filho de Davi!” Não podiam ver, mas para eles estava claro. Muito claro. Não era um homem comum. Não era um simples milagreiro. Era o Filho de Davi. O Rei de Israel. Jesus continuou avançando, como se não lhes prestasse atenção. Mas todas as pessoas perceberam o tamanho da fé daqueles pobres cegos. E quando chegaram à casa aonde foram, Jesus lhes perguntou: “Credes que Eu posso fazer isso?” “Sim, Senhor”, responderam-Lhe. Enquanto lhes tocava os olhos, disse: “Faça-se conforme a vossa fé.” E foram curados no ato. Os cegos viam. Agora gritavam, não pedindo, mas louvando e agradecendo. Jesus ordenou que se calassem, e que a ninguém dissessem nada sobre o milagre. Mas eles não podiam se calar. Saíram por toda a região, divulgando o que Jesus fizera por eles. Isto, sim, era uma fé gritante. E a fé que comunica, sem inibições, é fé missionária que gera muito fruto.

Fé intercessora (9:32, 33)

Algumas pessoas levaram a Jesus um endemoninhado mudo. Mateus não diz quem era. Mas não importa. Parentes, amigos ou simples desconhecidos, dava no mesmo. Em todo caso, eles tinham fé em Jesus. O endemoninhado não podia ir por sua própria fé. Os demônios controlavam a vontade dele. Era um controle imposto. Mas o demônio não podia controlar os que o levaram a Jesus. Eles criam. Por isso o levaram.

Jesus expulsou o demônio, e o mudo falou. Não sabemos o que disse, mas o que tiver dito foi um testemunho; só o fato de falar era um testemunho. A multidão foi a primeira que ouviu o ex-mudo, e estavam todos tão maravilhados que diziam: “Jamais se viu nada igual em Israel.”

Nossa fé pode ajudar outros, até aqueles que não podem se expressar. Uma vez que os tenhamos conduzido a Cristo, endemoninhados e escravos do pecado poderão fazer opções livres e servi-Lo, dando testemunho da bênção recebida.

Os fariseus expressam uma dúvida insensata (9:34)

Neste contexto de fé os fariseus manifestaram suas dúvidas. Mais do que duvidar, rejeitaram a Jesus. Não admitiram que os milagres realizados em favor dos dois cegos e do endemoninhado mudo proviessem de Deus. Negaram a ação do poder de Deus na obra de Jesus. “Pelo príncipe dos demônios faz estas coisas”, alegaram. Criam que a rejeição a Jesus era certa; mas havia algo mais nessa conduta. Havia uma estranha defesa do demônio, contraditória e sutil. Disseram que “as boas obras de Jesus eram devidas ao poder do demônio”. Estavam enganados. O demônio não liberta as pessoas, endemoninhados ou pecadores, de sua escravidão; oprime-as. O demônio não dá felicidade às pessoas; aterroriza-as. O demônio não transforma cegos e mudos em testemunhas missionárias; inutiliza-os. Só Jesus pode realizar o que os cegos e o mudo chegaram a ser e o que puderam fazer.

Conclusão: mais obreiros para a colheita (9:35-38)

Do mesmo modo como terminou a primeira seção (Mt 4:23-25), Mateus, com um resumo, conclui a segunda seção que dedicou quase inteiramente a relatos de milagres do Reino. Cada milagre contém também um ensino, e Mateus os relatou, todos juntos, para que em conjunto pudessem demonstrar os poderes do Rei. Ele tem poder sobre indivíduos, sobre enfermidades, sobre a natureza, sobre a incredulidade, sobre o pecado e sobre a morte. É o Rei, o Messias. Possui todos os poderes e os usa em benefício dos seres humanos e para cumprir melhor a missão que O trouxe a este mundo: salvar pecadores. Todos os setores da sociedade humana se beneficiam com Seus trabalhos. Pobres, pessoas sem influência social, dirigentes religiosos, dirigentes militares, párias da sociedade, ricos, cativos do demônio, judeus, gentios. Não discrimina ninguém. É uma mostra da obra uni-

versal que realiza. É verdade que está restrito ao território de Israel, o povo de Deus, mas não trabalha exclusivamente para os israelitas. Seu objetivo é o mundo inteiro.

Território e pessoas, um ministério eficiente (9:35, 36)

Mateus informa que, na terceira viagem pela Galileia, Jesus percorreu todos os povoados e aldeias. Pôde visitar cada um deles, com o objetivo de percorrer todos, durante Seu ministério na Galileia. Eram umas sessenta aldeias e povoados, não impossíveis de ser alcançados ao longo daquele período. Mateus volta a repetir os três aspectos da estratégia de Jesus: pregar, ensinar e curar. Atenção à pessoa humana por completo. Destaca que o tema central está constituído pelo evangelho do Reino. Disse o mesmo no resumo anterior. Neste relatório, há uma preocupação definida em mostrar o interesse geográfico e demográfico de Jesus. Percorria todo o território e tinha compaixão por todas as pessoas. Sentimento esse que se tornava mais forte quando via as multidões, curvadas e desamparadas como ovelhas sem pastor.

Nada é mais triste que um povo sem orientação. Tinham líderes, religiosos e políticos. Bons líderes. E eram inteligentes. Os israelitas foram sempre inteligentes. Dedicados à nação, mostrando-se extremamente nacionalistas; cuidadosos com a religião, indo ao extremo de cair no fanatismo, mas estavam desorientados. Toda essa inteligência e todo esse zelo, servindo a falsos objetivos. Queriam se vingar dos romanos, substituir seu império por um império mundial judeu. Esperavam que o Messias realizasse esse sonho. Tanto o queriam que começaram a ler a profecia impondo a esse ideal o seu conteúdo. Depois disseram que a profecia ensinava o estabelecimento do domínio judeu sobre o mundo inteiro. Deus não prometera isso. Sua promessa era de ordem espiritual, e não política. O mundo inteiro, serviria a Deus, como Ele pediu que os judeus O servissem. O Messias viria para estabelecer esse reino. Jesus o chamou Reino dos Céus para que os judeus não o confundissem com o seu sonho de império judeu universal. Em sua parte espiritual, ele iniciou quando Jesus veio ao mundo; e chegará a seu estabelecimento pleno, incluindo a condição política do planeta, quando o Messias vier

pela segunda vez. Se os líderes tivessem seguido essa orientação, sua liderança teria sido diferente. Tivessem sido fiéis pastores do rebanho, o povo não estaria arrasado e desamparado.

Se Jesus percorresse hoje, como o fez no passado, todas as cidades e povos do mundo, possivelmente teria a mesma impressão que teve na Galileia. Desamparados e oprimidos! Muitos dirigentes do mundo só levam em conta o povo, quando pensam em conseguir votos, impostos, soldos e mão de obra. Há preocupação com a saúde, educação e pregação; sim, mas olhando a população total do mundo, quão poucos se beneficiam com essas coisas. Mesmo que os líderes religiosos e políticos do mundo atendessem a essas necessidades do povo, quanta orientação espiritual autêntica lhe é dispensada igual à que Jesus partilhava quando visitava as pessoas, em Suas viagens pela Galileia? Isso não afeta só os líderes religiosos, também inclui os líderes políticos; porque, embora a Igreja e o Estado devam estar separados, os líderes políticos não devem dificultar a pregação do verdadeiro evangelho.

A colheita (9:37, 38)

“A colheita é abundante”, disse Jesus a Seus discípulos, “mas poucos são os obreiros.” A colheita começou com a pregação de Jesus quando anunciou a chegada do Reino dos Céus, e terminará quando Ele vier, pela segunda vez, para consumir o estabelecimento desse Reino eterno. Ele nunca será destruído, conforme anunciou Daniel (2:44), em suas muitas profecias exatas para o tempo do fim (Dn 12:4).

“Roguem, pois, ao Senhor da colheita, que envie obreiros à Sua colheita” (Mt 9:38). Vocês podem ajudar, orando. “A oração do justo pode muito.” O justo que ora identifica-se com a causa pela qual ora. Se for a causa de Deus, identifica-se com Deus. Sua oração é importante para o objetivo de sua súplica e para ele mesmo. Ao identificar-se com a obra de Deus, pela oração, entrega-se a ela para executá-la. E isso é o que acontece com os discípulos. Já estão identificados com a obra de Jesus. No próximo capítulo, Mateus registra o envio missionário dos doze apóstolos e as instruções que Jesus lhes deu para essa missão.



Segundo Grande

10 Discurso: Instruções Missionárias

Jesus era um Mestre que conhecia Seu ofício. Além de ensinar às pessoas, estava preparando os doze apóstolos para que fossem eficientes em sua missão, quando Ele retornasse ao Pai. Foram postos em contato com as pessoas. E eles tinham orientado os seguidores quanto à acomodação, ordem, e tinham respondido às suas perguntas. Também atenderam aos interessados, explicando-lhes as Escrituras. Faziam tudo o que os ajudantes fazem em um serviço espiritual da mesma importância que tinha o serviço de Jesus. Porém, nunca tinham trabalhado sozinhos. Sempre trabalharam com Jesus e agora precisavam praticar sem a presença do Mestre.

No capítulo 10, Mateus conta como Jesus planejou e como os instruiu quanto à sua saída para o campo missionário.

A missão para os doze (10:1-4)

O plano missionário incluía: (1) Autoridade – sobre as forças do mal, sobre as enfermidades e sobre todas as debilidades do ser humano. (2) Organização – os doze foram organizados em três grupos de quatro; e cada grupo, de dois em dois. E (3) uma obra concreta que deviam fazer: pregar e curar.

Autoridade sobre as forças do mal (10:1)

Em primeiro lugar, deu autoridade aos doze. Não era a autoridade dos dirigentes sobre os dirigidos. No futuro, haveria dirigentes mas não dirigidos, porque entre Seus seguidores, os líderes são servos da comunidade, cujos membros seriam todos os voluntários, incluindo aqueles que recebessem salário. Todos entram na obra de Cristo por opção pessoal. Não são forçados, contratados, ou assalariados. São voluntários, e voluntários não exigem direitos. Só estão ali para servir.

A autoridade conferida aos discípulos era autoridade sobre os inimigos da causa de Jesus. “Deu-lhes autoridade sobre os espíritos impuros”, diz Mateus. Para expulsá-los quando os encontrassem em pessoas possuídas por eles? Sim. E mais: Essa autoridade abrange tudo o que está relacionado com o reino das trevas. Trata-se de autoridade completa sobre as forças do mal, ou seja, as forças do mal não teriam autoridade sobre eles. Isso seria verdade para todos os que viessem a integrar a Causa de Jesus, em todos os tempos. Isso quer dizer que os discípulos modernos também não devem respeitar as forças do mal, têm autoridade para entrar em seus domínios e libertar seus cativos. Podem libertar do poder que tentarem exercer no interior deles mesmos. Por causa da autoridade concedida por Cristo aos discípulos, o mal não teria força para arrastá-los a seus domínios. Livres do mal, poderiam cumprir a missão com determinação e segurança.

Em segundo lugar, deu-lhes um ministério de saúde. Deveriam curar toda enfermidade física. A enfermidade que afeta o corpo. É certo que nenhuma enfermidade afeta apenas uma parte do corpo. Todas afetam a pessoa por completo. Mas é pela parte física que a maior parte das enfermidades é identificada. Um cego, por exemplo, tem os olhos doentes. A caminho da casa de Jairo, Jesus curou um cego. O leproso tem afetados os músculos e a pele. Os discípulos teriam poder para curar a parte visível da enfermidade. Essa missão não terminaria nunca. Deveriam curar doentes, fosse por um milagre ou pelo uso da medicina.

Em terceiro lugar, deu-lhes um ministério espiritual sobre todas as debilidades. Também deveriam curar toda debilidade, como a que

uma pessoa sofre quando está doente ou convalescente de uma enfermidade. Significa a parte espiritual que adocece quando o corpo também está doente, ou mesmo sem nenhuma enfermidade do corpo. Inclui a recuperação de todas as deficiências que uma pessoa possa ter: espirituais, mentais, psicológicas, intelectuais e emocionais.

Os instrumentos que os discípulos deviam usar para cumprir essa missão eram quase os mesmos que Jesus utilizava: cura, ensino e pregação com autoridade.

Os doze apóstolos (10:2-4)

Esta é a primeira vez que Mateus chama os doze com o nome de apóstolos, que quer dizer enviados. Sem dúvida, porque esta é também a primeira vez que Jesus os envia em uma viagem missionária. É interessante observar de perto os elementos presentes nesta lista. Quase todos eram galileus, pertencentes à mesma classe social, classe média, constituída por apenas dez por cento da população judaica da Palestina. Eram de variados ofícios: pescadores, um publicano (Mateus), um revolucionário (Simão Zelote), possivelmente um tintureiro (Judas Iscariotes).

Os doze estão divididos em três grupos de quatro, cada um com seu líder: Pedro, Felipe e Tiago. Aparecem informações sobre Felipe em João 6:5-7; 12:21-22; 14:8-14. Parece que a menor unidade nesta organização apostólica foi uma koinonia de quatro membros. Por sua vez, em cada grupo, os apóstolos são mencionados de dois em dois. Isso sugere o modo como realizavam a obra que deviam fazer: de dois em dois.

Se a igreja hoje observasse os mesmos princípios da organização apostólica, quanto às unidades de base que executam a obra, teria êxito semelhante ao que os doze tiveram nessa missão, bem como a igreja primitiva no primeiro século. A obra que deviam fazer incluía a pregação do evangelho do Reino e a cura dos doentes.

Instruções específicas (10:5-15)

Jesus nunca os enviaria sem antes lhes dar instruções claras. *Primeiro*, porque jamais confiará uma tarefa a alguém sem lhe dizer, especificamente, o que deve fazer. Quando uma pessoa sabe o que

tem de fazer, conhece sua responsabilidade e sabe avaliar seu trabalho. Sabe quanto tem feito e quanto ainda falta. Sabe se tiver terminado com êxito ou se tiver fracassado. Sabe se seu trabalho produz satisfação a quem lhe confiou a tarefa e, muito importante, se traz satisfação a ela mesma. A pessoa se sente satisfeita e feliz quando cumpre bem a tarefa. Sem instruções precisas, é impossível avaliar o que faz, e nunca encontrará seu próprio sentido de utilidade no serviço.

Segundo, porque os discípulos ainda não estavam totalmente adequados para a tarefa, embora estivessem muito perto disso. Nunca a tinham feito. Tinha visto como Jesus fazia, mas não era a mesma coisa. Ver não é o mesmo que fazer. Fazer é sempre mais complicado. Além disso, não sabemos se podemos fazer determinada coisa até que venhamos a fazê-la. Instruir claramente como cumprir uma missão ajuda muito para que ela seja cumprida aceitavelmente. E isso foi o que Jesus fez. Deu-lhes instruções.

Território e objetivo populacional (10:5, 6)

“Não vão a território gentio”, disse-lhes Jesus, “nem entrem em nenhum povoado samaritano. Isso despertaria preconceito por parte dos dirigentes judeus, colocaria o povo contra vocês e teriam que explicar por que o fazem. As discussões seriam sem fim. Não estamos aqui para isso. Nossa tarefa é a salvação das pessoas e temos que consagrar todas nossas energias a isso. Tudo o que nos distraia é contrário à missão. Não o façam.”

“Mas, de preferência”, acrescentou Jesus, “procurem as ovelhas perdidas da casa de Israel.” Este é o objetivo populacional que têm: a nação israelita. Seu território de ação era a Palestina judaica. Jesus queria dar as melhores oportunidades ao Seu próprio povo. O evangelho do reino era primeiramente para eles. Caso se convertessem, ajudariam enormemente à missão no mundo.

A mensagem (10:7)

“À medida que forem”, disse-lhes, “preguem: O Reino dos Céus está próximo e está aqui.” Era a mesma mensagem pregada por João Batista. Jesus também pregava a mesma mensagem. Os discípulos deveriam

imitá-Lo. Fazer um trabalho imitando Alguém que o tem realizado com perfeição é sempre mais fácil. Mas não era só por isso que deviam pregar a mesma mensagem pregada por Jesus. Por qual grande motivo então deveriam fazê-lo? Essa era a mensagem verdadeira, a mensagem de Deus para aquele momento e para aquelas pessoas. Como deviam fazê-lo? Não seria com repreensão. A repreensão causa dor e aliena quem ouve. As pessoas estavam cansadas de praticar uma religião condenatória. Já tinham tido suficientes litígios no tribunal. Necessitavam de uma religião de amor. Como a de Jesus. Suas palavras eram suaves e penetrantes. Seus argumentos, claros e convincentes. Sua mensagem, terna e compassiva. Quando repreendia, tinha lágrimas em Sua voz. E o tom de Suas expressões, sendo firme, era delicado e bondoso. Tinha vindo para salvar e fazia tudo para alcançar esse objetivo.

Obras de misericórdia (10:8)

“Curai os doentes”, disse-lhes, “expeli demônios; de graça recebestes, de graça daí.” Essa era a obra de Cristo, e Seus seguidores devem continuá-la. Primeiro, terão que fazer o bem às pessoas. Uma corrente vital é transmitida ao necessitado, quando lhe é feita uma obra de misericórdia. Depois, o evangelho lhe deverá ser apresentado. Entretanto, este *depois*, não precisa se deslocar no tempo. As duas obras podem caminhar juntas, mas a obra de misericórdia deve preceder o evangelho. Não é necessário pensar que as pessoas virão pelos pães e os peixes; portanto, não será preciso lhes dar peixes nem pães. A necessidade é prioritária. Atendendo à prioridade, se chega ao coração. Era o que Jesus fazia. Ele ocupou muito mais tempo em fazer obras de misericórdia do que em pregar. Porém, acontece que os atos de bondade são parte do evangelho; por isso, o evangelho soa tão bem depois desses atos. Tendo parte do evangelho dentro de si, com a mesma prontidão com que aceitaram a obra do bem, aceitarão o restante do evangelho.

Vivam como vive o povo (10:9, 10)

“Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre no cinto”, disse-lhes Jesus, “nem de alforje para o caminho, nem de duas

túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento.” O tempo que empregariam na missão era curto. Não precisavam levar o que não necessitariam. O cinturão usado para guardar o dinheiro deveria estar vazio. Jesus não esperava que gastassem na missão o pouco que tivessem, antes de partir nessa viagem. A missão devia se sustentar a si mesma. A roupa e a comida necessárias durante sua atividade missionária seriam providenciadas por aqueles a quem servissem. Mereciam que lhes *dessem* seu sustento (1Co 9:13, 14). Isso implicava que deviam trabalhar de tal modo que o *merecessem*.

A responsabilidade estava nos dois lados: na qualidade do trabalho desenvolvido pelo missionário e na generosidade dos que fossem beneficiados por esse trabalho. Era importante que se vestissem e comessem como o povo. O que não significava liberdade para comer ou vestir qualquer coisa, mesmo que isso afetasse à saúde. Muito longe disso. Recordemos que Jesus, nesta viagem, enviou os discípulos a trabalhar somente pelo povo de Israel. E eles não comiam alimentos imundos que pusessem a saúde em risco, nem se vestiam indecorosamente. Facilmente poderiam se vestir e comer como eles, sem quebrantar nenhum princípio de saúde. Ao mesmo tempo, poderiam evitar as barreiras sociais que os tivessem separado do povo, provocando sua rejeição. Este era o princípio: “Não se alienem do povo.”

Hospedem-se na casa de uma família digna (10:11-15)

“E, em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes” (Mt 10:11). Não só deviam comer e vestir como o povo, mas também tinham que viver como vivia o povo. Nada melhor, para isso, que viver com o povo. Durante séculos, os missionários cristãos seguiram esse princípio. Comiam e vestiam como o povo vestia e comia. Quando estavam em viagem, se hospedavam com pessoas crentes que os recebiam em casa. Não faz muito tempo que isso mudou. A sofisticação da vida trouxe profunda transformação nos costumes de todo o mundo e afetou também os cristãos. Um dos elementos da mudança se

chama privacidade. Valoriza-se exageradamente a privacidade das pessoas, a ponto de ser considerada direito individual, que todos devem respeitar. Para respeitar a privacidade do missionário, ao mesmo tempo que se respeita a privacidade dos crentes a quem o missionário serve, prefere-se que o missionário não viva com os crentes. Um hotel é considerado melhor. Em muitos lugares, se segue o mesmo princípio até mesmo quando parentes estão envolvidos, ou seja, hospeda-se o parente de visita em um hotel. Para comer, todos se juntam em um restaurante.

Não era isso o que Jesus queria. Ele orientou no sentido de que, quando um missionário chegasse a um lugar, procurasse a família mais digna. A mais querida, a mais respeitada, a mais séria, a de maior prestígio. Hospedando-se nesse lugar, poderiam trabalhar com os que possivelmente tivessem mais disposição para aceitar a mensagem, e teriam seu trabalho respaldado pelo prestígio dessa família. Deviam permanecer na mesma casa, todo o tempo em que estivessem no lugar. Desse modo dariam a todos boa impressão de estabilidade e de invariável aceitação, por parte de seus anfitriões. Era algo muito positivo para a missão a ser cumprida.

Conselhos para os perigos futuros da missão (10:16-31)

Jesus estende Seu olhar para o futuro da missão, na vida dos apóstolos e além deles. Estende-o a todos os séculos em que a missão será a tarefa principal de Seus seguidores, até Seu retorno ao mundo. Virão tempos difíceis. É necessário que saibam disso, para que possam agir corretamente. Seus conselhos foram de grande valor para os tempos que já transcorreram e o serão para o futuro. O pior para vocês não será o que os outros lhes farão, mas como vocês reagirão.

Sejam prudentes (10:16)

“Eis que Eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos.” Esses lobos estarão à espreita por todos lados. Nunca lhes farão bem algum. Embora se apresentem disfarçados de ovelhas, não têm boas

intenções para com vocês. Dirão que são profetas verdadeiros; entretanto, cuidem-se, pois são falsos profetas. Desejarão convencê-los de que os espinheiros produzem uvas e que há figos nos abrolhos (Mt 7:15). “Sejam prudentes”, só esperem um pouco e perceberão seu engano. É impossível haver uvas nos espinheiros e figos nos abrolhos. Jamais acontecerá isso. Sempre tratarão de devorar as ovelhas do redil de vocês. Sejam prudentes, não tenham ajudantes assalariados. Eles não enfrentam o perigo, fogem dele e deixam as ovelhas à mercê dos lobos, porque não se importam com elas, cuidam apenas de si mesmos (Jo 10:12, 13).

É chocante, mas devem sabê-lo. Entre vocês mesmos haverá lobos vorazes que não perdoarão o rebanho. Falarão perversidades contra vocês, contra a igreja, contra Meus ensinos e contra Minha própria pessoa; a ponto de se tornarem como líderes, sem que o sejam, porque amam ter pessoas dispostas a segui-los. Sejam prudentes, vigiem. Não se deixem surpreender, cuidem das ovelhas, ensinando-lhes a sã doutrina que de Mim receberam. “Sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas.”

Como as serpentes, sejam cautelosos e rápidos para agir; mas sem maldade e sem dolo, como as pombas. Não usem as artimanhas dos lobos, seus enganos, suas más intenções, seu costumeiro ataque destrutivo, sua falsa modéstia de ovelhas consagradas. Prudência. O sábio prudente discerne todas as coisas, e nada o atinge. A humilde prudência do servo sabe a quem serve e o serve sem egoísmo. A sensível prudência espiritual do líder percebe as armadilhas do inimigo, porque o Espírito Santo o ilumina.

Desconfiem dos incrédulos (10:17, 18)

“E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas; por Minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis.” Quando simularem ser amigos de vocês, é quando mais devem ter cuidado com eles. Os que não conhecem a Deus nunca sabem o que é bom. Não têm bom julgamento e podem pensar que lhes estão fazendo um favor, quando na realidade os estão traindo. São maus confidentes. Não

lhes confiem seus segredos. Seus conselhos não têm a sabedoria de Deus, e a sabedoria do mundo é inimiga. Se o conselho de amigos requer cautela, só cabe a rejeição quanto ao conselho dos inimigos.

Além disso, lembrem-se: quando os levarem cativos, não é a vocês a quem eles perseguem. Levam-nos por Minha causa. Entretanto, há em tudo isso uma coisa excelente que não devem esquecer nunca. Por causa de pessoas que os trairão, vocês terão oportunidade de comparecer diante de autoridades. Essa é uma extraordinária oportunidade para testemunhar. Não a desperdicem. Elas também precisam conhecer o evangelho. Comunicuem-no.

Não se preocupem (10:19, 20)

Não se preocupem com as palavras que deverão falar nessas circunstâncias. Nem preparem de antemão os argumentos que usarão. Não serão discursos aprendidos nem peças literárias preparadas em seus gabinetes de estudo que deverão usar. O Espírito Santo Se ocupará disso. Ele lhes dará as palavras apropriadas. Essas que tocam o lugar no qual se originam as decisões da vontade. Dará argumentos convincentes. Lembrem-se de que a convicção não surge necessariamente do que vocês disserem. Nasce pela obra do Espírito na mente das pessoas que escutarem as palavras de vocês.

Por outro lado, a igreja não se fez mais fraca pela perseguição, nem a perseguição jamais destruiu a fé dos crentes. Houve tempos nos quais os crentes foram torturados em masmorras, humilhados em tribunais, lançados às feras, queimados pelas chamas; mas não decaiu seu ânimo, sua segurança em Cristo nunca diminuiu e jamais perderam a esperança. Não se preocupem quando forem perseguidos. Tudo contribuirá para o progresso da missão.

Perseverem até o fim (10:21, 22)

Tudo o que precisam é perseverar. Não fiquem assombrados se seus próprios parentes os traírem. Muitas vezes, surgem conflitos dentro das famílias, quando um de seus membros se torna crente. Pai e mãe, ofendidos por que creem que a fé apoiada no cristianismo bíblico destrói as práticas religiosas tradicionais da família, reagem

com violência. Irmãos e irmãs lhe voltam as costas, porque sentem que a nova fé chega a ser um desprestígio perante seus pares ou uma espécie de atentado contra sua própria liberdade para viver de qualquer maneira, como gostariam. Há mil razões para o conflito. Não desanimem. Perseverem. Não deixem que o conflito se transforme em uma questão pessoal na qual vocês também se sintam ofendidos. Não discutam. Não se irrite. Usem a ocasião para demonstrar paciência, boa vontade, compreensão e afeto. Sejam tolerantes e bondosos. O afeto gera afeto e o amor concebe amor. Uma convicção pacientemente vivida produzirá admiração.

Fujam de cidade em cidade (10:23)

“Quando os perseguirem em uma cidade”, disse-lhes Jesus, “fujam para outra.” Mas não sejam covardes. Fujam para outra cidade a fim de ali continuar sua obra. Não confundam perseverança com teimosia. Não fiquem temerariamente numa cidade onde sejam perseguidos porque isso produzirá mais perdas à missão, do que ir continuá-la em outra cidade. Lembrem-se? Quando o Filho do Homem foi rejeitado em Nazaré, Ele Se foi para Cafarnaum. Quando os fariseus quiseram matá-Lo no lugar onde curou a mão paralisada de um homem, foi para outro lugar (Mt 12:13, 14). Assim fizeram também os cristãos de Jerusalém. Quando foram perseguidos nessa cidade, dispersaram-se por muitos lugares (At 8:1-4). A perseguição muitas vezes difundiu a luz em mais e melhores lugares.

Sejam como seu Mestre (10:24, 25)

“Sereis odiados de todos por causa do Meu nome” (Mt 10:22). Agora lhes diz: “O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor.” Mas nisto vocês podem ser como seu Mestre. Chamaram-Me Belzebu. Farão o mesmo com vocês, mas não se preocupem. Se os perseguirem, vocês herdarão o Reino dos Céus (Mt 5:10). Tomem-no como motivo de alegria e felicidade, porque terão grande recompensa nos Céus (Mt 5:11, 12). Paulo sentia isso quando disse: “Perdi tudo, a fim de conhecer Cristo, experimentar o poder que se manifestou em Sua ressurreição, participar de Seus

sofrimentos e chegar a ser como Ele em Sua morte” (Fp 3:10). Ser cristão é ser como o Mestre em tudo, incluindo as perseguições e os sofrimentos. Nada existe melhor. Com Ele agora em tudo significa: em tudo com Ele *eternamente*.

Ajam sem temor (10:26-31)

“Assim”, disse Jesus aos discípulos, “não lhes tenham medo.” Por que não? *Primeiro*, “pois nada há encoberto que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido”. Se em suas ocultas emoções vocês tivessem temor deles, eles o saberiam e a perseguição seria pior. Mas se não os temessem, também eles saberiam e seriam estimulados a persegui-los. A audácia sempre reduz a agressão. Há grande diferença entre atacar um covarde e atacar um valente. Mesmo os poderosos respeitam mais os valentes que os covardes. Não tenham medo. *Segundo*, “o que vos digo às escuras, digei-o a plena luz; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o dos eirados”. Dei-lhes uma missão. Devem cumpri-la. Não podem se deixar amordaçar por ninguém, nem por seus perseguidores.

O cumprimento da missão lhes dará uma audácia inusitada, semelhante à que os heróis experimentam no campo de batalha. Quando a situação é mais crítica, a identidade pessoal com a missão e a vontade mais determinada de executá-la lhes infundirão uma ousadia adicional que os empurrará para o heroísmo. Não tenham medo de ninguém. *Terceiro*, “não temam os que matam o corpo”, continuou Jesus, “mas não podem matar a alma”. Lembrem-se: eles têm poder limitado, e seu domínio é mais limitado ainda, pois está reduzido a este mundo, a este tempo, a esta vida. Eles não têm poder algum sobre a eternidade. Para vocês, a vida eterna já começou e, por isso, estão fora do alcance deles. Podem destruí-los temporariamente, nada mais. Embora vocês venham a morrer, não morrerão eternamente. Quando Cristo voltar, vocês ressuscitarão para continuar vivendo a vida eterna que, pela fé, Deus já lhes concedeu. Além disso, o domínio dos inimigos é relativo. Não é absoluto. Só podem fazer o que Eu lhes permitir, na medida em que os permitir e pelo tempo que Eu quiser.

Tenham a segurança de que nada lhes permitirei fazer que não favoreça a missão. E, se vocês morrerem por ela, para seu maior progresso morrem; e isso é exatamente o que vocês e Eu estamos dispostos a fazer. O importante agora não é quanto tempo vocês viverão sobre a Terra, mas quão eficientes serão para a salvação de outros. Eu morri na cruz por eles. A morte não é o fim de nada, quando ela acontece para a salvação de outros.

Não tenham medo. Eles não podem matá-los eternamente. Mas tenham o temor de Deus, respeitando-O e obedecendo-O em tudo. Estejam sempre associados a Ele na missão porque, acima de tudo, a missão que Eu lhes confiei a Ele pertence. É dEle. Ele sim, tem poderes ilimitados, que abrangem a vida aqui e agora, bem como a vida posterior nos tempos eternos. Ele os ajudará a enfrentar as dificuldades da perseguição e toda outra dificuldade que houver nos trabalhos da missão.

Nada lhes acontecerá sem o amparo dEle. Vocês frequentemente veem os pardais nas ruas. Há muitos. Eles não valem nada. Ninguém compraria um pardal, nem para dá-lo de alimento a seu gato. Na escala de valores de vocês homens, nada valem. Entretanto nenhum deles morre sem que Deus o permita. E os cabelos de vocês, quantos têm? Certamente não sabem, nem se importam com isso. Entretanto, Deus os têm contado. Já lhes disse, volto a repeti-lo para que nunca o esqueçam: não tenham medo de seus perseguidores. Vocês são mais valiosos para Deus, que todos os pardais juntos. Ele cuidará de vocês cada instante da vida e com vocês estará para sempre na vida eterna que lhes dá.

Confissão de fé perante os seres humanos (10:32-42)

Jesus está chegando ao fim de Seu discurso. Já lhes deu todas as instruções básicas para as atividades da missão. Agora considera o valor da confissão ou o testemunho que os discípulos darão aos outros a respeito dEle. Há nisso três assuntos vitais: Dois, relacionados com os crentes e um, com os ouvintes de seu testemunho. Primeiro, como é a relação do crente com Jesus e como é a relação de Jesus com o crente. Segundo, quem é um crente digno de Jesus. E terceiro, o significado da recepção dos apóstolos e sua mensagem para quem os recebe.

Mútua relação entre Jesus e o crente (10:32, 33)

A missão determina a relação mútua entre o crente e Jesus. “Todo aquele que Me confessar diante dos homens, também Eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos Céus.” Vocês serão levados perante os tribunais para testemunharem por Mim. Se estiverem perante os magistrados ou governantes, confessem o Meu nome, quer dizer, se falarem a favor de Mim com toda a clareza, declarando-se Meus seguidores e servidores, Eu também falarei bem de vocês, no tribunal de Meu Pai que está nos Céus. Mas, se Me negarem, no sentido de Me rejeitar, dizendo que não são Meus seguidores e que não estão cumprindo as tarefas que Eu lhes mandei executar ou se arrependerem de as haver realizado, também Eu os rejeitarei no tribunal de Meu Pai.

Que faremos nós sem Sua defesa no dia do julgamento? Esse será o momento em que mais a necessitaremos. Seu sangue nos limpa do pecado no momento em que cremos e, pela fé nesse sangue, temos o dom da salvação. Mas se O negamos, rejeitando-O, depois de haver aceitado tão grande salvação, nos expomos à condenação do juízo. Isso não significa que devemos cumprir a missão por medo da condenação do juízo; longe disso. Nossa fidelidade à missão nasce de nossa fidelidade a Jesus. Se O amarmos, e com todas as nossas energias O servirmos, com as mesmas energias consagradas, com o mesmo amor multiplicado pelo Espírito Santo, cumpriremos a missão para o engrandecimento de Seu nome e para a glória do Pai. Nós O confessaremos perante os homens e Ele nos confessará perante o Pai. Não se trata de complô de ajuda mútua entre amigos. Trata-se de um serviço, por causa da mútua relação que existe entre nós e Cristo, graças à Sua obra de amor.

O crente digno de Jesus (10:34-39)

“Não vim trazer paz à Terra”, disse Jesus, “mas espada. Vim causar conflito entre o homem e os membros de sua própria casa.” Isso parece contradição, mas não é. Como se entende, então, que Jesus, autor da reconciliação do ser humano com Deus, traga espada e conflito? Nada complicado. A humanidade se encontra no meio de

um milenar conflito entre o bem e o mal, que teve início no Céu, quando eram feitos os planos para a criação do mundo. A divindade, em Seu concílio trinitário, planejou todos os detalhes e determinou que o executor do plano fosse Deus Filho.

O número um de todos os seres criados, Lúcifer, dirigente das hostes angélicas e encarregado dos coros celestiais que sem cessar adoram a Deus, queria essa obra para si, com a honra que tal tarefa significava. Mas ele não podia executá-la. Ela deveria ser realizada somente por um Ser que tivesse vida em Si mesmo: Deus. E Lúcifer era criado. Não tinha vida própria. A vida concedida que possuía não era suficiente para poder criar vida. Então, ele se ofendeu. “Se Deus for Todo-Poderoso, deve estar em condições de suprir em mim o que me falta, se não o faz é porque não quer. Despreza-me”, pensou, confundindo-se com a realidade do problema. Não era o desprezo de Deus. Era o sentimento de inveja que, por sua própria iniciativa, começava a nascer em sua mente. E o cultivou, permitindo-lhe crescer de tal maneira que gerou a rebelião no Céu. Um grupo de anjos seguiu a Lúcifer. Quando a Terra foi criada, tratou de atrair Adão e Eva às suas convicções, e conseguiu. Foi assim que o conflito entre o bem e o mal se trasladou para a Terra.

Quando Jesus veio, Sua vinda representou uma invasão do bem no território que Lúcifer, convertido em Satanás, reclamava como sua propriedade. Seu avanço no território inimigo aguçou o conflito. Essa é a espada que Jesus trouxe. Ele não veio assinar uma trégua nessa guerra. Veio torná-la mais aguda e acelerar o seu desenlace. A cruz já não é uma promessa com plena realidade no futuro. É um fato histórico, uma vitória definitiva já acontecida do bem contra o mal. O mal foi atacado mais diretamente que antes. Agora continua ampliando sua derrota, a qual continuará em aumento até sua completa destruição na segunda vinda de Cristo.

“Por isso, aquele que ama qualquer coisa que está no lado do mal, mais do que a Mim”, disse Jesus, “não é digno de Mim.” Digno de Mim é o que participa comigo nessa luta. Pode ser que no lado do mal se encontre um pai, mãe, irmão, irmã, filho, filha, um ser amado, muito amado. Que fazer? Só resta uma alternativa: Permanecer

com Jesus. Continuar com Ele na missão, pois a missão é a forma visível da guerra e a única maneira de salvar os que, consciente ou inconscientemente, militam no exército do mal. Deixar os seres amados, quando eles optam pelo mal, pode se tornar uma cruz muito pesada; mas precisamos tomá-la e seguir a Jesus. “Quem toma a sua cruz e Me segue, é digno de mim. E aquele que perde a sua vida”, disse Jesus, “por Minha causa, a encontrará.”

Quem recebe a vocês, a Mim recebe (10:40-42)

“Quem os recebe”, disse Jesus aos apóstolos, como um profeta ou como um justo, “recebe a Mim; e o que Me recebe, recebe aquele que Me enviou.” Quem receber os discípulos terá sua recompensa. É igual aos profetas, igual aos justos, igual a Jesus mesmo. Porque quem é recebido, na realidade, é o Rei de Israel, o próprio Salvador, o próprio Deus.

11

As Credenciais do Messias

A terceira viagem pela Galileia (11:1)

Enquanto os doze apóstolos realizavam a sua viagem missionária, Jesus, acompanhado por outros discípulos, foi ensinar e pregar em outras cidades que eles não visitaram.

Jesus, o Rei que devia vir

Mateus introduz uma nova seção narrativa. Desta vez concentra os relatos e os ensinamentos de Jesus para demonstrar que o Rei prometido antigamente, que tinha que vir, e que veio, é Jesus. A pergunta de João Batista, através de seus discípulos, é a melhor introdução ao tema.

É você o que tinha que vir? (11:2-19)

João tinha pregado a respeito de Jesus com uma segurança inalterável. Antes que Jesus o visitasse à margem do Jordão, no momento da visita e depois dela, uma coisa era clara: “O que vem depois de mim”, disse, “batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Mt 3:11). Além disso, o próprio João declarou: “Este é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29). Nunca vacilou. Bem sabia quem era Jesus. A solidão de seu longo aprisionamento, um ano mais ou menos, e as constantes perguntas de seus discípulos sobre a obra de Jesus produziram seu efeito. Será Ele realmente?

Pergunta de confirmação (11:2, 3)

“João estava no cárcere”, Mateus informa. E se inteirou do que Cristo estava fazendo. Pela primeira vez, Mateus aplica os títulos de Ungido, Messias e Cristo a Jesus. Não é um descuido. Intencionalmente dá testemunho de que Jesus é o Messias. Por meio de quem foi João informado? Certamente, por meio de seus discípulos. Quem mais lhe levaria notícias a respeito de Jesus? Não seria Herodes Antipas, que o tinha posto no cárcere do Maquerontes, ao leste do Mar Morto, pois ainda não dava atenção a Jesus. Somente depois de decretar a morte do Batista é que se interessaria por Ele, por causa da angústia que lhe causava a ideia de que João Batista tivesse ressuscitado.

Os discípulos de João tinham ouvido os argumentos dos fariseus e, pelo menos uma vez, fizeram causa comum com eles, questionando a Jesus por que Seus discípulos não jejuavam. Tiveram a impressão de que Jesus Se afastava da austeridade da pregação e da vida de João. E, com toda segurança, transmitiram estes pensamentos a João, que não chegou a duvidar, porém, necessitava de confirmação, especialmente por causa dos seus discípulos.

Enviou-os então com uma pergunta direta, a mais direta possível: “É você o que tem que vir, ou devemos esperar outro?” “O que vem” é uma expressão messiânica muito usada na literatura judaica escrita no período intertestamentário, entre o último escritor do Antigo Testamento e o primeiro do Novo. Esses escritores se apoiavam em duas passagens do Antigo Testamento para se referir ao “Messias que vem”: “Bendito o que vem no nome de Jeová” (Sl 118:26), e “virá o Redentor a Sião e aos que se voltam da iniquidade em Jacó, diz Jeová” (Is 59:20). Os que pensam que João Batista só esperava o cumprimento da promessa do retorno de Elias, quando disse: “o que vem depois de mim é mais poderoso que eu”, estão muito enganados. Aqui há uma clara referência ao Messias. João esperava o Messias. Sabia pelas profecias. Agora queria uma confirmação por meio das próprias palavras de Jesus.

Jesus o confirma (11:4-19)

“Respondeu Jesus”, diz Mateus, que estava presente e O ouviu. Seu relato é ao mesmo tempo o relatório de um fato histórico e um

testemunho pessoal do que Jesus disse. Sua resposta fornece a confirmação solicitada por João, que a estende à multidão.

“Vão e contem a João”, disse Jesus àqueles discípulos. O que deveriam contar? Duas coisas: o que estão vendo e o que estão ouvindo. O que veem? Milagres que somente o Messias seria capaz de fazer, por sua natureza e por sua quantidade. “Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o evangelho.” O que ouvem? Os comentários maravilhados das pessoas e as palavras que Jesus lhes dirige diretamente: “Bem-aventurado o que não tropeça por Minha causa.” Originalmente, nesse texto, o verbo tropeçar significa o que não induz outro a abandonar sua fé. Sem dúvida, os discípulos de João viram nessa frase um conhecimento, a respeito deles, que uma pessoa comum não podia ter. Quer dizer, Jesus fazia os milagres do Messias e, como Messias, conhecia as intenções não reveladas de seus interlocutores, suas próprias dúvidas, que não eram de João. Era o Messias. Então, já não tratariam de influenciar seu mestre com argumentos negativos. Tinham a confirmação que eles e ele, João, necessitavam.

Quando os discípulos de João se retiraram, Jesus Se voltou para a multidão, a fim de ampliar a resposta. As pessoas ouviram a conversa com os discípulos de João e conheciam o Batista. Algumas pensaram mal a respeito de João. Como podia ele fazer essa pergunta? Acaso, imagina ele que Jesus não é quem pensamos que seja? Jesus os surpreendeu uma vez mais. “Que saístes a ver no deserto?”, perguntou-lhes. “Um caniço agitado pelo vento?” “Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que vestem roupas finas assistem nos palácios reais.” Nada disso. O que vocês saíram a ver foi um profeta. E um profeta muito especial. Aquele de quem escreveu o profeta: “Eis que envio o Meu mensageiro, que preparará o caminho diante de Mim” (Mt 11:10; Ml 3:1). Ao citar uma profecia messiânica, confirma a condição profética do Batista e sua própria condição de rudeza no vestir.

“Em verdade vos digo”, continua, “entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista.” Mas não entendam mal. Sua grandeza não é o tipo de grandeza que vocês atribuem a

homens importantes, que deriva da comparação feita entre eles e outros seres humanos. Estamos falando da grandeza no Reino dos Céus, onde o menor é maior que ele. Onde todos são igualmente grandes e ninguém se considera superior aos outros. Por quê? Porque não se comparam entre si. Todos se comparam com Deus. Por isso, todos eles se consideram pequenos. No início da pregação de João Batista, o Reino dos Céus veio crescendo, apesar das dificuldades e, por causa delas, só “os que se esforçam” entram nele. Mas as profecias de todos os profetas e os anúncios da Lei se cumpriram, inclusive a profecia por meio da qual Deus prometeu o retorno do Elias. E se querem saber, o Elias prometido é João Batista. Agora, ouçam-no e aceitem-no, porque se não, serão iguais à sua geração.

“Mas a quem hei de comparar esta geração?”, continuou Jesus, “com moços irresponsáveis que se juntam num lugar para cantar e dançar. E só sabem se queixar, porque convidam outros para que com eles dançam ou chorem, e ninguém responde. Veio João que não comia nem bebia e vocês se queixavam dizendo: tem demônio. Veio o Filho do Homem que come e bebe, e vocês se queixam dizendo: Este é um glutão e bêbado, amigo de publicanos e pecadores. Não percebem que, como a sabedoria se demonstra por seus feitos, os feitos de João Batista e os feitos do Filho do Homem demonstram o que são.”

Jesus tem poder de julgamento (11:20-24)

“Então”, diz Mateus, começou Jesus a denunciar as cidades em que tinha feito a maior parte de Seus milagres (Mt 11:20). Sua denúncia é forte. Uma recriminação. Jesus as tinha favorecido mais que todas as outras. Fez nelas a maior parte de Seus milagres. E os milagres para o povo constituem uma linguagem muito mais convincente que meras palavras. Tampouco as tinha privado de Sua palavra. Nem lhes tinha negado Seu afeto. Receberam tudo. Jesus nunca reprova sem ter esgotado todos os métodos suaves de comunicação e serviço. Mereciam a recriminação. Por quê? Porque não se arrependeram. Estranho! Não tinham rejeitado os milagres.

Cada vez que Jesus aparecia, as pessoas se amontoavam ao Seu lado, levando todo tipo de doentes para que fossem curados.

Queriam milagres. Também não O rejeitaram. Não há registro de que tenham atentado contra Sua vida, como aconteceu em Nazaré ou Jerusalém. O problema delas não era receber. Estavam dispostas a continuar recebendo-O juntamente com Seus milagres. O problema era dar. Nada queriam dar de si; nem seus pecados. Não se arrependeram.

Corazim e Betsaida: piedade por sua ruína (11:21, 22)

“Ai de ti, Corazim! Ai de ti Betsaida!” Eis uma advertência carregada de sentimento piedoso. Não é clamor de vingança nem desejo de castigo, sentimentos que nascem do coração humano, egoísta e pecador. Por outro lado, a piedade e a misericórdia são próprios do Rei e dos súditos de Seu Reino. Mateus quis mostrar que Jesus era o Rei que devia vir, e essa forma de apresentá-Lo demonstra que até nas recriminações Jesus é superior aos mortais. Depois da advertência vem a explicação. Por que a ruína de Corazim e Betsaida? Pela falta de arrependimento, apesar dos milagres que nelas foram realizados.

Em seguida, vem a comparação. Se os mesmos milagres tivessem sido feitos em Tiro e Sidom, há muito que essas cidades teriam se arrependido. Possivelmente, a mesma experiência de Nínive depois da pregação de Jonas. O que acontece aqui? Por que aparentemente os mais afastados de Deus têm mais disposição para o arrependimento que os mais próximos? Será que os mais religiosos se sentem orgulhosos de sua religiosidade ou de sua religião? Será que a pessoa religiosa se torna insensível na rotina de uma piedade formal sem raízes profundas que a revitalizem cada dia, no poder do Espírito Santo?

Como quer que aconteça, é terrível, dolorosamente terrível. Perde-se agora e depois. Agora, a pessoa impenitente perde até o sentido do que Cristo faz por ela. Jesus fazia os milagres para que as pessoas se arrependessem, e elas não se arrependiam. Pensavam que o objetivo do milagre da cura era a saúde do doente, e só procuravam isso. Não se arrependiam. Nem percebiam que Jesus as tratava assim para que se arrependessem e entrassem em Seu Reino.

E depois, o julgamento. “Digo-lhes que no dia do julgamento haverá menos rigor para Tiro e Sidom, cidades fenícias adoradoras do Baal, do que para vocês.” Vocês tiveram oportunidade de se arrepender e não se arrependeram. Tiro e Sidom não se arrependeram porque não tiveram oportunidade para fazê-lo.

Cafarnaum (11:23, 24)

“E você, Cafarnaum”, diz Jesus, “acaso será levantada até ao Céu?” Não, “até ao abismo será abatida”. Agora, Mateus destaca outras qualidades de Jesus como Messias Rei. Tem poder e conhecimento para julgar. Cafarnaum se exalta como Babilônia; considerada por todos os judeus o epicentro do mal. Favorecida com a presença de Jesus e Seus discípulos, teve oportunidade de ver mais milagres que nenhuma outra cidade da Galileia, mas não quis reter o benefício espiritual que lhe foi oferecido.

É certo que Cafarnaum, como toda a Galileia, era uma cidade de população mista, com grande presença de gentios, mas havia muitos judeus. Muito mais que os dez pelos quais Deus teria perdoado as cidades de Sodoma e Gomorra. Jesus sabia que se fossem realizados os mesmos milagres em Sodoma, essa cidade permaneceria até agora. Ninguém mais sabia disso. E ninguém mais sabia que o julgamento haveria de ser mais tolerante para Sodoma do que para Cafarnaum. Ele sabia porque era superior a todos. Era o que devia vir. O Rei.

Jesus possui a revelação e a paz (11:25-30)

Mateus incorpora em seu relato um dito de Jesus que bem poderia ter sido pronunciado imediatamente depois do que acaba de relatar. Mas em Mateus, como já foi dito, sequência cronológica não é tão importante quanto a sequência temática. Nesse dito de Jesus aparecem três assuntos relacionados: a revelação, a posse de todas as coisas e a paz. Só o Rei Messias pode tê-las.

Possui a revelação (11:25, 26)

“Louvo-Te Pai”, disse Jesus. Por quê? Porque a revelação que Ele trouxe foi dada aos que são como meninos, não aos sábios e

nem aos instruídos. Acaso, seria assim por se tratar de ingenuidade ou conhecimento irracional, ou por não possuir, essa revelação, conteúdo algum e os sábios perceberem isso? A questão é mais profunda. Não se trata do conhecimento em si. A revelação tem conteúdo. As palavras de Jesus não são meras palavras. Sua revelação tem que ver com algo mais sério na vida. Tem que ver com a própria vida; e todos os que vivem podem perceber, inclusive os sábios e os instruídos. Também não tem que ver com a capacidade de compreensão dos destinatários. Como aqueles que são como meninos têm maior capacidade que os sábios e os instruídos?

Tem que ver com a vontade de Deus. Sim, “Pai”, diz Jesus, porque essa foi Sua boa vontade. É uma decisão do Pai. A vontade do Pai e a de Jesus estão juntas na revelação. Por isso é que os dois possuem a revelação. O Filho comunica o que o Pai revela, e essa revelação vai aos que são como meninos, não aos sábios nem aos instruídos, porque assim quer o Pai. É essa uma decisão injusta? Discriminatória? Não. Apenas estratégica. A vontade do Pai que assim o determina é a *boa* vontade. E, sendo boa, determina desse modo porque assim é mais conveniente para todos. Primeiro, a revelação do Reino chega aos que são como meninos; depois, passará a todos os outros.

Nesta estratégia, também há, por parte do Pai, uma ação de julgamento. Aos que sabem que sabem, os faz responsáveis. Deixa-os com o que sabem, para que ajam em harmonia com seu conhecimento, porque eles têm mais confiança na tradição erudita do que temor a Deus. Aos que, como meninos, não sabem, Ele ensina. Os sábios não querem aprender; os que não sabem querem aprender. Se revelasse as coisas do Reino aos sábios e não as revelasse aos que não sabem, ninguém as aceitaria. Mas se as revelar aos que estão dispostos a aprender, eles saberão tudo do Reino, se farão súditos dele e, por seu testemunho, os que não estavam dispostos a aprender, por respeitar mais a ciência que a Deus, terão oportunidade de aceitá-Lo. Jesus sabe o que sabe o Pai. Participa de Sua estratégia. Realiza o mesmo julgamento. Sabe distinguir entre os que aceitarão e os que rejeitarão Seu Reino. E é um com o Pai. É Deus.

Possui todas as coisas (11:27)

“Meu Pai”, continuou Jesus, “entregou-Me todas as coisas.” Que coisas? As que pertencem ao Reino, à salvação. Não há outro nome debaixo do céu, dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos (At 4:12). Tudo o que diz respeito à salvação está exclusivamente em Suas mãos. É superior a todos os humanos. Além disso, há uma relação única entre Ele e Deus, como a relação de Pai a Filho. Essa linguagem é tão semelhante à linguagem de João, no quarto evangelho, que esse versículo parece ser dele. Não é. A expressão de Deus, com respeito a Davi: “Eu serei para ele Pai e ele será para Mim meu filho” (2Sm 7:14) foi considerada messiânica e aplicada ao prometido Rei vindouro, o descendente de Davi. Inserida no Antigo Testamento, estava à disposição de qualquer autor do Novo Testamento, e Mateus a usa três vezes (11:27; 24:36; 28:19).

Além de administrar, de maneira exclusiva, os assuntos do reino e da salvação, Jesus também é o Único que sabe os assuntos do Pai. “Ninguém conhece Filho”, Ele acrescentou, “senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho O quiser revelar” (Mt 11:27). A revelação do Pai está sob a administração de Jesus, graças à relação exclusiva que existe entre Eles. É a relação do conhecimento. Um conhecimento que surge da experiência que um tem com o outro, do absoluto entendimento e submissão de um ao outro. Ninguém mais o tem, só Eles dois. Por isso, a boa vontade do Pai, que revela os assuntos do Reino (Mt 11:26), e a vontade do Filho, que revela os assuntos do Pai, são uma e a mesma coisa. Jesus tem a intimidade com Deus, correspondente ao vindouro Rei de Israel, prometido por Deus.

Possui o descanso messiânico (11:28-30)

“Venham a Mim”, acrescenta Jesus, “todos os que estão cansados e oprimidos.” A multidão entendeu. Os mais piedosos sofriam sua religião formal como uma carga pesada que não lhes produzia alívio nem consolo algum. Pecadores e publicanos, desprezados pelos mais religiosos, tinham perdido a esperança. Pesavam

as leis dos dirigentes, pesava o custo dos ritos com os impostos do templo, pesavam as exigências sempre crescentes do sistema religioso judeu, pesava a frieza das formas religiosas que deveriam ser observadas meticulosamente, pesava a relação suspeita que viviam. Pesava a culpa. Nada os libertava da amargura que o pecado deixa na alma. Estavam cansados. Oprimidos também. Todos, incluindo os homens de todos os tempos. Como ignorar a marca deixada na alma pela transgressão e a culpa, os pecados que, ocultos, ficam mordendo a entranha? Como ignorar a aflição da tristeza posterior à desobediência?

“Eu lhes darei descanso”, acrescentou Jesus. Tenho o descanso final. Descanso que abrange a vida, o pecado, as lutas, as sombras, a culpa e o medo. Eu sou o Messias. Eu salvo e redimo. Meu jugo não é como o jugo formal que vocês carregam. É fácil. Não é correio, frívolo ou fútil. É suave. Não porque Eu nada exija. Eu exijo o mesmo. Mas o Meu jugo é mais fácil. Sou aprazível e humilde; sei compreendê-los. Tenho o perdão e a graça. Eu vivo o alívio. Comigo terão bondade e amor, amparo e refúgio. Terão salvação, vida eterna e consolo eterno. Minha justiça é a sua justiça. Meu Reino é de vocês. E de vocês é também o que o Pai Me deu: revelação e milagres, conhecimento e descanso. Tudo. O que sou é de vocês porque sou Salvador, Rei eterno que tinha de vir, sou o Filho; e o Pai, Meu Pai, Me deu todas as coisas para reparti-las.



12

Enfrentando Oposição

Jesus é o Senhor do sábado (12:1-14)

A oposição contra Jesus estava crescendo na Galileia. Mateus já contou algo a respeito, mas se referiu a ela como um assunto de alguns mestres da lei (9:3), dos fariseus (9:34) ou, usando palavras de Jesus, como uma acusação contra Ele, de ser Belzebu (10:25). Agora, o evangelista expõe diretamente o tema. Não se trata só de um protesto por causa dos milagres. O assunto é mais sério: o sábado. Mateus o conta para descrever Jesus como o Senhor com poderes até sobre o sábado. Dois incidentes são relatados como tendo acontecido no sábado: um simples, na seara; o outro na sinagoga, um milagre. Não aconteceram em sequência cronológica. Mateus os coloca juntos para esclarecer bem o tema e demonstrar os poderes de Jesus sobre a lei e, com isso, sobre todas as coisas.

Na seara (12:1-8)

“Passava Jesus pelas searas”, conta Mateus, e Seus discípulos tinham fome. Era o tempo em que o trigo já estava amadurecendo. O loiro ainda esverdeado das espigas dava um sensação de abundância e de beleza em movimento. O trigo maduro, nas espigas, tinha uma suave consistência de corpo definido, sem ser duro. Os discípulos puseram uma espiga sobre a mão esquerda e, com a palma da outra

mão, esfregaram suavemente sobre ela para liberar os grãos de seu pequeno cofre vegetal, e os comeram. Repetiram a mesma operação várias vezes enquanto seguiam a Jesus, sem se deterem. Não foram sozinhos. As pessoas e os fariseus nunca estavam ausentes. “Olhe!”, os fariseus chamam a atenção de Jesus, “Seus discípulos estão fazendo o que no sábado não é lícito.”

Em sua maneira formal de entender a lei, interpretaram que eles colhiam e debulhavam o trigo, duas atividades proibidas pelo quarto mandamento. Estavam certos na forma. Quanto à intenção da lei, estavam errados. Não levaram em conta a fome dos discípulos, que voltavam do trabalho longo e exaustivo. A noite caía sobre eles, quando o cansaço se apoderou de seus corpos ativos desde a madrugada, antes do nascer do sol. Não foi possível se distrair um só instante, nem para comer. Os fariseus não pensaram nisso. Eles jamais pensavam nas pessoas, quando se tratava de um assunto legal. A lei era suprema. Para eles, os homens eram apenas objetos de rígida obediência e sem afeto.

Jesus, sempre paciente e tolerante, desta vez coloca um pouco de ironia em Sua resposta. “Não têm lido”, pergunta-lhes, “o que fez Davi naquela ocasião em que ele e seus companheiros tiveram fome?” Vocês que pretendem saber tudo, às vezes, esquecem ou se fazem de esquecidos para condenar. Davi entrou na casa de Deus e tomou para si e para seus homens o pão sagrado, que só os sacerdotes podiam comer. Vocês, entretanto, poderiam dizer: Isso foi feito por um homem que não cumpriu a lei?

“Não têm lido na lei”, acrescentou Jesus, “que os sacerdotes, por seu trabalho abundante no templo, parecem profanar o sábado e estão sem culpa?” Por quê? Porque, ao oferecer os sacrifícios, não estão executando o trabalho secular do matadouro. Estão realizando um trabalho para Deus, que ajuda na salvação do penitente. E esse é o tipo de trabalho que estes homens estiveram fazendo durante todo o dia. Comem, como Davi, o que têm direito a comer; e, como os sacerdotes, fazem no sábado o que a lei os autoriza. Não há transgressão do sábado.

Além do mais, Eu estou aqui, “maior que o templo”, maior que Davi, maior que o sábado. O próprio Deus quer mais a misericórdia

para com vocês (Os 6:6) do que os sacrifícios feitos pelos sacerdotes no templo. A mesma misericórdia que vocês se recusam a mostrar para com estes homens. Deus quer misericórdia para todas as pessoas, especialmente para os inocentes. Porém, vocês estão condenando os que não são culpados. Por último, concluiu Jesus, “saibam que o Filho do Homem é Senhor até do sábado”. Ele é o Único que pode interpretar seu verdadeiro significado e esclarecer seu objetivo verdadeiro. Ao absolver de culpa os discípulos, Jesus não aboliu o sábado. Apenas mostrou seu verdadeiro sentido: Foi feito para dar o verdadeiro repouso de Deus ao homem, e não para escravizá-lo.

Na sinagoga (12:9-14)

Em outra ocasião, Jesus entrou numa sinagoga, onde havia entre os adoradores um homem que tinha uma das mãos paralisada, seca. Seus inimigos também estavam presentes. Quando O viram, atacaram. “É permitido curar no sábado?”, perguntaram. Não estavam querendo aprender algo. Até esse momento, Jesus não tinha feito nenhum gesto mostrando Seu interesse no milagre. Tampouco o homem doente. A pergunta era apenas provocação. A intenção era limitá-Lo. Desejo de condená-Lo.

Jesus recorreu à lei. “Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha, e, num sábado, esta cair numa cova, não fará todo o esforço, tirando-a dali? Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha? Logo, é lícito, nos sábados, fazer o bem.” O bem a um animal, sim, por certo. Muito mais a um ser humano. E tem mais: Vocês dizem que no sábado não é lícito fazer o bem a alguém, muito menos o mal; então, por que estão pensando em fazer o mal contra Mim, mesmo no sábado?

“Sim”, acrescentou, “é permitido fazer bem no sábado”; e para confirmar Seu senhorio sobre o sábado, fez o milagre. “Estende a mão”, disse ao paraplético, “e a mão ficou restabelecida.” Os fariseus eram maus perdedores. Criaram a disputa com más intenções. Porém, quando Jesus curou o homem, os deixou sem argumentos. Saíram da sinagoga para tramar Sua morte. E era sábado. Eram eles escravos do sábado? Não; eram escravos do mal. Jesus estava livre do mal, só fazia o bem e era Senhor do sábado.

Jesus é o Servo messiânico de Deus (12:15-21)

Mateus prossegue com seus relatos que confirmam Jesus como o Rei que tinha que vir. “Jesus Se retirou daquele lugar”, diz, “e muitos O seguiram.” Curou todos os doentes e lhes ordenou que nada dissessem a ninguém. Especialmente, nada tinham que dizer a respeito de quem era Ele. Por que esse silêncio? “Porque devia se cumprir a profecia do profeta Isaías”, diz Mateus. Uma profecia que contém várias características do Messias (Is 42:1-4).

“Eis aqui o Meu servo, que escolhi, o Meu amado, em quem a Minha alma se compraz. Farei repousar sobre Ele o Meu Espírito, e Ele anunciará juízo aos gentios. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a Sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja, até que faça vencedor o juízo. E, no Seu nome, esperarão os gentios.” Tudo isso se cumpriu em Jesus, de acordo com Mateus. Não era necessário que alguém o dissesse. Era evidente por si mesmo: via-se em Sua pessoa, em Suas ações, em Suas palavras; via-se em todos os Seus milagres. Ele era o Servo messiânico, o Rei de Israel. Tudo o que Jesus fez foram atos de serviço, que glorificavam a Deus e beneficiavam os homens. Todos nos beneficiamos. Hoje, Ele ainda traz consolo ao triste, auxílio ao necessitado, amparo ao desamparado, salvação aos perdidos.

Jesus pode vencer Seus inimigos (12:22-37)

Os inimigos de Jesus nunca descansam. Por que razão Ele tem opositores? Só faz o bem a todo mundo. Ninguém que O procura volta vazio. Volta com bênçãos, ou cheio de ira. Não há neutralidade. Há uma clara divisão das pessoas, como num julgamento. Os bons estão com Ele, contra Ele estão os maus. Não importa o que faça, o grande conflito entre o bem e o mal se faz presente. Tampouco Ele pretende evitá-lo. Quem está do lado do bem jamais evitará que o mal O contradiga ou contra-ataque.

Filho de Davi ou Belzebu? (12:22-24)

Certo dia, levaram a Jesus um endemoninhado, cego e mudo. E Jesus o curou. Mateus conta isso como fato normal. Se o endemoninhado foi

levado a Jesus, não poderia ter acontecido nada diferente, tinha que ser curado, e foi. Mas o conflito entre o bem e o mal surgiu imediatamente, de uma forma muito aguda e direta. Duas posições tão extremas como nos extremos estão o mal e o bem. “E toda a multidão se admirava e dizia: É este, porventura, o Filho de Davi? Mas os fariseus, ouvindo isso, murmuravam: Este não expele demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios.” Esse nome, no Antigo Testamento, era Baal Zebul, senhor exaltado ou senhor príncipe. Mas os israelitas, como brincadeira, chamavam-no de Baal Zebube, senhor das moscas (2Rs 1:2, 3, 6, 16). Junto com Dagom era o deus favorito dos filisteus, os inimigos tradicionais de Davi. Quem era Jesus, o Filho de Davi? Messias, ou o príncipe dos demônios adorado pelos maiores inimigos de Israel? Amigo ou inimigo? O mais poderoso do Universo ou o mais perverso do abismo?

A resposta de Jesus, uma das mais elaboradas de todo o evangelho de Mateus, contém três tipos de evidências que definem Sua posição e Seus poderes messiânicos. A evidência do reino dividido que conduz à afirmação de Jesus: “o Reino de Deus chegou a vocês”, a evidência da blasfêmia contra o Espírito Santo, que conduz ao pecado imperdoável, e a evidência do dia do julgamento que conduz à condenação final.

O reino dividido (12:25-29)

“Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. Se Satanás expele a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino? E, se Eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes. Se, porém, Eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o Reino de Deus sobre vós” (12:25-28). Jesus é o Servo messiânico de Deus sobre quem Ele derramou Seu Espírito (12:18). É próprio que aja com poder.

No Evangelho de Mateus, quase não é usada a expressão Reino de Deus, e sim Reino dos Céus. Mas aqui ela está identificada com o Espírito de Deus. O mesmo acontece na parábola dos dois filhos,

onde se identifica com o pai (21:31); e na parábola dos lavradores maus na qual se identifica com o dono da vinha (21:43). O Reino dos Céus é o Reino de Deus. O Reino de Deus tem duas esferas de ação: a esfera do poder e a esfera do território. Quando o poder do Reino está ativo, o Reino já está presente. Os fariseus o viram, mas não quiseram aceitá-lo. Essa foi sua escolha, exercício de seu livre-arbítrio. A posição deles nada tem que ver com a realidade do Reino. É apenas uma expressão do que decidem ou desejam. O Reino de Deus está presente e eles não o aceitam.

Deus respeita a decisão de todos os homens com respeito a Seu Reino. Se quiserem, podem rejeitá-lo; mas isso não limita Suas ações nem Lhe tira o poder. “Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? E, então, lhe saqueará a casa”, disse Jesus. Satanás nada pode contra Ele; está livre para agir, mas Lhe entregará as pessoas que considera suas. Isso dá segurança total a todos os crentes. Não há risco. O poder de Cristo é superior ao dos demônios. Por isso mesmo não necessita do poder deles para fazer o que faz. Nem poderia usá-lo. O poder de Satanás é o poder do mal. Em contraste, o poder de Jesus é o poder do bem. Incompatíveis e antagônicos. Ninguém pode fazer bem com o poder do mal. O que prova que o bem é real, não aparente, é a vida piedosa de obediência a Deus. O maligno jamais obedecerá piedosamente a Deus. Tampouco o farão seus servidores.

A blasfêmia contra o Espírito Santo (12:30-35)

Por isso, Jesus disse: “Quem não é por Mim é contra Mim; e quem comigo não ajunta espalha” (12:30). Aparentemente, os fariseus estavam contra Jesus e contra Satanás, por considerarem que os dois tinham o mesmo poder, quando, em realidade, são dois poderes antagônicos. Declarando-se contra Jesus, estavam a favor de Satanás. Jesus disse aos fariseus, e especialmente a Seus ouvintes da multidão presente e da multidão de todos os tempos, que a neutralidade em relação a Ele é impossível. Com respeito a um mestre qualquer ou em relação a um líder político, a neutralidade é possível e até aconselhável em determinadas ocasiões. Mas ser

neutros com respeito ao bem e ao mal, como se fossem um, ao mesmo tempo, favorecendo a ambos, não é possível. É absurdo moral. Uma imoralidade.

Não pode alguém ir colher juntamente com Jesus e, em lugar de juntar os feixes, dedicar-se a espalhar e ainda pensar que está trabalhando com Ele, ajudando-O em Sua colheita. Ao usar a metáfora da colheita, Jesus Se identifica com Deus. No Antigo Testamento, a colheita final é um trabalho atribuído a Deus (Jl 3:13, 14). Cristo, nas expressões: “Quem não é por Mim é contra Mim” e “quem comigo não ajunta espalha”, une a atitude interior e as ações externas da pessoa que O aceita. As duas têm que estar incondicionalmente com Jesus. Além disso, vê-se aqui o grande conflito entre o bem e o mal e a missão. Não é possível dizer: Estou com Cristo em Sua luta contra o mal, mas não estou disposto a trabalhar na missão que nos deu. A própria natureza do trabalho missionário é uma luta contra o mal, em seu máximo grau de participação depois da opção espiritual por Cristo.

Estar contra Jesus é pecado. Não o pior, porque pode ser perdoado. O pior pecado é a blasfêmia contra o Espírito. “A blasfêmia contra o Espírito Santo”, disse Jesus, “não será perdoada” (12:31). Se alguém, como os fariseus, disser que o poder com que Jesus opera é poder de Satanás, poderá ser perdoado. Mas não será possível perdoar a alguém que disser que o poder utilizado pelo Espírito pertence ao diabo. É blasfêmia contra o Espírito Santo. Não é qualquer rejeição do Espírito que é blasfêmia. Só a atribuição de Sua obra ao poder do demônio. Enquanto não cometer esse pecado, o pecador continuará sendo objeto do trabalho do Espírito, sem o qual o arrependimento é impossível.

“Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore. Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração. O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más.” A discussão é sobre as palavras, mas o mesmo acontece com os fatos. Todo o mal que fazemos, especialmente se somos cristãos, é contra Cristo. É como se disséssemos que Ele não tem poder para nos

ajudar a fazer o bem, quando em realidade o tem e quer usá-lo em nosso favor. Somos nós que, agindo separados dEle, carecemos de poder para realizar o bem. Mas as pessoas não veem nossa falta de poder como deficiência nossa. Veem-na como deficiência de Cristo, e se perguntam: “Como faz isso sendo uma pessoa cristã?” Nossos atos maus são sempre um mau testemunho. Por outro lado, os atos bons que fazemos, e mesmo as boas palavras, são um bom testemunho que honra a Cristo, contribui para o avanço de Sua causa e aumenta nosso prestígio de bons cristãos.

A acusação dos fariseus é falsa. O poder que Jesus usa não pode ser de Belzebu, porque o príncipe dos demônios não trabalha contra os demônios, mas contra o bem. Jesus só faz o bem e os que estão contra Ele representam o mal que pode conduzi-los à blasfêmia contra o Espírito Santo. Nesse caso, não teriam perdão e estariam expostos ao juízo final. Expostos à condenação no julgamento.

O dia do julgamento (12:36, 37)

“Digo-vos”, afirmou Jesus, “que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do juízo.” No caso dos fariseus, são palavras contrárias à obra de Jesus. Palavras que atribuam a obra de Jesus à ação do poder demoníaco. Impressionante! O que dissermos sobre Jesus pode nos absolver no dia do juízo ou pode nos condenar. Depende de quais palavras sejam a favor ou contra Ele. Isso está em harmonia com o que dissermos perante os tribunais ou governantes. Se nos confessamos Seus discípulos e não negamos Seu nome, Ele também nos confessará diante do Pai, no julgamento (10:32, 33).

Jesus tem poder para nos levar a julgamento e, no dia do juízo, necessitaremos de Sua ajuda, sem a qual seremos condenados. A absolvição dependerá da relação que tivermos mantido com Ele. Jesus é quem marca a divisão entre bons e maus. Ele vence o mal e, por isso, os que fazem o mal são condenados. São condenados também os que não recebem o evangelho (10:15), os que não se arrependem (11:21-24) e os que não ouvem com atitude de aceitação a palavra de Jesus (12:41, 42).

O sinal de Jonas: poder de ressurreição (12:38-45)

Os dirigentes religiosos apareceram com uma nova busca, mas com a mesma atitude de rejeição que sempre manifestavam contra Jesus. Queriam um sinal que O identificasse. Não era possível, porque não criam. Mas Jesus lhes deu um sinal que veriam depois de Sua morte. O sinal de Jonas.

A busca do milagre (12:38)

Muitos pediram a Jesus que lhes fizesse um milagre. Coxos, cegos, surdos, mudos, leprosos e todo tipo de doentes e familiares de doentes. Mas nenhum ser humano tinha pedido um milagre como sinal. O sinal tem características de prova, demonstração e comprovação. Apenas o demônio, durante as tentações do deserto, tinha pedido que Se demonstrasse Filho de Deus através de um milagre. Jesus não precisava provar o que era. João, no quarto evangelho, registrou que Jesus usou para Si o nome de Deus: “Eu Sou”, e isso era tudo. Só precisava dizer, “Eu Sou” e não tinha que prová-lo.

Nessa ocasião, alguns fariseus e mestres da lei Lhe disseram: “Desejamos ver de Ti um sinal” (12:28). Faça algo que O identifique, algo que diga claramente quem você é. Dê-nos um sinal. Mateus não diz se isso foi apresentado como condição para crer, mas não era, por certo, uma expressão de fé. Eles não disseram: “Senhor, cremos em Ti. Mostre um sinal para que nossa fé aumente”. E ainda que tivessem dito isso, teria sido uma expressão de sua incredulidade. Assim o declarou Jesus.

Uma geração malvada (12:39)

“Esta geração malvada e adúltera”, respondeu-lhes Jesus, “pede um sinal milagroso.” Pessoas que não valem nada, sujeitas às suas debilidades e obstinadas pelo mal, pessoas adúlteras, infiéis, alheias a toda piedade e sempre dispostas à simulação, pedem um milagre! Os milagres não são feitos para que os duvidosos saiam de sua incredulidade. São realizados como um serviço aos que creem, para que sua necessidade seja atendida e se confirme sua fé. Vocês não verão agora um milagre. Mas há um milagre visível para todos, creiam ou

não. Não está condicionado à fé individual. É Meu próprio presente, exclusivamente iniciativa divina. Vocês também o verão.

O sinal de Jonas (12:40-42)

“Porque assim como esteve Jonas”, disse-lhes Jesus, “três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da Terra.” Jonas pregou aos gentios de Nínive. Não há registro de que ele tenha sequer contado a respeito de sua experiência no ventre do peixe. Nem sobre como esteve à beira da morte e o poder de Deus o devolveu à vida, para que lhes levasse Sua mensagem, levando-os ao arrependimento. Impressionante! Pagãos como eles eram, responderam tão prontamente e com arrependimento tão profundo. “Os homens de Nínive”, diz o próprio Jonas, “creram em Deus, proclamaram jejum e, desde o maior até o menor, vestiram-se com roupas ásperas.” Até o rei se arrependeu e pediu por decreto que todos se convertessem de seus maus caminhos (Jn 3:5-9).

Não queriam ser destruídos. Alguns podem pensar que o arrependimento por medo dos juízos divinos não é uma boa motivação. E é verdade. Mas insuficiente como é, se for por aí que começarmos nossa experiência com Deus, é melhor assim, com passos vacilantes, como a criança quando começa a caminhar, do que nunca tomar o caminho do arrependimento. Eles se arrependeram, e, fora de toda discussão teológica, isso é o que realmente conta. Tanto que o fato foi usado por Jesus como advertência para os que, tendo mais evidências que os ninivitas, não se arrependem.

Três dias e três noites. Um sinal no tempo. Deus não deu muitos sinais no tempo. Profecias de tempo, sim, muitas; mas não sinais. Um sinal no tempo que Deus deu a Seu povo, o único, além do sinal de Jonas, é o descanso sabático, sinal de santificação. “Certamente guardareis os Meus sábados, porque é um sinal entre Mim e vós nas vossas gerações, para que saibais que Eu Sou Jeová que vos santifico” (Êx 31:13). Dois sinais no tempo testemunham do poder de Deus: o sábado, para santificar Seus filhos, e o de Jonas, para ressuscitar Seu Filho e salvar os que creem nEle. Jesus administrava este poder porque era divino, o Messias prometido. O Rei de Israel.

Alguns têm dificuldades com a maneira de contar os três dias e três noites. Querem contá-los como fazemos hoje. Porém, quando Jesus disse essas palavras nada se sabia de nossa maneira de contar. Apenas usou Sua presciência. Se tivesse dito como nós dizemos hoje, de qualquer forma teria estado em discrepância com alguma época da História, porque houve várias formas de contar o tempo. Além disso, segundo os críticos, trata-se de um anacronismo introduzido recentemente por alguém. Portanto, a frase não pertence ao texto original.

Nos dias de Jesus, os dias eram contados em forma inclusiva. Quer dizer, cada porção de um dia referido era contada como dia inteiro. Uma parte do sexto dia da semana, quando Jesus foi sepultado, era um dia. O sábado era outro dia. E a porção do domingo era o terceiro dia. A menção de dia e noite era a forma de se referir a um dia. Desse modo, o Filho do Homem estaria três dias no coração da Terra. Mas o importante do relato não é a contagem dos dias, mas o poder de ressurreição sob comando de Jesus.

A ressurreição de Jesus, depois de ter estado no sepulcro três dias, foi o maior sinal de Sua própria identidade. Maior que qualquer milagre Seu realizado. O milagre supremo. Ele era Deus. “Dou Minha vida, e a volto a tomar”, disse. Ninguém mais pode fazer isso. Os fariseus não criam, por causa da dureza do coração. E por causa dessa dureza, os pagãos os julgariam no dia do julgamento. Os ninivitas, por um lado; por outro, a rainha de Sabá. Os ninivitas, por seu rápido arrependimento. A rainha de Sabá, por sua fervorosa busca da sabedoria de Salomão, que provinha de Deus (1Rs 10:1-10). Por outro lado, tendo Alguém mais poderoso que Jonas, mais sábio e maior que Salomão, os fariseus não queriam ouvi-Lo nem queriam reconhecer Seu poder. Livre-nos o Senhor de ser como um deles! Que no dia do juízo nossa experiência não seja como a deles. Melhor que nos aconteça como aos ninivitas e à rainha de Sabá, que estarão no julgamento, não para serem julgados, mas para julgar os que não se arrependeram.

Jesus decide o destino da geração malvada (12:43-45)

Jesus retoma Sua explicação do pecado contra o Espírito Santo, que fora suspensa para responder ao pedido de um sinal, feito pelos

fariseus e os mestres da lei. “Quando um espírito maligno sai de uma pessoa”, diz, porque deixou que o Espírito Santo trabalhasse nela, pode voltar. A pessoa que foi libertada, ao sentir-se segura, tende a permanecer em um estado neutro: nem apaixonadamente dedicada ao mal, nem zelosamente consagrada a Deus. Pensa que está bem e está, até que o espírito do demônio que saiu dela, depois de vagar por “lugares áridos” sem receptividade, cansado de nada fazer, decide voltar. Em uma pessoa neutra o espírito mau se sente bem, como em uma casa desocupada, varrida e arrumada. Tão bem que decide procurar outros sete espíritos piores que ele, e todos moram ali. Assim é com os que antes eram maus e se tornam piores, quando se descuidam, depois de ter crido. “É assim que acontecerá a esta geração malvada”, disse Jesus. E muito mais porque não se arrependeram.

Os membros da família de Jesus (12:46-50)

Diante disso, fica no ar uma pergunta: “Quais são os súditos do Reino dos Céus?” Mateus não a enuncia, mas a responde contando um incidente relacionado com a família de Jesus.

A visita de Sua mãe e Seus irmãos (12:46, 47)

Não era algo frequente. Esta é a única vez que Mateus conta a respeito de uma visita dos parentes de Jesus. Para muitos, é uma surpresa descobrir que Jesus tivesse irmãos. Pensam: “Como Maria era virgem quando Jesus nasceu, não teve nenhum outro filho.” E, até onde saibamos, não teve mesmo outro filho. Mas esta não era a única maneira de ter irmãos. José pode ter sido um viúvo com filhos, quando se casou com Maria, e esse parece ter sido o caso. Então, os irmãos de Jesus que foram vê-Lo são filhos de José.

Jesus estava falando com as pessoas a respeito da revelação, quando chegaram Sua mãe e Seus irmãos. Queriam conversar com Ele, mas não O interromperam. Ficaram fora da reunião, esperando que terminasse. Alguém, Mateus não informa se um discípulo ou algum dos presentes, foi a Jesus e Lhe informou: “Sua mãe e Seus irmãos estão aí fora e querem Lhe falar.” Disse-o em voz audível e a

multidão também ouviu. Por isso, Jesus respondeu também de uma forma que todos pudessem ouvir. Além disso, Ele queria utilizar a oportunidade para lhes ensinar algo que todos precisavam saber.

Os que fazem a vontade de Meu Pai (12:48-50)

Começou perguntando: “Quem é Minha mãe, e quem são Meus irmãos?” É obvio que todos sabiam. A região não era muito grande, as cidades pequenas e as aldeias tinham poucas pessoas. Jesus era conhecido por todos, e todos falavam dEle por toda parte, comentando Seus milagres, Seus ensinamentos, Seu estilo de vida, Sua maneira de ser, Seus discípulos, Seus amigos, Sua família. Falavam sobre tudo o que estava relacionado a Ele, como acontece ainda hoje com as celebridades. Sabiam quem eram Seus familiares, mas Jesus não falava deles. Tomou como um ponto de partida para lhes ensinar algo importante e todos entenderam, inclusive Seus parentes. Do contrário, Sua declaração poderia ter sido ofensiva. Mas não havia ofensa alguma, e ninguém se ofendeu.

A pergunta estava relacionada com Sua família do Reino, e isso interessava a todos. Também nos interessa. “Apontando para os Seus discípulos”, comenta Mateus, disse: “Eis aqui a Minha mãe e os Meus irmãos.” Minha família. José já estava morto, Sua mãe e Seus irmãos eram toda a Sua família. Agora, a multidão já tinha uma resposta a respeito de quem eram os súditos do Reino dos Céus. Não sabemos se houve alguma reação da parte deles, ao menos não houve reação visível. Mas essa multidão não era apática. Não escutava como alienada. Os judeus estavam bem treinados para ouvir e para avaliar o que ouviam. Na sinagoga, aprendiam a cada sábado. Talvez tenham pensado que somente os discípulos eram a família do Reino e isso não estava certo. Mas Jesus não lhes deu tempo para expressar seus pensamentos, nem para que permanecessem neles.

“Qualquer que fizer a vontade de Meu Pai celeste”, acrescentou, “esse é Meu irmão, irmã e mãe.” Vocês também. E muitos mais. Aqui são incluídos todos os que tiverem feito a vontade de Deus nos tempos anteriores a Jesus e nos séculos vindouros, até a vinda física do Reino em Sua segunda vinda. A chave está aqui. Jesus tem todos os poderes do Reino e os compartilha com os que fazem a vontade do Pai.


13

Terceiro Grande Discurso: As Parábolas do Reino

Era um dia como todos. Jesus saiu da casa de Pedro para Se encontrar com a multidão e realizar Sua missão de ensino. Muito importantes em sua estratégia, existem três atividades principais: Pregar, ensinar e curar. Como o Mestre tinha o máximo conhecimento da humanidade, ensinava as verdades espirituais mais profundas por meio das coisas simples, com as quais as pessoas se relacionavam em sua rotina diária. Utilizando imagens e situações conhecidas de todos, Ele tornava compreensíveis as coisas desconhecidas do reino celestial. Os elementos familiares da natureza serviam-Lhe para explicar as experiências espirituais menos conhecidas.

Sua forma favorita de ensino eram as parábolas. Uma história real utilizada para explicar um ponto específico da verdade. A parábola não é um conglomerado de símbolos em que cada detalhe tem um significado simbólico que os ouvintes devam decifrar cuidadosamente. Não existe complicação nela. É uma história muitas vezes conhecida, que Lhe serve de atrativo cofre em que guarda só uma joia valiosa da verdade, a qual entrega com afeto e simpatia.

A parábola O ajudava a ser claro e cristalino como uma aurora sem nuvens. Servia também para que as mentes inimigas, opositoras e agressivas não entendessem Seu ensino, o qual, ao mesmo tempo, se tornava sem sombras para os que estavam desejosos de aceitá-

lo. Quando contava alguma parábola com vários símbolos, Jesus os explicava. Naquele dia, ensinou muitas coisas, porém Mateus só registrou as parábolas relacionadas com a pregação do evangelho e com o Reino dos Céus.

O ambiente de Seu ensino (13:1, 2)

Como em outras oportunidades, Jesus escolheu a beleza do lago para ensinar. Por isso, às vezes, este discurso é chamado de Sermão do lago. Sentou-Se à margem e esperou que as pessoas se reunissem. Não precisava de nenhum tipo de propaganda que anunciasse o lugar, hora, dia e tema de Seu discurso. Só precisava caminhar pelas ruas de Cafarnaum, ou qualquer outro lugar, e as pessoas O seguiam. A notícia se espalhava como uma bênção. Todos deixavam suas tarefas normais e apressadamente se dirigiam ao lugar para onde outros iam. O espetáculo era magnífico. As pessoas em movimento, sem violência nem gritos, com a simples alegria de um agradável encontro divino. A luz do sol acompanhando o movimento das águas transparentes que se tornavam azuis, de um azul paciente e companheiro. A safira do lago engastava-se no verde esmeralda da grama e das plantas que cresciam ao redor.

Jesus já não pôde permanecer sentado à beira das águas. As pessoas era muitas e se estendiam pela grama com a calma pacífica de um rebanho. Então, Ele subiu em um barco. De pé, Sua silhueta esbelta e a forma singular da embarcação pareciam um quadro de pintura ao vivo. Os discípulos foram e organizavam as pessoas, acomodando as que chegavam quase atrasadas, preparando tudo o que era necessário para o sucesso total do encontro. As pessoas se aglomeravam. Todos os ouvintes tiveram que ficar de pé, para haver mais espaço e para que todos pudessem aproximar-se de Jesus. Sentou-Se no barco e começou a ensinar.

A parábola do semeador (13:3-23)

A princípio, não parece ser uma parábola do Reino, pois nada diz a seu respeito. Mas, na resposta que dá aos discípulos para explicá-la, Jesus lhes diz: “Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios

do Reino dos Céus” (13:11). As demais parábolas fazem referência ao Reino dos Céus logo no começo.

A parábola (13:3-9)

“Um semeador”, disse Jesus, “saiu a semear.” Todos já tinham visto semeadores ou tinham semeado eles mesmos. O quadro vivo estava diante de seus olhos. Podiam ver a formosa planície de Genesaré que se estendia junto ao lago. Mais à frente, as colinas. Sobre suas ladeiras e sobre a planície, semeadores jogavam as sementes na terra branda, preparada esperançosamente por suas mãos. Alguns colhiam já o fruto das primeiras sementes. “E, ao semear”, continuou Jesus, “uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram. Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se. Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram. Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um.”

A pergunta dos discípulos (13:10)

A multidão meditava em silêncio. “Então, se aproximaram os discípulos e Lhe perguntaram: Por que lhes fala por parábolas?” Por quê? Sempre se pergunta pelas razões. Parece que o ser humano é o ser dos porquês. Para tudo o que acontece, para tudo o que se faz, para tudo o que se diz, para tudo o que se passa, para o que Deus faz, há sempre a mesma pergunta: por quê? Todos queremos saber as razões. E não é mal que pensemos assim, porque Deus nos deu a razão para que a utilizemos. O problema não está em querer raciocinar sobre as coisas. Quem dera que todos raciocinásemos muito mais sobre tudo o que fazemos. O problema está na atitude de juízes que adotamos. Queremos saber os porquês para determinar se o que aconteceu está bem ou mal, se alguém, ou mesmo Deus, se enganou. Quando morre um ser querido, os negócios vão mal, adoecemos ou acontece um tsunami, perguntamos: por quê?

Às vezes, vamos um pouco mais longe. Por que comigo? Se um filho meu sofre um acidente automobilístico, por que acontece comigo?

A questão implícita é que aos outros não acontece e, possivelmente, Deus está cometendo uma injustiça. Não há nenhuma injustiça e acontece a qualquer um. Por último, de uma forma ou de outra, todos morremos. Por quê? Não é injustiça. Todos pecamos. A consequência do pecado é a morte. Melhor seria que perguntássemos: Como? Como podemos resolver isto? Eliminando o pecado. E o pecado só é eliminado pelo arrependimento, aceitando a morte de Cristo por nós. “Por que falas às pessoas em parábolas?”, perguntaram os discípulos.

A resposta (13:11-17)

“Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas àqueles não lhes é isso concedido.” Injustiça? Discriminação? Acaso, não vieram com todo o interesse que se possa requerer de uma pessoa para entender o que ouviriam? É verdade que tinham interesse, mas não tinham sensibilidade espiritual. Ao que tem sensibilidade espiritual se lhe dará mais e terá em abundância. “Mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.” Vocês querem saber, com um desejo genuíno. E todos os que sinceramente procuram entender os ensinamentos de Jesus entenderão. Assim como Jesus explicou aos discípulos, o Espírito Santo abrirá o entendimento de todos os que honestamente quiserem aprender, e estes entenderão.

Alguns profetas falaram da realidade do povo antigo e que agora se repete. Um é o profeta Jeremias. Diz ele: “Ouvi agora isto, ó povo insensato e sem entendimento, que tendes olhos e não vedes, tendes ouvidos e não ouvis. Não temereis a mim? Mas este povo é de coração rebelde e contumaz” (Jr 5:21-23). Outro é Ezequiel, que afirma: “Filho do homem, tu habitas no meio da casa rebelde, que tem olhos para ver e não vê, tem ouvidos para ouvir e não ouve, porque é casa rebelde” (Ez 12:2). A rebeldia e o coração falso fecham os ouvidos. Podem escutar as palavras, mas lhes falta atitude para obedecer, por isso não ouvem. Só quem quiser fazer Sua vontade conhecerá a doutrina.

Também se cumpria naquela gente o que Isaías profetizou para o povo de seu tempo: “Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entendereis; vereis com os olhos e de nenhum modo perceberéis. Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado

ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados” (Mt 13:14, 15; Is 6:9, 10 NIV).

A insensibilidade espiritual é como a cegueira. O cego não vê e perde contato direto com a realidade física. O insensível não sente e perde contato direto com a realidade espiritual do divino. Quem sente as coisas de Deus é um ser humano aberto ao Espírito de Deus. O ser humano limitado que apenas sente as coisas humanas não entende as coisas do Espírito de Deus, pois lhe são loucura. O modo espiritual de sentir surge da relação plena com Deus, assim surge o pensamento na mente.

“Vocês”, disse Jesus a Seus discípulos, “são ditosos porque veem e ouvem.” O que viam? O que ouviam? O que os profetas anunciaram e não viram nem ouviram, ou seja, tudo o que estava relacionado com o Messias: o que Jesus fazia, o que dizia. O que eles com seus olhos viam, com seus ouvidos ouviam e com sua obediente atitude espiritual claramente entendiam. Como é gratificante compreender Jesus! Amá-Lo, porque nos ama. Sentir Sua proteção espiritual como se sente a bondade de um ser amado. Viver Sua realidade como se vive a simples realidade do pão, no desjejum. Saber que está presente e nunca haverá fome, porque Ele é mais que o pão. É Pão vivo, vida nova e eterna, sem esquecimento. Oh Senhor! Nunca tire de nós Teu Santo Espírito. Se entrarmos em caminho de pecadores e deixarmos de ver-Te e não Te ouvirmos, perdoa nossos passos desencaminhados e aproxima-nos de Ti, com Tua bondade. Que Teu Espírito nos faça de novo, como já fomos; antes do fruto proibido, antes do pranto, antes do medo. Que nos faça de novo, como um menino, para alcançar a maturidade em seu caminho.

A explicação (13:18-23)

“Ouçam”, disse Jesus a Seus discípulos, “o que significa a parábola do semeador.” A explicação é para eles em particular. Depois, compartilharão seu novo saber com outros. Trata-se do nascimento do Reino dos Céus. Ele não surge pela ação de exércitos valentes e

aguerridos, por conquistas do poder humano, nem pela força perspicaz de ardilosa diplomacia. Não é implantado pela habilidade política de líderes sagazes, nem nasce pelo jogo de forças econômicas sutis. Cresce sem ruído, como cresce a semente.

Às vezes, a semente se perde: alguém ouve a palavra sobre o Reino e não a entende. Vem o maligno e a leva. É a semente semeada junto ao caminho, comida pelos pássaros. São os ouvintes distraídos, absortos em seus próprios pensamentos egoístas, cativados por suas baixas tendências pecadoras. Têm a alma endurecida e suas faculdades espirituais estão paralisadas. Duros como a terra pisada por homens e animais, nada penetra neles.

Outros são terrenos pedregosos. Recebem a semente com verdadeira alegria, mas dura pouco tempo. Os problemas pessoais ou a perseguição, por causa da palavra recebida, os desanimam; então, se afastam dela. O egoísmo, o amor próprio, a religião superficial, a dependência de si mesmos em lugar da dependência de Cristo, a extrema facilidade com que se sentem ofendidos por quase nada, a prontidão para seguir suas próprias inclinações, em lugar de seguir as ordens de Cristo, sua falta de relação pessoal com Jesus e sua entrega incompleta ao Salvador os tornam cristãos pedregosos, incapazes de compreender que o novo nascimento é sua única esperança, e que a verdadeira santidade é um íntegro serviço a Deus. Inteiro e total. Inalterável.

Em outros, a semente cresce, mas os espinheiros, as preocupações da vida e a falsa atração das riquezas sufocam sua crença, e morre antes de dar fruto. Não abandonam seus velhos hábitos nem sua pecaminosa vida anterior. Se forem pobres, enchem-se de perplexidades e angústias por causa das privações. O trabalho penoso os esgota. Deprime-os seu constante temor de necessidades maiores e menores recursos. Quanta angústia acumulam na vida só por não confiar em Cristo! Por não viver com Ele constantemente, por não deixar que o gozo sereno de Seu amparo os reanime. Se forem ricos, o temor de perder o que acumularam os angustia. Angustiam-se por sentir que as pessoas, quando os buscam, não é por afeto a eles; é só por interesse em sua riqueza.

Sentem-se solitários e não entendem que o poder da riqueza nada resolve. Não compreendem que só o poder de Cristo, Suaterna companhia, pode atender plenamente suas ansiedades. E os que não são pobres nem ricos, a grande massa de seres humanos que agitada percorre as ruas deste mundo, dedicam-se a atender seus interesses, a satisfazer suas necessidades, a procurar um meio de se tornarem ricos. Depois de terem sentido a alegria do Reino dos Céus, perdem-na, porque não encontram tempo para estar perto de Jesus, não oram com ardor e fé, não procuram nas Escrituras sua confiança, nem encontram no serviço a Deus sua alegria. Sofrem bastante. A princípio, não compreendem por quê. Depois, já não se importam, e se vão.

Mas a semente do Reino nunca é completamente perdida. A maior parte dela cai em terra fértil. São pessoas que ouvem a Palavra e a entendem. Rendem-se totalmente à firme convicção que o Espírito Santo lhes dá. Confessam seus pecados e aceitam sem reservas a graça do Senhor. Sentem regozijo pela ternura e o amor de Deus que cobre seus pecados com misericórdia inigualável. O Espírito Santo usa sua resposta inicial e constrói com ela uma fé poderosa e duradoura. A Palavra do Senhor se torna uma força viva em sua experiência, pois ela é vida para quem a busca. Tais pessoas a respeitam com amor. São obedientes. Seu pensamento é limpo, uma oração repleta de pleno gozo do encontro, e uma força renovadora com novas experiências de amor e de serviço. Servem a Deus com inocente gozo. Seu testemunho é um poder que vem do Santo Espírito. E o reino cresce em abundância: trinta, sessenta, cem por um. É uma festa. Que colheita não produz alegria? Especialmente a colheita que faz crescer o Reino dos Céus.

Jesus queria que Seus discípulos entendessem esta simples verdade: o Reino dos Céus cresce sem a pompa dos reinos humanos, com o trabalho paciente que eles deviam realizar da mesma forma como Jesus realizava. Todos os crentes são semeadores. Em toda plantação há riscos. Os semeadores do tempo de Jesus viviam nas cidades muradas para se proteger dos ladrões que sempre espreitavam à noite. Saíam a semear durante o dia. Era uma vida arriscada.

Jesus deixou o amparo seguro do Céu, para vir à Terra cheia de perigos. A tranquilidade do lar é sempre uma atração maior que a dura tarefa do plantio, com seus riscos de rejeição, insultos, acusações e perseguições. Mas sem plantio não há colheita. Com a colheita chega a alegria, a celebração e a abundância.

Há muita ignorância da verdade que necessita ser dissipada. Hoje se desconhece a autoridade das Escrituras e as pessoas não aceitam nem seguem suas doutrinas. Desculpam-se dizendo que a Bíblia é obscura, muito difícil de entender. Repetem os argumentos de seus líderes religiosos, que repetem argumentos de seus professores. Eles rejeitam porções das Escrituras e mediante sua própria autoridade decidem que parte é verdadeira e qual não tem aplicação em nosso tempo. Inventam argumentos contrários à sua autoridade só para anular a autoridade dos preceitos divinos e a Lei de Deus, e se sentirem, assim, liberados de cumprir suas exigências.

Enquanto reduzem a autoridade das Escrituras, dão força de lei às suas antigas tradições, práticas contrárias à Bíblia, mas aceitas por eles como se fossem divinas. Outros adoram a mudança criada em nosso tempo como alimento rápido. Buscam-no e consomem, pensando que é isso o que importa e vale. A religião tem que ser relevante para a comunidade humana de hoje, dizem, do contrário, não terá valor algum. Todos necessitam das verdades do Reino dos Céus, agora muito mais que no tempo de Jesus; porque é maior a ignorância das pessoas e porque o tempo de Sua chegada física está mais perto.

Parábola do trigo e o joio (13:24-30)

Com a parábola do trigo e o joio, Jesus relaciona o Reino dos Céus com a igreja. A igreja é o lugar onde se juntam membros bons, como trigo, e falsos membros, o joio. O que fazer com os membros falsos? Expulsá-los? Deixá-los sem castigo? Discipliná-los? Vejamos.

A parábola (13:24-29)

“O Reino dos Céus”, disse Jesus, “é como um homem que semeou boa semente em seu campo. Mas ele tinha um inimigo.” Vocês sabem que esses inimigos vêm à noite para semear sementes

ruins, a fim de arruinar a colheita e levar o dono a sofrer muitos prejuízos, perdas e dificuldades. “Veio de noite e semeou joio sobre o trigo.” Ninguém soube. Muito parecidas, as duas plantas brotaram e cresceram sem que ninguém notasse. Mas essa dissimulação não podia durar para sempre. Formou-se a espiga no trigo; no joio, não. Parecia tudo muito claro. Os servos informaram o desastre ao dono e perguntaram: “O senhor quer que a arranquemos? Não, respondeu-lhes. Deixem que o trigo e o joio cresçam juntos. Se arrancarem o joio, agora que suas raízes estão misturadas, arrancarão também o trigo. Esperemos até a colheita, então, os colhedores separarão o joio do trigo e, atado em molhos, o queimarão. O trigo, por outro lado, o guardarão em meu celeiro.”

A multidão entendeu que havia um inimigo mau causando dano e não teriam como reparar até o momento em que suas consequências fossem, no mínimo, vistas. E os discípulos?

Reação dos discípulos (13:30)

Os discípulos não podiam ficar indiferentes. Porém, nada disseram naquele momento. E estavam intimamente inquietos. Entenderam que os bons e os falsos deviam estar juntos, mas essa era uma ideia intolerável. Não sabiam que na incipiente igreja isso já estava acontecendo. Judas estava com eles. As espigas ainda não tinham brotado. Todos eram iguais. Porém, chegaria o momento em que todos veriam a diferença. No caso do Judas, ele se eliminou a si mesmo de maneira trágica. Mas não seria assim em todos os casos. Havia naquela parábola um ensino singular que eles, mais que todos os presentes, precisavam aprender momentos mais tarde quando o povo se fosse. Enquanto isso, Jesus continuou ensinando a multidão.

O grão de mostarda e o fermento (13:31-33)

Jesus sabia o que os fariseus diziam. Esse Mestre insignificante, sem riquezas, sem exércitos, tão simples e com tão poucas pessoas reconhecendo-O como Messias, de modo nenhum poderia conquistar o Império Romano e realizar a façanha de conquistar o mundo para Israel. Voltaram a desprezá-Lo com mais convicção e

maior desdém. Jesus os entendeu. Entendeu seus pensamentos, as motivações que assim os faziam pensar e os desejos do coração, tão diferentes dos planos do Reino dos Céus. Não sabiam eles o que era o Reino, qual sua natureza, nem sua forma de crescer.

O grão de mostarda: começando bem pequeno (13:31, 32)

“O Reino dos Céus”, disse-lhes Jesus, “é como um grão de mostarda”, a menor de todas as sementes. Mas cresce mais do que todas as hortaliças e se converte em uma árvore tão grande, que as aves se aninham em seus ramos. Não há nada igual. O Reino dos Céus não se parece, em nada, com nenhum dos reinos da Terra. Todos eles surgiram pela ação do poder dos homens. É verdade que Deus é quem estabelece e remove reis. Concede às nações, uma completa oportunidade de governar e, quando não cumprem Seus intuitos, deixa que outras surjam e assim sucessivamente, até o tempo de Seu Reino Eterno. Mas a natureza essencial de todas elas é sempre humana; e crescem de acordo com o tamanho do poder que conseguem formar.

O Reino dos Céus é de Deus. Sua natureza compartilha a natureza divina e seu crescimento será um contraste muito grande com a forma de crescer observada nos reinos terrestres. É um reino de humildade, pequeno. É um princípio de vida tão insignificante em tamanho como o germe que existe na minúscula semente de mostarda. Não é o poder dos reinos humanos. É o poder da vida. Não cresce pelo poder da força física nem aumenta por meio da guerra. Não cresce pela fúria da fera. Aumenta pela mansidão do Cordeiro de Deus que tira o pecado da humanidade. E os que aceitam o Cordeiro integram-se sem pompas especiais ao Seu Reino. Pouco a pouco cresce até que a soma humilde dos poucos faz um Reino espiritual de grande transcendência e duração eterna.

A natureza do Reino dos Céus é vida divina. Seu crescimento é semelhante ao da vida que Deus cria, sustenta e alimenta. Tudo segue um ritmo de passos diminutos, quase imperceptíveis. A que hora cresce o damasco, ou é adoçada a fruta de que gostamos e que nos agrada na colheita? Quando coalham as cerejeiras, convertendo

sua branca e abundante constelação de flores simples em ardentes drupas de doçura suave? As sequoias gigantes cresceram em milênios. Ninguém nota o crescimento das rosas, e suas flores pouco a pouco chegam a ser como princesas. Simplesmente crescem. Tudo o que tem vida cresce lentamente. Não cresce o Reino dos Céus como foguetes instantâneos e fugazes. Cresce como cresce a vida que Deus cria e permanece.

Do mesmo modo cresce o Reino no coração das pessoas. Simples e lentamente. Primeiro é um dito, uma palavra simples, o evangelho simples. A palavra de Jesus dita por Ele, lida nas Escrituras, repetida com terna convicção por um crente. Logo lança raízes na alma. Comove suavemente o sentimento, sensibiliza a entranha endurecida, acorda a dormida vontade, e uma profunda tristeza pelo pecado inicia a experiência do arrependimento. O Reino dos Céus começa a crescer e lentamente fará sua obra completa, graças à força persuasiva do Espírito Santo. Contam-se em segundo, outros segundos, minutos e horas os dias da santidade que cresce e cresce até a vida eterna.

O fermento: crescimento invisível (13:33)

“O Reino dos Céus”, voltou a dizer Jesus, “é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado.” Todo o processo é extraordinário, muito superior ao normal. O Reino dos Céus não é comum nem ordinário. A medida de farinha é muito superior à quantidade que uma mulher usaria para alimentar uma família normal. Trinta e dois litros e meio seriam necessários para produzir pão suficiente a fim de alimentar umas cem pessoas. Mas este não é o ponto principal da parábola.

Seu ensino específico está na tarefa de levedar ou transformar a pessoa de dentro para fora. Quase todos os líderes religiosos de Israel estavam interessados na parte formal externa da religião. Queriam transformar a conduta sem se preocupar se a pessoa estava realmente transformada ou não. Não estava. Seu comportamento era formal, externo, frio, quase sempre hipócrita e sombrio. Seu próprio sentimento revelava feridas de escassez e de vazio.

O *Reino dos Céus*, por outro lado, vai em direção oposta. Transforma o ser interior da pessoa e, a partir dali, obtém uma prática religiosa genuína e uma obediência verdadeira. Outorga uma suave sensação de plenitude que se faz mais completa, mais plena e mais segura. Uma espécie de nova visão da verdade, feliz e cordial. Possuidora de um sentimento vívido que controla os desejos, purifica o pensamento, adoça a disposição, abrandando as atitudes, confraterniza as relações e aumenta o horizonte de sua vida espiritual. O súdito do reino é amigo de todos. Uns são amigos íntimos; outros, amigos com quem deverá entrar na mui grata intimidade de dois que servem juntos ao rei do Reino dos Céus.

O *fermento* aqui não conserva o valor simbólico tradicional conhecido pelo povo. Não é símbolo do pecado. Os ouvintes de Jesus estavam acostumados a eliminar de suas casas, durante a Páscoa, todo fermento, como símbolo da eliminação completa do pecado. Mas no simbolismo novo do Reino dos Céus esse fermento representava o poder da graça de Deus. Um poder externo às pessoas. A transformação requerida pelo reino, embora agindo de dentro, não procedia do interior do ser humano. Vinha de fora. Não era pela força da própria vontade. Tampouco provinha do interior da sociedade humana. Embora a cultura e a educação tenham muitos elementos benéficos e exerçam influência positiva na formação de uma pessoa, não podem converter um ser humano do pecado à santidade. Tal experiência só é obtida com a energia vital, renovadora, da graça divina, que vem de Deus ao ser humano. Ela opera de maneira invisível. Como o fermento, a graça age silenciosamente, de maneira secreta, ininterrupta, até que toda a vida esteja completamente modificada pelo Espírito de Deus.

Revelação dos mistérios por parábolas (13:34, 35)

Jesus havia dito a Seus discípulos que usava parábolas para que as pessoas que não queriam ver nem ouvir permanecessem cegas sem ver, e as surdas, incapacitadas para ouvir as coisas a respeito do Reino dos Céus. Assim, cumpriam-se as profecias (13:10-17). Agora, Mateus completa o quadro. Jesus também utiliza parábolas

para revelar as coisas sobre o Reino dos Céus que estiveram ocultas desde a criação do mundo e que agora se tornam claras para eles. Isso também cumpre uma profecia: “Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos” (Sl 78:2). O importante aqui é o cumprimento das profecias. Tudo o que Jesus faz, O identifica com o Rei do Reino dos Céus. Cumpre a vontade de Deus expressa desde os tempos antigos nas profecias. Para os israelitas, as profecias eram muito importantes e esta linguagem de Mateus pretendia tocar essa corda de sua formação espiritual.

Também nos impressiona como na pessoa de Jesus se cumpriram as profecias antigas e como quase tudo o que aconteceu com Ele, ou o que Ele fez e disse, estava escrito. O uso das parábolas é um legado precioso em sua familiar simplicidade e grande profundidade de conteúdo. Colocar os grandes mistérios do Reino em simples e familiares parábolas é uma arte suprema. Revelar as coisas mais ocultas de Deus, com feitos da vida diária, sem sofisticação nem afetação, é aproximar-se do ser humano pelo lado mais corrente de sua vida e pela via mais acessível de seu espírito. Jesus o fez, tudo por amor. Não estava interessado em uma obra de arte; queria salvar o ser humano, ensinar-lhe a verdade da salvação e atraí-lo para Si, a fim de levá-lo ao Reino dos Céus.

Jesus ensina a Seus discípulos (13:36-52)

A multidão se foi. Jesus e os discípulos estavam sozinhos na casa de Pedro, mas a tarefa do dia ainda não tinha sido concluída. O Mestre queria ensinar várias coisas a Seus discípulos. E o fez em forma de parábolas, específicas para eles, e muito relacionadas com o que tinha estado ensinando à multidão.

Explica a parábola do trigo e o joio (13:36-43)

Os discípulos conservavam uma inquietação que já tinham comentado entre eles: “E, chegando-se a Ele os Seus discípulos, disseram: Explica-nos a parábola do joio do campo.” Jesus utilizou essa inquietação para iniciar o ensino que desejava lhes transmitir.

O *Semeador* (13:37) que semeou a boa semente é o Filho do Homem. Estava claro. A primeira vez que usou esse título, atribuindo-o

a Si mesmo, foi quando, ao curar ao paralítico de Cafarnaum, declarou ter poder para perdoar pecados (9:6). Impressionaram-se muito, então. Agora lhes era familiar. O título O identificava como o Messias encarnado (Jo 1:14; Fp 2:6-8), a única pessoa divino-humana que uniu a raça humana com a divindade. Símbolo da promessa divina que oferecia aos homens e mulheres a possibilidade de serem filhos e filhas de Deus.

O campo (13:38a). “O campo é o mundo”, acrescentou Jesus. As pessoas do mundo. Jesus trabalhou exclusivamente para os israelitas e dentro de seu território. Mas Seu objetivo era a terra inteira, cada habitante deste mundo. Por meio do Espírito Santo, opera em cada coração humano, mas o trigo cresce e amadurece na igreja, e ali é guardado para o celeiro do Senhor.

A boa semente e o joio (13:38b). “A boa semente são os filhos do reino”, continuou Jesus. “E o joio, os filhos do mau.” Os filhos do Reino nasceram pela Palavra de Deus, da verdade, do próprio Jesus e foram convertidos a Ele por obra do Espírito Santo. Quando um pecador se converte, passa a ser cristão, seguidor de Cristo, imitador de Jesus, uma pessoa liberta do reino deste mundo e transformada em cidadã do Reino celestial.

O joio são os cristãos falsos que seguiram o mesmo processo de conversão dos filhos do Reino, mas só nas formas. Filhos dos ritos, eles são a personificação de falsos princípios, esconderijos de enganos e falsos cristãos. Sua mente inimiga sempre complica a vida da igreja e cria os conflitos que frequentemente a dividem e reduzem suas forças para o serviço e para a missão.

O inimigo, a ceifa e os colhedores (13:39-43). “O inimigo é o diabo”, disse Jesus. Ele é quem introduz os cristãos falsos na igreja. Assim, tenta destruir o prestígio da igreja e muitas vezes o consegue. Ao colocar pessoas que se dizem cristãs, mas ostentam um caráter contrário à forma de ser do cristão, consegue desonrar a Deus e põe em perigo a salvação de muitas pessoas. Sua obra é cheia de maldade e confusão.

“A ceifa é o fim do mundo”, Jesus continuou dizendo. Não confundir com a ceifa permanente da missão cristã que diariamente

está conquistando mais pessoas e fazendo, assim, crescer o Reino dos Céus. A ceifa da parábola é o julgamento do fim do mundo, quando o trigo e o joio serão definitivamente separados e a cada um se dará um destino diferente. Na missão, os ceifeiros são os cristãos verdadeiros que a cumprem.

“Na ceifa do fim do mundo os ceifeiros são os anjos”, afirmou Jesus. Eles ajuntarão os escolhidos de Deus dos quatro ventos da Terra para Seu reino (24:31). Ao mesmo tempo, reunirão o joio, trigo falso, falsos crentes, para a destruição eterna. Esta será a hora de julgamento e recompensa final, hora de separação e de castigo. A tentação de separá-los antes de tempo será sempre uma realidade difícil de resolver. Há na igreja uma tensão entre o tratamento prudente ao joio e a ação disciplinadora ao pecador não arrependido.

A disciplina da igreja também é uma ordem do Senhor. Ele explicou o procedimento. “Se teu irmão pecar contra ti”, disse, “vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na Terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na Terra terá sido desligado nos Céus” (Mt 18:16-18).

Vocês têm que separar da igreja os que persistem em pecados manifestos. Mas quando não houver pecados manifestos, embora os motivos e o caráter pecador sejam visíveis, vocês não podem separá-los por isso. Vocês não têm atribuição para julgar o caráter nem os motivos. Esse julgamento pertence unicamente a Deus, e Ele o fará no fim da História com o auxílio de Seus anjos, não com o auxílio da igreja. Vocês podem cometer muitos enganos se tentarem este tipo de julgamentos. Muitos dos que vocês considerarem perdidos estarão no Reino dos Céus. Seja porque vocês julgaram erroneamente, ou porque essas pessoas mais tarde se arrependeram e permitiram que o Espírito Santo completasse nelas a Sua obra.

O valor do Reino dos Céus (13:44-50)

Quanto vale o Reino dos Céus? Pode ser comprado? Que valores deverão ser pagos por ele? Está acessível a todos? O Reino dos Céus é um presente, como Cristo, o evangelho, a salvação e a vida eterna são presentes. De qualquer forma, deve ser comprado sem dinheiro e sem preço. Não é adquirido com valores corruptíveis como ouro ou prata. Sendo como é, um Reino espiritual, seu preço é avaliado também espiritualmente, e é indispensável compreendê-lo. As últimas parábolas do Reino têm o ensino necessário para saber como valorizá-lo, como pagar seu preço real e possuí-lo.

O tesouro escondido: encontrado sem procurar (13:44). “O Reino dos Céus”, disse Jesus, “é como um tesouro escondido em um campo. Um homem o descobriu. Cheio de alegria o enterrou de novo, e foi vender tudo o que tinha para comprar o campo.” Não era estranho que se encontrassem tesouros escondidos em campos abandonados. Havia muitos que usavam esse recurso para proteger suas riquezas. Havia perigo constante de ladrões. Nações vizinhas invadiam o território e levavam todos os objetos de valor que pudessem encontrar. Muitos tesouros ficavam abandonados por várias razões. Esquecimento do lugar onde fora enterrado, captura de seus donos que, às vezes, eram levados a países distantes, sem retorno, ou morte súbita, sem que deixassem informações.

As pessoas que ouviram a parábola podiam compreender muito bem a realidade de Seu ensino e até puderam se identificar facilmente nela. O homem que encontrou o tesouro era um simples trabalhador, como eram quase todos eles. Que experiência! Não estava procurando um tesouro. Simplesmente trabalhava em um terreno alheio que ele tinha alugado para manter a família, com muito esforço. De repente, seu arado se choca com algo oculto ao olho humano. Cava e encontra um tesouro! Sua mente passa de uma alegria a outra, de uma ansiedade para algo maior. Segundo os costumes de então, o tesouro era do dono do terreno. Não quer perdê-lo, tampouco quer uma posse ilegal. Só havia um caminho correto que o faria dono legal desse tesouro. Enterra-o de novo. Seu coração não se detém. Dança de alegria, e a própria perspectiva

da tê-lo amplia mais ainda essa alegria que já é muito grande. Sai dali e vai colocar em prática seu plano, o único aceitável.

Sua família não entende. Acaso ficou louco? Está vendendo tudo o que tem para comprar um campo abandonado que não vale nada?! A família nada sabe. E ele não pode dizer a ninguém, porque seu plano só é plausível se ninguém encontrar o que existe no terreno. Ele, sim, sabe o que faz. Não se incomoda que os outros o chamem de louco, nem se ofende. Tem segurança absoluta. O que faz está bem feito, e continuará fazendo até que tudo esteja acabado. A alegria cresce sem cessar e se multiplica quando, finalmente, compra o campo. Agora é dele. Seu campo tem um tesouro e este é seu.

Há dois ensinamentos principais nesta parábola. *Primeiro*, o homem descobriu o Reino. Não andou procurando. Para muitos, o Reino é apresentado na vida como um fato inesperado e surpreendente. Encontram-no sem buscá-lo. Um amigo, um estranho que crê, um folheto entregue ao acaso ou intencionalmente, um programa cristão transmitido por rádio ou televisão, ou um contato com a Bíblia. Especialmente a Bíblia, já que na parábola, o campo representa as Sagradas Escrituras. É nelas onde o tesouro do evangelho é encontrado e o evangelho traz o Reino dos Céus. O indivíduo não o busca, mas quando o encontra não o despreza, nem se desculpa. Faz tudo o que pode para possuí-lo. *Segundo*, a alegria de quem encontra o evangelho e o Reino. O homem que encontrou o tesouro, cheio de alegria, vendeu todas as suas posses pelo Reino. Ao vendê-las, não sentiu tristeza alguma por nada do que perdeu. Aqui, há uma referência ao valor do Reino dos Céus, mas esse é o ponto central da próxima parábola.

A pérola de grande preço: a busca do reino (13:45, 46). Nessa parábola, Jesus fala de um comerciante que andava procurando boas pérolas. Não sabia exatamente o que iria encontrar, mas buscava pérolas finas. Não estava interessado nos costumes negativos da vida nem no mal que acontece na experiência humana. Queria o melhor e o buscava com diligência. Muitas pessoas procuram o melhor da vida nas melhores atividades da experiência humana: literatura, ciência, arte, religião, filosofia. Procuram o tesouro do espírito

humano. Entre os ouvintes de Jesus, também havia pesquisadores ansiosos. Cansados com a formalidade da religião de seus pais, sonhavam com algo elevado, algo espiritual que os colocasse em contato com Deus.

Procurando, encontraram Jesus, a pérola de grande preço. Não podiam deixar de comprá-la. Seria uma estranha contradição que, depois de procurarem o melhor, ao encontrá-lo em Cristo, O desprezassem. Porém, às vezes, acontece. O ser humano é contraditório. Muitas vezes, despreza o que mais deseja na vida. Conheci uma jovem profundamente apaixonada por um jovem bem arrumado e feliz, comunicativo e simpático. Ela sonhava com ele. Cada vez que pensava no seu futuro, não conseguia se imaginar sem ele, que também a queria. Certo dia, ele decidiu que era tempo mais que apropriado para falar com ela do interesse que sentia por ela.

Depois de um dia de muitas atividades juntos, das quais outros jovens também participaram, outra integrante do grupo foi conversar com ele. Não se demoraram muito, porque ele precisava falar com sua pretendida, mas ela o viu conversando com outra e pensou: “É a esta que ele quer.” Uma dor invadiu sua esperança e seu sonho. E se foi. Quando ele descobriu que não estava mais ali, foi direto à casa dela porque tinha posto em sua mente que aquele seria o dia da conversa. Encontrou-a e conversaram. Ela o ouviu em estranho silêncio e, depois, simplesmente lhe disse que não estava preparada para dar sua resposta. “Dê-me um tempo”, lhe propôs. Ele concordou, respeitoso. Sozinha, em seu quarto, chorando se recriminava. Se o queria, por que não lhe disse sim? Mas, não, dizia-se: “ele quer a outra, não a mim. Não vou deixar que se iluda.”

Quando ela me contou o problema, querendo orientação e saber como conversar com ele outra vez, eu lhe disse: “Se o quer, lhe diga sim. Se tiver dúvidas a respeito de sua relação com a outra jovem, lhe pergunte”. “E se ele mentir?”, perguntou. “Esclareça as coisas e decida em harmonia com o que você na verdade quer.” Não foi a única vez que conversamos a respeito. Custou-lhe muito fazer o que mais queria. Tudo estava em sua mente. Ele não tinha nada com a outra jovem. E ela, amando-o, quase o perdeu, por causa dela mesma.

Cristo é um presente de Deus para nós. Nada nos custa. Mas nos custa tudo. O homem vendeu tudo o que tinha para comprar a pérola de grande preço. Não é dinheiro, não é prata, não é ouro. O preço do Reino somos nós mesmos. Temos que nos entregar inteiramente a Cristo. Entrega parcial não é entrega. Talentos, faculdades, inteligência, ideais, debilidades, ambições, pecados; tudo o que somos. Sem reserva alguma. E o Reino vale tudo isso e muito mais. O valor do Reino dos Céus para nós é proporcional ao tamanho da entrega que de nós mesmos fazemos a Cristo. Se Lhe entregamos só um pouco, o Reino para nós vale pouco. Mas é muito o que vale. É tudo o que somos. E só o compramos nos entregando inteiramente a Cristo. É um preço, é certo, e é muito; porém, caro não é. Todos podemos pagá-lo.

A rede e a libertação no julgamento final (13:47-50). No tesouro escondido, o Reino, para quem o encontra sem buscá-lo, vale tudo o que tem. Na pérola de grande preço, para quem o busca diligentemente sem saber exatamente o que anda procurando, vale tudo o que ele é: sua entrega pessoal a Cristo. Na parábola da rede, vemos o valor do Reino para os que o promovem. Vale toda a sua dedicação, pescam até que a rede se enche.

A rede lançada no lago é grande, varredoura. Não é a pequena rede redonda que uma pessoa só manuseia normalmente perto da margem. É a rede que é lançada nas águas profundas, no centro do lago ou em alto mar. É conduzida por vários homens que a arrastam para alcançar os peixes em diferentes lugares do lago, e juntam muitos peixes. Não é uma pesca individual, é a missão da igreja executada por todos os que estão no barco.

Essa pesca reúne todo tipo de peixes, bons e maus. Os bons são guardados, e os maus, desprezados. De novo, como na parábola do trigo e o joio, a verdadeira separação é feita no dia do julgamento final. Não há nova oportunidade depois do dia do juízo. Termina-se o tempo de graça, e todos os pecadores que não responderam aos rogos do evangelho serão destruídos. Com essa parábola Jesus adverte Seus seguidores contra um dos piores males que a igreja enfrentará no tempo futuro: a presença de pessoas más entre seus membros. É melhor que saibam de antemão, para que os bons não se desa-

nimem e para que a igreja não cometa enganos em seu tratamento com eles. A decisão final não será feita com base em posições, mas no caráter. Não é o fato de ser membro da igreja a razão para aceitar a sua influência sobre nós, mas seu caráter. Nenhum membro da igreja deve deixar que indivíduos de duplo caráter ou de caráter falso se tornem seus mentores, nem seus modelos de vida ou pretexto para justificar erros. Só há um modelo para todos nós: Jesus Cristo. Ele é o Único que nos justifica.

Conclusão (13:51, 52)

Jesus está chegando ao final de Seu ensino, daquele dia, e completando Seu discurso sobre as parábolas do Reino. Ensinou à multidão e, ao fim do dia, a Seus discípulos, em particular. Concluiu fazendo-lhes uma pergunta e lhes contando uma parábola.

Pergunta: entendem? (13:51). “Você entenderam”, perguntou Jesus, “tudo o que lhes ensinei hoje? Percebem cada detalhe do que lhes foi dito?” Estão em condições de distinguir este ensino de forma parecida, mas diferente? Estão vocês de acordo comigo quanto a tudo o que lhes falei sobre o Reino dos Céus? Ou há algo com o que não estão de acordo? Há coisas que mantenho em segredo, entendem-nas vocês? Há dois segredos capitais: o segredo messiânico e o segredo da paixão. Não é fácil entendê-los.

Como toda compreensão das coisas divinas, esta somente será possível como dom de Deus, uma revelação do Pai que chega à mente de vocês em forma de presente. Não é uma criação de vocês. Não é a sua inteligência que descobre. É um dom. Já lhes falei que as parábolas ensinadas têm um elemento que o povo entende e lhe é mostrado claro como o cristal. Mas há outro que só revelei a vocês. Captaram bem? Quero dizer: captaram o segredo e a razão de sua existência? Daqui em diante será cada vez mais necessário que vocês entendam todas as coisas. Entenderam as que hoje lhes ensinei?

“Sim”, foi a resposta dos discípulos. Foi este um sim de cortesia ou um sim real? Como sabê-lo? Em todo caso, não nos corresponde julgar. Faça a pergunta só como uma meditação, a propósito de nós mesmos. Quanta sinceridade temos em nossa comunicação com o

Senhor? Quanto mais honestos formos com Ele, mais de Seu ensino compreenderemos. A compreensão da verdade é um presente e, como todo presente, deve ser aceito com sincero afeto. A mente agradecida é uma janela aberta por onde o sol da justiça penetra constantemente e cada vez em maior intensidade. A mente egoísta, a que sempre se atribui cada acréscimo intelectual, não passa disto: puro conhecimento intelectual, sem a luminosa dimensão espiritual que dá valor a todo conhecimento verdadeiro. “Sim”, disseram os discípulos: entendemos, compreendemos, estamos de acordo, discernimos, dispomo-nos a ensiná-lo, também a defendê-lo, e estamos profundamente agradecidos a Deus por Seu presente.

A parábola do pai de família (13:52). Agora vocês são mestres instruídos sobre o Reino dos Céus. Os escribas da lei não o conhecem. “Vocês são como um pai de família”, disse Jesus, “que de seu tesouro tira coisas novas e velhas.” Não é um avaro que acumula para si, pelo simples prazer egoísta de ter. Compartilha. E o tesouro da verdade, diferente dos tesouros materiais, quanto mais é compartilhado mais aumenta. Compartilhá-lo não resulta de uma penosa obrigação imposta sobre o crente douto, instruído pelo ensino de Cristo e pela grata experiência com ele. Não é obrigação. É fruto natural da alegria. Tão feliz está com a riqueza espiritual, da graça recebida, que não pode deixar de compartilhá-la. Conta a sua experiência de como veio ao Senhor, como sentiu o toque de Seu amor, como a verdade iluminou sua mente, como a fé o fez entender, como o Espírito o atraiu, como entregou ao Senhor seu coração, sua vida inteira, como vive com Cristo e como cresce. Que experiência! Que conhecimento extraordinário para compartilhar!

O tesouro representa as Escrituras, Antigo e Novo Testamentos. Não poderá descuidar de nenhum dos dois, porque eles se complementam. E, ao colocarmos seus ensinamentos lado a lado, surge a completa verdade a respeito de Jesus. Sua obra criadora, Seu amor cheio de graça pelos seres humanos que pecaram e Sua inalterável paciência para com Seu povo nos tempos antigos. Sua promessa redentora, transmitida pelos ritos do santuário e o ensino dos profetas, Sua humilde encarnação. Sua morte redentora,

Seu permanente cuidado para com a igreja e Seus fiéis, para que não perdessem a fé em tempos angustiantes de perseguição e martírio. Sua presença constante na pregação do evangelho a um mundo incrédulo. Seu próximo retorno e a chegada final do Reino dos Céus, com Sua própria presença real com todos os Seus redimidos para sempre.

Começa o fim da missão na Galileia

No início de Seu ministério na Galileia, Jesus realiza a primeira visita a Nazaré, Sua terra. Depois, a deixou para iniciar Seu ministério público (Lc 4:16-30). Seus concidadãos O rejeitaram porque não creram nEle. O ministério de Jesus na Galileia se estendeu, mais ou menos, desde a primavera do ano 29 d. C. até a primavera do ano 30.

Jesus visita Sua terra: lugar da incredulidade (13:53-58)

Jesus retorna à Sua própria terra: Nazaré. E enfrenta nova rejeição. Para Ele, Nazaré se tornou uma terra de incredulidade. Que tristeza! Toda pessoa tem um afeto especial por sua terra. O rincão do mundo onde nascemos ou fomos criados desde pequenos, como foi o caso de Jesus em Nazaré, é o principal lugar do mundo. Nada há mais belo, atrativo ou melhor que nossa própria terra. Desfrutamo-la até com a lembrança. Jesus também tinha Suas emoções. Por isso, deve ter tido muito apego à cidade de Sua infância, onde viveu os primeiros trinta anos de Sua vida. Nazaré era uma cidade não muito pequena, com quinze a vinte mil habitantes. Mas não era tão grande que eliminasse a relação familiar entre seus moradores. Era ambiente apropriado para desenvolver um afeto profundo por um lugar.

É certo que Natanael questionou Felipe, quando este lhe falou de Jesus como o Messias: “Pode sair algo bom de Nazaré?” (Jo 1:46); e muitos utilizaram esse dito para atribuir má reputação à cidade, como se seus habitantes tivessem sido rudes, moralmente incorretos e muito pouco religiosos. Mas parece que não eram assim.

Não há evidência histórica que os descreva de modo diferente do que foi o restante de Israel. Natanael talvez quisesse dizer que o Messias de maneira nenhuma viria de Nazaré. Todos os judeus conheciam bem a profecia de Miqueias e estavam seguros de que era Belém o lugar de Seu nascimento (Mq 5:2). Se a má reputação tivesse sido real, seria ainda pior a reação para com Jesus.

Primeiro, a dúvida (13:53, 54)

O que Jesus fez. Jesus ensinava na sinagoga de Nazaré. A forma do verbo grego indica que o fez mais de uma vez nesta viagem. Além disso, tinha estado ali muitas vezes, desde a Sua juventude. Conhecia as pessoas, sabia do que necessitavam e que ensino devia lhes trazer em Sua última visita. A partir dali, iniciou o processo de conclusão de Suas tarefas na Galileia. Ensinou com sabedoria e realizou milagres poderosos, embora não muitos (13:58). A sabedoria era uma manifestação do conhecimento de Deus. O poder não era questão de autoridade, mas de ação. Não se tratava de informação que tivesse chegado a respeito de milagres feitos em outra parte. Eram milagres executados ali mesmo em Nazaré. Tudo isso indica que dedicou algum tempo à Sua própria cidade. Fez tudo o que pôde em favor das pessoas de Sua terra.

A dúvida das pessoas. As primeiras perguntas que as pessoas fizeram e suscitaram durante suas conversas, além de expressar surpresa, também manifestavam dúvidas. “De onde”, indagavam, “tirou este sabedoria e tais poderes milagrosos?” Sabiam de sobra que Jesus pregava o Reino dos Céus e proclamava que tinha vindo de Deus. Também estavam bem informadas a respeito da pregação de João Batista e como, com base nas profecias, O tinha identificado com o Messias. Ao perguntarem: “de onde?”, na verdade, afirmavam: não aceitamos nada disso, nem está claro para nós que todo este conhecimento e este poder venham de Deus.

Mateus diz que aquelas pessoas estavam maravilhadas ou assombradas. Não é o maravilhar-se da convicção que resulta em alegria espiritual aprovadora do que se ouve ou do que se vê. É o assombro negativo que surge no espírito humano que duvida.

A dúvida irônica (13:55, 56)

A dúvida irônica é manifestada quando um ser humano elimina o divino de uma experiência espiritual com Jesus. Elimina o divino porque todo o seu contexto parece muito comum. “Não é acaso filho do carpinteiro?”, as pessoas perguntaram. Não pode ser Filho de Deus, de Deus não vem. Seu pai era o simples carpinteiro da cidade. Não o esquecemos. “Conhecemos Sua genealogia humana”, dizem. Como aceitaremos Suas pretensões divinas? Além disso, sabemos quem é Sua mãe, Maria, também uma mulher comum, Seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas, e todas as Suas irmãs. Inclusive vivem todas elas em Nazaré. De onde, então, tirou todas estas coisas? Não sabemos. Não podemos crer nEle. É muito comum, tudo o que é dEle está muito relacionado conosco, os humanos, para que aceitemos algo divino nEle.

A dúvida sempre reduziu as experiências humanas a um âmbito limitado, a um aqui e agora existencial. “Nada do mais à frente”, dizem muitas pessoas, “encontra-se aberto ao ser humano.” A razão humana é o limite de tudo. O que vai além da razão é duvidoso, acrescentam, e até o racional, às vezes, não pode ser aceito como verdadeiro. Muitos seres humanos vivem no pequeno mundo que captam seus sentidos. Só é realidade o que podem ver, ouvir, sentir, cheirar e gostar. O que podem imaginar, aceitam-no como imaginário. Do imaginário, só aceitam como realidade o que imaginam sobre as demais pessoas; e desse modo as julgam, as condenam e as desprestigiam. A dúvida é muito daninha. Faz para o ser humano um deus pequeno que decide tudo em seu pequeno mundo, de muita incerteza e pouca certeza.

A dúvida violenta (13:57)

“Escandalizavam-se por causa dEle”, diz Mateus. Escandalizar-se, no texto original, é um termo que descreve uma dúvida ativa, agressiva, violenta. A violência vai contra o objeto da dúvida, se for uma pessoa. Nesse caso, Jesus. Os que duvidam estão a um passo de rejeitá-Lo. E a atividade da dúvida é produzida em relação às outras pessoas. É mais uma espécie de zelo missionário do que dúvida.

Trata de induzir outros a que igualmente duvidem. Jesus já não argumenta mais. Não trata de persuadi-los nem faz questão disso, pois encontram-se em um estado anímico e mental de plena resistência. Tudo o que Jesus faz é lhes trazer à memória uma experiência que a nação já viveu, no passado, com seus profetas, assemelhando-Se a eles como enviado de Deus. “Em todas as partes se honra a um profeta”, diz-lhes, “menos em sua terra e em sua própria casa.”

A incredulidade infiel (13:58)

“E pela incredulidade deles”, conclui Mateus, “não fez ali muitos milagres.” A incredulidade de alguém que recebeu todas as evidências para crer é infidelidade. E a infidelidade é uma traição. Os nazarenos não traíram Jesus, mas Deus. Assim como Jesus disse a Seus discípulos: “Quem a vocês recebe, a Mim recebe; e o que a vocês não recebe, tampouco Me recebe.” Quem não crer em Jesus é infiel a Deus porque, dizendo-se servidor de Deus, não O respeita. Além disso, a incredulidade dos homens impede a ação de Jesus em benefício deles mesmos. Não há rejeições pequenas. Rejeitar Jesus é rejeitar o Salvador. Sem Ele, o pecador não se livra do pecado e, no dia do juízo, estará sem defensor, por escolha própria e para sua ruína. Rejeitar o Rei é ficar fora do Reino dos Céus.



14

Paixões Versus Compaixão

Morte do Batista: juramentos equivocados (14:1-12)

Herodes Antipas, governador da Galileia e da Pereia, era autoritário e despótico. Em quase tudo, seguia o modelo de seu pai, Herodes, o Grande. Mas não possuía sua inteligência nem sua força de vontade. Seu caráter era inferior, sua personalidade era incerta, sua vontade era débil, mas era dominado por fortes paixões. A estabilidade de suas promessas dependia da intensidade de suas paixões. Era um tirano perigoso.

Herodes reconhece o verdadeiro poder (14:1, 2)

Os homens débeis sempre reconhecem o verdadeiro poder. Eles o temem, mas não o respeitam. Diz Mateus que “por aquele tempo”, o tempo da terceira viagem de Jesus pela Galileia, inteirou-se Herodes de Suas obras. Seus informantes foram os membros da corte. Por sua vez, eles deviam ter ouvido de outras pessoas. Herodes se assustou. Pensou que era João Batista, já morto por sua tirânica vontade, muitas vezes sujeita à manipulação de terceiros. Ele temia João Batista quando este era vivo e reconhecia o poder superior que nele havia. Ao ouvir o comentário de seus homens, disse-lhes: “Esse é João Batista que ressuscitou, por isso tem poder para realizar milagres.”

Assim, reconheceu o poder dos dois: de João Batista e Jesus. Desgraçadamente, o mero reconhecimento do verdadeiro poder, com o qual agiam João e Jesus, não outorgou poder ao caráter fraco de Herodes. Ele precisava ter crido em ambos, sem superstição, com fé genuína. Se tivesse aceitado Jesus, embora sua fé não tivesse tido outra base mais do que os milagres, já teria sido um bom começo. Em vez disso, ele não quis renunciar à ação de suas paixões.

As paixões de um homem débil (14:3-5)

“Herodes tinha detido a João Batista”, conta Mateus. E o pôs num horrível cárcere, localizado na Fortaleza Negra do Maqueronte, a leste do Mar Morto, na Pereia. Essa fortaleza tinha sido construída por Herodes, o Grande, a fim de proteger a fronteira contra as invasões constantes dos moradores árabes a seu reino. Por que o pôs no cárcere? Por motivos de Estado, como diz Josefo? Por assuntos relacionados com a defesa da fronteira? Nada disso. Simplesmente por causa de suas paixões. “Por causa de Herodias”, diz Mateus. Herodias era a esposa de Herodes Felipe I, irmão de Herodes Antipas. Herodes Antipas tomou a esposa do seu irmão e, assim, Herodias, sua cunhada e também sobrinha, por ser filha de seu meio-irmão Aristóbulo, se tornou sua mulher. Paixões.

João Batista constantemente o fazia recordar seu pecado. “A lei lhe proíbe de tê-la como esposa”, dizia-lhe. Cada vez que ouvia isso, as paixões de Herodes entravam em ebulição. “Queria matá-lo”, diz Mateus. Mas a fraqueza de seu caráter o freava. “Tinha medo”, informa o evangelista. Medo das pessoas, o que era paradoxal. Um tirano temente ao povo. Talvez, o temor ao povo seja a principal razão pela qual os tiranos são sempre despóticos e violentos. E o povo tinha João como profeta. É possível que, depois de um período relacionando-se com João, o próprio Herodes tenha concluído que ele era profeta. Mas como não o aceitou nem seguiu seus ensinamentos, temia-o.

O juramento das paixões (14:6-11)

Não era necessário prometer nada. Muito menos jurar. Ele era o rei e tinha todo o poder. Com uma ordem, podia controlar qualquer

situação que surgisse no palácio. De passagem, nesta ocasião, estava de visita à Fortaleza Negra. Seu destino era enfrentar Aretas, rei árabe dos nabateus que, nessa área, tinha fronteira comum com o território de Herodes. Aretas era seu sogro, pai de sua legítima esposa, de quem se havia divorciado. Nessa ocasião, estava celebrando seu aniversário e tinha muitos convidados, os mais poderosos de seu governo. Salomé, filha de Herodias, entrou na sala onde os convidados comiam e bebiam. E dançou.

Com os sentidos embotados pelo álcool e pela dança, Herodes soltou as rédeas de suas paixões. Primeiro, quis se mostrar grande e poderoso. “Peça o que quiser”, disse-lhe, “eu lhe darei isso.” Promessa ilimitada, muito inconveniente para um homem grande. Depois, quis se mostrar generoso e confiável. E jurou. O juramento de um rei ou de qualquer pessoa tem que ser sério, caso envolva coisas sérias, é óbvio. Mas nada era sério nessa festa. Paixões. Tudo era passional e orgíaco. Tudo muito banal. Todas as paixões são assim. Sempre conduzem ao pior, desprezível, destruidor. Destroem tudo, até a vida. “Dê-me em uma bandeja a cabeça de João Batista”, pediu Salomé, depois de consultar sua mãe. Terrível demanda do ódio. E então, a surpresa. “O rei se entristeceu”, diz Mateus. A tristeza das paixões.

Imaginamos que os dons das paixões serão bons, cada vez melhores, cada vez mais numerosos, mais cheios de alegria, mais gostosos e agradáveis. Não é assim. Tristeza é o que eles trazem. Angústia, insipidez e consciência atormentada. Um experiência de dor. Paixões que controlam a própria vontade, e o fraco se faz forte em sua fraqueza. Persiste no engano, como se fosse a única maneira de conservar uma virtude que já perdeu. Então, pesa o juramento. A opinião de outros, como lei de obrigação inalterável, exige sua obediência.

Por causa de seus juramentos e em atenção aos convidados, de acordo com Mateus, Herodes, mandou decapitar João. Uma tragédia, uma injustiça, um crime. Terrível assassinato! A própria maldade das paixões. Levaram a Salomé, em uma bandeja, a cabeça de João, e ela a entregou à sua mãe. Não há nada resgatável nas paixões. Só

a morte existe nelas. E antes da morte, a miséria humana destrói o melhor da vida, pouco a pouco, até que acaba com a própria vida.

Herodes não devia ter prometido nada a Salomé. Se queria lhe dar um presente, como recompensa, ele mesmo devia ter escolhido e ela teria ficado contente com o que recebesse. Mesmo tendo prometido, sob todo o tipo de juramentos, teria sido mais apropriado a um rei retratar-se deles. O juramento das paixões não tem valor moral; em si mesmo é imoral. Por que reconhecer obrigação, sentir-se responsável com o que em si não é mais que uma grosseira e descuidada irresponsabilidade? É melhor reconhecermos um engano e terminar com ele, do que seguirmos acumulando outros maiores, tão somente porque cometemos o primeiro.

Agindo sem paixões (14:12)

Mateus conclui o relato sobre a morte de João Batista dizendo que seus discípulos fizeram duas coisas depois de inteirar-se de sua morte.

Primeira, levaram o corpo para ser sepultado. Não houve gritos nem lamentos, não houve acusações nem protestos contra ninguém. Não houve perguntas. Ninguém indagou: Por quê? Ninguém pensou que Deus abandonou Seu mensageiro. Ninguém se lamentou. Não houve paixões. Será que esses discípulos foram tão frios que não sentiram nada pela trágica morte de seu mestre? Por certo, sentiram a morte. Sentiram-na profundamente; de outro modo, não se incomodariam em recuperar seu corpo e lhe dar a devida sepultura. Sentimentos, eles tinham, e fortes. O que não tinham era paixões. Por isso, fizeram tudo com paciência, sem excentricidades, sem rancores, sem ardentes intenções de vingança. Apesar da dor, sabiam em quem confiar e a Ele foram.

Segunda, avisaram Jesus sobre tudo o que tinha acontecido. Assim fazem os que, em lugar de se deixarem conduzir pelas paixões, agem pela fé. Vão a Jesus. NEle, encontram consolo, segurança, paz e a completa explicação de tudo o que sofrem. E mais, esses discípulos se identificaram tão completamente com Jesus, que integraram à obra de Jesus toda a obra que realizaram sob a direção

de João. Os que agem pela fé, sempre fazem o mesmo. Integram suas próprias obras com às de Jesus, de tal maneira que, em nada, agem separados dEle. As obras de Jesus são as deles e as obras deles só são feitas em Jesus. A vontade do crente é de tal modo integrada com a vontade de Cristo, sem deixar espaço às paixões, que já não existem duas vontades, mas uma apenas: a de Cristo. Por isso, Paulo disse mais tarde: “Já não vivo eu, mas Cristo vive em mim. O que agora vivo no corpo; o vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e deu Sua vida por mim” (Gl 2:20 NVI).

Cinco mil alimentados (14:13-21)

Agora, Mateus se reporta a um lugar solitário. Jesus retirou-Se dali, em um barco, depois de receber a triste notícia da morte de João Batista. “Sozinho”, diz Mateus. A multidão O seguiu e logo se uniu aos discípulos. Há dois fatores muito importantes neste relato: a compaixão de Jesus e a responsabilidade dos discípulos. Não há separação entre Jesus e Seus discípulos nas ações de compaixão. Atuam juntos. Afinal, não existe eficiência em um serviço independente. Os discípulos não tinham os recursos para atender a multidão e Jesus os usou como Seus representantes. E todos os que estiveram em contato com eles, naquela ocasião – homens, mulheres e crianças – foram beneficiados.

A compaixão de Jesus (14:13, 14)

Aproximava-se a Páscoa. As pessoas começavam a sair de todas as nações para a viagem familiar e comunitária em direção a Jerusalém. Os que deviam passar por Cafarnaum planejaram uma visita para ouvir Jesus, Seus ensinamentos, e receber o benefício da cura. Encontraram-se com uma multidão em movimento. As pessoas se dirigiam para o outro lado do lago e souberam que Jesus e Seus discípulos estavam em viagem para um lugar solitário a fim de descansar.

Os discípulos voltavam de sua viagem missionária e necessitavam de tempo para descansar e avaliar suas atividades. Então, se uniram aos discípulos de João que haviam levado a notícia da morte

dele a Jesus. A multidão não pensou em nada disso, nem sabia o que acontecera. Só pensava em vê-Lo, e foi para o outro lado do lago. Uns foram a pé, margeando o lado norte: outros, em barcos. Quando Jesus chegou ao destino escolhido, muita gente já O esperava. Desembarcou em um lugar vazio e subiu a colina. Dali viu como, pouco a pouco, se reuniram uns cinco mil homens, muitas mulheres e crianças.

Nessa altura dos acontecimentos, o descanso já não era importante. O importante era as pessoas, suas necessidades, seu interesse. “E vendo-os”, escreveu Mateus, “Jesus teve compaixão deles.” Compaixão. O que Jesus sentiu não era emoção de lástima que às vezes sentimos pelas pessoas que sofrem alguma desgraça. Era uma profunda disposição de simpatia que comoveu todo o Seu íntimo e moveu Sua vontade de ajudá-las em suas necessidades. O amor se concentra na pessoa que é seu objeto e dá sem esperar nada em retorno, salvo o afeto. A compaixão, como sentimento íntimo, procura o bem-estar da pessoa que é seu objeto, mas lhe revela o que sente e produz alegria a Deus (Fp 2:1, 2). Por isso, Mateus usou o termo com pleno sentido messiânico. Num momento em que qualquer ser humano protestaria pela interrupção em seu descanso e pela invasão de privacidade, Jesus sentiu compaixão pela multidão, e ainda sente isso por todos os seres humanos, porque Ele é o Messias.

Não apenas Jesus sente compaixão, mas os cristãos também devem senti-la. Quando Ele contou a parábola do samaritano para descrever quem é nosso próximo, disse que o samaritano teve compaixão do ferido: “deu-lhe os primeiros auxílios, levou-o a hospedaria, cuidou dele e pagou a conta adiantado” (Lc 10:33). Na parábola do filho pródigo, ao descrever o retorno deste, Jesus disse que o pai teve compaixão dele: “correu para seu filho, o abraçou, beijou-o, pôs-lhe um vestido novo, um anel em seu dedo, calçados em seus pés, fez-lhe uma festa e todos se regozijaram” (Lc 15:20-24). A compaixão é uma marca que distingue a vida dos cristãos individuais e a comunidade cristã como um todo (Fp 2:1). Ela não é um sentimento de lástima, tristeza e abatimento. É o afeto que comove completamente todo o interior da pessoa. Manifesta-se

em um carinho alegre e no atendimento de alguma necessidade de alguém que é incapaz de resolvê-la de outro modo. E isso sem esperar nada em troca.

Movido pela compaixão, Jesus curou os doentes, pregou o evangelho a todos os presentes durante todo o dia. E havia outra obra que deveria fazer. Mas essa Ele não faria sozinho, porque precisava dar uma lição de valor prático aos amados discípulos, recém-chegados de sua viagem missionária.

Responsabilidade dos discípulos (14:15-18)

Há uma responsabilidade que os discípulos de então possuíam, que não é muito diferente da que os discípulos de todos os tempos também possuem. Ela aparece aqui de duas maneiras: como eles a entenderam e como Jesus a entendia.

Como os discípulos entenderam sua responsabilidade. Já era tarde. O Sol estava se pondo e ninguém tinha comido nada, durante todo o dia. Os discípulos entenderam que eles deveriam se preocupar com a necessidade das pessoas. Não necessariamente atendê-las. E se aproximaram de Jesus. “Este é um lugar afastado”, disseram-Lhe, “e se faz tarde. Despede as pessoas. Há povoados próximos onde elas podem comprar o alimento necessário.” Com essa atitude, eles estavam cumprindo a responsabilidade que reconheciam, não a que tinham.

Se os seres humanos, mesmo cristãos, tivessem ficado em liberdade para definir a missão da igreja e, por conseguinte, a deles também, teriam optado por uma missão muito reduzida. Limitada só ao que seus reduzidos recursos naturais pudessem resolver. Os discípulos podiam controlar o horário, organizar as atividades, assinalar onde estava o alimento, criar condições para que as pessoas procurassem alimento. Mas não entendiam que dar o alimento fosse sua responsabilidade. Até hoje existem cristãos que não querem dar alimento aos necessitados, com medo de que estes aceitem o evangelho apenas por causa dos pães e dos peixes, como se atender necessidades materiais fosse um engano estratégico fundamental.

“As pessoas não precisam ir”, objetou-lhes Jesus. “Deem vocês mesmos, a elas, de comer.” Agora, a tarefa estava clara diante deles. O cumprimento da missão não acontece quando sua ação é organizada, quando se pede que dirigentes tomem as decisões apropriadas que a favoreçam, quando os crentes são convidados a participar dela, quando são definidos os orçamentos para executá-la, ou quando os materiais a serem usados são confeccionados. Embora tudo isso seja indispensável e necessite ser feito, a missão é cumprida quando se oferece comida aos que dela necessitam. Quando os crentes levam o evangelho aos que não o ouviram.

“Dai-lhes, vós mesmos, de comer”, disse Jesus. “Não temos aqui”, responderam-Lhe os discípulos, “mais que cinco pães e dois peixes.” “Tragam-nos para cá”, ordenou-lhes Jesus. “Trabalhemos juntos. Tragam para Mim o que vocês têm e juntos vamos alimentar esta multidão. Não tentem fazê-lo sozinhos. Vocês já sabem o que acontecerá. Tampouco menosprezem nem diminuam o que Eu posso fazer junto com vocês e o que vocês junto comigo são capazes de realizar. Vamos! Mãos à obra!”

Ação compartilhada (14:19, 20)

Quem dá as ordens é Jesus. Mateus diz que, após Jesus ter “mandado que a multidão se assentasse sobre a relva”, os discípulos a organizaram em grupos. Jesus abençoou os pães. Não era muito. Cinco pães e dois peixes representam, de fato, pouca coisa. Mas era tudo o que tinham e esta é a medida da abundância. Tudo o que o ser humano tem, unido à bênção de Jesus. E nada mais além disso é necessário. O importante é que estejam juntos. Não há missão impossível quando os crentes e Jesus trabalham juntos. “Logo”, diz Mateus, “Jesus partiu os pães e os deu aos discípulos”.

Quando eles receberam os pedaços, estes já estavam multiplicados. Se assim não fosse, como cada um dos doze discípulos receberia quantidade suficiente para repartir à multidão? “Todos comeram”, diz Mateus, “até ficarem satisfeitos.” A missão foi cumprida com eficiência e plenitude, alcançando a plena satisfação de todos. Nenhuma queixa foi ouvida. Por quê? Porque os discípulos

não estavam sozinhos, sujeitos às suas próprias limitações. Trabalharam unidos ao poder de Jesus. Quando a limitação humana se une ao poder divino, tudo pode. “Nada lhes será impossível”, disse Jesus a Seus discípulos, tempos depois, ao lhes falar da fé necessária para a realização da missão (Mt 17:20).

Beneficiados: homens, mulheres e crianças (14:21)

A informação estatística com que Mateus concluiu o relato nada tem que ver com o trabalho dos especialistas de nosso tempo. Sem dúvida, eles objetarão a falta de precisão dos dados. “Os que comeram”, disse, “foram uns cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças.” Muito menos tem que ver com nossas sofisticadas discussões sobre os direitos dos membros mais fracos de nossa comunidade humana, entre os quais estão as mulheres e as crianças. Não digo que essa discussão esteja necessariamente errada. Digo que ela não estava na mente de Mateus. Tampouco ele pretendia acrescentar “combustível ao nosso fogo”, ausente nesse tempo. Apenas disse que, naquela reunião, participaram homens, mulheres e crianças. Eram muitos, e todos foram igualmente atendidos. Receberam a mesma coisa: pães e peixes. O que estava disponível. Tampouco temos que pedir à igreja que faça distinção entre eles. Buscando atendê-los bem, podemos cair no delito de criar subgrupos em conflito. Todos têm que ser atendidos, sem exclusão de ninguém, com aquilo que temos, sob a multiplicação milagrosa de Deus.

Jesus caminha sobre o lago (14:22-36)

Quando terminou o dia, Jesus e Seus discípulos tiveram que procurar outro cenário para a ação redentora que cumpriam juntos. Retornaram para o outro lado do lago, à região de Genesaré. Ali, outro trabalho intenso os esperava. Necessitariam do poder que provém da oração e da fé.

Poder pela oração (14:22-24)

Jesus ordenou que Seus discípulos subissem no barco e se adiantassem a Ele na viagem para o outro lado. Não perguntaram

como Ele iria. Para quê? Ele sempre sabia o que fazer e como fazer. Enquanto iam embora, Jesus Se despediu da multidão e logo Se afastou para um lugar solitário, na montanha, a fim de orar. Era Seu hábito. Vivia em constante comunicação com o Pai. Nisso residia a fonte de Seu poder como ser humano. Todos os seres humanos precisam viver unidos a Deus, do contrário, nossa vida espiritual será instável, de altos e baixos. Por outro lado, a comunhão com Deus nos outorga uma vida espiritual de crescimento constante e de alegria permanente no Senhor. Produz em nós espontâneo interesse na missão e nos dá os recursos espirituais para executá-la. Jesus orou do anoitecer até perto da madrugada.

O poder da fé (14:25-33)

A viagem dos discípulos foi lenta. O vento soprava contra e, nessas condições, necessitavam de umas oito ou nove horas para cruzar os quase oito quilômetros do lago, a partir do lugar de onde haviam saído. O barco balançava e eles tinham medo. Já na madrugada, Jesus Se aproximou. Mas eles não O reconheceram. Sua mente estava concentrada no perigo e na dificuldade da navegação. É fácil acontecer isso, todos sabemos. As preocupações e os problemas da vida tiram Jesus da mente e vivemos como se Ele não existisse. E quando Se apresenta, não O reconhecemos.

Jesus chegou caminhando sobre as águas, e os discípulos, ao vê-Lo, pensaram que era um fantasma. Mais temor. “Gritaram de medo”, diz Mateus. Angústia. Nós, seres humanos, sempre acrescentamos às dificuldades da vida os problemas que as superstições, ou nossa própria imaginação descontrolada, ou nossas crenças espirituais erradas nos criam. Em lugar de resolver com a fé, deixando que Cristo utilize Seu poder para nos ajudar, aumentamos as dificuldades acrescentando nossa angústia e ansiedade. Apesar de tudo, Jesus não Se esquece de nossas necessidades, nem nos abandona à nossa própria sorte. “Acalmem-se! Sou Eu”, disse-lhes. “Não tenham medo.”

Pedro, com seu permanente oportunismo religioso, ao ver que Jesus caminhava sobre as águas, quis tirar vantagem para si

e fazer o que os outros não fariam. “Senhor”, disse-Lhe, “se és Tu, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas.” “Vêm”, disse-lhe Jesus. Mas Ele sabia o que ia acontecer. A intenção de se destacar dos outros não é base suficiente para o milagre. O desejo de ser mais que os outros não corresponde à mente consagrada. Não produz resultados espirituais permanentes nem é útil para aumentar nosso prestígio à vista de outros. Pedro caminhou, sim, por um trecho curto. O vento o assustou. A fé não desanima com a primeira dificuldade que surge. Ao contrário, confirma-se, persiste, cresce e, à medida que as dificuldades a submetem à prova, produz confiança cada vez maior e mais segura.

Mas Pedro não tinha fé suficiente. Do contrário, é muito provável que não tivesse pedido o que pediu. E começou a afundar. “Senhor, me salve!”, clamou, em pânico. Ali estava a mão estendida de Jesus, que nunca Se esconde perante o menor pedido de Seus seguidores. Buscando ajudá-lo, disse-lhe: “Homem de pequena fé, por que duvidaste?” A fé não duvida nunca. Toda vez que duvidamos é porque não temos fé ou porque nossa fé é muito pequena. A ação cristã, qualquer que seja, sempre demanda fé. Mesmo estando bem juntos a Jesus, precisamos dela. Nada podemos fazer sem fé, porque, sem fé, é impossível agradar a Deus.

Jesus e Pedro, este sustentado pela mão de Jesus, subiram no barco e o vento se acalmou. Que alívio para Pedro! Já não tinha os pés sobre as inquietas e perigosas águas. Que tranquilidade para os discípulos! O vento já não os ameaçava. E fizeram uma coisa boa: não se esqueceram de Jesus e O adoraram, dizendo: “Verdadeiramente és Filho de Deus.” Gratidão e reconhecimento. Quão indispensáveis são essas virtudes na vida espiritual! Deus age em todas as experiências da nossa vida. Quanto bem nos faz reconhecê-Lo! Quanta alegria nos dá o fato de sabermos que Ele é quem controla nossas tormentas e é Ele quem dissipa nossas angústias! Só o que crê de verdade pode ver a mão de Cristo sobre sua própria mão quando com Ele age. E nunca crê que age sozinho. Porque suas obras são feitas sempre com Deus (Jo 3:21).

As obras da oração e a fé (14:34-36)

Chegaram a Genesaré. Como sempre, a notícia de Sua viagem à cidade se espalhou pelos arredores. Genesaré era um povoado pequeno, localizado à margem noroeste do Mar da Galileia, na região do mesmo nome, não muito extensa. Era generosa e muitíssimo fértil. Produzia nozes, tâmaras, figos, uvas, azeitonas em abundância e por muito tempo. Havia frutas todo o ano. Figueiras e vinhas ficavam em plena produção durante dez meses do ano. Chamavam-na de “o paraíso da Galileia”. As pessoas começaram a chegar com seus doentes. E eram muitos doentes. Todos eles suplicando, cada qual por sua própria enfermidade. “Deixe-nos pelo menos tocar a borda de Seu manto”, diziam-Lhe. Que imensa fé! E os que O tocavam eram curados.

Tudo era perfeito: a exuberância da terra, a confiança das pessoas, a formosura do lago, a beleza da planície e as colinas que elevavam para o céu a formosura dos pomares de produção quase ilimitada. Jesus continuava em pleno trabalho de agradável ensino e curas cheias de gozo. As pessoas e os discípulos sentiam o poder e a plena capacidade. Desfrutavam-no sem mistura de inquietações, dúvidas, angústias ou dores. Tudo era alegria, gozo perfeito e uma confiança espiritual tão plena e tão segura que, se tivessem desejado continuar assim para sempre, teriam aceitado Cristo como Rei de um Reino mais forte e mais extenso que o Império Romano. Mas sempre surgem problemas.



15

Misericórdia sem Restrições

Tradição e mandamentos de Deus (15:1-20)

O que é mais importante: a tradição ou o mandamento de Deus? Essa pergunta não parece ser relevante hoje. Primeiro, porque se trata de uma tradição sobre a pureza cerimonial, sem nenhum valor em nosso tempo. Segundo, porque a maioria dos cristãos, ao que parece, não está interessada na obediência da lei, pois consideram que a obediência não é importante para a salvação. A salvação, afirmam acertadamente, é por fé, e não por obras. Problemas de uma tradição sobre a impureza cerimonial não existem hoje, mas existem outras tradições que podem produzir, e de fato muitas vezes produzem, o mesmo problema. Quando a tradição, qualquer seja, embora não esteja relacionada com a limpeza cerimonial, é associada à limpeza moral, isso é relevante hoje e sempre. E quanto à obediência à lei moral, o que disse Cristo? Como nos afeta?

Discussão com os líderes de Jerusalém (15:1-9)

Os dirigentes de Jerusalém enviaram uma delegação de fariseus e escribas ou mestres da lei para expor a Jesus um problema específico. Tratava-se da impureza cerimonial em relação com a lavagem das mãos antes de comer. Isso era muito importante para esses

líderes. Desenvolveu-se então um diálogo com Jesus, que respondeu às perguntas deles com ideias bem claras e diretas.

“Por que transgridem os Teus discípulos a tradição dos anciãos?”, perguntaram. Logo acrescentaram: “Pois não lavam as mãos, quando comem.” A tradição dos anciãos era que todo judeu devia lavar as mãos antes de cada refeição, e cada vez que comesse algum coisa. Escribas e fariseus eram particularmente zelosos no ensino dessa tradição. Os fariseus a praticavam fielmente e a exigiam de outros, com maior zelo ainda. Não comiam com alguém que não lavasse as mãos, porque uma pessoa tal poluía a comida e os que comessem com ela. Essa falta, diziam, era pecado contra Deus. Era pecado tão grande como o adultério (Rabino Joses).

As tradições, em geral, eram preceitos para ajudar as pessoas em seu cumprimento da lei. Mas chegaram a ser consideradas mais sagradas que ela. Se algum preceito da tradição contradissesse a lei, esse preceito tinha prioridade sobre a lei. Era o caso em questão. Se a pessoa não se purificasse e persistisse em sua falta, podia ser morta, sem punição para aquele que a matasse. A tradição era mais importante que o sexto mandamento do decálogo: “Não matarás”. E aí estava o problema: um mandamento humano tinha mais importância que o mandamento divino.

A ideia de que o humano tem prioridade sobre o divino vai além da discussão da purificação ritual e chega à purificação moral. E isso é relevante para todos os tempos, inclusive o nosso. Na verdade, o ataque contra os discípulos era um ataque contra Jesus, contra Deus. Jesus não podia permanecer indiferente a esta contradição. “Por que transgredis vós também o mandamento de Deus?”, Ele retrucou, “por causa da vossa tradição?” Em seguida, citou um mandamento do decálogo, de valor universal, e um mandamento de Moisés, de valor nacional. “Honra teu pai e tua mãe”, diz o quinto mandamento (Êx 20:12). E o mandamento de Moisés: “quem amaldiçoar seu pai ou a sua mãe será morto” (Êx 21:17).

Cuidar de pai e mãe era supremo. “Mas vocês”, disse-lhes Jesus, “invalidaram o mandamento de Deus ensinando que um filho pode ser exonerado de responsabilidade para com eles, se lhes disser: É

corbã, quer dizer, dedico ao templo tudo aquilo com o que pudesse ajudá-los.” É obvio que podia continuar usufruindo de tudo isso até à morte. Só então passava ao templo. Depois do voto, dar aos pais qualquer porção do foi dedicado ao templo era sacrilégio. Uma tradição que pretendia superar a lei moral era mais que um problema de purificação; era um problema moral. “Hipócritas!”, disse-lhes Jesus. “Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (Is 29:13). A superioridade das leis morais de Deus sobre tradições e mandamentos humanos é assunto de relevância permanente.

A posição de Cristo sobre a lei moral ficou muito clara. Defendeu-a com toda a força de argumentação que podia usar perante a delegação que veio de Jerusalém. Defendeu-a contra a maior autoridade aceita por eles, as tradições. As tradições eram a única coisa, entre os judeus, que realmente neutralizava o decálogo dado por Deus a Moisés no monte Sinai. Jesus pôs o decálogo acima da tradição. Nada reconhecia superior aos Dez Mandamentos.

Resposta à multidão (15:10, 11)

Dirigindo-se à multidão, Jesus esclareceu ainda mais a discussão. “Escutem e entendam”, disse-lhes. “Não se confundam com o ensino dos fariseus e dos mestres de Israel. Eles dizem que, se não se purificarem antes de comer o alimento que ingerem, ele os poluirá. Não é assim. O que realmente polui vocês é a tradição que sai-lhes da boca, e usando a boca, vocês também a defendem. Isso que sai da boca de todos vocês é o que polui o ser humano. De dentro de vocês saem também o mau pensamento, a palavra má, a má ação.” O que Deus ordena não polui. A lei moral de Deus tem que ser cumprida porque ela nos mantém distantes de toda contaminação moral. Não há contaminação moral na obediência a Deus. Pelo contrário, a obediência preserva a moral.

Resposta aos discípulos (15:12-20)

Os escribas e fariseus reagiram contra Jesus, murmurando entre eles, sem poder fazer nada em público contra Ele, porque Sua

argumentação tinha sido muito clara. Os discípulos ouviram suas queixas. Aproximando-se de Jesus, disseram-Lhe: “Sabes que os fariseus, ouvindo a Tua palavra, se escandalizaram?” A resposta de Jesus incluiu dois elementos para tranquilizar os discípulos: a planta e o cego. “Não se preocupem com eles, são plantas que Meu Pai não plantou e Ele mesmo, no devido tempo, as arrancará desde a raiz.” “Eles são como cegos”, continuou dizendo, “e porque estão guiando outros cegos, todos juntos cairão no buraco.”

Pedro imediatamente tomou a palavra e disse: “Explique-nos a parábola.” “Nem vocês entenderam?”, perguntou Jesus, passando a explicar tudo o que havia conversado com os fariseus, dando-lhes o sentido pleno da purificação e suas implicações morais. “A comida que entra pela boca”, disse-lhes, “vai ao estômago e do estômago à latrina.” O lavar ou não lavar as mãos não interfere nesse processo. Acontecerá de qualquer maneira e da mesma forma. “Mas o que sai da boca vem do coração e polui.” Por quê? Muito simples: “do coração vêm maus pensamentos, adultérios, homicídios, roubos, falsos testemunhos, calúnias”. Tudo isso saía da boca dos fariseus. Queriam apanhar Jesus para matá-Lo. Isso poluía a vida deles e a de todos os que eles convidavam a participar com eles nessa obra criminoso. Quem comia sem lavar as mãos era inocente, quando comparado com tudo isso.

Já discutimos a tradição de lavar as mãos. Como problema, no transcurso da História, ela deixou de existir. Não tinha conseqüências nem valores permanentes. Por outro lado, a desobediência à lei moral de Deus, que sai do coração, ainda continua sendo importante para os que pensam que as obras da lei não têm valor algum para a salvação dos perdidos. É verdade que a salvação é um dom de Deus, obtido pela fé. Mas os princípios morais estão contidos nos Dez Mandamentos; e os maus pensamentos, o adultério, a imoralidade sexual, o roubo, o falso testemunho e a calúnia, junto com uma hoste de outros males que saem do coração, continuam sendo maus.

A salvação é um dom obtido pela fé, mas, se uma pessoa continuar praticando todos esses males morais sem se arrepender, por cau-

sa deles se perderá. As leis das obrigações rituais junto com as leis civis dadas para reger a vida da nação israelita terminaram. Estavam cheias de símbolos e de ensinamentos sobre o sacrifício de Cristo na cruz. Quando a realidade apresentada pelos símbolos chegou, acabaram-se os símbolos. Mas a lei moral continua, porque é o fundamento moral do governo eterno de Deus.

Viagem a Tiro e Sidom: a fé dos gentios (15:21-28)

Jesus já tinha feito milagres em favor de gentios romanos e gentios gadarenos. Mas todos estavam dentro do território de Israel. Quando enviou os doze em sua viagem missionária de instrução prática, ordenou-lhes que só fossem a lugares dentro da nação israelita. Porém, a missão que estava fundando e o Reino dos Céus não eram só para eles, mas para todo o mundo. Nesta viagem de descanso, longe das multidões de Israel que não se aventurariam a segui-Lo dentro de território gentio, queria lhes dar uma lição prática sobre a universalidade de Sua tarefa. Ainda havia neles uma dificuldade que precisavam superar. Agiria de uma forma que Lhe era peculiar, empregando muito tato, avançando a passos lentos, na medida que eles pudessem entendê-Lo e aceitá-Lo.

Necessidade dos gentios (15:21, 22)

Os habitantes da região eram cananeus pagãos, antiga raça de idólatras cuja destruição tinha sido determinada quando os israelitas conquistaram a terra de Canaã. Por causa da infidelidade de Israel, Deus preservou a vida de muitos cananeus. Os gregos os chamavam fenícios por causa de uma tintura de cor púrpura que vendiam. Os cananeus eram descendentes de Cão, mas assimilaram tão bem a cultura semita, da qual os judeus descendiam, que muitos os confundiam com eles. Os israelitas os odiavam e não lhes permitiam participar de nenhum dos benefícios espirituais que os judeus, diariamente recebiam. Em Tiro e Sidom, também havia judeus entre os cananeus e ali chegaram as notícias a respeito de Jesus: Suas obras de misericórdia, Seus ensinamentos sobre o Reino dos Céus e Seu tratamento compassivo para com todas as pessoas.

Uma mulher cananeia se aproximou de Jesus. Não sabemos seu nome, mas isso não importa. Ela se converteria em um símbolo, e a ausência do nome faria com que seu caráter simbólico, representando a todos os gentios, fosse mais forte. Dirigiu-se a Ele falando em alta voz, aos gritos: “Senhor, Filho de Davi, tenha compaixão de mim!” Nunca tinha visto Jesus, mas não era difícil reconhecê-Lo. As histórias que ouvira O descreviam, em todos os Seus aspectos, como uma pessoa está acostumada a fazer quando está apaixonada por alguém. Seu aspecto, Seu porte, o modo de ser, a forma de caminhar, a permanente companhia dos doze discípulos e muito mais. Também sabia quem era, não ao modo dos fariseus, mas à maneira dos que creem.

Essa mulher Lhe deu dois títulos. Um messiânico: “Senhor”. O outro, “Filho de Davi”. Ambos O reconheciam como o Messias Rei que Deus tinha prometido a Davi, de sua descendência. Apelou à compaixão de Jesus, essa atitude tão dEle, que ajudava as pessoas tirando-as da situação em que se encontravam e levando-as a uma condição de cidadãs do Reino dos Céus. Cada vez que tratava alguém compassivamente, esperava uma resposta de fé que permitisse a conversão. A mulher cananeia já tinha essa resposta. Não precisava esperar o milagre que pedia. Antes de Ele chegar, já aceitara Jesus como Rei. “Minha filha sofre terrivelmente”, acrescentou. “Está endemoninhada.”

Primeiro passo: harmonia com os discípulos (15:23, 24)

Se Jesus tivesse aceitado imediatamente a sua demonstração de fé, teria atendido sua súplica naquele instante. Mas isso não teria sido prudente. Os discípulos compartilhavam com os demais judeus das mesmas barreiras contra os cananeus. Não teriam entendido e nem aceitado uma ação misericordiosa em favor deles. Não naquele instante. Jesus sabia como trabalhar com eles e a isso estava disposto, para que superassem sua maneira discriminatória de pensar. Então, não disse nada. Esse não era um silêncio de rejeição, e a mulher o entendeu. Seguiu atrás do grupo, andando e pedindo.

Os discípulos, por outro lado, que avaliavam tudo a partir da rejeição preestabelecida na mente deles, pensaram que a mulher O incomodava e que Ele Se sentia molestado. “Despede-a”, suplicaram-Lhe. Jesus não atendeu a esse pedido, mas Lhes respondeu de uma forma que eles podiam interpretar como aceitando-a. “Não fui enviado”, disse-lhes, “senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.” Os judeus eram o primeiro objetivo de Sua missão. Mas, o que faria pela cananeia estava a ponto de Lhes dizer qual seria o próximo objetivo: Os gentios.

Diálogo com a cananeia (15:25-27)

Agora, a mulher não aparece aproximando-se de Jesus gritando para chamar Sua atenção. Já o havia feito. Tampouco O seguiu para Lhe indicar que cria verdadeiramente nEle. Já o fizera. Agora, estava diante dEle, ajoelhada, suplicando: “Senhor, me ajude!” Não gritava. Já o fizera. Sua quebrantada voz não levava o desespero do grito; comunicava o sentimento da súplica. Conseguiu impressionar os discípulos, mas não o suficiente para abrandar sua dura percepção exclusivista. Sentiram, talvez, um pouco de lástima por ela; mas sentir misericórdia como Jesus sentia, ainda não. Por isso, Jesus respondeu à mulher de um modo que parece estranho. “Não é bom”, disse-lhe, “tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.” Era assim que os judeus tratavam os gentios. Era assim que os discípulos pensavam a respeito da cananeia, e ela o sabia. Mas não se angustiou. Jesus não tinha terminado o diálogo com ela. Os judeus sequer teriam conversado. Só o fato de Jesus estar lhe falando, para ela, representou uma promessa do milagre. “Sim, Senhor”, disse, segura de que suas palavras mostrariam a fé que tinha e a humildade de sua atitude honesta. “Porém, os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos.”

Os discípulos sabiam muito bem o quanto Jesus valoriza a fé e o quanto aprecia a humildade. Todo o quadro estava, agora, visível perante seus olhos. A mulher tinha uma enorme necessidade, sua filha estava totalmente controlada pelo poder dos demônios e Cristo veio para derrotá-los. A mulher, sem ter obrigação religiosa alguma, O reconheceu como seu Messias, seu Rei, seu único Ajudador. Ela

creu, foi humilde e pediu. Suplicou. Não pediu como alguém com direito de receber. Só apelou à graça e à misericórdia. Só à bondade de Jesus. Somente à Sua ímpar compaixão e a Seu infinito amor.

Segundo passo: cumpra-se (15:28)

“Mulher”, disse-lhe Jesus, “grande é a tua fé.” Ao centurião romano, com uma fé parecida, Ele disse: “Nem em Israel achei tanta fé.” Os discípulos devem ter recordado esse incidente, e seu preconceito contra a cananeia certamente se desmoronou, como foi desfeito naquela vez perante a fé do centurião. Eles estavam preparados para aceitar o milagre em favor da mulher, e Jesus deu o segundo passo de Sua estratégia para com eles, dizendo à mulher: “Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã.” O poder de Satanás foi derrotado também entre os pagãos, e a porta da missão aos gentios e aos territórios além das fronteiras de Israel estava aberta.

Milagre em Decápolis (15:29-39)

Os discípulos estavam sendo preparados para uma obra maior entre os gentios. Jesus retornou pelo lado leste do lago, para Decápolis, região de gentios (Mc 7:31). Ali havia uma obra a ser completada. Os antecedentes aparecem no relato da visita a Gadara (Mt 8:28-34). Depois de curar o endemoninhado, os habitantes do lugar Lhe pediram que Se fosse de seu território. Marcos conta que, antes de partir, o Mestre recomendou ao endemoninhado que contasse aos seus o que Ele lhes tinha feito. E ele contou por toda Decápolis (Mc 5:20). Nesta nova visita ao mesmo território, Jesus agiu, cumprindo Sua missão, como o havia feito em qualquer lugar de Israel.

Ensina como um Mestre (15:29)

Ao chegar à Galileia, subiu à montanha e sentou-Se. Essa era a forma típica de agir dos rabinos de Israel quando exerciam seu trabalho de mestres. Ensinavam assentados em um lugar público. Jesus fez o mesmo quando subiu ao Monte das Bem-Aventuranças para pronunciar os ensinamentos do famoso Sermão da Montanha (Mt 5:1).

Cura os doentes (15:30, 31)

Juntamente com o ensino, Jesus realizou as obras de misericórdia que fez em todo lugar aonde ia. Na vez anterior, as pessoas se aproximaram dEle para Lhe pedir que Se retirasse dali. Agora, uma grande multidão Lhe trazia todo tipo de doentes: coxos, cegos, aleijados, mudos e muitos mais. E Jesus os curou.

Duas eram reações das pessoas: maravilhavam-se com admiração, cheias de alegria, e louvavam a Deus. Já não queriam que Se retirasse. Estiveram três dias escutando-O sem interrupção. Somente se interessavam em Seu ensino e se regozijavam por causa dos milagres por Ele realizados. Pelo testemunho do ex-endemoninhado, elas sabiam Quem Ele era. Não queriam perder nada do que fazia. Os milagres foram muitos, mas o maior dos milagres que fez entre os gentios ainda estava por vir.

Tem compaixão pelas pessoas (15:32-34)

Depois dos três dias de ensino e milagres de cura, as pessoas tiveram necessidade de comer. Jesus também era sensível às necessidades físicas e materiais das pessoas. Tinha-lhes atendido espiritualmente e tinha curado suas enfermidades. Não podia deixá-las ir debilitadas e com fome. “Tenho compaixão desta gente”, disse. “porque há três dias que permanece comigo e não tem o que comer.” Aqui começou a modificar a expressão de Seus sentimentos e desejos para com a multidão. Até agora tinham sido de simpatia e compaixão. Então, começou a expressar Sua vontade para com ela. “E não quero”, disse, “despedi-la em jejum.” Agora, disse o que não queria que ocorresse. Não queria ver o povo padecer nenhum tipo de necessidade. Isso é real não somente com os gentios de Decápolis, mas também com todos os povos de todo o mundo. Há muita pobreza e miséria no mundo, mas não é porque Deus queira isso para as pessoas. Decisivamente, não o quer. Essas situações existem como resultado e consequência do império maligno que o demônio exerce sobre a Terra. O egoísmo, a exploração, o descuido, a imprevisão, a irresponsabilidade, a insensibilidade e a avareza são responsáveis pela miséria humana. Deus não as quer.

Os discípulos, esquecendo-se completamente do que tinha acontecido em Betsaida, onde, com cinco pães e dois peixes, cinco mil homens, mais mulheres e crianças comeram até se fartarem, disseram: “Onde poderíamos conseguir suficiente pão para toda esta multidão?” O lugar era solitário e os povoados estavam muito distantes; realmente, não havia onde comprar nada. Acaso, necessitavam comprar algo? Jesus era o mesmo. Seu poder não tinha diminuído e Sua compaixão era a mesma. Poderia fazer outro milagre. O esquecimento que resulta da falta de fé, entretanto, é sempre muito realista. Chega sempre no mesmo ponto: não temos nada e também não temos possibilidades de obter alguma coisa. Porventura, esqueceram-se de que, caso houvesse um lugar onde comprar, não teriam dinheiro para fazê-lo? Não, mas é assim. A falta de fé trabalha com uma hierarquia de impossibilidades: Primeiro, a mais óbvia, depois vêm as outras e sempre há algo racional que impede o passo para o milagre.

Poder exercido (15:35-39)

Jesus age e poucas vezes argumenta. Para quê? Seu melhor argumento sempre é uma ação de poder e de milagre. “Quantos pães vocês têm?”, perguntou. “Sete”, disseram eles, “e alguns peixinhos.” “Logo Jesus mandou”, diz Mateus. E Sua ordem era como a de um rei: ninguém podia se omitir. O Rei davídico estava falando. Sob Sua ordem, as pessoas se assentaram na grama e os discípulos distribuíram o alimento que ia se multiplicando em suas próprias mãos, para que nunca mais esquecessem o poder de Jesus. Poder de comando, poder milagroso, poder para fazer as coisas necessárias da missão. Naquele instante, Jesus disse o que queria. E todos receberam o que Ele lhes queria dar em abundância até sobrar. “Comeram quatro mil homens”, diz Mateus, “além de mulheres e crianças.” Crianças, mulheres e homens, sem discriminação alguma. Ah! O mais importante era os gentios e os pagãos. Jesus tinha executado Sua missão entre gentios, do mesmo modo que entre judeus. Não havia diferença. A salvação e o Reino dos Céus são para todos.



16 Filho do Deus Vivo

Segundo pedido de sinal: o sinal dos tempos (16:1-4)

Na primeira vez em que Mateus falou que dirigentes judeus pediram um sinal a Jesus, referiu-se aos escribas e fariseus (12:38). Jesus lhes deu o sinal de Jonas e pôs a nação judaica em contraste com os ninivitas que se arrependeram, e com a rainha de Sabá que procurou com veemência a sabedoria dada por Deus a Salomão.

Propósito do pedido (16:1)

Há algumas diferenças entre o pedido anterior e esse. Para pôr em ridículo os oponentes de Jesus, Mateus as informa; porém, reduz o relato ao mínimo possível.

A *primeira* é que os dirigentes não são escribas e fariseus, mas fariseus e saduceus. É a primeira vez que Mateus apresenta fariseus e saduceus tentando juntos produzir dificuldades para Jesus. Eles eram inimigos ideológicos. Os fariseus eram muito religiosos, chegando ao fanatismo, e eram ardentes defensores da religião de seus antepassados. Os saduceus favoreciam um sincretismo da religião judaica com a filosofia grega, amplamente aceita em todo o Império Romano, que incluía o território judeu. Devido à influência do humanismo grego, não criam na ressurreição. A presença dos fariseus

indica que eles entenderam bem o sinal de Jonas, dado por Jesus: Estaria durante três dias no seio da Terra, mas ao terceiro dia, assim como Jonas saiu do peixe, Ele sairia da tumba, ou seja, ressuscitaria. Ninguém melhor que os saduceus para rebater esse ensino.

A *segunda* diferença entre este pedido de sinal e o anterior é que agora se revelava com clareza o propósito envolvido: “Para O pôr à prova”, diz Mateus. Com hostilidade e má fé, perversidade e malícia, apanhá-Lo. A atitude dos fariseus e publicanos era negativa e o seu objetivo mal-intencionado.

A *terceira* diferença é que agora demandavam uma ação extraordinária, milagrosa. Já não queriam uma explicação com palavras. “Pediram-Lhe que lhes mostrasse um sinal vindo do céu”, diz Mateus.

Os sinais dos tempos (16:2, 3a)

“Vocês sabem discernir o aspecto do céu”, respondeu-lhes Jesus, sem a menor intenção de argumentar com eles. “Sabem que fará bom tempo quando, ao entardecer, o céu estiver avermelhado. Quando o céu está nublado e triste na manhã, ameaçador, sabem que haverá tormenta. Vocês sabem os sinais dos tempos. Mas quanto abrange esse conhecimento? Se compararem a vida com o tempo atmosférico e tudo o que dela sabem, o resultado será este: nada sabem. As fronteiras do saber racionalista que está atrás do pedido de vocês é muito pequena. Pedem milagre, mas não creem no milagre. Quem procura o que não crê, nada encontra. E isto é a vida para vocês: um limitado realismo que os arrasta ao absurdo de pedir o que não creem, o que vocês pensam que ninguém pode fazer.

O sinal dos tempos (16:3b, 4)

Os fariseus e saduceus nada sabem do sinal dos tempos. Esse sinal não é um milagre. É a própria pessoa de Jesus. Ele veio no cumprimento dos tempos. Voltará quando os tempos se cumprirem. Não antes nem depois. Ele ordena os tempos. Coloca-os em ordem desde a criação. “Seis dias trabalharás”, disse, “mas o sétimo dia será repouso para o Senhor teu Deus, não fará nele obra alguma.” Assim, ordenou a vida, a maneira de viver relacionada com Deus, a forma de trabalhar

e de adorar, a maneira de servir a Deus e ao ser humano. Por meio do profeta Daniel, marcou a data de Seu ministério humano e de Sua morte (Dn 9:24-27). Mas eles não sabiam. Pensavam que o sábado era uma obrigação que deviam cumprir como cativos; que Daniel não disse nada do Messias, e se algo tivesse dito, nada tinha que ver com os tempos do Messias.

“Uma geração má e adúltera”, concluiu Jesus, “pede um sinal; e nenhum sinal lhe será dado, senão o de Jonas.” Apenas a repetição concisa do dito anterior. Não era necessário mais. Eles não criam. Para os que não creem, não existem milagres. Então, Jesus os deixou e Se foi. Ele jamais deixa os que creem; deles nunca Se afasta. Pelo contrário, a Seus discípulos, mais tarde, quando estivesse a ponto de ir para o Céu, lhes diria: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28:20).

O ensino dos fariseus (16:5-12)

Eis uma nova viagem, agora voltando pelo lado leste do Jordão, na costa do Mar da Galileia. Não foi para Decápolis, onde alimentou mais de quatro mil pessoas, nem a Tiro e Sidom; mas para Betsaida Julia, um pouco ao leste do ponto onde o Jordão deságua no Mar da Galileia, perto de onde tinha alimentado mais de cinco mil pessoas.

Evitem o fermento dos fariseus (16:5-7)

Quando os discípulos desembarcaram, se depararam com um incidente: não tinham levado pão. Uma negligência simples. A maioria das pessoas constantemente comete pequenas negligências. Esse tipo de negligência não chega a modificar o curso da vida, mas a incomoda; e a soma de muitas, pode alterá-la. A mente de Jesus ainda estava concentrada nos ensinamentos que os fariseus e saduceus tinham insinuado na conversa em Magdala. “Tomem cuidado”, disse a Seus discípulos, “evitem o fermento dos fariseus.” Eles pensaram que Se referia ao pão que lhes faltava e assim comentaram entre eles. Jesus percebeu isso. Sabia que Seus discípulos, em seus mais íntimos pensamentos, desejavam que Ele desse o sinal do céu

que foi solicitado. “Ele pode”, raciocinavam, “por que não lhes deu o que pediam e terminou de uma vez por todas com suas dúvidas?” Não conseguiam ver a hipocrisia dos saduceus, o jogo da confusão que executavam tão astutamente. Não percebiam que, ao dar espaço à dúvida dos fariseus, começavam a incorporá-la em seus próprios pensamentos e em sua conduta.

Pequena fé dos discípulos (16:8-11)

“Homens de pequena fé”, acrescentou Jesus, recriminando-os. “Vocês acham que não devem comprar o pão dos fariseus ou dos saduceus? Acaso precisam comprar pão? Não se lembram dos cinco mil que comeram até fartar-se? Esqueceram a abundância de pão que demos aos quatro mil? Entendam bem: Eu não falo desse tipo de pão.” Necessitavam os discípulos entender as palavras de Jesus para ter fé, ou precisavam ter fé para entender Suas palavras? As duas coisas. A fé permite entender com mente espiritual. Sem fé, a mente entende, mas não as coisas espirituais em sua dimensão divina. Só entende o plano humano das coisas. Por isso, os discípulos ficaram no plano do pão, a simples realidade da vida presente e de sua negligência. Para sair de nossas negligências, necessitamos ter fé. Para entrar no plano divino, necessitamos ter fé. A pessoa sem fé não entende as coisas espirituais; elas lhe são loucura. Ao mesmo tempo, a compreensão espiritual das palavras de Jesus, como as recebemos nas Sagradas Escrituras, aumenta nossa fé.

O ensino dos fariseus (16:12)

“Então compreenderam”, diz Mateus. Não é como o entendimento anterior, que junta a fé com a mente para que se torne uma mente espiritual capaz de entender a palavra de Jesus. Essa compreensão une a mente espiritual com a palavra de Jesus. A imagem é de dois que estão em conflito ou em guerra e se unem para estabelecer a harmonia e a paz. A mente inimiga que está contra Deus tem de se tornar amiga. Como? Pela fé em Cristo, faz-se espiritual; e, com a Revelação, torna-se amiga. A mente que está em Cristo e se sustenta na Palavra compreende tudo. Tem a capacidade de discernir entre um mestre que ensina o engano e outro que ensina

a verdade. Entre os fariseus e Cristo. O discernimento espiritual, dado pelo Espírito Santo, quando está presente nos pensamentos, permite esclarecer confusões.

O fermento dos fariseus representa sua má influência e seu ensino pervertido. Ensino, no texto original, significa doutrina. Se a doutrina dos fariseus, originalmente, veio de Deus, o que então a perverteu? Seu egoísmo. A glorificação própria era seu maior interesse, não a glorificação de Deus. Tinham o coração cheio de grandes costumes, todos para si mesmos; nada para o próximo. O amor ao eu, não o amor a Deus, era supremo para eles. Distorciam todos os ensinamentos divinos, inclusive a lei de Deus; conformando-os às práticas pessoais que tinham adotado por si mesmos. O espírito egoísta arruinava sua mente espiritual e poluía a doutrina de Deus, transformando-a em sua própria doutrina. O mesmo poderia acontecer com os discípulos, se continuassem alimentando o egoísmo, já que tinham algumas atitudes iguais ou parecidas com a forma de ser dos fariseus.

Nesta conversa de Jesus com os discípulos, há um começo de distinção entre a nova comunidade cristã e a perversão doutrinária de fariseus e saduceus.

A igreja, comunidade do Reino (16:13-17:26)

Jesus levou Seus discípulos às cercanias de Cesareia de Filipe, não a Cesareia da costa mediterrânea, 40 quilômetros ao norte da fronteira da Galileia. Era uma região idólatra, longe da influência dos mestres judeus. Havia paganismo em toda parte; todo tipo de deuses pagãos da região e de todas partes do mundo, através dos quais se adorava a natureza e o ser humano. Perto do Rio Banias, como agora se chama, havia um templo ao deus Pan, de origem grega, mas considerado um deus universal. Havia também um templo de mármore branco, construído por Herodes, o Grande, em honra ao Imperador Augusto, quando este lhe deu estes territórios no ano 20 a.C.

Jesus queria dizer aos discípulos abertamente que Ele era o Messias e lhes falar mais claramente a respeito da missão universal. Não era conveniente fazê-lo na Galileia nem na Judeia. Nesses

territórios, eles não conseguiam estar sozinhos. A multidão nunca os abandonava e os escribas os espreitavam todo o tempo, na expectativa de encontrar algo que pudessem distorcer para condená-Lo. Em Cesareia de Filipe, nada disso aconteceria.

Edificação da igreja (16:13-20)

As pessoas. “Indo Jesus para os lados de Cesareia de Filipe”, diz Mateus, “perguntou a Seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem? Uns dizem que é João Batista”, responderam-Lhe, “outros, Elias; outros, Jeremias ou algum dos profetas.” Todos eles tinham feito uma obra extraordinária. João, um revolucionário, anunciou o começo de um novo tempo, a era do Messias, a época do Reino dos Céus. Elias, profeta de poder, fez grandes milagres e converteu homens poderosos como Naamã, o sírio. Jeremias, um reformador, pregou a esperança em tempos de desastrosa crise nacional. Qualquer ser humano se daria por satisfeito com essas comparações. Mas Jesus não era um ser humano comum. Nenhum dos notáveis do passado israelita comunicava algo especial e único que havia em Jesus. Ele era mais que tudo isso.

“*E vocês*”, continuou Jesus, “quem dizem que Eu sou?” (16:15). Trocou a expressão Filho do Homem, pelo pronome pessoal Eu. Tudo é bem específico. Vocês e Eu. Este é o ponto crucial da religião cristã. A dupla relação com Cristo: individual e comunitária. Vocês, o grupo (Jo 20:23), a nova comunidade que pouco depois se chamaria igreja. A pergunta não foi dirigida a cada um deles em particular, mas a cada um no grupo e através do grupo. O cristianismo não é individualista nem comunista; não é o indivíduo sozinho nem é a comunidade sem consideração pelos indivíduos, mas as duas coisas juntas. O indivíduo e o grupo integrados, porém, não confundidos.

“*Tu és o Cristo*, o Filho do Deus vivo”, afirmou Pedro com veemência e fé. Falou por si mesmo e pelo grupo. Não podia ser diferente. A pergunta foi dirigida ao grupo, mas o grupo não poderia falar como grupo, falando todos juntos e de uma vez. Deveria fazê-lo por meio de um de seus integrantes. Sem sair da intenção grupal da pergunta, Pedro ofereceu sua declaração voluntária. Não pretendia

separar-se dos outros, nem queria produzir uma declaração própria de fé. Mas Jesus reconheceu sua contribuição individual, que não era criação dele, mas de Deus. Pedro era só o instrumento. “Bem-aventurado és, Simão Barjonas”, disse-lhe Jesus, “porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas Meu Pai, que está nos Céus.”

Os discípulos não se juntaram para deliberar sua resposta definitiva. Pedro não se afastou para, em solidão, meditar sobre o que diria. A declaração fundamental da fé cristã foi uma revelação de Deus. Atribuí-la a Pedro para transformá-lo em um discípulo superior aos outros é uma argumentação exclusivamente humanista, que esquece a revelação. O autor do que Pedro disse era Deus; e a transmissão fiel de Sua revelação, um dever do instrumento humano que Pedro cumpriu com fé plena.

A igreja. Já estabelecida como rocha inamovível a declaração básica da fé cristã, declaração que pertence à comunidade inteira, Jesus agora está em condições de falar de Sua igreja e da edificação dela. A igreja está relacionada com o reino da morte e com o Reino dos Céus. “Sobre esta pedra”, disse Cristo, “edificarei Minha igreja, e as portas do reino da morte não prevalecerão contra ela” (16:18). Enquanto a igreja se mantiver dentro dos limites da fé em Jesus, como Messias e Filho de Deus, estará sob um poder superior ao poder do reino da morte, isto é, superior ao que domina o reino da morte, Satanás. Jesus é superior ao demônio e à igreja.

Pelo fato de crer em Jesus, a pessoa está livre de todos os poderes malignos, incluindo o da morte. A igreja é o triunfo visível sobre o reino da morte. Nela estão todos os que passaram da morte para a vida, da perdição à salvação. Jesus continuou falando com Pedro, sempre como representante da comunidade inteira: “Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus”, disse-lhe. Não se trata de dar como quem dá algo uma vez e ponto final, nem se refere ao tempo como um momento específico situado no futuro indefinido. Significa: “Começo a te dar as chaves do Reino a partir de agora para o futuro, ininterruptamente, em todo o tempo.”

O que são as chaves? As palavras de Jesus, a Revelação de Deus. Isso nunca faltará na igreja, a menos que ela apostate de Jesus e aja além da revelação. “Amem-se uns aos outros ardentemente, de

coração puro”, disse Pedro anos mais tarde, “pois vocês renasceram, não de semente corruptível, mas de incorruptível, pela palavra de Deus que vive e permanece para sempre... E esta é a palavra que pelo evangelho lhes foi anunciada” (1Pe 1:22-25). O evangelho do Reino dos Céus. A igreja tem as chaves que abrem o Reino dos Céus para as pessoas, o evangelho; e os que aceitam o evangelho entram no reino da graça e na igreja. A igreja é a expressão visível do reino da graça, expressão presente do Reino dos Céus que, na segunda vinda de Cristo, se tornará Reino da Glória.

“*Tudo*”, concluiu Jesus, “o que ligares na Terra terá sido ligado nos Céus; e o que desligares na Terra terá sido desligado nos Céus” (Mt 16:19). Não se trata de poder para definir doutrina. Esse poder já havia sido explicado por Jesus quando falou com Pedro sobre a revelação que recebeu do Pai. Deus é quem define a doutrina. A igreja ensina o que Deus revela. Tampouco se trata de poder para definir disciplina. A igreja não decide quais pecados perdoar nem quais pecados condenar. Muito menos define o que é pecado e o que não é pecado. A igreja não tem tais poderes. Deus já definiu o pecado, por meio do Decálogo, e por meio da Revelação determinou o castigo. O pagamento do pecado é a morte, mas a salvação é a vida eterna em Cristo Jesus.

Jesus não deu poderes infalíveis à igreja nem a Pedro. Tampouco deu a Pedro poderes de governo superiores aos de outro discípulo. Pelo menos a igreja primitiva sabia disso, porque funções administrativas não foram concedidas a Pedro, e sim a Tiago, (At 15:13, 19). Paulo tampouco reconhecia que Pedro tivesse poderes infalíveis, do contrário, não o teria repreendido em público (Gl 2:11, 14). O poder de ligar e desligar é a autoridade para administrar a disciplina, segundo as instruções que Jesus daria um pouco mais tarde, em Seu discurso sobre as prioridades do Reino. E a disciplina deve ser administrada na presença de Jesus (Mt 18:15-20).

Jesus ordenou aos discípulos que a ninguém dissessem nada disso. O que lhes estava ensinando naquela oportunidade era uma questão interna da igreja. Não era conveniente que a discutissem fora de seu círculo. Esse é um princípio válido para todos os tempos,

especialmente os assuntos disciplinares. Em que são beneficiados os não crentes, sabendo eles o conteúdo das discussões doutrinárias, disciplinares ou administrativas dos crentes? O que eles precisam receber dos crentes é a palavra de vida, o evangelho do Reino.

Os verdadeiros discípulos (16:21-28)

Logo, Jesus entrou em outro tema interno da nova comunidade: Sua morte. Falou aos discípulos sobre a necessidade que tinha de ir a Jerusalém e os sofrimentos que experimentaria por parte dos líderes religiosos: anciãos, chefes dos sacerdotes, mestres da lei. Finalmente, eles O matariam. Porém, ao terceiro dia, iria ressuscitar. Tudo isso era necessário acontecer. Não precisavam afligir-se, porque o objetivo de Sua vinda seria alcançado assim, e, com segurança, ressuscitaria.

A confusão de Pedro. Pedro, no entanto, não entendeu e O chamou à parte “para repreendê-Lo” (16:22). O texto pode ser traduzido assim: “para Lhe chamar a atenção por Seu engano.” Que variações bruscas na personalidade de Pedro! Acabava de declarar seu reconhecimento de Jesus como Messias e como Filho do Deus vivo, e agora pensava que havia um equívoco em Seu bom senso! Como pôde Pedro considerar seu critério superior ao de Jesus?! Não podemos justificar o procedimento de Pedro. Fazer isso seria um engano muito grande, além de considerá-lo superior aos outros discípulos que não tiveram essa falta de bom senso, o que seria um engano maior ainda. Sem justificá-lo, devo dizer que sua atitude é muito comum entre os seres humanos.

Jesus acabava de elogiá-lo pela revelação vinda do Pai, graças à qual ele soube que Jesus era o Messias. E ele se sentiu superior a todo o grupo, como alguém que soubesse mais que todos eles. Uma espécie de líder tomando a frente para mostrar o caminho aos demais. Nada fora do sentimento humano. Tão humano, que houve, na História, pessoas muito inteligentes que foram convencidas da posição superior de Pedro e o elevaram à categoria de líder máximo da igreja apostólica. Embora ele não tenha tido nenhuma função administrativa e os outros discípulos não tenham reconhecido nele nenhum poder especial,

como infalibilidade ou qualquer outro, salvo os poderes que Deus outorgou a todos eles para o cumprimento da missão. A igreja não devia ser dirigida por critérios humanos, mas pela sabedoria divina. Jesus o repreendeu com firmeza.

“*Afasta-te de mim, Satanás!*” disse-lhe. “Queres Me fazer tropeçar; não pensas nas coisas de Deus, e sim nas dos homens.” Quando o homem elogia-se a si mesmo, só pode estar pensando nas coisas humanas. E a atitude de colocar o ser humano em primeiro lugar, acima de Deus, chama-se humanismo. Os líderes da igreja cristã verdadeira, os seus próprios membros, não podem ser humanistas. Eles devem pensar nas coisas divinas e colocar a autoridade de Deus sobre a autoridade deles mesmos.

Características do verdadeiro discípulo. A propósito desse antecedente, Jesus aproveitou para mostrar algumas características do verdadeiro discípulo. “Se alguém quer vir após Mim”, começou dizendo (16:24):

Primeiro, “negue-se a si mesmo”. Não pode ser como Pedro, que tentou elogiar-se a si mesmo. Tem que se submeter totalmente ao Pai e ao Filho. Não deve elaborar nenhuma ideia nem realizar ação alguma que estorve ou retarde a missão. Muito menos a modifique. Não pode fazer nada contra a igreja, porque ela é de origem divina.

Segundo, “tome a sua cruz”. A cruz era o símbolo do maior castigo aplicado a uma pessoa pelo poder romano. Os discípulos deveriam estar dispostos a sofrê-lo. Como todos os judeus da época, eles odiavam o Império e ainda não tinham captado que Jesus, embora realmente fosse o Messias, não o conquistaria, porque Seu Reino não é deste mundo, como mais tarde diria a Pilatos. Aceitar a cruz é submeter suas próprias ideias, seus próprios desejos, seus próprios planos, a Deus.

Terceiro, “me siga”. Segui-Lo para onde? À morte que acabara de lhes anunciar. Não para morrer com Ele; porque Jesus não veio para arrastar Seus seguidores à morte. Veio para que “tenham vida e a tenham em abundância.” Deviam segui-Lo em Sua morte para aceitá-la como morte vicária, em lugar da deles, e para que ficassem livres dessa morte. Com a morte de Cristo, entretanto, morreriam

todas as ambições imperiais deles. Já não poderiam continuar pensando em sentar-se à Sua direita no Reino; porque o Reino não seria como eles imaginavam.

Não é muito diferente com os discípulos de todos os tempos. A aceitação da morte de Jesus significa transformação completa de nossa vida neste mundo. Antes de aceitá-la, centralizados em nós mesmos, só vivíamos para cumprir nossos ideais e os projetos que as circunstâncias nos impunham. Depois da cruz, Jesus Se torna o centro de tudo em nós. Tudo o que agora passa a nos interessar é Seu plano para nós, Seu projeto da igreja, como entidade criada por Ele e como missão por Ele encomendada. Vivemos para Ele, trabalhamos para a igreja e a missão. O centro de tudo o que fazemos é nosso próximo e nosso maior interesse é sua eterna salvação.

Quarto, “estar disposto a perder a vida”. “Quem quiser salvar a sua vida a perderá; e quem perder a vida por Minha causa vai achá-la”, disse Jesus. Abnegação. Disposição em perder a vida por amor. Ausência total de egoísmo, porque o egoísmo é morte. Morte do seguidor para o serviço de outros e morte para si mesmo, porque o egoísta não entrará na vida eterna. A morte eterna não é nenhuma boa expectativa para a vida de ninguém. “De que serve”, disse Jesus, “ganhar o mundo inteiro e perder a vida? Por outro lado, embora o Filho do Homem Se dirija à morte e morra, não perderá a vida. Porque o Filho do Homem voltará na glória de Seu Pai, com todos os Seus santos anjos; e então recompensará a cada um segundo o que tiver feito. Quem perder a vida por causa de Mim e do evangelho ressuscitará para viver eternamente comigo.”

Jesus conclui Suas instruções anunciando-lhes que logo veriam o Filho do Homem chegando em Seu Reino. Com a glória do Reino. Isso aconteceria seis dias depois, no monte da transfiguração.

17

O Reino em Miniatura

A transfiguração: realidade do Reino (17:1-13)

Aquele dia, cheio de trabalhos como sempre, tinha sido exaustivo. Os discípulos estavam preparados para uma boa noite de descanso, como acontece a todos os trabalhadores quando chega o fim da jornada. Mas Jesus convidou Pedro, Tiago e João para que fossem com Ele a uma montanha próxima. A ascensão aumentou o cansaço de todos. E ficaram em silêncio. Os discípulos faziam apenas perguntas mentais, sem encontrar nenhuma resposta. Aonde vamos? Para que subimos este monte? Por que apenas nós? Em um certo lugar, Jesus Se deteve e lhes pediu que orassem. Ele também o fez. Os discípulos oraram um pouco e dormiram. Jesus continuou orando por mais tempo. Sua preocupação eram os três discípulos que estavam com Ele. Sabia de Sua morte próxima. Não queria que eles desanimassem quando esse momento triste chegasse, por isso, rogou a Deus por eles. Pediu-Lhe uma manifestação da glória que teve antes de vir ao mundo. Que os três discípulos O vissem na glória de Seu Reino. Isso lhes daria segurança para suportar a prova e superá-la. O Pai concedeu o que Ele pedia.

Quando o brilho da glória divina se fez visível nEle, os discípulos despertaram. Em Seu rosto humano resplandecia a glória de Sua divindade oculta pela encarnação. “Sua roupa se tornou branca como a luz”, diz Mateus. E Ele não estava sozinho. Seus discípulos sentiram

uma tremenda impressão de assombro e alegria. Moisés e Elias estavam com Jesus e conversavam familiarmente com Ele. Pedro, como sempre, o primeiro em se expressar, disse: “Senhor que bom é que estejamos aqui! Se quiseres, levantarei três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias.” Quem não teria feito o mesmo? Ficar com Jesus, quando Ele estava vestido com toda a glória de Seu Reino!

Mateus não diz por quanto tempo Pedro queria ficar ali. Certamente, não era pouco, o que foi confirmado pelo desejo de construir tendas. Contudo, não era para sempre. Nós possivelmente teríamos dito: para sempre. Nada mais é necessário, nada mais desejado, nada mais querido que o Seu Reino. Mas não é pelo Reino em si; é porque ele oferece oportunidade e dá a segurança de estarmos juntos com Cristo para sempre. O que existe mais atrativo no Reino é Sua própria pessoa. Por Ele, vivemos e nos movemos e somos; sofremos, alegramo-nos e existimos. Somos o que somos por Ele. Por Ele, queremos ser o que Ele quer que sejamos; e o que não quer que façamos, nunca desejaremos fazer. Porque fomos criados por Ele e para Ele.

Então, a voz do Pai se fez ouvir, clara e distinta como uma luz em meio às sombras que a noite colocava sobre eles. “Este é o Meu Filho amado, anunciou, “em quem Me comprazo; a Ele ouvi.” Os discípulos caíram sobre seus rostos inclinando-se sobre a terra, aterrorizados. Seu próprio cansaço já não existia. Só o poder de Deus. Só o temor humano. Onde ficou seu orgulho, Pedro, quando Deus apareceu? Filhos do trovão, para onde se foi a ira quando Deus falou? O que somos nós quando o Eterno está presente? Só um ser humano prostrado, com medo. “Erguei-vos e não temais!”, disse-lhes Jesus. “Quando elevaram a vista”, diz Mateus, “não viram a ninguém mais, senão a Jesus.” Ajuda-nos, Senhor, só queremos ver-Te sempre!

Desceram da montanha, esquecidos do cansaço. Jesus lhes recomendou guardar silêncio sobre o que tinham visto. “Não o contem a ninguém”, disse-lhes, “até que o Filho do Homem ressuscite” (17:9). Essas palavras, que confirmavam a condição messiânica de Jesus, provocaram algumas perguntas na mente dos discípulos, que ainda prestavam atenção aos mestres de Israel: “Por que dizem os mestres da lei

que Elias tem que vir primeiro? Como vais morrer se Elias ainda não veio? Não haverá engano em Seus conceitos? Não estarão Suas decisões adiantadas, nesse aspecto, em relação ao que foi anunciado pelos profetas?” Quanto custa alguém libertar-se da influência exercida por mestres falsos! O problema é que eles nunca ensinam só engano. Sempre há mistura de verdade com erro, e a parte verdadeira de seu ensino faz com que até o engano pareça verdade. “Sem dúvida”, disse-lhes Jesus, “Elias vem e restaurará todas as coisas. Mas Elias já veio e não o reconheceram. Fizeram o que quiseram com ele e do mesmo modo farão sofrer o Filho do Homem.” “Eles entenderam”, diz Mateus, “que falava de João Batista” (17:13).

Poder do Reino (17:14-21)

Já era dia e um novo trabalho os esperava. Um trabalho relacionado com o poder na comunidade apostólica e com o Reino dos Céus. Quando os discípulos saíram em sua viagem missionária, Jesus os investiu com autoridade para expulsar demônios (10:1) e, de fato, puderam fazê-lo. Mas, nesta oportunidade não puderam. Por quê? Mateus conta a história, com a explicação de Jesus.

“Senhor, tenha compaixão de meu filho”, pediu um homem, quando Jesus e Seus três discípulos, Pedro, Tiago e João, chegaram à planície. “Dão-lhe ataques e sofre”, acrescentou. “Muitas vezes cai no fogo ou na água. Trouxe para os Seus discípulos e eles não puderam curá-lo.” Expectativa geral. A multidão ficou em silêncio. Os mestres de Israel sempre disseram que todos os Seus milagres eram fraudulentos e enquanto os discípulos tratavam de expulsar o demônio, sem poder fazê-lo, chegaram a pensar que esses mestres tinham razão. Agora, nem eles nem o povo estavam tão seguros, mas esperavam. Queriam ver se a falta de poder de Seus discípulos não era um sinal da mesma situação na pessoa de Jesus. Sempre ocorre que o engano ou a infidelidade de um cristão sejam utilizados para se duvidar de Jesus e para se reduzir Seu prestígio. Para os incrédulos, não é o ser humano quem falha, é Cristo. Jesus contemplou o grupo humano, incluindo os discípulos. Ninguém tinha fé suficiente, exceto o pai do moço.

“Ah, geração incrédula e perversa!”, exclamou Jesus. “Trazei-Me aqui o menino.” O demônio fez sua última tentativa de conservar o controle daquela vida. O moço se retorcia diante de Jesus e perante o olhar espantado das pessoas. Jesus repreendeu o demônio; e este, reconhecendo o Seu poder, retirou-se imediatamente. Aí estava o poder. O que os discípulos podiam ou não podiam fazer não era sinal de presença ou ausência de poder em Jesus, mas uma amostra da presença ou ausência de Jesus neles. Uma prova de sua fé. Ao que crê, tudo é possível; mas nada é possível ao que não crê.

“Por que nós não pudemos expulsá-lo?”, perguntaram, em particular, os discípulos a Jesus. Respondeu-lhes: “Porque vocês têm pouca fé.” E era muito pouca, talvez nada. Se alguém tivesse perguntado aos discípulos se criam em Jesus ou não, a resposta possivelmente teria sido “sim”; sem vacilar. Mas a fé não é questão de palavras. Nem todo o que diz: eu creio, crê. Para não crer não é necessário dizer “não creio”. O que apenas duvida, não crê. Os discípulos duvidavam de muitas coisas, e queriam que muitas coisas fossem diferentes da maneira como Jesus as dizia. “Asseguro-lhes”, respondeu-lhes Jesus, “que se tivessem fé como um grão de mostarda, nada seria impossível para vocês.”

Se tivéssemos uma fé viva, mesmo que fosse tão pequena como uma semente de mostarda, logo cresceria até se tornar fé maior dentre todos os que creem. E as pessoas se refugiarão nela, como as aves fazem seus ninhos nas árvores frondosas. O ninho da dúvida jamais incuba a fé. Segurança em Jesus e completa certeza nEle fazem de um fraco pecador, um forte cristão. Como ele aumenta a fé? Exercendo-a. Aquele que crê agora, depois crerá ainda mais. Aquele que agora confia, confiará melhor. Mas vivemos a fé em um processo de crescimento muito lento, por não exercitá-la. Precisamos viver uma vida de fé além de não descuidar a oração, pois, “esta casta não se expele”, disse Jesus, “senão por meio de oração e jejum”.

Jesus anuncia Sua morte (17:22, 23)

Mateus salta para um momento vivido na Galileia, em que Jesus disse a Seus discípulos: “O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens; e estes O matarão; mas, ao terceiro dia,

ressuscitará” (17:22). Que fizeram eles? Creram e se alegraram pela certeza na ressurreição? “Entristeceram-se muito”, diz Mateus. Só captaram a morte. Eram mentes negativas. Não entendiam que até a morte de Jesus tinha que ser causa de alegria porque, para eles e para o restante da humanidade, significava completa libertação da dúvida e do pecado. Não captaram a ressurreição. Perderam a alegria da mensagem.

Toda a mensagem cristã, até a própria experiência da morte é uma luz de regozijo transparente. A tristeza pela morte produz uma fé triste; é fé que na realidade não existe. O cristão pode sentir dor perante a morte, mas desesperar-se por ela é incredulidade. Mais tarde, o apóstolo Paulo diria aos tessalonicenses: “Tampouco queremos, irmãos, que ignorem a respeito dos que dormem, para que não lhes entristeçam como os outros que não têm esperança” (1Ts 4:13).

A segurança da fé em Cristo Jesus produz uma religião de regozijo, de tolerância, de amor, de simpatia. Não tem rancores, nem vinganças, nem acusações. É a bondade de coração aberto, como o aberto coração de Jesus Cristo que recebe o pecador com a mesma alegria com que o pai do filho pródigo recebeu seu filho de volta, arrependido. Por isso, a fé é o poder do Reino e o poder da igreja, quando cada um de nós crê e age pela fé, para a glória de Jesus Cristo.

Imposto do templo (17:24-27)

Mateus nos conta uma história que marca a clara separação entre a comunidade antiga e a nova comunidade, a comunidade do Reino dos Céus, que se encontra em formação, pela missão de Jesus. Tudo aconteceu em Cafarnaum. Os cobradores de imposto do templo estavam ali. Uma armadilha fora montada. Todos os membros da comunidade religiosa de Israel, maiores de vinte anos de idade, deviam pagar o imposto do templo, vivessem no território israelita ou não. Menos os levitas, os sacerdotes e os profetas por serem diretos representantes de Deus, a cuja adoração estava dedicado o templo. Era um imposto religioso, não civil.

Era voluntário; porém, não pagá-lo era atitude interpretada como sendo contrária ao culto do templo. Pecado muito grave. E a armadilha contra Jesus estava nisto: se Ele não pagasse, O culpariam de opo-

sição ao culto do templo, e seria desprestigiado perante as pessoas; se pagasse, tacitamente reconhecia Ele mesmo que não era profeta, nem representava a Deus diretamente, como estavam dizendo os que lhe cobravam o imposto, e o diziam pelo próprio ato de Lhe cobrar.

Os cobradores do imposto falaram com Pedro e não com Jesus. Preferiram colocar a armadilha ao longe. Uma pergunta inocente: “Paga seu Mestre o imposto do templo?” “Sim, paga-o”, respondeu apressadamente. Notou a acusação que desejavam levantar contra Jesus e se apressou a protegê-Lo. Mas Jesus não necessitava de amparo. Deus não necessita da ajuda humana como um socorro. Necessita-a como colaboração, como ação conjunta com Ele, especialmente na missão. Assim, Pedro ficou em apuros e criou um problema para Jesus. Mas nada O limita. Como o Pai, pode transformar até as mais pérfidas armadilhas de Satanás em ocasiões para abençoar as pessoas e fazer avançar Seu reino.

Quando Pedro entrou em casa, sua própria casa talvez, antes que falasse algo, e como sabendo de tudo, Jesus lhe perguntou: “Simão, que te parece? De quem cobram os reis da Terra impostos ou tributos: dos seus filhos ou dos estranhos?” “Aos outros”, respondeu Pedro. “Então os seus estão isentos”, disse Jesus. Não lhe disse: Eu estou isento desse imposto porque sou profeta. Desse modo, só eximiria a Si mesmo, não os discípulos. Preferiu Se comparar com um rei, porque Ele era o Rei do Reino dos Céus. Preferiu incluir também os membros da nova comunidade cristã, porque assim estabelecia uma clara distinção entre os “Seus” e os “outros”.

E quanto à defesa de Sua origem divina, tinha outra forma de comprová-la que, ao mesmo tempo, serviria de ação diplomática para evitar confrontos desnecessários com os inimigos e para não deixar Pedro em má situação. Era uma lição que os membros da nova comunidade precisavam aprender porque lhes seria sempre útil em suas atividades futuras. “Vai-te ao lago”, disse a Pedro, “lança o anzol, e o primeiro peixe que físgar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o e entrega-lhes por Mim e por ti.” O milagre calou qualquer acusação e frustrou a tentativa de apanhá-Lo em um erro. Divino pelo milagre. Superior a todos os seres comuns que pagavam imposto ao templo, por ser o Messias Rei a quem se servia nele. Alguém superior ao templo ali estava.



18

Quarto Grande Discurso: Prioridades na Igreja

Este discurso abrange todo o capítulo 18. Seu conteúdo é determinado por duas perguntas. A primeira é feita pelos discípulos; e a segunda, derivada da anterior, é feita por Pedro. O tema da primeira pergunta é a importância ou a hierarquia da igreja. O segundo tema é o perdão e a relação que deve existir entre os membros da igreja. O termo “igreja” aparece no versículo 17. Duas vezes, no restante do capítulo, como expressão irmã, Jesus menciona “o Reino dos Céus”. As prioridades mencionadas no discurso afetam essas duas instituições de forma equivalente. Constituem a nova comunidade em Jesus.

O quarto discurso, dirigido especificamente aos discípulos, ocorreu na sequência do que Mateus contou antes. Recordemos: ao descer do monte da transfiguração Jesus curou um endemoninhado e voltaram a Cafarnaum. No caminho, já em território da Galileia, Jesus lhes anunciou Seu retorno a Jerusalém (17:22, 23; Lc 18:31).

Diante dessa perspectiva, os discípulos pensaram que em Jerusalém anunciaria a inauguração oficial de Seu reino terrestre e começaram a discutir entre eles quem seria o mais importante no reino. Jesus não disse nada. Mas ao terminar o incidente sobre o imposto do templo, os discípulos discutiram sobre a questão de importâncias ou hierarquias.

Hierarquias na igreja? (18:1-20)

A questão das hierarquias, muito própria das instituições humanas, era um assunto que necessitava explicação. É verdade que os discípulos não estavam interessados no tema como tal ou em uma definição a respeito de seu funcionamento na igreja. Eles só queriam saber qual deles seria o mais importante no Reino messiânico, que eles imaginavam como um reino terrestre.

Pergunta (18:1)

“Quem é o mais importante no Reino dos Céus?”, perguntaram (18:1). Eles não estavam pensando em uma hierarquia eclesiástica, embora tivessem ouvido o anúncio de Jesus, quando disse que edificaria Sua igreja sobre a declaração de fé formulada por Pedro (16:18). A palavra igreja não tinha deixado nenhum conteúdo específico na mente deles. Sua pergunta estava relacionada com a hierarquia política do reino. Algo assim como quem seria o primeiro-ministro do Reino ou o segundo depois de Jesus. O posto ainda não existia e já o queriam. Pior ainda, o reino que eles pensavam só existia na imaginação deles. Dois graves enganos aqui: primeiro, confundir a igreja com a política; segundo, agir como se o que só existe na imaginação existisse na realidade. Toda vez que esses enganos se repetem, produzem um dano parecido: a semente da confusão se multiplica em muitas confusões. Jesus esclareceu muito bem as coisas.

A hierarquia da humildade (18:2-4)

A rocha sobre a qual a igreja está fundada é a Palavra de Deus: Jesus Cristo como palavra encarnada, a Bíblia como palavra escrita. Segundo esse fundamento, a humildade é o princípio básico das relações entre os membros e as relações dos líderes com os demais. “Jesus chamou uma criança e a pôs no meio deles”, diz Mateus. “Assegurem-se que a menos que vocês mudem e se tornem como crianças, não entrarão no Reino dos Céus.” Jesus não poderia ter escolhido melhor exemplo. Diante deles, estava a simplicidade desprezível, o esquecimento de si mesmo e o amor sem interesses de uma criança. Modelo visível para a mudança que Jesus estava pedindo.

Antes de procurar um posto no Reino, precisavam entrar nele. E para entrar tinham que mudar. Essa é uma mudança de mentalidade, não apenas uma modificação dela. Funciona como quando se troca uma coisa por outra. Era preciso adquirir outra mentalidade: a mentalidade do Reino, como a mentalidade de um menino. Nem política nem ambição por posições. A ambição pelo posto mais elevado é invenção de Lúcifer que desejou ser igual a Deus. Essa ambição introduziu o pecado no Universo e, com ele, o grande conflito entre o bem e o mal. Custou a morte de Jesus. Não se pode trazer o mesmo conflito à igreja. Por isso, a mente que se elogia a si mesmo precisa ser trocada por uma mente humilde que elogie a Deus. Humildade é o princípio básico de maior prioridade para as relações fraternais e para o governo da igreja. A hierarquia da humildade não tem hierarquia de posições. Tem atitudes de serviço, espírito de pacificação. Tem relações de afeto, a grandeza que se mede com a vara divina, não com as ambições dos seres humanos pervertidos pelo inimigo de Jesus. “Quem se humilhar como este menino”, disse Jesus, “esse é o maior no Reino dos Céus.”

O princípio da aceitação (18:5)

“O que recebe em Meu nome a um menino como este, receba-me”, acrescentou Jesus. Esse é o princípio de aceitação das pessoas, apoiado na aceitação de Jesus. Porque aceitamos Cristo, aceitamos nosso próximo com a mesma alegria e com o mesmo afeto. Aceitamos o outro com o mesmo amor agradecido com que aceitamos Cristo. Cristo e o nosso próximo têm todo nosso carinho e nossa boa vontade completa. Não há rejeição no Reino dos Céus nem na igreja, porque Cristo a ninguém rejeita.

O princípio da mente espiritual (18:6-9)

“E qualquer que fizer tropeçar a um desses pequenos que creem em Mim”, continuou Jesus, “melhor que lhe pendurassem ao pescoço uma pedra de moinho e o afundassem no profundo do mar.” Precisamos ter uma mentalidade especial para não causarmos escândalo a ninguém. É necessário, especialmente, que não escanda-

lizemos os menores em idade, os menos importantes da sociedade e da igreja.

O que significa não escandalizar? É obvio que inclui a capacidade de não produzir escândalos. Mas há muito mais aqui.

Primeiro. Começando por seu sentido mais elementar, significa não induzir ninguém a cometer pecado. Para isso, deve-se ter a mente limpa de pecado. A mente maliciosa, pecadora, que maquina o mal e o origina, como a mente que os antediluvianos possuíam (Gn 6:5), não deve existir na igreja. Sua influência é negativa e corrupta. A mente espiritual é pura, cristalina, inclinada sempre para o bem. Por isso, nunca induz ninguém a cometer pecado algum. Uma pessoa com mente espiritual não convida outra para participar de nenhum pecado, seja pequeno ou grande, seja de vícios do corpo ou desvios do coração. Sua influência é sempre para o bem.

Segundo. Não escandalizar também significa não induzir ninguém ao abandono da fé. A fé como crença doutrinária e como capacidade espiritual para crer. Ninguém na igreja, nem membros nem líderes, jamais deve, por palavras ou atos, induzir outros para que deixem de crer ou desprezem as doutrinas. Alguns criticam a igreja, desprestigiam as doutrinas, de forma direta ou de maneira sutil. Desse modo, influenciam pessoas de mente mais simples, para que deixem de crer ou rejeitem alguma doutrina, ou todas elas. Não é assim a mente dos cidadãos do Reino dos Céus, membros da igreja. A mente espiritual não tem dúvidas nem as estimula, e por não as ter não as expressa. Apenas crê. Não é autônoma; pelo contrário, está sempre submetida à revelação divina e aceita Seu conteúdo sem rejeitar nada. Ensina a doutrina.

Terceiro. Não escandalizar significa não ofender. Alguns ofendem as pessoas com facilidade. Usam palavras ofensivas, realizam atos que ofendem, tomam decisões ou realizam atos que afetam negativamente as emoções de outros. A mente espiritual não ofende jamais. É diplomática, cautelosa, considerada, respeitosa e simpática.

Quarto. Não escandalizar significa não produzir desconfiança ou aborrecimento contra alguém. A mente espiritual não julga desfavoravelmente as pessoas, confia sem ingenuidade, obedece, é justa e nunca despreza ninguém.

O mundo leva muitas pessoas a pecar. Isso parece natural, “mas ai do mundo, pelas coisas que fazem as pessoas pecarem!”, disse Jesus. E acrescentou: “e que faz outros pecarem!” (18:7). “E não te faças pecar. Algo que haja em ti, que te arraste para o pecado, lança-o de ti. Embora te seja tão querido como u’a mão, um pé, um olho; corta-o. É melhor que sem ele entres no Reino a ficar fora dele, por conservá-lo.”

A justa valorização das pessoas (18:10, 11)

“Não menosprezem a qualquer destes pequenos”, afirmou Jesus. Sejam justos na valorização das pessoas. Não lhes deem menos valor do que realmente têm. Qual é o valor real de uma pessoa? Um princípio geral é o seguinte: Ninguém vale menos que o sacrifício de Cristo na cruz. Ele teria morrido por um só ser humano. Então, não avaliemos ninguém abaixo desse nível. Jesus deu outro elemento para pedir que ninguém seja avaliado menos do seu real valor. O anjo que serve a cada pessoa (Hb 1:13, 14) vê constantemente a Deus, e Ele recebe toda a informação sobre cada pessoa. Se você menosprezar alguém, Deus sabe, não só pelo que sabe por Si mesmo, mas também pelo serviço dos anjos.

Não permita que um anjo tenha de informar Deus sobre a necessidade de uma ajuda para alguém, por sua causa. Então não menospreze a ninguém, por causa do valor que Jesus lhe concede, e por causa do valor calculado pelos anjos. Como podemos nós, que estamos a serviço de Jesus e trabalhamos em harmonia com os anjos, avaliar as pessoas abaixo do valor eles lhes atribuem? Impossível. Deve haver harmonia total entre nós e Jesus, como os anjos estão em harmonia com Ele, a respeito de todos os súditos de Seu reino. Esse princípio é vital em toda relação entre os membros da igreja.

Além desse valor básico de toda pessoa, há também um valor funcional. Quanto vale para uma função determinada dentro da igreja? Nisso também devemos ser justos. Não desqualificar alguém por razões ocultas, de qualquer natureza. Devemos nos precaver contra o critério egoísta que diz: “Meu amigo serve para tudo, quem não é meu amigo não serve para nada”. Ou começar a diminuir o

valor de uma pessoa em relação a um determinado cargo, porque queremos esse cargo para nós.

O princípio de conservação (18:12-14)

A parábola começa assim: “Que lhes parece?”, perguntou Jesus. “Se um homem tiver cem ovelhas e perde uma delas”, continuou, “não deixará as noventa e nove para ir procurar a que se perdeu?” Entendam bem, agora lhes falo das ovelhas que já estão no redil. Vocês sabem que Meu interesse principal e o objetivo de Minha missão é salvar todos os seres humanos que estão perdidos. Mas também Me interessam os que já estão na igreja. A prioridade entre as cem ovelhas é a que se perdeu. Lembrem-se: a que se foi não é uma ovelha pagã, é membro do redil. As outras podem ficar bem protegidas na igreja, mas agora vamos concentrar o trabalho para recuperar a que se foi, até que a tragamos de volta.

E quando a tivermos encontrado, nos alegremos com grande regozijo. Façamos uma festa como fez festa o pai do filho pródigo. A propósito, não aconteça a ninguém ficar amargurado como o irmão mais velho ficou em relação ao filho pródigo. Não reclamem de nada. Nem se deem por tão justos como ele fez, porque ele, na realidade, foi injusto para com o irmão e para com o pai. Não queria festa para o irmão, merecia um bom castigo ou uma reprimenda pelo menos. Não queria reconhecer o bem que o pai fazia. Preferiu se queixar de que nunca tinha feito nada parecido em reconhecimento a tudo de bom que ele fizera. Esse espírito de autojustificação não ajuda a recuperar a ovelha perdida. Nunca está disposto a fazer tudo o que é necessário para encontrá-la.

Por favor, não pensem em castigo. Participem do regozijo que há no Céu por um pecador que se arrepende. Ajudem os noventa e nove justos que estão no redil, que nunca se perderam, para que sua religião não se apoie na boa conduta deles, mas na graça redentora de Jesus. Esta produz felicidade; a outra, tristeza, porque nunca é completa. Nossa boa conduta nunca é totalmente boa. Sempre lhe falta algo. Alegria espiritual lhe falta. Por outro lado, a graça de Cristo jamais tem falta de nada e, melhor de tudo, dá a todos sem criticar.

A felicidade espiritual vem por essa via. Demos prioridade ao que se extraviou, porque Jesus não deseja que nenhum dos membros de Sua igreja se perca (18:14). Esse mesmo desejo de Jesus deve ser o de cada crente.

A disciplina justa para os pecadores (18:15-20)

Tenho que lhes esclarecer outro assunto. Como devem tratar o pecador? Não o pecador arrependido que volta sozinho ou que vocês trazem de volta, depois de havê-lo buscado com todo seu esforço individual e comunitário. Este é o pecador que sem sair do redil comete um pecado contra outro membro da igreja ou contra toda a comunidade; ou contra Deus diretamente, mas afeta também à igreja. Há três passos e uma autoridade.

Primeiro passo: encontro de dois. O ofendido deve ir sozinho ao ofensor. A conversa deve acontecer com espírito de humildade, com o objetivo de convencer o pecador, da falta cometida. É a mesma forma como o Espírito Santo nos convence de pecado (João 16:8). Sem convicção de pecado, não há verdadeiro arrependimento. Por isso, o objetivo dessa conversa pessoal é que essa convicção seja produzida. Tal convicção nunca surge em um ambiente de acusação. Nem Deus faz assim. “Venham, esclareçamos coisas”, diz o Senhor. “São os pecados de vocês como escarlate? Ficarão brancos como a neve! São vermelhos como o carmesim? Brancos ficarão como a lã!” (Is 1:18). Não há acusação aqui. Deus conversa com o ser humano e lhe oferece uma solução. No ato de falar sobre o pecado há uma promessa, não recriminação. Esse tipo de comunicação com um pecador requer humildade, a humildade de Deus. E cada membro do Reino dos Céus tem que consegui-la através dEle. Nesse ambiente é bem possível que o pecador se arrependa genuinamente. Se isso acontecer, o gozo espiritual dos dois será imenso.

Segundo passo: duas ou três testemunhas. Pode ser que o arrependimento não aconteça no primeiro encontro. Procure então, mais um ou dois membros, com o mesmo espírito. De novo, uma conversa como a anterior. Influenciem, a fim de que a convicção de pecado seja produzida. Caso isso não ocorra, os acompanhantes se

tornarão testemunhas da rejeição e da persistência no pecado. Mas não se apressem em discipliná-lo. Ofereçam-lhe uma nova oportunidade através da igreja. Informem-na do acontecido.

Terceiro passo: toda a igreja. Depois que a igreja tiver recebido o relatório, também deve estabelecer comunicação amorosa com o pecador, tratando de produzir nele a convicção do pecado. Se a rejeição persistir e o orgulho do pecador não ceder à humildade do convite, que seja tratado como publicano ou gentio, ou seja, deixado fora da igreja.

Uma autoridade. Jesus fala da autoridade que coloca sobre igreja, que age junto com Ele. Sobre a igreja lhes diz: “Asseguro-lhes... tudo o que ligardes na Terra terá sido ligado nos Céu, e tudo o que desligardes na Terra terá sido desligado no Céu” (18:18). Acaso, essa é uma autoridade despótica ou intrínseca, como que formando parte do ser da igreja, que lhe é inerente, pelo fato de Jesus ter dito: “asseguro-lhes”? Não parece. “Além disso, lhes digo”, acrescentou. O que disse primeiro sobre a autoridade da igreja agora se completa: “Quando vocês, como igreja, estiverem de comum acordo em algo, e o pedirem, Eu o concederei, como concedo a duas ou três pessoas que ficam de acordo para pedir algo; porque Eu estou no meio delas nesse acordo.” Está claro.

Para que a decisão disciplinar tomada pela igreja na Terra seja ligada no Céu, a disciplina da igreja e a disciplina de Cristo têm que ser a mesma. Isso só é obtido quando há unidade completa entre os membros da igreja e a vontade de Jesus, a Quem a igreja convida por meio da oração. A integração entre a igreja e Cristo, em uma só autoridade, só acontece pela atividade do Espírito Santo. Por isso, a aplicação de disciplina na igreja tem que ser uma atividade espiritual, regida pelos princípios divinos. Nunca por procedimentos políticos, interesses de grupos, ou motivações egoístas. Então, por ser dirigida pelo Espírito Santo e por estar identificada com Cristo, será uma autoridade espiritualmente respeitável, e terá que ser respeitada. Isso nos leva de volta à pergunta inicial dos discípulos: Quem é o mais importante no Reino dos Céus e na igreja? A resposta é muito simples e grandiosa: É Jesus, o Messias, Rei.

O perdão no Reino dos Céus e a igreja (18:21-35)

Como Jesus falou de um processo disciplinador que deixa aberta a possibilidade de perdoar e, sem dúvida, para esclarecer essa situação, Pedro fez a segunda pergunta das duas que motivam o conteúdo do discurso pronunciado por Jesus.

Perdão ilimitado (18:21, 22)

“Até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?” (18:21). Perguntou e já sugeriu a resposta. Perdoar sete vezes na vida a uma mesma pessoa, pareceu-lhe muito generoso. Por que sete vezes? O texto não revela. Mas se diz que os rabinos, interpretando Amós 2:1, ensinavam que se podia perdoar até três vezes. Como o texto diz: “Por três pecados de Moabe e pelo quarto não revogarei seu castigo”, Pedro teria pensado que Jesus seria mais generoso que os rabinos. Há outra alternativa que não está fora de possibilidade. Pedro pode ter apoiado sua sugestão de sete vezes em um dos provérbios de Salomão, que diz: “Porque sete vezes cairá o justo e se levantará” (Pv 24:16).

Em todo caso, Jesus ampliou em muito a boa vontade de Pedro: “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (18:22). Perdoa a teu irmão toda vez que ele te pedir perdão, indefinidamente, sempre com a mesma boa vontade. E sem lhe mostrar a conta, não deixes que aconteça recordar-se quantas vezes já o perdoaste. Se bem que a pergunta estivesse bem respondida, Jesus incorporou em Sua resposta uma parábola que daria uma ideia mais completa do significado do perdão. Não é somente a ilimitada quantidade de vezes que devemos perdoar; também é importante a qualidade do perdão que outorgamos: de todo coração (18:35). Um perdão restringido ou limitado é falso perdão.

Parábola dos dois devedores (18:23-35)

Um rei que perdoa (18:23-27). “O Reino dos Céus” e a igreja, segundo Jesus, se parecem com um rei que quis ajustar contas com seus servos. O primeiro caso era de um servo que lhe devia dez mil talentos, o que significava muita prata: 340 mil quilogramas de prata,

dinheiro suficiente para contratar dez mil jornaleiros durante vinte anos. Como um simples servo pagaria essa dívida? Simplesmente não havia condições. Sem dinheiro, sem propriedades, sem recursos de nenhum tipo, isso era impossível. O rei decidiu transformar em dinheiro a única coisa que o servo tinha: a própria pessoa, a esposa, filhos e os utensílios da casa. “Vendam tudo!”, disse o rei.

Que dramática descrição de um ser humano qualquer diante de Deus! Sem nada para pagar uma dívida tão grande! “O servo prostrou-se diante do rei e lhe rogou misericórdia. Sê paciente comigo”, disse-lhe, “submeta ao Senhor a ira que tem contra mim. Não me castigue. Eu tudo pagarei.” Não pedia perdão da dívida, só pedia mais tempo. Mas o tempo de toda sua vida não lhe bastaria para reunir o suficiente e pagar. “E o senhor daquele servo, compadecendo-se”, diz Mateus, “mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida.” A gente pode imaginar a alegria e o enorme alívio daquele servo. Mas os seres humanos são muito estranhos. Não sabemos desfrutar plenamente daquilo que é bom. O egoísmo sempre destrói o nosso melhor.

Um servo que exige (18:28-30). “Ao sair da casa do perdão, o servo se encontrou com um de seus companheiros de servidão que lhe devia cem denários.” Apenas o equivalente a cem dias de trabalho de um jornaleiro. Isso era muito pouco, comparado com a dívida que o rei acabara de lhe perdoar. Mas esses cem denários eram dele e não os perderia por nada. A alegria do perdão recebido se foi. Agora exigiu com dureza. Tão duro estava que se tornou violento. Tomou o devedor pelo pescoço e começou a estrangulá-lo. “Tem que me pagar tudo o que me deve!”, dizia-lhe. Seu devedor fez o mesmo que ele tinha feito antes. Rogou-lhe que lhe desse mais tempo e lhe pagaria tudo. Seu rígido e insensível coração não ouviu o clamor e agiu de maneira completamente irracional, não apenas pela dureza com que tratou seu servo, mas também pela solução encontrada para lhe exigir o pagamento. Ao pô-lo no cárcere, o impossibilitava de trabalhar e juntar o dinheiro que lhe devia. Assim, não poderia pagar uma dívida que, estando livre, com cem dias de trabalho, pagaria sem problemas.

Não nos esqueçamos: Ao falar deste devedor, Jesus Se refere a nós, pecadores, que temos uma dívida muito grande com Deus. O que fazemos com os outros membros da igreja quando eles comen-tem faltas, às vezes, menores que as nossas? Não haverá um pouco de egoísmo na rigidez de nossas exigências? Melhor seria que esti-véssemos em outro grupo de servos.

Outros servos: entristecem-se (18:31). Os demais servos, ao verem o que seu companheiro de servidão fazia, se entristeceram muito. Em primeiro lugar, porque não concordaram com sua atitude. Em segundo, porque tiveram misericórdia do que não recebeu perdão. O que pode fazer um fiel cristão, quando vê que um de seus irmãos é muito rígido e duro na aplicação da disciplina a outros irmãos que pecaram? Não pode agir como um super-herói que sai a vingar vítimas, seja com ações ou palavras. Tampouco pode condenar a igreja inteira pela dureza de um, alguns ou muitos. Menos ainda conscientizar outros para formar um grupo de reação, como se eles fossem os santos, e os demais membros, pecadores e apóstatas. Essa solução repete o mal da condenação. Volta a incorporar a dureza ou, paradoxalmente, a leviandade, nos assuntos disci-plinares da igreja. Dureza para os outros e leviandade para os membros do grupo. Os outros servos da parábola não fizeram nada disso. Apenas fizeram o que realmente podiam e o que ajudaria a resolver o problema. Contaram ao rei tudo o que estava acontecendo, para que ele interferisse.

Perdoar de coração (18:32-35). O rei interferiu. Considerou de-vedor o servo perdoado. Esse servo perdeu o perdão do rei, por não ter perdoado a seu conservo. Jesus tinha ensinado Seus discípulos a pedirem perdão a Deus, dizendo: “perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6:12). O perdão que outorgamos é a medida do perdão que recebemos. Se não perdoarmos as faltas de alguém que nos ofende, como pediremos perdão a Deus quando O ofendermos com nossos pecados?

Jesus concluiu Seu discurso dizendo que da mesma forma como o rei tratou o servo devedor, o Pai nos tratará, a menos que cada um de nós per-doe de coração a nosso irmão. Essa frase indica que as prioridades do rei-no são, ao mesmo tempo, as prioridades na igreja, onde a relação fraternal dos membros, determinada pelo perdão genuíno, é prioridade absoluta.



19 Viagem da Galileia Para Jerusalém

Fim do ministério na Galileia. O ministério de Jesus na Galileia vai desde a segunda Páscoa, do ano 29 d.C. até o outono do ano 30 d.C. Mateus o relata de 4:12-19:1. Esse ministério teve início em Sua volta da viagem para ser batizado por João Batista (Mt 4:12). Nessa oportunidade, também realizou um ministério na Judeia, do qual Mateus nada informa. João é o único que relata exaustivamente esse ministério. Sua parte inicial (Jo 1:19-2:12), vai do outono do ano 27 d.C. até a primavera de 28 d.C. Sua continuidade (Jo 2:13-5:47) é produzida desde a primeira Páscoa, ano 28 d.C., até a segunda Páscoa, ano 29 d.C.

Viagem pelo leste do Jordão (19:1, 2)

A viagem da Galileia a Jerusalém (19:1-20:34), ao fim de Seu ministério na Galileia, segundo Mateus, foi feita pelo outro lado do Jordão. Quer dizer, pelo lado este. Precisava atravessar a Pereia, viajar para o sul até Jericó, cruzar o Jordão para o oeste e dali subir para Jerusalém. Pereia era parte do território sob o governo do rei Herodes Antipas e estava densamente povoada. Não pôde evitar as multidões e ali curou muitos doentes, de acordo com Mateus (19:2).

Pergunta sobre o divórcio (19:3-12)

O divórcio sempre foi um assunto muito discutido. Muitas pessoas pensam que se trata de algo relacionado com o direito natural dos indivíduos, e cada um tem todo o direito de fazer sua opção. Isso, como exercício do livre-arbítrio, está correto. Cada um pode optar, mas não significa que a opção de cada um seja moralmente correta. O correto ou incorreto no terreno da moral e em tudo o mais é uma decisão de Deus. Nós optamos pelo bem ou pelo mal, mas depois de nossa opção o bem continua sendo bom e o mal continua sendo mau. Se optarmos pelo bem, faremos o moralmente correto, quer dizer: o que está de acordo com a vontade de Deus. Se optarmos pelo mal, faremos o moralmente incorreto.

O divórcio em geral (19:3-6)

“É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo?”, perguntaram uns fariseus, para apanhá-Lo. É certo que tinham em mente um casamento judeu; mas Jesus responde como uma questão humana, universal. Leva-os à criação do primeiro casal. Adão e Eva não eram judeus e, ao se referir a eles, Jesus abrange todos os seres humanos, de todas as etnias, em todos os tempos e no mundo todo. Deus os criou com a intenção de que se casassem devidamente preparados para o estado do matrimônio. “Homem e mulher os fez”, afirmou Jesus. Continuou com uma citação textual do Gênesis: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2:24). “Assim já não são dois, mas uma só carne.” Por criação, Deus determinou que deviam se casar. Por casamento, os tira da tutela de seus pais, para transformá-los na unidade pretendida pela criação. Deus instituiu isso. Não os seres humanos.

O casamento não é um pacto entre um homem e uma mulher. É a união de um homem e uma mulher para cumprir o que Deus projetou e ordenou a todos os seres humanos. Eles se escolhem para essa unidade, mas quem a produz é Deus. “O que Deus ajuntou”, disse Jesus, “não o separe o homem.” A pergunta foi: É permitido o divórcio? Resposta clara: Não. Frente a isso, deve o

Estado ter ou não uma lei de divórcio? Seria imoral o Estado se a tivesse? Não seria imoral e deveria tê-la. Em primeiro lugar, deve tê-la porque o Estado é de todos os que fazem o bem e dos que não o fazem. Em segundo lugar, a opção moral não é do Estado, mas dos indivíduos que o compõem. Deus mesmo permitiu que o antigo Estado de Israel tivesse uma lei de divórcio. O problema seria se o Estado obrigasse o divórcio a pessoas que se encontrassem em situações específicas determinadas pela lei. Mas se a lei existisse em termos de opção por decisões individuais, não estaria mal. Inclusive ajudaria a resolver o problema dos que têm direito a se casar de novo, por serem vítimas em um divórcio por imoralidade sexual de um dos cônjuges. O trabalho de convencer as pessoas para que não se divorciem ou optem pelos princípios divinos do divórcio corresponde à igreja cristã. Não ao Estado.

A autorização de Moisés (19:7-9)

Os fariseus sentiram que, em vez de colocar Jesus em um problema, o problema se voltara contra eles. Eles aceitavam o divórcio. Por aceitá-lo e ensinar que sua prática era lícita, se colocavam em oposição a Deus. Não podendo aceitá-lo, procuraram, então, uma saída nas leis que Moisés deu para a nação de Israel: “Por que, então, mandou Moisés que um homem desse à sua esposa, um documento de divórcio e a despedisse?”, perguntaram. A saída era perfeita. Assim estava escrito e eles se sentiam autorizados a ensinar dessa maneira. “Por causa da dureza do vosso coração”, disse-lhes Jesus. Por trás dessa autorização, na realidade, não está Deus. Os verdadeiros causadores dela são vocês. Não houve autorização de divórcio desde o começo até que vocês viessem à existência como nação. Mas lhes digo que há uma exceção, sim, pela qual um casal está autorizado a se divorciar: a imoralidade sexual. Se um homem se divorciar de sua esposa por qualquer causa diferente e se casar com outra, comete adultério com ela. O caso é igual se a esposa cometer adultério. A exceção, em um divórcio por imoralidade sexual, somente se aplica ao que não comete adultério. Esse cônjuge pode se casar de novo, sem com isso cometer adultério.

Embora, se for espiritualmente possível, a reconciliação do casal seja sempre a melhor solução.

A observação dos discípulos (19:10-12)

Os discípulos viram o problema em seguida. O mesmo problema que afeta todo aquele que se divorcia tendo cometido adultério. Para não cometer adultério outra vez com a mulher que se casa, deve ficar sem casar. “É melhor não se casar”, disseram os discípulos. Seria melhor ficar solteiro. Com essa observação, revelavam sua habitual maneira judaica de pensar. Sem a solução do divórcio, o casamento é muito arriscado. Como vão suportar um casamento com alguém a quem já não querem mais, ou que lhes traz problemas, ou que tenha um caráter incompatível com o deles? Despedir-se do cônjuge nessas condições o expõe ao adultério, porque ficar sozinho não é possível. Paulo também ensina que, em caso de não haver imoralidade sexual, quem se divorciar deve ficar sem casar (1Co 7:10, 11).

“Nem todos podem entender este assunto”, disse-lhes Jesus (Mt 19:12). Não vão ensinar que é melhor não se casar e ficar solteiro, porque nem todos suportam isso. É verdade que alguns podem, porque não têm capacidade sexual desde seu nascimento, ou porque se tornaram eunucos, ou por sua própria determinação; pois querem dedicar-se inteiramente ao Reino dos Céus. Mas não se pode ensinar a todos. Só os que quiserem praticá-lo, porque podem, que o façam.

Crianças levadas a Jesus (19:13-15)

Jesus sempre teve um afeto especial pelas crianças. Sua simplicidade sem afetação, seu amor sem mesquinhasias, a forma cristalina de suas relações, sua forma de agir sem ambições e sua franqueza simples e sem formalidades davam às crianças um lugar especial na Sua mente e também em Sua pregação.

A apresentação (19:13)

Nesta oportunidade, um grupo de mães, seguindo o costume extensamente praticado pelas mães judias, de levar os filhos aos rabinos para que os abençoassem, levaram seus filhos para que

Jesus pusesse Suas mãos sobre eles e os abençoasse. Não sabemos quantas eram as mães, mas a quantidade não faz diferença alguma. Os discípulos tinham suas próprias ideias quanto ao que era conveniente ou não para Jesus. Pensaram nEle não com a abnegação e o amor que cada cristão deve pensar sobre Jesus. Fizeram-no com o mesmo egoísmo no qual caíam quando pensavam em si mesmos. Pensaram no que era mais conveniente para Ele, superocupado como estava, sempre com cansaço acumulado, e sem tempo para nada. Não pensaram no que era o melhor para as crianças e para as mães que as trouxeram. Quão fácil é desvirtuar a missão! Basta mudar o foco do interesse, das pessoas para nós mesmos. Quando os cristãos ou seus líderes dão mais importância ao que é mais importante para eles mesmos, que para as pessoas a quem servem, a missão perde efetividade ou deixa de se cumprir totalmente. Jesus não permitiu isso, nem o permitirá nunca. Ele sempre encontrará pessoas que deem à missão seu verdadeiro curso e seu foco próprio.

A aceitação (19:14, 15)

“Deixai os pequeninos vir a Mim”, disse a Seus discípulos que prendiam as mães; “não os embarceis.” A tarefa do cristão não consiste em impedir que crianças ou adultos venham a Jesus; consiste em atraí-los para Ele. Essa atração deve ser produzida com palavras, atitudes, atos, com a própria maneira de ser. Nada no crente deve rejeitar as pessoas, nunca. Jesus deu a razão única da missão: “Porque deles, e dos que são como eles, é o Reino dos Céus”. Este é o objetivo do trabalho missionário em todas suas atividades: que as pessoas entrem na igreja e no Reino dos Céus. Estes dois termos, igreja e Reino dos Céus, em Mateus, sem ser equivalentes, estão muito próximos. “E, tendo-lhes imposto as mãos, retirou-Se dali.”

As mães e também as crianças, muitas delas já adolescentes, ficaram com um sentimento muito grande de terem sido aceitas por Jesus, e com um pensamento muito claro de pertencerem a Ele. Nunca mais esqueceriam esse ato de bondosa aceitação de Jesus. As mães entenderam que o trabalho de criar os filhos no temor de

Deus e educá-los para o Seu serviço é um trabalho que Deus aceita, abençoa e ajuda. Esse incidente ajudou as mães através de toda a história do cristianismo e motivou muitas congregações a praticarem sistematicamente a apresentação de seus filhos a Deus. Não é um rito estabelecido por Cristo na igreja, como o batismo ou a Santa Ceia, mas é uma boa prática que faz recordar aos membros e aos pais da criança apresentada o interesse de Jesus pelas crianças. Fala também a respeito de Seu desejo no sentido de que toda a igreja trabalhe unida na educação espiritual delas.

O jovem rico: que mais me falta? (19:16-30)

Cristo continuou Sua viagem para Jerusalém. Está em algum lugar da Pereia, não sabemos exatamente onde; mas sabemos que vai para o ato final da missão que O trouxe a este mundo: a cruz. Morrer para pagar a dívida dos pecadores, para que os pecadores arrependidos se livrem de sua própria morte, como castigo pelo pecado, e tenham vida eterna. Quando Jesus e Seus discípulos terminaram o encontro com as mães para seguir seu caminho, alguém se aproximou dEle “correndo” (Mc 10:17). Era um governante jovem, influente e muito rico. Viu a ternura do Mestre com as crianças, o afeto e a compreensão que tinha pelas mães. Enterneceu-se. Quis ser Seu discípulo. E como Jesus já tinha começado a Se retirar correu a Ele.

“Que devo fazer” (19:16-19)

Ajoelhou-se diante dEle e, sem mais formalidades, perguntou-Lhe: “Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?” Sua maneira de entender a religião não é original. Muitos seres humanos a tiveram, e ainda hoje há muitos que creem assim. “Tenho que ganhar o Céu com o que faço”, pensava ele. Então, devo fazer o bem. Isso é quase automático. Ninguém pensa ganhar o Céu fazendo o mal. Seria absurdo. Menos mal, porque ao menos essa parte do pensamento humano é boa. Mas o conceito está totalmente errado. O Céu não é algo que se conquista. A vida eterna é um dom. “Não é por obras para que ninguém se glorie”, escreveu Paulo. Mas Jesus

seguiu o curso dos pensamentos do jovem para movê-lo pouco a pouco de onde estava para onde queria levá-lo.

Começou por determinar uma coisa básica. Pode um ser humano ser bom? A resposta é “não”. E Jesus tomou esse tema pela qualificação de bom que o jovem Lhe atribuiu. “Bom Mestre”, disse-Lhe. “Por que me chamas bom?”, perguntou Jesus, mas não esperou a resposta do jovem. Queria que ele entendesse duas coisas: Primeira, que Jesus era divino. “Ninguém é bom”, disse-lhe, “só Deus.” Se O reconhecia bom, teria que reconhecê-Lo divino. Segunda coisa, na palavra “ninguém” estão incluídos todos os seres humanos, também o jovem rico. O objetivo da vida espiritual em ser bom, a bondade das ações ou fazer o bem, é um subproduto do objetivo verdadeiro. Esse subproduto, tem que ver com a obediência da lei. “Sabe os mandamentos”, disse-lhe; “e se queres entrar na vida, guarda os mandamentos.”

A mente acostumada às ordens específicas, sem ambiguidades do governante, o induziu a perguntar: “Quais?” Não posso me equivocar nisto. Não posso deixar espaços vazios que me façam pensar em uma coisa, enquanto Jesus está falando de outra. Isso agradou a Jesus. Viu que se tratava de um jovem responsável, sério. Citou-lhe mandamentos do Decálogo: “Não matarás. Não adulterarás. Não dirás falso testemunho. Honra teu pai e tua mãe.” Todos da segunda tábua dos dez mandamentos de Moisés, que tratam das relações com o próximo. Acrescentou o resumo desta seção da lei: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo.” Queria clareza, teve-a.

“Tudo isto guardei desde minha juventude”, disse. Jesus sentiu profundo afeto por ele. Jesus ama a honestidade espiritual de toda pessoa religiosa. Não importa que porção da verdade divina conheça, se pouca ou muita. Essas são as pessoas que cresceram e podem crescer muito mais em Cristo. O cristão honesto é obediente e está sempre aberto para que Deus Lhe mostre Sua vontade, em plenitude cada vez maior, para continuar obedecendo. Não há nenhum problema com essa obediência. Cristo a busca em Seus seguidores e a aumenta cada dia com o poder do Espírito Santo que age neles. E o jovem se mostrou ainda mais honesto; uma honestidade que o fazia plenamente recomendável para a vida eterna.

A perfeição (19:20-22)

“Que mais me falta?”, perguntou, entendendo bem que a obediência à lei não era suficiente. Embora a desobediência leve uma pessoa a se perder, a obediência não a salva. O obediente necessita de algo mais. O jovem rico entendeu. Jesus começou Sua resposta tratando o pouco entendido assunto da perfeição humana. “Se queres ser perfeito”, disse-lhe, está bem. Todos os cristãos honestos entendem que, para entrar na vida eterna, têm que ser perfeitos e procuram a perfeição. Não há nada de errado nisso. O problema é como a entendem e como pensam chegar a ela. A maioria está um passo atrás do jovem rico. São pessoas que creem que chegarão à perfeição quando cumprirem bem cada um dos dez mandamentos e não tiverem pecado algum na vida. Sem mácula do mal. Mas a perfeição cristã não é isso. O jovem rico entendeu bem. Tinha guardado a lei desse modo em quase todo o tempo de sua vida. Mas sentia que lhe faltava algo. A perfeição das ações requerida por Deus não torna perfeita uma pessoa.

Marcos registrou uma parte da resposta de Jesus que Mateus não relata: “Uma coisa te falta”, disse-lhe. E em Mateus lemos: “Se queres ser perfeito”, disse Jesus ao jovem rico, e o diz a cada ser humano de então e de sempre, “vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-Me”. O que falta à pessoa que obedece toda a lei, para ser perfeita e entrar na vida eterna? Alguns, lendo as palavras de Jesus ao jovem rico, dizem duas coisas: Entregar seus bens aos pobres e seguir a Jesus. Não é assim. Se fosse assim, todos os cristãos teriam que dar tudo o que têm e ficariam todos pobres. Quem lhes daria depois? Talvez, os novos conversos que, por sua vez, se tornariam pobres imediatamente. E de onde viriam os recursos para a missão? Os que se convertessem sendo pobres jamais poderiam cumprir o primeiro requisito. Para eles, a perfeição continuaria sendo incompleta. Mas Jesus disse: “Uma coisa te falta”.

Ao que guarda os mandamentos só falta uma coisa. É a única coisa que vale por tudo, que completa o obediente, completa o desobediente, faz perfeito o pecador. Qual? “Siga-Me.” Jesus é quem aperfeiçoa o imperfeito, incluindo o que obedece toda a lei; porque

a perfeição não é pela obediência, mas pela fé em Cristo Jesus. Ele é o caminho por onde o crente transita, sem jamais apartar-se. A perfeição do crente é a perfeição de Jesus e assim, com Ele e por meio dEle, entra na vida eterna. O objetivo da vida espiritual não é ser bom, é viver com Jesus. Quem vive com Cristo tem tudo o mais. Além disso, é bom, obediente, perfeito e é dono da vida eterna, dom de Deus para ele por meio de Seu Filho.

Embora o jovem rico entendesse que a obediência não era suficiente, não entendeu bem o passo seguinte: Seguir a Jesus. As riquezas têm um poder misterioso que atrai para elas a mente das pessoas. Por causa de suas muitas riquezas materiais, elas não veem a imensa riqueza espiritual de uma vida centrada sempre em Cristo. Desgraçadamente, a cegueira espiritual que impede de ver os valores verdadeiros da vida não ocorre só pela atração da riqueza. Há uma infinidade de outros falsos valores que atrapalham a vontade do ser humano e o impedem de seguir a Jesus. A isso Ele Se referia, quando aconselhou o jovem rico a dar tudo aos pobres, do mesmo modo como em outra oportunidade disse: “se um olho te impede de entrar no Reino dos Céus, tira-o de ti.” Devemos abandonar tudo o que nos impede de seguir a Cristo. O jovem rico manteve o interesse em seu impedimento, e se foi triste.

Alguns deixam tudo e seguem a Cristo com muita felicidade, com alegria, com regozijo. Outros deixam tudo, mas conservam seu interesse naquilo que deixaram e O seguem tristes. Adquirem uma religião melancólica. Sua vida é um queixoso peregrinar de mártir jamais conduzido a seu martírio. São cristãos que acompanham o cortejo fúnebre de Jesus a Seu sepulcro. Quando deveriam ir como escoltas de Maria Madalena, exultantes e felizes; gritando a todo mundo a alegria de Sua ressurreição.

Os ricos no Reino (19:23-26)

“Um rico dificilmente entrará no Reino dos Céus”, disse Jesus. A tendência do rico é confiar em suas riquezas. Há algo singular nelas: um poder maior que o poder de compra que elas têm. Transcende os objetos e invade as pessoas com uma força de atração e de respeito

que ilude e submete. Uma espécie de educada soberba que subjuga o dono e os que integram seu bloco. Ego. Um ego oculto e forte. Um poder de comando que comanda todas as formas de falar e as ações. Autossuficiência. O rico sente que pode tudo, que todos necessitam dele e ele não necessita da ajuda de ninguém. Dessa forma, é muito difícil que entre um rico no Reino. “Tão difícil”, disse Cristo, “que é mais fácil a um camelo passar pelo fundo de uma agulha, que um rico entrar no Reino de Deus.”

Alguns trataram de explicar essa expressão com a anacrônica história de que antigamente, nas cidades muradas, construíam uma porta menor dentro da porta grande para que entrassem as pessoas atrasadas, quando já tinham fechado a porta, ao anoitecer. Dizem que essa porta pequena era chamada fundo de agulha, e fazer entrar um camelo por ela era muito difícil. Mas é bem possível que Jesus tenha falado de uma agulha literal, para descrever a impossibilidade em que se encontra um rico para entrar no Reino de Deus. Os discípulos se desconcertaram com essa declaração.

“Quem poderá salvar-se?”, perguntaram. A resposta implícita é: ninguém. Na sociedade religiosa de Israel, os mais bem cotados, do ponto de vista da prática formal da religião, eram os ricos. Se eles não pudessem entrar no reino, então, ninguém poderia. Na mentalidade de hoje, quando os religiosos consideram o sofrimento como uma espécie de requisito de salvação, os pobres são os que estão em melhores condições de se salvar. Os ricos, supõe-se, sofrem menos, desfrutam mais, têm menos direito à salvação. Mas a salvação não é por direito próprio. Os dois grupos podem estar bem, ou igualmente mal, dependendo da fé que tenham em Jesus e da maneira obediente ou desobediente que vivam essa fé. “Para Deus tudo é possível”, declarou Jesus. Com isso, resolve a dificuldade. A salvação do rico e de todos os outros requer um milagre. Quem não resistir aos milagres e crer em Jesus entrará no Reino.

Os que deixaram tudo (19:27-30)

Os discípulos não eram ricos. Porém, centralizados em seu próprio interesse, como quase todos nós somos, pensaram natu-

ralmente neles. Essa reação acontece em quase toda conversa de seres humanos. Alguém conta a outro sobre uma cirurgia a que se submeteu há pouco tempo, e o que ouve diz: “Aconteceu o mesmo comigo.” Um conta sobre uma injustiça que lhe fizeram no trabalho, o outro diz: “Em meu trabalho me fizeram algo muito parecido”, e enumera os detalhes da injustiça sofrida. Somam-se os exemplos quase em cada conversa que acontece. “Nós”, disse Pedro, “deixamos tudo para Te seguir, e o que teremos?”

A pergunta está relacionada com o Reino de Jesus cujo estabelecimento eles esperavam que acontecesse em seu próprio tempo. Mas Jesus respondeu projetando o Reino futuro, o tempo em que se realizar o julgamento, a regeneração, e o Filho do Homem Se sentar no trono de Sua glória. Então receberão doze tronos para julgar as doze tribos de Israel, participando com Cristo no julgamento da humanidade. Receberão cem vezes mais do que deixaram: casa, familiares, terras, porque no Reino todos os redimidos serão uma só família. O mundo inteiro será a terra de todos e cada um terá sua morada própria (Is 65:21). E herdarão a vida eterna. Deixaram tudo, um tudo pequeno. Receberão muito, um muito de quantidade ilimitada. Tudo, para sempre.

Jesus não terminou Sua resposta à pergunta de Pedro. Precisava tratar com mais detalhe a questão da recompensa que os ministros da missão recebem. Então, doze; uma multidão através da História. A respeito deles Jesus disse: “Muitos primeiros serão últimos e os últimos, primeiros” (19:30). Para esclarecer isto, lhes contou uma parábola.



20 Rei Servidor

Os escolhidos (20:1-16)

Novamente, o reino e a igreja estão muito perto. “Porque o reino dos céus”, começou Jesus, “é semelhante a um dono de casa que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha. E, tendo ajustado com os trabalhadores a um denário por dia, mandou-os para a vinha. Saindo pela terceira hora, viu, na praça, outros que estavam desocupados e disse-lhes: Ide vós também para a vinha, e vos darei o que for justo. Eles foram. Tendo saído outra vez, perto da hora sexta e da nona, procedeu da mesma forma, e, saindo por volta da hora undécima, encontrou outros que estavam desocupados e perguntou-lhes: Por que estivestes aqui desocupados o dia todo? Responderam-lhe: Porque ninguém nos contratou. Então, lhes disse ele: Ide também vós para a vinha. Ao cair da tarde, disse o senhor da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos, indo até aos primeiros. Vindo os da hora undécima, recebeu cada um deles um denário. Ao chegarem os primeiros, pensaram que receberiam mais; porém, também estes receberam um denário cada um. Mas, tendo-o recebido, murmuravam contra o dono da casa, dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora; contudo, os igualaste a nós, que suportamos a fadiga e o calor do dia. Mas o

proprietário, respondendo, disse a um deles: Amigo, não te faço injustiça; não combinaste comigo um denário? Toma o que é teu e vai-te; pois quero dar a este último tanto quanto a ti. Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom?”

Quem procura obreiros é o Pai (20:1-8)

O pai de família é Deus. Nós não O procuramos; Ele nos buscou. Nenhum dos obreiros foi à casa do pai de família para procurar trabalho. Naquela época, era costume, como em alguns lugares do mundo hoje, que indivíduos necessitados de trabalho fossem a um determinado lugar do mercado e ali esperassem para ser contratados. Eles não determinavam onde iriam trabalhar. Apenas ficavam à disposição dos que procuravam trabalhadores e estes os buscavam. O pai de família foi contratá-los, aparentemente como todos faziam. Mas a forma de proceder foi totalmente diferente da dos outros. Procurou obreiros durante todo o dia. Outros empreiteiros queriam obreiros para um serviço que abrangesse o dia inteiro. O pai de família queria obreiros que oferecessem um serviço de coração inteiro. Não lhe importava a que hora comesçassem. Importava-lhe que não rejeitassem seu convite.

Quando perguntou: “por que estão todo o dia desocupados?”, a resposta foi: “porque ninguém nos contratou.” Nem ele. Não houve rejeição de nenhuma parte. Ao primeiro convite, responderam positivamente. Quando Deus chama, essa é a única resposta aceitável. Pode ser que os que não responderem ao primeiro convite recebam de Deus uma segunda oportunidade; mas esperar oportunidades futuras é muito arriscado. Primeiro, porque pode ser que não exista uma segunda oportunidade. Segundo, porque se nossa primeira resposta foi negativa, é provável que na segunda oportunidade respondamos da mesma forma.

Deus é quem chama obreiros para Sua vinha. A experiência com aqueles que não foram chamados por Deus nunca foi favorável. Jesus não chamou Judas. Ele se ofereceu para ser discípulo e o

resultado não foi positivo. Seu serviço foi condicionado permanentemente por seu egoísmo, sua exaltação própria, seus planos pessoais, e o final foi desastroso. Há obreiros na vinha do Senhor que procuram ser os primeiros, creem que merecem esse tratamento e se ofendem, se não acontecer. Queixam-se e protestam com facilidade. Criticam e murmuram contra quase tudo o que acontece na igreja. Colocam condições para aceitar a designação de seu trabalho e creem que são sempre tratados com injustiça. Pensam mais na recompensa que no serviço; em seus direitos que na abnegação. Não foram chamados pelo Senhor, como Judas; e se tivessem sido, se perderiam, como Saul.

Quem paga os obreiros é o Pai (20:9-15)

Jesus queria ensinar a Pedro e aos outros que não se deve trabalhar esperando recompensa. “Deixamos tudo”, disse Pedro, “que recompensa teremos?” Esse espírito de centralização em si mesmo não era, nem é, o espírito que Jesus desejava ver em Seus obreiros. O pai de família não seguiu os princípios convencionais de remuneração. Os homens pagam pela quantidade de trabalho realizado ou pelo tempo dedicado a ele. A Deus interessa o espírito com que se realiza a tarefa, a boa disposição, a fidelidade, a entrega completa. E recompensa com justiça.

Era justo que pagasse um denário aos que um denário prometeu. Era justo que pagasse um denário aos que prometeu o que era justo. Na verdade, justo é o que Deus quer, porque Sua vontade é sempre justa. Ninguém tem direito a protestar pelo que Deus decide. Tudo é d'Ele e, se do Seu nos dá, faz bem em nos dar quanto quiser. Os que receberam a promessa de um pagamento justo estavam agradecidos pela oportunidade de trabalhar e foram surpreendidos pela generosidade da recompensa. Deus não outorgará a recompensa final com base nas obras; será por graça. Uma graça abundante e generosa que abrange e cobre todas as nossas necessidades, incluindo a redenção por meio de Jesus, dom do Pai e manifestação de Sua graça (Jo 1:17). O Pai também nos chamou, pela graça de Cristo, para viver Seu evangelho (Gl 1:6).

Escolhidos do Pai (20:16)

Jesus está concluindo Sua resposta a duas perguntas. Uma dos discípulos: “Quem é, porventura, o maior no Reino dos Céus?” (Mt 18:1). Outra de Pedro: “nós deixamos tudo, que recompensa teremos?” (Mt 19:27). No Reino dos Céus, bem como na igreja, não existe o princípio de que o que deixa mais recebe mais. Nele, os últimos serão os primeiros; e os primeiros, últimos. Por uma razão simples: Não há últimos nem primeiros. Todos são iguais. Aqui na Terra, entre vocês, os primeiros são mais importantes que os últimos; por causa da estranha maneira que vocês têm de valorizar as pessoas, comparando-as umas com as outras por questões transitórias como a função que cumprem, o trabalho que fazem, a educação que têm, a riqueza que possuem. Mas, no Reino do Céu e na igreja, cada um é valorizado em Cristo; por isso, são todos iguais. Todos valem o elevado preço do sacrifício de Cristo. Todos vivem em Cristo e Cristo vive em cada um deles. Portanto, não importa que aqui seja o último, lá será o primeiro; e o primeiro daqui lá será como o último. Não se preocupem em continuar discutindo quem será o primeiro. Isso não tem valor e é irrelevante para o Reino dos Céus.

Além disso, muitos são chamados à salvação pelo evangelho. Na realidade, é plano de Deus que o evangelho chame a todos os seres humanos, não importa em que lugar da Terra vivam. Mas nem todos serão escolhidos, no sentido de que nem todos aceitarão. Esse significado apareceu claro na ocasião em que Jesus usou essa mesma frase, ao final da parábola das bodas. Muitos foram convidados, mas os primeiros convidados rejeitaram. Quando foi feito o convite final, eles aceitaram; exceto um que, tendo ido à festa, não tinha vestido de bodas. Jesus concluiu dizendo: “Muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mt 22:14). O convite do evangelho é para todos, poucos aceitam. O mesmo acontece com o convite para cumprir ofícios ministeriais ou de liderança na igreja. Nem todos aceitam. Quantos membros de igreja realmente aceitam o chamado à missão e a executam constantemente em todas as suas atividades? Todos são chamados, poucos aceitam. O chamado é de iniciativa

divina, a aceitação é a resposta humana. A iniciativa divina não discrimina ninguém. Ao rejeitar o chamado, nós nos excluimos.

O Filho do Homem será entregue (20:17-19)

Não faltava muito para chegar a Jericó (Mc 10:33, 46). A viagem tinha sido longa e lenta. Jesus teve que se deter muitas vezes para atender enfermos, ensinar às pessoas, responder perguntas de inimigos, de admiradores e dos próprios discípulos. Mas nada disso O deixava cansado. Essa viagem para Jerusalém O levava à conclusão de Seu ministério e ao sacrifício supremo. Não podia estar indiferente a isso, nem podia esquecer.

Também estava interessado na reação dos discípulos diante de Sua morte e o efeito que produziria neles. Tomou-os à parte e, de novo, anunciou-lhes a Sua morte (20:17). Há três elementos no anúncio: Seus compatriotas, os gentios e a ressurreição.

A ação dos compatriotas (20:17, 18)

“Em Jerusalém”, disse Jesus, “o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas.” Não diz que Judas O entregará. Esse anúncio viria mais tarde, no cenáculo. Os discípulos não entenderiam, nesse momento nem depois. Nem mesmo estão preparados para entender o que lhes está dizendo sobre Sua morte. A conduta posterior deles diz claramente que, embora ouvissem as palavras, não compreenderam seu conteúdo. Quando a mente está controlada por pensamentos fixos e por ensinamentos tradicionais sem apoio na Revelação, parece muito difícil incorporar um novo ensino, embora venha diretamente de Deus. Nas presentes condições do pecado, nada poderia nem poderá vir mais diretamente de Deus que aquilo que Jesus falou.

Os mais próximos a Jesus não entendiam. Seus compatriotas também não entendiam. Viviam sob terrível domínio estrangeiro. Os romanos eram opressores muito duros e autoritários. Os judeus odiavam a opressão de então e a odiaram sempre. Poucos povos da Terra foram tão amantes da liberdade como eles. Aprenderam-no de Deus. Deus fez o ser humano para a liberdade. Proveu-o de livre-

arbítrio para que realmente fosse um ser livre, de uma liberdade total que lhe desse o direito de escolher, sem obstrução de ninguém nem de nada. Nem Ele mesmo, em Sua todo-poderosa posição de Deus, interferiria nas decisões tomadas pelo ser humano. Por isso, não aceitavam a dominação romana. Qualquer povo, em tais circunstâncias, incluindo os judeus, estreita laços de amparo mútuo diante de um perigo patrocinado pelo inimigo. É o que naturalmente teriam que ter feito em torno de Jesus. Mas não fizeram. “O Filho do Homem”, disse Jesus, “será entregue ao chefe dos sacerdotes e aos mestres da lei.” Se Jesus tivesse pregado um reino terrestre, O teriam seguido, embora morressem todos, como aconteceria anos mais tarde em Massada. Mas como pregava um Reino espiritual, os líderes preferiram condená-Lo à morte.

A ação dos gentios (20:19a)

Judas O entregaria aos líderes religiosos de Israel e esses, depois de condená-Lo à morte, O entregariam aos gentios. A rejeição de Jesus por parte dos líderes religiosos israelitas já seria absurdo. Pior absurdo seria se O entregassem às autoridades romanas. Mas isso acontecerá. “Vão entregá-Lo”, disse Jesus, “para que os gentios dEle escarneçam, O açoitem e O crucifiquem.” Todo o processo da crueldade, da traição, passando pelo escárnio e a tortura, até a morte. Mateus nada menciona sobre a reação dos discípulos.

Lucas, que não se encontrava presente, soube por eles mesmos que não compreenderam nada, porque esta palavra lhes era encoberta, diz, e não entendiam o que lhes dizia (Lc 18:34). Marcos conta que antes de ouvir o anúncio, os discípulos caminhavam atrás de Jesus e eles, assombrados, O seguiam com medo (Mc 10:32). O medo certamente não diminuiu depois de ouvir de Jesus o que ouviram. Ainda não entenderam. Queriam pensar que as palavras estavam em código e a morte anunciada não era literal. Só a ideia da morte deve ter aumentado seu temor.

A expectativa do perigo que o inimigo pode fazer sempre traz consigo certo grau de preocupação traduzida em ansiedade e temor. Os gentios, para os discípulos, eram inimigos. Mas o inimigo real

estava agindo por trás das autoridades judaicas e agiria utilizando as autoridades romanas. O inimigo real era o rebelde que iniciou sua inimizade no Céu. Sendo ele o principal anjo, querubim cobridor, transformou-se em Satanás. Desde o nascimento de Jesus esteve tramando destruí-Lo. Agora, anunciou Jesus, novamente usaria o poder estrangeiro para matá-Lo. Mas, embora conseguisse executar seu projeto assassino, não teria êxito. Seu fracasso começou juntamente com o início de sua rebelião. Nasceu no fracasso porque nasceu no mal. O mal não pode triunfar para sempre no Universo bom de um Deus redentor.

Resultado real: ressurreição (20:19b)

“Mas”, Jesus completou Seu anúncio, “ao terceiro dia ressuscitará.” Noutras palavras, “toda a ação destruidora do inimigo, executada através de Meus compatriotas e através dos gentios, mesmo resultando em Minha morte, fracassará. A morte será incapaz de Me deter. Ressuscitarei ao terceiro dia. Não tenham medo, não se espantem. O poder que Eu tenho como Criador da vida é superior ao poder que os atores da morte possam mostrar. A morte não tem poder sobre a vida. A vida vence a morte”.

Tiago e João: poder da esquerda e direita (20:20-28)

“Quando o Filho do Homem se assentar no trono de Sua glória”, acabava de lhes dizer Jesus, “também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19:28). Isso assumiu lugar prioritário na mente deles, e deixou fora de sua compreensão o anúncio da morte (Mt 20:17-19). Caso vão se assentar em doze tronos, bom seria estar bem perto de Jesus. Contudo, seria isso por amor à Sua intimidade espiritual, ou por amor ao poder que isso pudesse representar?

“Que queres?” (20:20, 21)

Mateus diz que a mãe dos filhos de Zebedeu, que eram Tiago e João, juntamente com eles, aproximou-se de Jesus para Lhe fazer um pedido. Possivelmente era Salomé, irmã de Maria, a mãe

de Jesus (Mt 27:56; Mc 15:40). Caso tenha sido assim, não seria difícil entender a confiança que tinha em Jesus para Lhe expressar seu pedido. “Que queres?”, perguntou-lhe Jesus. Não é problema aproximar-se alguém de Jesus quando deseja algo. Ele está preparado para ouvir e não precisamos ser Seus parentes carnis. Se já somos Seus filhos espirituais, isso é mais que suficiente. Mesmo não sendo Seus filhos, pelo fato de ainda não O termos aceito plenamente, Ele nos ouve. Dialoga conosco embora nossos pedidos sejam tão estranhos como foi o pedido de Salomé. “Ordena”, ela Lhe disse, “que em Teu reino um de meus filhos se sente à Tua direita e o outro à Tua esquerda.”

O significado de sentar-se à direita e à esquerda é claro para qualquer judeu. Davi o expressou muito bem, falando sobre o Messias, no salmo que foi chamado o decreto de Davi: “Jeová disse a meu Senhor: Sente-Se à Minha mão direita, até que ponha Seus inimigos por estrado de Seus pés. Jeová enviará de Sião a vara de Seu poder” (Sl 110:1, 2). O Messias, ao sentar-se à mão direita de Jeová, compartilha com Ele Sua posição de governo, Sua dignidade, Seu prestígio, Sua honra, Seu domínio, Seu poder. Quem está à esquerda, segue, em tudo isto, ao da direita.

Salomé pediu para seus filhos o poder da direita e o poder da esquerda. Naturalmente isso nada tem que ver com o poder da direita e o poder da esquerda dos sistemas políticos existentes em nossos dias. Geralmente, são poderes antagonistas e em constante conflito. Quão bom seria se eles agissem como poderes complementares e trabalhassem associados para atender bem aos dois grupos que compõem a sociedade humana: os mais favorecidos e os menos favorecidos! Mas há algo muito errado no interesse do ser humano pelo poder. Um ponto muito próximo ao egoísmo. Por isso, atrai tanto. Atrai até às mães simples como a mãe de Tiago e João.

Vocês não sabem (20:22, 23)

Mas não sabem o que desejam. “Não sabem o que estão pedindo”, disse Jesus à mãe e seus dois filhos. Dirigindo-Se a eles, perguntou: “Podem acaso beber o cálice amargo da taça que Eu vou beber?”

Podem pagar o preço do que estão pedindo?” Realmente, não sabem o que pedem, nem sabem qual é o preço que devem pagar por isso. Mas estão dispostos a pagá-lo. “Sim, podemos”, respondem. Que resposta mais ingênua em pouco tempo, que falta de sentido! Deveriam ter perguntado primeiro qual era o preço. E, então, pensar na resposta. Mas todos nós seres humanos nos deixamos dirigir por nossos desejos, mais que por nossa razão. Quase em todas as coisas. Assim aconteceu com Sansão.

Faz muito tempo, 3.080 anos, entre 1075 e 1055 a.C., Sansão viveu em Israel. Quando ele nasceu, fazia quarenta anos que os israelitas estavam sob o domínio dos filisteus. O povo de Israel sofria e rogava a Deus que os libertasse dessa opressão. Mas não havia ninguém que pudesse liderá-los nessa empreitada. Deus teve que preparar um líder desde o ventre de sua mãe: um filho de Manoá e sua mulher. Deu-lhes instruções específicas a respeito de como deveriam criá-lo e educá-lo. Fizeram-no piedosamente e com fidelidade.

Quando Sansão tinha idade para começar a tarefa de sua vida, para se tornar o libertador e líder político da nação, chegou em casa com um pedido que, segundo os costumes da época, seus pais deviam ouvir: “Estive na cidade de Timnate”, disse. “Vi ali uma mulher dos filisteus, quero que vão e façam os acertos para que seja minha mulher.” Não se fazia assim em Israel. Os jovens israelitas não se casavam com estrangeiras. Seus pais argumentaram com ele para que desistisse. Não foi possível.

“Esta agradou a meus olhos”, disse. É ela a quem eu quero, de quem gosto, e tem que ser ela. Nenhuma razão pôde convencê-lo. E sem saber o que pedia, levou seus pais a arrumar seu casamento com essa jovem. Desse mesmo casamento, começaram os problemas para Sansão. Uma sucessão de atos decididos por suas paixões o conduziram de um desastre a outro pior, até a sua morte no templo do Dagom, o deus dos filisteus (Jz 13:1-16:31). Apenas por se deixar guiar pelos desejos.

Os desejos quase sempre são uma expressão do egoísmo. E o egoísta sempre é ambicioso, irracional, cego com os demais. Não

lhe interessa o bem-estar dos outros, só seu próprio benefício. Se essa for a motivação para a busca do poder, o poder será muito mal usado; e as consequências do mau uso podem produzir um terrível desastre para todos. Foi esse tipo de motivação que levou Napoleão a conquistar a Europa? Não sabemos, mas tudo terminou em um desastre. Foi o egoísmo a motivação de Hitler? Um desastre pior. A busca do poder, qualquer tipo de poder, para a exaltação própria não é apropriada. Levará a mau uso do poder. E o preço a ser pago será terrível.

“Certamente beberão de Minha taça”, disse Jesus a Tiago e João, “mas sentar-se à Minha direita e à Minha esquerda Eu não posso concedê-lo. Isso já está decidido por meu Pai.” É melhor que não imponham seus desejos nisso; cumpram as decisões do Pai.

A reação dos demais (20:24)

A primeira reação contra a ambição de poder de Tiago e João veio dos outros discípulos, imediatamente. Mateus destaca que a reação negativa foi unânime. “Ora, ouvindo isto os dez”, escreve ele, “indignaram-se contra os dois irmãos.” Sem dúvida, por causa do egoísmo que os dois manifestaram! E quanto a eles, nenhum egoísmo? Se alguém lhes tivesse perguntado: “Por que se zangam?”, nenhum teria respondido: “Por egoísmo; não posso permitir que fiquem com o mesmo lugar ou o mesmo poder que eu quero para mim.”

Pelo contrário, a resposta teria sido uma santa racionalização, como todos nós fazemos até hoje. Pedro talvez tivesse dito: “Eles são muito jovens para essa função. Não estão preparados para ela. Falta-lhes experiência.” Judas: “Não tiveram nenhum cargo administrativo, não sabem administrar o dinheiro, nunca o fizeram; como vão governar um reino?” E não vamos continuar perguntando aos outros discípulos, pois todos poderiam ter uma racionalização parecida, que os deixasse bem e lhes abrisse a possibilidade de ocupar esses lugares.

Quase sempre a reação de irritação contra um ambicioso de poder é tão pouco nobre como ignóbil é a ambição.

Vocês sabem (20:25)

Jesus apela a uma realidade impossível de contradizer e permite que os discípulos a conheçam. “Como vocês sabem”, diz-lhes, “os governantes das nações oprimem seus súditos e os altos oficiais abusam de sua autoridade.” Casos que eles conheciam: Herodes, o Grande, que exerceu uma tirania quase insuportável sobre os judeus; Herodes Antipas, seu filho, não fazia menos com os habitantes da Galileia e Pereia; O Império Romano, férreo, insensível dominador, opressor de povos e nações. Eles conheciam a opressão desses poderes sobre eles, sempre e sem consideração.

“Mas entre vocês”, acrescentou Jesus, “não será assim.” No governo da igreja, não pode haver egoísmo nem opressão. Nada do que fazem os governantes é aceitável na igreja. O fundamento do governo na igreja é exatamente contrário ao que têm os governantes das nações. Para vocês, chegar a ser um dirigente não é um triunfo pessoal, nem é se transformar no beneficiado número um.

A grandeza do serviço (20:26-28)

A grandeza do Reino dos Céus e da igreja é a grandeza do serviço. Um servo é alguém que se ocupa em fazer progredir os interesses de outra pessoa, não os próprios. O centro de sua importância descreve a atividade que realiza. Sua dedicação, sua eficiência, seu trabalho incondicional, sua fidelidade infalível. Não se refere à relação que possa existir entre ele e a pessoa ou a causa que serve como uma relação voluntária ou obrigada. O servo está acima desse valor. O que está obrigado a fazer algo pode fazê-lo murmurando. O voluntário, com omissão. Mas o servo não reclama nem se restringe. Executa a obra com eficiência total. Servir é a grandeza do servo. E o que serve a algo tem todas as características e as capacidades que esse serviço demanda. “Aquele que deseja se fazer grande entre vocês”, disse Jesus, “deverá ser o servidor de todos.”

Além de destacar a eficiência na ação, ser servo revela uma atitude. Não é servil, como o escravo; nem petulante, como um chefe pagão. É sereno, dedicado e inspira respeito. Não exige que o respeitem; o servo jamais exige nada, mas é tão sério e confiável, que o respeito a

ele surge de maneira espontânea, como o respeito que se deve ter aos governantes quando se conduzem como servos de Deus (Rm 13:4), ou aos mestres da religião quando são Seus servos (1Co 3:5; 1Ts 3:2). Os líderes da igreja são servos de Cristo, (Cl 1:7; 1Tm 4:6) e servos do Evangelho pela graça de Deus (Ef 3:7) e pela esperança que concebe nossa fé (Cl 1:23). Não há nada mais agradável na igreja que ser recebido como um servo de Jesus Cristo, dedicado ao serviço eficiente, pela esperança do evangelho.

Jesus completa o quadro da dedicação com a seguinte frase: “E o que deseja ser o primeiro deve ser escravo dos demais”. Da ação servicial, passa à submissão do escravo. O servo age; o escravo se submete. Não tem vontade própria. A vontade do escravo está submetida totalmente à vontade de seu senhor. O que não significa que não coloca vontade no que faz. Significa que não coloca sua própria vontade, mas a de seu senhor. Trabalha com uma vontade superior à sua e sob a condução dessa vontade superior. Como o líder cristão submete sua vontade à vontade de outros? Submetendo-a primeiro a Cristo. Depois, trabalhando sobre a base de consenso. Para isso, nada melhor que um governo por comissões, no qual, os membros de uma comissão integram suas vontades em uma vontade de consenso, dirigidos pelo Espírito Santo.

O dirigente escravo não manipula o grupo. Não o submete à sua vontade pela insistência nem coerção nem manobra. Busca o consenso genuíno na livre discussão até que encontra uma decisão que cada membro da comissão possa considerar sua própria decisão. Não é fácil. Dito em forma direta: é difícil. Mas na medida em que o grupo se acostumar a trabalhar de maneira transparente e aprender a ver a direção que o Espírito Santo produz nas ideias, se tornará mais fácil encontrar a decisão mais aceitável e mais plenamente integrada com a vontade de Deus. Ao submeterem-se à vontade de Deus, todos os membros da comissão agem como Seus escravos. E todos, como escravos de Deus, são o número um no Reino dos Céus, porque ali não há últimos, só primeiros.

A medida do serviço, na eficiência do servo e na submissão do escravo, é a morte de Cristo. “Porque o Filho do Homem”, disse

Jesus, “não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos.” Eficiente e submisso até a morte. Assim é o que deseja ser grande, ou o primeiro, no Reino dos Céus e na igreja.

Saída de Jericó: dois cegos com fé (20:29-34)

A seguir, Mateus contou o que aconteceu quando Jesus, seguindo Sua viagem a Jerusalém, saía de Jericó. Nada disse do acontecido à entrada e dentro da cidade. Lucas disse que quando estava para entrar na cidade, Bartimeu, o cego, clamou por ajuda e Jesus lhe devolveu a vista (Lc 18:35-43). Na cidade, Se encontrou com Zaqueu e passou a noite em sua casa (Mt 19:1-9).

A declaração de fé (20:29, 30)

No dia seguinte, de manhã, saía de Jericó, com Seus discípulos e a multidão ia com Ele (Mt 20:29). Ali Se encontrou com dois cegos que, sentados à beira do caminho, ouviram que Jesus passava por ali. Já tinham ouvido muito a respeito dEle. Conheciam tudo a respeito de Sua compaixão e misericórdia para com os necessitados. Conheciam as profecias que falavam dEle. As pessoas comuns, quando têm uma grande notícia, não se calam. Contam-na. Mais ainda, possivelmente haviam dito a estes cegos: “Vocês deveriam ir aonde Ele está. Ele pode fazer um milagre por vocês. Possivelmente, Ele seja a única esperança de ver que vocês têm.”

Porém, a viagem para a Galileia, onde Jesus realizava os milagres que outros lhes contavam, era muito longa para eles. Agora que Ele passava onde eles estavam, não podiam perder a oportunidade, possivelmente a única que teriam. E gritaram. Sua voz falada em tom muito alto e clamoroso, carregada com o sentimento que um necessitado põe nela, como quando se está frente a um perigo e se grita: socorro!, superou o ruído das pessoas. Todos ouviram a dupla declaração de fé dos pobres cegos que também eram cegos pobres. Mas não pobres em fé.

“Senhor!”, disseram, “Filho de Davi!” Como você tem, Senhor, todos os poderes e todas as coisas estão sob Seu domínio, escute-nos. É possível que conhecessem as promessas relacionadas ao

Senhor Rei justo, cujo poder dominaria sobre os elementos da natureza, sobre os reis e as nações. E teria poder para libertar “ao carente que clamar e ao aflito que não tiver quem o socorra” (Sl 72:12). Eles criam que Jesus era esse Senhor. Os cegos criam, além disso, que Jesus era o Filho de Davi, o Messias. A missão do Messias era ajudar e salvar. Os cegos declararam sua fé em Jesus como Senhor e Messias. Estavam seguros de que os ajudaria.

Oposição à fé (20:31)

Contudo, o inimigo sempre tem seus agentes do desânimo e da incredulidade. A multidão estava contra eles. Isso indica que a maior parte dessas pessoas não andava com Ele porque nEle cressem. Não criam e, porque não criam, obstaculizavam a fé dos cegos. É obvio que impedir a fé é mais fácil do que crer, e produz uma atitude mais agressiva. “A multidão os repreendia”, diz Mateus. Era uma repreensão autoritária, que levava consigo a intenção de controlar. “Calem-se”, diziam-lhes. Mas a fé não retrocede. Os cegos gritavam com mais força: “Senhor, Filho de Davi, tenha compaixão de nós!”

O pedido da fé (20:32, 33)

Jesus Se deteve e, para assombro da multidão, os chamou. Durante o tempo que os cegos precisaram para se aproximar, ninguém disse nada. Alguns ajudaram, guiando-os para onde Jesus estava. Quando chegaram, uma grande expectativa invadiu o ambiente. Silêncio. “Que querem que Eu faça por vocês?”, perguntou-lhes. Ao ouvirem as palavras de Jesus, sentiram que Seu poder estava pronto para agir. Não vacilaram. “Senhor”, disseram com simplicidade, mas com muita segurança, “queremos receber a vista.” Estavam juntos. Juntos tinham sofrido a miséria e a pobreza de sua cegueira. Agora queriam, juntos, receber a mesma bênção. Tinham fé igual e um mesmo pedido. Era o verdadeiro pedido da verdadeira fé.

Resultado da fé (20:34)

“Compadeceu-Se deles”, diz Mateus. De novo, a compaixão do Messias Rei que Mateus destacou através de toda a sua história.

É uma das marcas distintivas do Messias. O Rei de Israel tinha estado em ação, e esse milagre, o último antes de entrar em Jerusalém para a Sua maior obra de compaixão e misericórdia, mostrava novamente que Ele era o poderoso Rei esperado. Sem dizer nada, Jesus lhes tocou os olhos. Imediatamente recuperaram a vista e O seguiram. Os que creem seguem a Jesus sempre, o mais perto dEle possível, para todos os lugares, incluindo o lugar de maior perigo, como era Jerusalém naquele instante. Sim, eles O seguiram com alegria. A experiência da fé sempre produz regozijo. O gozo da segurança em Cristo é insubstituível e duradouro.

Myron Augsburger repete a história de uma conversa que aconteceu em uma exposição de arte. Um pintor e um poeta observavam o quadro sobre a cura de um cego, do mestre francês Nicolás Poussin. “O que lhe parece mais notável neste quadro?”, perguntou o pintor ao poeta. “A excelente figura de Cristo”, disse o poeta, “a maneira de reunir as pessoas e a expressão de seus rostos.” O pintor chamou a atenção do poeta para um cantinho do quadro onde o artista tinha pintado um bastão de cego, abandonado nas escadas de uma casa. “O cego se sentava aqui”, disse-lhe, “antes que Jesus viesse. Mas quando ouviu que estava passando e foi pedir a recuperação da vista, estava tão seguro do milagre que abandonou seu bastão.”



21

O Rei em Jerusalém

O Rei chegou a Jerusalém. Até esse momento, Mateus dedicou a maior parte de seu evangelho para contar a história de Jesus na Galileia. O Rei percorreu todo o território da Galileia em três viagens públicas missionárias (Mt 4:23-25; 9:35; 11:1) e uma secreta (Mt 17:22, 23; Mc 9:30-32). Pregou o evangelho e ensinou o estilo de vida do Reino, e curou os que padeciam de todo tipo de enfermidades. Na última parte de seu evangelho, Mateus conta o ministério de Jesus na Judeia (21:1-26:56), o julgamento (26:57-27:31), a crucificação (27:32-66), a ressurreição (28:1-15), a visita aos discípulos na Galileia e a comissão evangélica (28:16-20).

Ele chegou a Jerusalém para reclamar Seu Reino. Não o reino terrestre que todos os judeus, inclusive os dirigentes, Lhe teriam outorgado, se o tivesse pedido, e que Ele não pediu, porque era o mesmo reino oferecido por Satanás na terceira tentação (4:8-10) e porque esse não era Seu Reino. Reclamou Seu Reino espiritual, o Reino dos Céus, o Reino de Deus integrado por todos os que criam nEle e fossem fiéis até a morte, como Ele estava disposto a morrer por eles e o faria.

Entrada triunfal do Rei vindouro (21:1-11)

Jesus executa, em Jerusalém, a maior parte do que Mateus conta a respeito de Seu ministério na Judeia. Exceto uma saída

para o Monte das Oliveiras, onde pronuncia Seu discurso com as profecias do Reino (24:1-25:46), uma saída para Betânia, onde Maria Madalena O unge com unguento muito caro (26:6-13), e outra ao Monte dos Oliveiras, ao jardim do Getsêmani, onde foi detido (26:30-46). Começa com uma entrada triunfal na cidade de Davi, Jerusalém. É primavera, ano 30 d. C. Começa a transcendental semana da paixão.

Betfagé, a casa dos figos verdes (21:1)

Quantas coisas passaram na viagem da Galileia a Betfagé! Quantas mais acontecerão desde Betfagé até o Gólgota! Uma semana, a mais importante da eternidade inteira. É domingo, o primeiro dia. Chegaram a Betfagé, Jesus com toda a Sua comitiva, os doze apóstolos, uma quantidade desconhecida de incondicionais discípulos, as mulheres que atendiam voluntariamente, com seus próprios recursos, as necessidades de Jesus e dos doze, e a multidão de curiosos, admiradores e crentes. Muitos estavam cansados, outros, ansiosos. A maior parte era constituída de espectadores esperançosos de que Jesus, publicamente, Se proclamasse Rei.

Os discípulos acompanhavam o sentimento alimentado pela multidão, com uma vaga impressão de que pudesse acontecer algo diferente. Jesus sabia. Sabia qual era Seu Reino e o preço que devia pagar por Ele. Estavam na casa dos figos verdes, Betfagé. Um casebre insignificante na ladeira do Monte das Oliveiras, perto de Betânia. Por que Jesus escolheu esse lugar para o começo de Sua entrada triunfal em Jerusalém? Por seu nome, talvez. No dia seguinte, amaldiçoou uma figueira com aparência de muitos figos, sem nada. Estranho símbolo de uma nação cujos figos não amadureceram, ou não os teve. Ou estava prestes a perder a única oportunidade que teve de amadurecê-los em abundância? Todas as oportunidades que Deus dá, são sempre de abundância. Por que sempre há pessoas sem nada? Se tivessem fé como uma semente de mostarda, tudo o que pedissem lhes seria dado. Vilarejo de Betfagé. A humildade da terra era vista em suas ruas sem pessoas. Solidão da vida, vida sem nada. Só seu silêncio ressecando

as flores no verão, congelando os sonhos do inverno. Mas agora, na primavera, com o Rei, as pessoas, a memória, a visão dos profetas, o maior da História, encherá seus figos azedos de doçura? Só um pouco de fé, só um pouco, Betfagé.

Um jumento de aldeia (21:2-5)

“Ide à aldeia que aí está diante de vós”, disse Jesus a dois de Seus discípulos, “e logo achareis presa uma jumenta e, com ela, um jumentinho. Desprendei-os e trazei-Mos. E, se alguém vos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor precisa deles. E logo os enviará.” Quais eram os dois discípulos? Nenhum dos quatro evangelistas dá seus nomes. Tarefa anônima? Uma simples besta de carga, e um trabalho rotineiro feito por homens sem nomes, o simples serve também ao rei, como o grande. A profecia era a maior a Seu serviço e o profeta Zacarias, quinhentos anos antes tinha anunciado: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta” (Zc 9:9).

O Rei já vem (21:6-11)

Os dois discípulos fizeram seu trabalho exatamente como Jesus lhes disse. Trouxeram o jumento e puseram seus mantos sobre ele para que Jesus montasse. A multidão observava. Todos conheciam o antigo costume dos reis israelitas quando entravam em Jerusalém. Chegavam sempre cavalgando sobre um jumento. Jesus Se sentou sobre o jumentinho e a multidão, sem mais poder conter-se, começou uma algazarra de triunfo e alegria. O Rei prometido, o Filho de Davi, já estava em marcha para a cidade do Davi. Que outro sinal necessitavam? Já tinham tudo. “Hosana ao Filho de Davi!”, diziam. “Bendito o que vem no nome do Senhor! Hosana nas alturas!”

O quadro era maravilhoso. Jesus cavalgando na forma dos antigos reis. Seu porte real era digno e seguro. Seu rosto refletia a luz do vencedor, do que sabe de onde vem e para onde vai, do que nada teme e pode tudo. Era o Rei. A multidão, convencida de que a hora

de Sua libertação tinha chegado, proclamavam o rei com alegria e esperança. “Agora sim”, diziam-se, “os exércitos romanos serão expulsos, Israel será uma nação independente e nós seremos livres,” Todos lhe rendiam comemoração. A natureza, vestida da primavera, e o sol de luz sem frio nem excessivo calor, brilhante, pareciam concordar com a alegria das pessoas. Era um gozo infinito. A multidão avança. Pessoas e mais pessoas se unem a ela. Chegam às portas de Jerusalém. Toda a cidade, cheia de peregrinos que vieram celebrar a Páscoa, corre atrás dEle. Uma alegria já perdida pelo povo sofredor e oprimido volta a Jerusalém, como nos tempos de Davi. Os sacerdotes, preocupados, queriam deter a marcha triunfal do novo rei, mas não puderam.

Ninguém sabia que, ao fim da semana, todo aquele júbilo se transformaria em ódio, brincadeira, escárnio e morte; só Jesus. Ninguém sabia que o Reino não era o reino que queriam, era o Reino que não queriam. O Reino de Deus, que o povo já tinha descartado fazia muito tempo. Jesus viu o povo sem fé. Viu a malícia dos sacerdotes, a inveja, a vontade de se vingarem e destruí-Lo. Viu as angústias presentes e futuras de toda a nação, a destruição da cidade, a dispersão das pessoas. Entristeceu-Se e chorou por todos eles. Se tão somente tivessem entendido a verdadeira natureza de Seu Reino! Mas eles só queriam o reino deste mundo, não queriam o dos Céus. Jesus passou a noite em Betânia. Tinha-Se hospedado ali desde sexta-feira (Mc 11:1).

Reino espiritual e fé (21:12, 22)

Na segunda-feira, aconteceram dois fatos de destaque: as palavras de fé que secam a figueira e a purificação do templo. Mateus os contou em sequência, mas em ordem inversa. Primeiro, a purificação do templo, para relatar em seguida a entrada triunfal, evento grandioso que provou contundentemente que Jesus era o Messias. Depois, o incidente da figueira, ocorrido de manhã cedo. Com isso Jesus começou, na Judeia, a enfatizar a natureza espiritual de Seu Reino e a definir Seu poder como o poder da fé.

Purificação do templo (21:12-17)

O primeiro indício de Seu Reino espiritual aconteceu no templo. O último aconteceu no Gólgota. Jesus não queria um templo convertido em centro do poder econômico e político da nação. Queria uma casa de oração. Entrou nele e expulsou todos os que vendiam e compravam. Derrubou as mesas dos cambistas, tombou as cadeiras dos vendedores de pombas e expulsou os comerciantes. Não suportava a ideia de que o templo havia se transformado em centro comercial. Quando a religião se transforma em um negócio, nada mais resta e seu vazio é transferido às pessoas que vivem uma religião formal. Apenas formas religiosas sem conteúdo, que em lugar de aproximar de Deus Seus adoradores, os afastam dEle.

“Para que Me serve, diz Jeová, a multidão de seus sacrifícios? Cansado estou de holocaustos de carneiros e de gordura de animais gordos; não quero sangue de bois nem de ovelhas nem de cabritos. Quem pede isto de suas mãos, quando vêm se apresentar diante de Mim para pisotear Meus átrios?” (Is 1:11, 12). “Tem, porventura, o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à Sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros” (1Sm 15:22).

“Minha casa, será chamada casa de oração”, disse-lhes Jesus, “mas vocês a converteram em covil de ladrões.” Os comerciantes que trabalhavam no templo aparentemente prestavam serviço necessário à adoração. Chegavam peregrinos de todas as partes do Império Romano que deviam oferecer sacrifícios e pagar o sagrado imposto anual do templo, meio shekel por pessoa maior de 20 anos, o mesmo que os cobradores exigiram de Pedro em Cafarnaum (Mt 17:24, 27). No templo, não se aceitavam as moedas romanas e gregas; só a moeda do templo. Tinham que trocar. Havia extorsão e abuso em abundância. Geravam-se discussões apaixonadas e duras que destruíam o espírito apropriado e a atitude conveniente para a adoração.

Os sacerdotes fugiram. Recordavam a vergonha que sofreram três anos atrás quando Jesus, no começo de Seu ministério público, purificou o templo a primeira vez (Jo 2:13-22). Então pensaram:

nunca mais nos deixaremos vencer pelo temor perante este homem, nem Lhe obedeceremos; mas agora o terror era maior e a obediência mais apressada. Tinha um poder irresistível. Nada podiam perante Ele. Em sua fuga viram como as pessoas chegavam ao templo; mais e mais pessoas. Jesus, de novo, curou seus doentes. Os cegos viam, os coxos saltavam, os mudos falavam, “as crianças cantavam e gritavam: Hosana ao Filho de Davi!”

Os sacerdotes e os escribas, com a ansiedade de ver o que Jesus pudesse fazer, talvez tomar o reino, indignados Lhe disseram: “Não ouve o que estes estão dizendo?” “Claro que sim”, respondeu-lhes, “você nunca leram nos salmos de Davi: ‘Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres emudecer o inimigo e o vingador?’” (Sl 8:2).

Tudo nos lábios de Jesus era muito claro. Seus oponentes guardaram silêncio e a noite estava chegando para eles e para a cidade. Jesus foi passar a noite em Betânia, Assim, terminou a segunda-feira que tinha começado com uma parábola em ação: a figueira seca. Mateus a mencionou depois destes incidentes, porque estes têm maior importância para provar que Jesus era o Rei de Israel.

A figueira seca: uma lição de fé (21:18-22)

Depois de passar a noite em Betânia, sem dúvida, na casa de Lázaro e suas irmãs, Jesus voltou com Seus discípulos a Jerusalém e foram ao templo. Saíram muito cedo. Nem tomaram o desjejum. No caminho, sentiram fome; porém, logo viram uma promissora figueira. Embora ainda não fosse pleno tempo de figos, aproximava-se a primavera e, em alguns lugares, as figueiras já mostravam seus primeiros frutos. Esta parecia estar carregada de figos. Mas era apenas aparência. Só havia abundância de folhas; frutos, nada. Símbolo apropriado para descrever a hipocrisia de uma nação ou de uma pessoa. A aparência de piedade não comunica a ninguém a bondade da religião. Não satisfaz os necessitados. Não dá alimento, nem satisfação, nem alegria. Só a promessa de algo que não tem. Só o descumprimento de uma promessa vazia.

Por mais de mil anos, Deus tinha sustentado a nação israelita. Tinha-lhe dado a terra, a organização nacional, as leis que a desta-

cavam no mundo político de então e de sempre. Tinha-lhe dado a religião, a mais coerente, a mais sábia, a mais verdadeira, a mais completa, a melhor de todas as religiões do mundo. Tinha-lhe dado a melhor cultura, a melhor literatura, a melhor poesia, a maravilha arquitetônica do templo. Tinha-lhe dado inteligência. Dera-lhe o melhor estilo de vida de toda a humanidade. Dera-lhe uma visão universal e uma missão para beneficiar todas as nações do mundo. Que mais lhe faltava? Só frutos. Mas sem eles nada teria. Uma figueira cheia de folhas, nada mais. “Nunca mais volte a dar fruto!”, disse-lhe Jesus. “E se secou a figueira.”

Os discípulos não entenderam a mensagem. A hipocrisia religiosa alcançava também a eles e a nós. A todos os seres humanos de todos os tempos. Não importa quem seja, se for apenas religioso de aparência, ou aparenta não crer em nada, como os ateus, é tudo hipocrisia. A verdadeira religiosidade e piedade dão frutos para Jesus, nunca para nós mesmos. Imaginar-se superior ou acreditar ser dono do julgamento para determinar, por si mesmo, o valor de todas as coisas, inclusive as divinas, é apenas uma atitude de figueira infrutífera que muito logo se secará. Os discípulos não entenderam. “Como é que a figueira se secou tão logo?”, perguntaram. Em vez de saber como gerar frutos, queriam saber como secar a figueira. Como fazer algo que outros não pudessem fazer. Não há poder mágico que possa, como Midas, transformar tudo o que toque em ouro.

Jesus então os leva de volta para o reino espiritual. “Se tivessem fé”, disse-lhes, “e não duvidassem, poderiam tudo. Não o que vocês quiserem, mas o que possam pedir a Deus em oração.” O que Deus quer. Três coisas que influenciam: o pedido que fazem, a fé com que pedem, a vontade de Deus que concede. Se o pedido coincidir com a vontade de Deus, e se for feito com fé, Ele concede. A oração é uma conversa com Deus com o objetivo de integrar nossa vontade à dEle. Quando há integração da vontade humana com a vontade divina, o ser humano pode pedir o que quiser, pois sempre desejará o que Deus quer; e Deus lhe concederá tudo. Assim vivia Jesus. A ordem que deu à figueira não era caprichosa nem egoísta. Tinha o objetivo de ensinar uma lição

espiritual de frutos e de fé aos discípulos de então e aos crentes de todos os tempos.

Depois da parábola em ação, feita com a figueira, Jesus seguiu viagem para o templo, onde aconteceram os fatos relacionados com a purificação do templo que já consideramos. Na noite da segunda-feira, voltou à Betânia para passar a noite ali.

Ensinos no templo (21:23-23:39)

A terça-feira foi um dia muito ocupado; todo ele passado no templo. Mateus não registra milagres feitos nesse dia. Só perguntas, respostas e ensinos. Desde o domingo, Jesus tomou controle do templo e o utilizou como sede de Seu Reino espiritual, Seu trono, de onde conduziu os acontecimentos para a cruz. Para Ele, não houve surpresas. Marchou resoluto para a cruz. Todas as autoridades do templo lá se encontravam, mas não podiam fazer nada contra Ele, além de ouvi-Lo. E fizeram isso com profunda preocupação, consternados e surpreendidos.

A autoridade de Jesus (21:23-46)

“Enquanto ensinava”, diz Mateus, “aproximaram-se os anciãos do povo e os principais sacerdotes.” O texto original não diz “os principais sacerdotes”, mas o sumo sacerdote e seus similares. Dessa vez, o sumo sacerdote não enviou representantes, foi pessoalmente para interrogar Jesus e possivelmente intimidá-Lo para que Se retirasse do templo. Não foi sozinho, entretanto. Levou uma comitiva dos homens mais importantes da nação: anciãos, membros do Sinédrio, outros sacerdotes e escribas ou eruditos da lei.

Perguntas do sumo sacerdote e outros (21:23-27)

Suas perguntas são pertinentes: “Com que autoridade fazes estas coisas?”, ou seja: “aqui no templo, a autoridade somos eu e estes homens que me acompanham. Tenho a autoridade de sumo sacerdote. Que autoridade tem você? Não Lhe foi dada por mim nem pelo Sinédrio. Quem O autorizou a fazer o que está fazendo?” O sumo sacerdote não sabia, mas estava enfrentando a autoridade divina que dizia representar e colocando-se acima dela. Que atrevimento!

As pessoas ouviam tudo com profundo respeito. Nunca tinham visto Jesus e o sumo sacerdote frente a frente. Pelo curso da conversa e o tom das perguntas, imaginaram que aquele seria o momento em que Jesus demonstraria a autoridade que Lhe tinham visto usar, superior à dos escribas e fariseus. Mas a imagem do sumo sacerdote lhes infundia terror. Ali estava vestido com suas roupas mais ricas e caras, carregadas do prestígio que a tradição e a Revelação tinham colocado sobre elas. A tiara reluzia em sua cabeça. Seu porte era majestoso, parecia um verdadeiro príncipe do templo. Orgulhoso e seguro de sua autoridade, não deixava dúvida quanto ao que pretendia fazer.

Jesus não tinha nada disso. Suas roupas de homem comum mostravam as marcas da viagem. Seu rosto um pouco pálido expressava paciência infinita. Não havia orgulho em Seu porte, mas nEle era ressaltada uma dignidade tão divina e uma benevolência tão grande que contrastavam visivelmente com a suficiência própria e o rosto irado do sumo sacerdote. Quando este perguntou: “Com que autoridade fazes estas coisas?”, todos pensaram nas coisas que Jesus fizera antes de chegar a Jerusalém, a respeito das quais a maioria dos presentes tinha ouvido muitas histórias. Pensaram nas coisas que, em tão curto tempo, ali Ele realizara: A entrada triunfal, a purificação de templo, os numerosos milagres, Seus ensinamentos tão atrativos. Tudo lhes pareceu inquestionável. Se fosse por eles, em lugar de condená-Lo por alguma dessas coisas, pediriam muito mais delas.

Jesus escolheu uma forma diferente de resposta. Em lugar de responder diretamente, fez uma contrapergunta. “O batismo de João”, disse, “de onde era? Do Céu ou dos homens? Se Me responderem, também Eu responderei com que autoridade faço estas coisas.” Desse modo, já expunha uma alternativa de resposta: a autoridade de João só podia ser do Céu ou dos homens. “Vocês escolham qual das duas era a autoridade de João.” Não podiam dizer: “dos homens”, porque o povo tinha João como profeta. Se dissessem: “do Céu”, reconheceriam que a autoridade de Jesus tinha a mesma origem. Estavam contra a parede e consultaram entre si.

O povo, ansioso para ver aplainado o caminho de Jesus para o poder, esperava a resposta deles com inusitado interesse. Se dissessem:

“do Céu”, aceitavam a autoridade de Jesus e Ele poderia Se proclamar Rei ali mesmo. Contudo, não aconteceu assim. “Disseram: não sabemos”. “Tampouco Eu lhes digo”, declarou Jesus, “com que autoridade faço estas coisas.” Ficava aberta a possibilidade de que Jesus continuasse ensinando no templo e Ele não vacilou. Sem lhes responder, continuou ensinando o mesmo tema.

Parábola dos dois filhos: a vontade do Pai (21:28-32)

“Que lhes parece?”, perguntou Jesus à comitiva do sumo sacerdote. “Havia um homem que tinha dois filhos. Ao primeiro, disse: vai hoje a trabalhar na vinha. Não quero ir, respondeu-lhe; mas depois, arrependido, foi. Ordenou o mesmo ao segundo e este respondeu: Sim, senhor, eu vou; mas não foi. Qual dos dois obedeceu a vontade de seu pai?” “O primeiro”, responderam. Desta vez a resposta lhes pareceu muito fácil e sem consequências. Todavia se enganaram.

O primeiro filho representava os publicanos, prostitutas e pecadores. O segundo era representante deles mesmos. Os publicanos e pecadores agiam de maneira cínica e não serviam ao Deus de Israel. Opunham-se à religião e não lhes importavam a piedade nem a obediência a Deus. Só se interessavam em seus desejos pessoais e seus próprios interesses. Mas quando veio João Batista pregando o batismo do arrependimento, foram a ele, se arrependeram e ele os batizou. Alguns dos fariseus e dirigentes também aceitaram que a pregação de João vinha do Céu e foram batizados. Mas a maioria dos líderes o rejeitou. Eles professavam obedecer a Deus, mas não aceitavam Seus enviados nem obedeciam às mensagens que Deus lhes mandava através deles.

Assim como aconteceu com João, a autoridade de Jesus estava vinculada à vontade de Deus. Sua autoridade e Sua vontade tinham a mesma origem: Deus. Mas os dirigentes não O aceitavam. “Asseguro-lhes”, disse Jesus, “que os publicanos e as prostitutas vão adiante de vocês para o Reino de Deus. Porque vocês não creram em João que lhes mostrava o caminho da justiça e depois de ver seus efeitos não se arrependeram.” A religião formal que tinham, sem arrependimento,

nada valia. A falsa obediência que praticavam, sem andar na justiça de Cristo, não tinha valor.

Os lavradores maus: um novo povo (21:33-46).

“Escutem outra parábola”, disse-lhes. “Havia um homem que plantou uma vinha. Cercou-a, cavou-lhe um lagar, edificou-lhe uma torre e a arrendou a uns agricultores. Foi para uma viagem. Quando chegou o tempo da colheita de uvas, mandou seus servos para receber a parte que lhe correspondia. Os agricultores os maltrataram: golpearam a um, ao outro mataram e apedrejaram o terceiro. A segunda vez enviou mais servos que a primeira. Fizeram-lhes o mesmo.

“Então, enviou seu filho, pensando que o respeitariam por ser seu filho. Mas os agricultores disseram uns aos outros: Este é o herdeiro. Matemo-lo. Assim a vinha fica para nós. Arrastaram-no fora da vinha e o mataram.” Voltando-se para a multidão, Jesus perguntou: “Quando voltar o dono da vinha, o que fará com esses agricultores?” “Destruirá a cada um sem misericórdia”, disseram apressadamente os sacerdotes e os governantes, e arrendará a vinha a outros agricultores que lhe pagarem a tempo.

Assim que terminaram suas palavras perceberam o significado da parábola e de suas próprias palavras. Lembraram-se da vinha do profeta Isaías. “Agora, cantarei ao meu amado o cântico do meu amado a respeito da sua vinha. O meu amado teve uma vinha num outeiro fertilíssimo. Sachou-a, limpou-a das pedras e a plantou de vides escolhidas; edificou no meio dela uma torre e também abriu um lagar. Ele esperava que desse uvas boas, mas deu uvas bravas. Agora, pois, ó moradores de Jerusalém e homens de Judá, julgai, vos peço, entre mim e a minha vinha. Que mais se podia fazer ainda à minha vinha, que eu lhe não tenha feito? E como, esperando eu que desse uvas boas, veio a produzir uvas bravas? Agora, pois, vos farei saber o que pretendo fazer à minha vinha: tirarei a sua sebe, para que a vinha sirva de pasto; derribarei o seu muro, para que seja pisada; torná-la-ei em deserto. Não será podada nem sachada, mas crescerão nela espinheiros e abrolhos; às nuvens darei ordem que não derramem

chuva sobre ela. Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são a planta diletta do Senhor; este desejou que exercessem juízo, e eis aí quebrantamento da lei; justiça, e eis aí clamor” (Is 5:1-7).

Viram que o dono da vinha era Deus, a vinha era a nação judaica, a cerca era a lei de Deus, a torre era o templo. Como agricultores, eles deveriam trabalhar para que a vinha produzisse os frutos de uma vida que estivesse em harmonia com os grandes privilégios outorgados por Deus. Entretanto, em lugar de servir a Deus, tinham maltratado Seus profetas e agora, em lugar de respeitar Sua autoridade, tramavam contra a vida de Seu Filho. Queriam a vinha para si, mas a perderiam para outros agricultores melhores que eles. Uma nova comunidade com novos dirigentes estava em formação. Líderes e comunidade que não poriam em dúvida a autoridade de Jesus e O aceitariam como a pedra angular de toda a sua estrutura.

“Não têm lido nas Escrituras”, disse-lhes Jesus, “a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos?” (21:42). Um pouco mais adiante, o salmo recitado por Jesus diz: “Bendito o que vem no nome de Jeová!” (Sl 118:26). Nós nos alegraremos e regozijaremos nEle, porque é dia de salvação. Ele é Deus e nos deu luz. A nova comunidade tem Jesus como fundamento, não Pedro, Tiago ou Paulo; nenhum dos apóstolos ou outro ser humano qualquer, por mais destacado que seja na igreja.

“Portanto vos digo”, afirmou Jesus, “que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos” (21:43). Quem Lhe deu a autoridade com que fazia estas coisas? Deus. Por isso Ele retirava deles a vinha. Não que ela iria ficar sem dirigentes. Os dirigentes é que ficariam sem a vinha. O que dava estabilidade à vinha não eram seus líderes, era a pedra desprezada por eles. E os membros da nação que caíssem sobre ela seriam quebrantados pelo arrependimento, para compor a nova comunidade em Cristo Jesus, a igreja cristã. Mas a rocha cairá sobre os que não se arrependerem e os esmiuçará.

Jesus utilizou como ilustração um fato que aconteceu quase mil anos antes, quando estavam edificando o templo, nos dias de Salomão, que reinou entre 970 e 930 a.C. Levaram da pedreira todas as pedras, já lavradas, prontas para ocupar seu lugar no edifício. Todas se encaixavam perfeitamente e nem um ruído de martelo foi ouvido, enquanto eram colocadas. Mas uma, enorme e de forma especial, parecia não pertencer a lugar algum. Os obreiros a descartaram e ficou abandonada, sem uso. Muitas vezes lhes acometia uma doença enquanto moviam as outras pedras. Passou o tempo. O edifício era perfeito em todas partes, mas a pedra angular que tinham posto não suportava o peso. Cada vez mais se quebrava e tiveram que repô-la. Um dia, fixaram-se naquela pedra abandonada que tinha sofrido chuva, tormentas e intempéries. Provaram-na. Enquadrava-se perfeitamente como pedra angular. Então a colocaram e resolveu-se o problema.

O profeta Isaías a usou como um símbolo do Messias a quem chamou “pedra de tropeço” e “alicerce estável” (Is 8:13-15; 28:16). Para uns, escândalo; fortaleza para outros. “O que crer nela”, diz Pedro, “não será confundido; mas para os desobedientes é pedra de tropeço e rocha de escândalo.” Jesus é a rocha, e os crentes, pedras vivas edificadas, como um templo, sobre Ele. Os que desobedecem tropeçam na palavra. Mas os obedientes são real sacerdócio para anunciar as virtudes dAquele que os chamou.

Todos os crentes, agora povo de Deus, têm que participar da missão como sacerdotes, não para servir aos outros crentes, mas para levar o evangelho aos que não creem (1Pe 2:4-8). A nova comunidade está alicerçada sobre Cristo e tem de produzir frutos. Os mesmos frutos missionários que Deus esperava de Israel. Porque o povo de Deus não mudou, continua sendo aquele que dá fruto. É composto daqueles que creem e obedecem, e que executam a missão. Judeus e gentios integrados em Cristo pela fé nEle.

“Ao ouvir Suas parábolas”, diz Mateus, “o sumo sacerdote e sua comitiva, entenderam que falava deles.” Cumprindo o papel dos agricultores malvados, queriam matá-Lo; mas tinham medo do povo, porque eles criam que Jesus era profeta. E era, como provaria mais adiante.

22

Boas-Novas do Reino

O banquete de bodas (22:1-14)

Jesus voltou a lhes falar por parábolas”, afirma Mateus (22:1). Isso significa lhes falou “outra vez”. Continuou com o tema e com o estilo de comunicação: parábolas. Só que, agora, não respondeu às palavras que Lhe foram ditas pelo grupo de líderes, mas aos pensamentos de destruição que tinham para com Ele. Nenhum mortal podia, nem pode, saber os pensamentos de outra pessoa, muito menos de um grupo de peritos dirigentes que, por aprendida estratégia, sabiam ocultar suas ideias íntimas para as expressar só no momento mais apropriado. Com surpresa, descobriram que seus pensamentos não eram secretos para Jesus.

“O Reino dos Céus”, começou dizendo, “é semelhante a um rei que celebrou as bodas de seu filho” (22:2). Festas de bodas eram comuns em Israel, ocasiões de muita alegria e felicidade. As pessoas comuns as desfrutavam por uma semana inteira. Aconteciam normalmente ao finalizar a última colheita de outono ou pouco depois. Mas o programa de vida de um rei não estava vinculado ao calendário agrícola. Seus filhos podiam se casar em qualquer tempo, quando o rei determinasse. O rei da parábola preparou um grande banquete para as bodas de seu filho e esperava que todos os participantes sentissem a plena felicidade da ocasião. Mas não

seria assim. Alguns sofreriam por causa de seus próprios desejos e de suas decisões próprias.

O primeiro grupo de convidados não quis assistir (22:3-7). “O rei enviou seus servos”, contou Jesus, “a chamar os convidados.” Já tinham recebido o primeiro convite, esse era o segundo. O primeiro convite, por meio dos servos do rei, aconteceu quando João Batista pregou sua mensagem de arrependimento e quando os doze e os setenta, enviados por Jesus, proclamaram o evangelho do Reino ao povo de Israel (10:6, 7; Lc 10:1).

O casamento representa a união da divindade com a humanidade na encarnação de Jesus. O convite é a proclamação do evangelho. As bodas da parábola são as bodas messiânicas e representam o encontro do Messias com Seu povo. Posteriormente, no Apocalipse de João, este encontro foi descrito como as bodas do Cordeiro, quando os convidados se alegram, são bem-aventurados e glorificam ao Senhor (Ap 19:7-9). Mas o primeiro convite, confirmado pelos servos que chamaram os convidados, não foi aceito: “mas estes não quiseram vir”, disse Jesus.

O segundo convite aconteceu depois da crucificação de Jesus. “O rei mandou outros servos”, continuou Jesus, “e lhes ordenou: Digam a todos os convidados que já preparei minha comida. Mande matar meus touros e meus animais cevados, e tudo está disposto; venham às bodas” (Mt 21:4). Os enviados de Jesus ainda proclamavam o evangelho só à nação israelita que, segundo as profecias de Daniel, continuaria sendo a nação peculiar de Deus até o fim da semana de anos, que concluiria no ano 34 d.C., na metade da qual, ano 31 d.C., o Messias seria crucificado e cessaria o valor simbólico dos sacrifícios (Dn 9:24, 26, 27). “Mas eles não se importaram”, continuou Jesus, “e se foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio; e os outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram” (Mt 21:5, 6).

Enquanto os servos do Rei anunciavam a ressurreição de Jesus e as boas-novas do reino para arrependimento e remissão de pecados (At 2:22-24, 32, 36, 38), os líderes de Israel implementaram uma grande perseguição (At 8:1), que levou alguns ao cárcere (At 3:1-3), outros à morte (At 7:58) e muitos ao exílio (At 11:19). Embora um

numeroso grupo do povo e dos dirigentes aceitasse Jesus, nesse tempo, a maioria O rejeitou de maneira depreciativa e arrogante.

“Ao ouvir isso, o rei”, continuou Jesus, “zangou-se e, enviando seus exércitos, matou os homicidas e incendiou sua cidade.” Alguns comentaristas pensam que isso aconteceu no ano 70 d.C., quando as tropas romanas, sob o comando do general Tito, queimaram a cidade e o templo. Certamente, o julgamento predito aqui veio com a destruição de Jerusalém e a dispersão dos judeus.

Não eram dignos (22:8). “As bodas estavam preparadas”, continuou dizendo Jesus, “mas os convidados não eram dignos.” Não tinham o mesmo valor das bodas, nem podiam ser comparados a elas. Essa comparação não é de grau, como quando dizemos que cem dólares valem mais que cinquenta, ou quando dizemos que não se compara uma sandália com um sapato. É uma comparação de qualidade, como quando falamos de um mau cidadão e dizemos que esse indivíduo não se compara com a sua nação, ou como, ao mencionar a conduta de um certo cidadão de um país sul-americano, as pessoas dizem que ele é uma vergonha nacional.

Os convidados às bodas eram uma vergonha para as bodas, não pertenciam a elas; careciam de todo valor para as bodas. Por que não eram dignos? Primeiro, porque rejeitaram o convite às bodas. Segundo, porque ofenderam o rei que os havia convidado, e, assim, menosprezaram sua autoridade. E além disso, porque eram egoístas, autossuficientes, gananciosos, obstinados, violentos e assassinos.

O segundo grupo de convidados aceitou (22:9, 10). “Vão, pois, às encruzilhadas dos caminhos”, continuou contando Jesus a respeito do que o rei disse a seus servos, “e convidem para as bodas a quantos encontrarem.” Esse é o terceiro convite e é dirigido aos gentios que o aceitaram imediatamente. Não necessitam ser lembrados do convite, nem do segundo convite necessitam. “Então”, continuou Jesus, “saindo aqueles servos pelas estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala do banquete ficou repleta de convidados.”

O convite do evangelho que, a princípio, era exclusivamente para os judeus, fez-se geograficamente universal e etnicamente geral. Nem se limitou a um tipo especial; bons e maus estavam igualmente convidados.

Vestido de bodas (22:11-14). Embora o convite abranja todos os seres humanos, a salvação não é universal. Nem automática para todos os que ouvem o evangelho. Nem mesmo para todos os que, com fé, responderem ao convite; isso porque “até os demônios creem e estremecem”, e “a fé sem obras é morta” (Tg 2:19, 20). Havia um preparo indispensável para entrar nas bodas e o rei demandava que fosse cumprido sem falta. Tanto que, antes de começar a festa, entrou na sala dos convidados para inspecionar os que tinham aceitado o convite. Fez o julgamento de todos eles. Aqui não se trata do julgamento universal que Deus fará sobre os bons e maus; é um julgamento prévio para assegurar-se de que os que aceitaram o convite fizeram a devida preparação.

Em que consistia essa preparação? Em usar as vestes de bodas que o rei deu de presente a cada convidado e exigia que fosse usado naquela ocasião. Todos estavam bem, exceto um. “Que aconteceu, amigo? Como entrou aqui sem o vestido de bodas?”, perguntou o rei. Não houve resposta. Não tinha desculpa. Como obter o traje, se era um presente? Não era por obras. Não podia comprá-lo, não podia confeccioná-lo, não podia pedi-lo emprestado de alguém, não podia fazer nada por si mesmo para tê-lo, a menos que o aceitasse do rei. Por que era tão importante? Porque não era uma coisa. Na parábola, um vestido; mas na realidade do julgamento investigativo de Deus, um caráter. Não qualquer caráter que seja aceitável ao rei, mas o caráter que o próprio rei constrói na personalidade de cada um, com seu consentimento e vontade. Deus nada faz em nós se nos opusermos a Ele, nem em nós executa nada contra nossa vontade.

O único caráter aceitável a Deus é equivalente ao caráter puro que Adão e Eva tinham antes de pecar. Esse caráter era produto exclusivo da criação de Deus, como tudo o que eles eram, em todos os aspectos de seu ser. Nada do que eram, em seu ser físico-espiritual, tinha sido obra de suas próprias mãos ou de sua iniciativa própria. Tudo era obra de Deus. Esse caráter, revestido da pureza divina, toda a obra de Cristo, reconstruído agora com o consentimento do ser humano que crê e obedece, e com a entrega total da vontade desse ser humano que obedece e crê, é a única

preparação que Deus demanda para aceitar todos os convidados às bodas do Filho do Rei. No fim do tempo, as bodas do Cordeiro será o retorno do Messias como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Quem tentar entrar nas bodas sem o vestido apropriado será expulso e não terá parte com Cristo em Seu Reino; “pois, muitos são chamados e poucos os escolhidos” (Mt 22:14). Poucos aceitaram o convite e poucos se preparam para as bodas.

Imposto de César e o que é de Deus (22:15-22)

A esta altura da conversação, vendo que nem a autoridade que possuíam nem a habilidade de seu discurso podiam nada contra Jesus, os fariseus se retiraram do templo, não para descansar de sua atividade contra Ele. De fato, “consultaram entre si como O surpreenderiam em alguma palavra”, diz Mateus.

Discípulos e herodianos (22:16a). Enviaram uma nova tropa para o novo ataque: Seus próprios discípulos junto com um grupo de herodianos. Os herodianos não eram uma seita religiosa como os fariseus ou os saduceus. Eram um partido político judeu que apoiava a dinastia de Herodes. Mas, em Israel, nada podia existir sem uma justificação religiosa, por isso, na religiosidade, os herodianos favoreciam a integração do paganismo com o judaísmo, promovendo uma espécie de sincretismo político-religioso. Apoiavam o Império Romano, ao passo que este sustentava a casa de Herodes no poder. Os fariseus sustentavam as tradições dos pais; e os saduceus, a aproximação à cultura grega. Os fariseus nunca se aliavam com os herodianos, a menos que os altos interesses da nação corressem risco. Pelo visto, consideraram que era assim a situação com as atividades de Jesus. Enviaram-nos porque seriam excelentes delatores para um possível julgamento de Jesus, o que já estava sendo tramado pelos fariseus e pelos saduceus, líderes da nação.

Camuflagem com a verdade (22:16b-17). A oposição foi sempre dura; mais dura se tornou à medida que a verdade se apresentava com maior clareza. Por isso, essa nova delegação tratou de camuflar sua armadilha com uma verdade. “Mestre”, disseram a Jesus, como se O estivessem aceitando, para que Ele baixasse a guarda e assim

pudesse ser apanhado, “sabemos que és verdadeiro”, nova camuflagem, “e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem Te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens. Dize-nos, pois: que Te parece? É lícito pagar tributo a César ou não?” A aproximação felina desses maquinadores superava em muito a forma de perguntar usada por todos os Seus inimigos anteriores. Se Jesus apoiasse os impostos, destruiria Seu prestígio messiânico. Se desafiasse os impostos, Se tornaria odioso às autoridades romanas, pois O considerariam a favor dos revolucionários que operavam em Israel sempre, mas muito violentamente, havia duas décadas.

As moedas da hipocrisia (22:18). Realmente, não era opinião sobre impostos ou dinheiro o que procuravam. Seu empreendimento era religioso, mas usavam duas moedas falsas: más intenções e hipocrisia. Jesus conheceu suas más intenções e denunciou sua hipocrisia. “Hipócritas!”, disse-lhes, “por que Me criam armadilhas?” Não há boa religião com más intenções, nem espiritualidade apropriada com hipocrisia. Tampouco há fidelidade a Deus com má política, nem há patriotismo verdadeiro com religião falsa. Mas eles não se importavam com nenhuma das duas coisas. A única coisa que queriam era encontrar algo com o que pudessem desprezar Jesus e condená-Lo.

A moeda da realidade (22:19-21). “Mostrai-Me a moeda do tributo”, disse Jesus. Os judeus só podiam emitir algumas moedas de cobre de pouco valor com exclusiva circulação local. Não tinham valor algum para o Império Romano. Mas a moeda do imposto era uma moeda de prata que, junto com as moedas de ouro, só eram cunhadas pelo Império. O denário de prata que possivelmente Lhe entregaram, de um lado, tinha a imagem de Tibério e a inscrição: *Tibério César, filho do divino Augusto*. No outro, fazia referência ao sumo sacerdote da religião romana. Pagã nos dois lados. Mas não tinham outra alternativa; os judeus tinham que usá-la, porque o imposto só podia ser pago com essa moeda. Jesus nem precisou olhá-la. Ele a conhecia e sabia também sobre o ódio que sua circulação despertava entre os judeus. Mas essa era a realidade inevitável da vida comercial israelita. Usá-la não significava aceitação

do conteúdo impresso nela, mas aceitação do valor monetário que representava. Não havia mal moral em seu uso, nem bem moral em sua rejeição. Tratava-se apenas de questão relacionada com a economia e os valores monetários convencionais do Império. Embora não gostassem, conviviam com essa situação.

“De quem são esta imagem e sua inscrição?”, perguntou Jesus. “De César”, responderam. “Então”, Ele continuou, “dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.” O conflito que a primeira pergunta tinha suscitado entre Deus e César estava resolvido com a plena satisfação de todos. A adoração devia ser para Deus somente. As inscrições na moeda de César não tinham que interferir em nada na dedicação de todos eles a Deus. Também está resolvido, aqui, todo conflito cultural que possa existir no ambiente em que os cristãos vivem. Em nenhum lugar são maioria. Não podem impor seus valores à comunidade inteira. E têm que avaliar os da comunidade, conviver com os que não contrariarem suas crenças e evitar os que estejam em clara contradição com a vontade de Deus. Sem hipocrisia, isentos de sincretismo, sem alienação, desprovidos da mentalidade preconceituosa. Agindo sempre como verdadeiras testemunhas do Reino dos Céus, sem desprezar a presente realidade material, como se eles fossem superiores a todos os seres humanos ou juízes da conduta deles. O juiz é Deus. Só Ele. Nós somos apenas Seus servidores, Suas testemunhas na missão, para Sua glória e para o benefício de outros seres humanos, nossos semelhantes.

Os discípulos dos fariseus e os herodianos ficaram assombrados com a sabedoria revelada por Jesus, e se foram sem outros comentários.

Perguntas dos líderes religiosos (22:23-46)

Mateus apresenta agora perguntas que os saduceus e fariseus fizeram a Jesus. Nenhuma delas foi feita com o propósito de aprender. Queriam pô-Lo em dificuldades, demonstrar que eles sabiam mais e que o conhecimento deles era melhor. Além disso, desejavam encontrar nEle alguma falta grave que lhes permitisse acusá-Lo diante do Sinédrio, para que este grupo O considerasse culpado e O condenasse à morte.

Saduceus: casamento e ressurreição (22:23-33). Naquele mesmo dia, os saduceus tomaram seu turno. Tradicionais inimigos dos fariseus, rejeitavam as tradições que estes defendiam. Ostentadamente, professavam crer nas Escrituras como norma de fé e conduta, mas não totalmente. A seleção que faziam revelava o que realmente eram: céticos e materialistas. Não aceitavam, por exemplo, os ensinamentos bíblicos a respeito dos anjos, da ressurreição e da vida futura. Portanto, para eles, não haveria julgamento, nem recompensa nem castigo.

Criam em Deus como um Ser superior ao ser humano, mas sem exercer nenhuma ação sobre ele. Na concepção deles, Deus criou o homem como agente moral livre, e logo o abandonou para viver por si mesmo, a fim de que, com suas próprias faculdades naturais, regesse a própria vida e os acontecimentos históricos do mundo. Rejeitavam qualquer possibilidade de ação do Espírito Santo na vida humana. Mas eram apaixonados defensores da importância de sua origem em Abraão e aderiam fanaticamente às exigências da lei. Eram ricos, e tinham muita influência junto aos governantes. Na realidade, eles eram os governantes. Quase sempre, o sumo sacerdote os escolhia dentre eles. Mas eram menos numerosos que os fariseus e tinham relativamente pouco domínio sobre o povo comum. Viviam para si mesmos. À semelhança dos fariseus, rejeitavam os ensinamentos de Jesus.

“Mestre”, assim os saduceus dirigiram-se a Jesus. Queriam Lhe fazer uma pergunta. Mas, primeiro, a contextualizaram, para dar a impressão de que estava apoiada nas Escrituras e que a intenção deles era boa. “Moisés ensinou que, se um homem morrer sem ter filhos”, continuaram, “seu irmão tem que se casar com a viúva para que o morto tenha descendência. Aconteceu entre nós que um de sete irmãos se casou e morreu sem ter filhos, o segundo se casou com a viúva e morreu, aconteceu o mesmo com os sete irmãos. Depois morreu também a mulher. Na ressurreição, esposa de qual deles será?”

Pode ser que tenha existido um caso tal na época deles. Porém, o mais provável é que tenham extraído o exemplo da antiga literatura hebraica não canônica. No livro de Tobias, que narra a história

de Tobias durante do cativo de Israel na Assíria, é mencionado o caso de Sara, filha de Raquel que, em forma sucessiva, teve sete maridos, e um demônio chamado Asmodeu foi tirando a vida de todos eles depois que cada um teve sua primeira relação sexual com a esposa (Tobias 3:7, 8). Entretanto, o livro de Tobias não relaciona o caso com a ressurreição, mas com um problema cultural que, naquela época e mais tarde também, existia em muitos povos: a ideia de que uma mulher viúva de tantos maridos, de algum modo era culpada e, por isso mesmo, perigosa.

“Vocês estão enganados”, respondeu-lhes Jesus. “Foram desviados da verdade, por duas razões muito importantes.

Primeira, não conhecem o que dizem as Escrituras sobre este assunto. O que acreditam que sabem não foi obtido por um contato pessoal e direto com elas. Outros o ensinaram assim, e vocês aceitaram sem ver o que as Escrituras dizem. Vocês foram induzidos a se desviar da verdade e, agora, têm como verdade esse desvio. A verdade não é o que vocês pensam que é verdade, mas o que as Escrituras dizem.” Os saduceus pensavam que não podia haver ressurreição porque, caso existisse, as pessoas teriam que voltar à vida exatamente como a deixaram: os maridos voltariam a se unir com suas esposas, existiriam as mesmas fragilidades e paixões e tudo continuaria como antes da morte, perpetuando uma qualidade de vida inaceitável.

“*A segunda razão* é que vocês não conhecem o poder de Deus. Não tiveram nenhuma experiência pessoal com esse poder. De que vale pensar como serão as coisas na ressurreição, se vocês não tiverem ideia do que o poder de Deus é capaz de fazer? Seria pior ainda se vocês pensassem, como de fato pensam, que Deus não Se interessa pelo ser humano e tampouco nada fará por ele depois que este morre.

“Vou lhes ensinar *dois assuntos importantes* que vocês devem entender:

“*Primeiro*, na ressurreição, os seres humanos serão como os anjos do Céu. Não como os anjos do mal. Agora os seres humanos, mesmo aqueles que não acreditam em anjos, se parecem muito com os anjos

do mal e seguem suas orientações. Na realidade, só negam a existência dos anjos quando se trata dos anjos bons, os do Céu. Contudo, em se tratando de anjos maus, presentes em pessoas endemoninhadas, por exemplo, não negam absolutamente sua realidade. Pois bem, vocês creem em sua existência, até o ponto de terem acusado o Filho do Homem de fazer Seus milagres pelo poder deles.”

A maioria dos judeus que ouviam Jesus cria nos anjos. Seus mestres ensinavam que os anjos não comem, não bebem e, como também não morrem, a menos que Deus os destruía, não precisam procriar. “Como os anjos, os seres humanos não se casarão”, continuou Jesus, “nem se darão em casamento.” Quando Deus criou os seres humanos, e lhes deu a ordem de procriar, colocou um limite. “Frutifiquem e multipliquem-se, encham a Terra”, disse-lhes (Gn 1:28). Quando a Terra estivesse cheia, não haveria mais razão de multiplicar-se. Quando ocorrer a ressurreição, todos os redimidos serão uma quantidade suficiente para cumprir o plano divino quanto à população da Terra. Além disso, ressuscitarão transformados pelo poder de Deus (Fp 2:20, 21).

O *segundo assunto* que vocês devem saber bem é este: existe ressurreição. ‘Nunca leram o que Deus disse: Eu sou o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó?’, perguntou-lhes Jesus. E concluiu: ‘Ele não é Deus de mortos, mas de vivos.’ Prometeu vida eterna e, por ocasião da ressurreição, cumprirá Sua promessa aos crentes e a seus descendentes que, como eles, creram na promessa.” Os saduceus se orgulhavam por serem descendentes de Abraão, e por crerem nas promessas de Deus, como Abraão cria.

Fariseus: o grande mandamento (22:34-40). Observando a derrota dos saduceus, qualquer pessoa teria desistido de continuar criando armadilhas para Jesus. Não os fariseus. Procuraram um escriba sábio e o persuadiram para que Lhe criasse uma nova armadilha. Desta vez com a lei. Se caísse nela, o engano demonstrado seria maior que o engano procurado pelos saduceus com sua pergunta sobre a ressurreição. A razão era simples: quanto à ressurreição havia controvérsia entre eles mesmos. Mas quanto à lei, a aceitação era unânime.

“Mestre”, disse o escriba, “qual é o mandamento mais importante da lei?” Um dos métodos que os escribas ou especialistas da lei usavam com seus discípulos e entre eles mesmos para prepará-los melhor, era submetê-los a perguntas difíceis. E essa era uma pergunta de especialistas, que os escribas faziam entre si mais de uma vez. Ao fazê-la agora, esse escriba não estava movido pelo espírito docente, nem pretendia que Jesus aprendesse algo sobre a lei.

A má intenção era evidente. Jesus não tinha estudado com nenhum deles. No conceito dos escribas, Ele não era especialista; portanto, não saberia a resposta. Usariam Sua ignorância para desprestigiá-Lo. Se Sua resposta fosse, de algum modo, contra a lei, poderiam ter uma razão para acusá-Lo diante do Sinédrio. Novamente se enganaram. Jesus não precisou pensar muito. Ele conhecia as Escrituras e Se limitou apenas a citá-las. “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento”, disse-lhes. “Este é o primeiro e o maior de todos os mandamentos.”

Jesus citou uma parte do texto bíblico mais conhecido pelos judeus de então e de todos os tempos (Dt 6:4-9). Chamam-no Shema, palavra hebraica que significa “escutar”; “ouvir”. Esse texto é quase uma confissão de fé judaica. “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (Dt 6:4, 5).

“O segundo se parece com este”, acrescentou Jesus: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” Isso corresponde a Levítico 19:18. Alguns rabinos consideravam ser este o mandamento maior. Filão, um judeu que viveu em Alexandria, Egito, entre os anos 20 a.C. e 50 d.C., por meio do qual conhecemos o pensamento religioso e filosófico judeu da época de Jesus, diz que alguns, por amarem a piedade, se dedicaram inteiramente ao serviço a Deus. Enquanto outros, por amor a seus próximos humanos, dedicaram-se totalmente ao serviço do próximo e à sociedade. Aos primeiros denomina “amantes de Deus”; e aos últimos, “homens filantrópicos”.

“Os dois grupos”, argumenta Filão, “têm somente a metade da perfeição. Os perfeitos têm um equilíbrio de amor a Deus e amor

ao próximo. Os que não amam a Deus nem ao próximo”, continua dizendo, “trocaram sua natureza humana pela natureza das bestas selvagens.” Filão também fala das duas tábuas da lei. A primeira apresenta os mais sagrados deveres para com a Deidade. A segunda trata das obrigações para com o próximo (*Decálogo*, 106-110). Mas em nenhum momento se refere ao maior mandamento da lei.

Ao unir os dois mandamentos, para elaborar a resposta à pergunta sobre o maior mandamento da lei, Jesus emitiu um conceito novo e muito importante para a vida cristã, que Paulo retomaria mais tarde ao dizer: “de sorte que o cumprimento da lei é o amor” (Rm 13:10). Jesus ensinou que a lei não foi feita de mandamentos isolados operando separados um dos outros. A lei é um conjunto que deve ser praticado em sua totalidade. A existência de amor imparcial para com o próximo só será possível se existir amor a Deus. É impossível alguém quebrar um mandamento sem violar o princípio do amor. Tampouco existe amor na pessoa que viola qualquer dos mandamentos. “Destes dois mandamentos”, amor a Deus e ao próximo, concluiu Jesus, “dependem toda a lei e os profetas.” Expressão que, para os judeus, incluía os dez mandamentos, o Pentateuco e o restante das Escrituras. Marcos informa que o escriba que fez a pergunta ficou profundamente impressionado ao ver a sabedoria da resposta, e exclamou: “Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele!”

De quem é filho o Cristo? (22:41-46). Jesus ainda tinha algumas perguntas a fazer. Não com a má intenção de criar armadilha para ninguém, mas com o objetivo de ensinar aos fariseus e à multidão um ponto bem específico sobre o Messias. Dirigindo-Se aos fariseus, perguntou: “Que pensam vocês sobre o Cristo? De quem é filho?” Muitos O tinham chamado Filho de Davi: o povo, a mulher siro-fenícia, os cegos de Jericó, a multidão que O acompanhou em Sua entrada triunfal, as crianças no templo; mas, reconheciam eles Sua divindade? Os fariseus, não; pois em coro disseram: “de Davi”. Com a pergunta que fez, Jesus queria ensinar que o Filho de Davi era divino. A maneira de fazê-lo foi simples, muito direta e muito clara. “Então”, disse Jesus, “se for filho de Davi, como Davi, sob

a inspiração do Espírito Santo, chama-O Senhor, reconhecendo-O superior a ele?”

Davi declarou: “Jeová disse a meu Senhor: Sente-Se à Minha mão direita, até que ponha Seus inimigos por estrado de Seus pés” (Sl 110:1). Se o Messias será entronizado à direita de Deus, como o ungido Rei eterno, tem que ser muito mais que um mero descendente de Davi e muito superior a ele. A conclusão é óbvia: tem que ser divino. Mas Jesus não pronuncia essas palavras, deixando-as no título “Senhor”, para não dar motivo a um julgamento imediato. Ainda faltam alguns dias para isso. Ainda é terça-feira, Sua morte deve acontecer na festa da Páscoa, no final da semana.

Mas todos entenderam. “Nada puderam Lhe responder, nenhuma só palavra”, diz Mateus, “e desde esse dia ninguém se atrevia a Lhe fazer mais perguntas.”



23 Enganos

Jesus acusa fariseus e escribas (23:1-39)

O último dia no templo. Seu ensino como Rei espiritual que começou com a entrada triunfal em Jerusalém, estava chegando ao fim. Dirigiu-Se às pessoas e a Seus discípulos. Agora, concentrou Seus ensinamentos no esclarecimento dos enganos dos escribas e fariseus, que contribuem para o desvio da nação.

Enganos de ensino (23:2-7)

“Na cadeira de Moisés se sentam os escribas e fariseus”, disse Jesus. Atribuíam-se autoridade divina, semelhante à de Moisés, e é até possível que tenham tido nas sinagogas uma poltrona especial, como uma cadeira, de onde ensinavam. Encontraram-se tais bancos nas ruínas de algumas sinagogas antigas, por exemplo, a sinagoga de Hamath. Mas o importante aqui é o ensino que transmitiam. Jesus esclarece alguns assuntos de seu ensino que se tornaram enganos muito sérios.

Primeiro engano. Apoiados na ideia de que eles eram semelhantes a Moisés, exerciam uma despótica autoridade espiritual. Exigiam obediência absoluta do povo. E o povo estava convencido de que eles eram a autoridade que tinha direito de decidir tudo o que estava relacionado com a religião. Não duvidavam deles, absolutamente. Por causa disso, as pessoas comuns não praticavam a

religião de relacionamento espiritual com Deus, mas de obediência aos muitos mandamentos criados por seus mestres espirituais; mandamentos criados mais sobre a base das tradições dos pais que sobre a revelação da Escritura. A maior parte dessas tradições não era um problema doutrinário, como tal. O problema surgia quando os fariseus substituíam a revelação bíblica por seus ensinamentos e elas se tornavam doutrina obrigatória.

Segundo engano: Não praticavam o que ensinavam. Para Jesus, esse era um engano muito sério. “Façam o que lhes dizem”, disse Jesus ao povo e aos discípulos, “mas não façam o que fazem; porque não praticam o que pregam.” O líder espiritual tem o dever moral de praticar o que prega. É um dever perante Deus. Compartilham-no igualmente todos os crentes, porque devem cumprir a missão de ensinar o evangelho aos que não o conhecem. São seus mestres e o mestre do evangelho não pode ser igual a um escriba da lei. Tem que ser superior. Essa superioridade não é de classe ou importância comunitária. É de vivência. O crente deve crer e viver o que ensina.

Terceiro engano: Criavam cargas muito pesadas. No processo de substituição do ensino bíblico pela tradição dos pais, acabavam criando doutrinas novas, contrárias às Escrituras. Muitas delas eram regulamentos que pretendiam ajudar as pessoas em sua compreensão e cumprimento do ensino divino. Mas, na realidade, tornavam muito difícil a prática da religião e a piedade. “Atam cargas pesadas sobre outros”, disse Jesus, “mas eles mesmos não estão dispostos a mover um dedo para levantá-las.”

Quarto engano: A ostentação religiosa. “Tudo o que fazem”, disse Jesus, “é para que as pessoas os vejam.” Tratava-se de uma piedade que não afetava o interior das pessoas; só servia para que outros pensassem que eram piedosos. Hipocrisia. Não sei se existe uma palavra que signifique hipocrisia intencional, creio que não, mas deveria existir; para expressar a ideia com precisão. A hipocrisia intencional é pior que a hipocrisia não planejada, espontânea, que surge como uma espécie de autoamparo religioso, para que outros não pensem mal.

A hipocrisia espontânea é espiritualmente daninha, claro que sim. Mas a hipocrisia intencional, planejada, adotada como estilo

de vida, é como os crimes com premeditação e traição, piores que os crimes por acidente. Essa era a hipocrisia dos escribas e fariseus. Eliminá-la da vida custa muito mais que eliminar a hipocrisia espontânea; mas é preciso eliminar as duas. A hipocrisia, em suas duas manifestações, terá que ser eliminada por que não é uma falta só dos antigos escribas e fariseus. Está presente na conduta humana de todos os tempos, afeta religiosos e não religiosos. A hipocrisia é um tipo de jogo duplo moral. O povo aceita e descreve o procedimento correto, e quando chega a ocasião de vivê-lo, não o faz. Mas ainda espera que outros vivam cada aspecto da moral aceita.

O que os escribas e os fariseus faziam para que fossem vistos? Utilizavam as expressões metafóricas ou as práticas simbólicas do Antigo Testamento, como as que descreviam a dedicação a Deus, e as transformavam em uso literal. Por exemplo: Moisés, por ordem de Deus, lhes tinha mandado colocar franjas em suas roupas para que se lembrassem dos mandamentos e os obedecessem (Nm 15:37-41). Eles escreviam os preceitos da Escritura em tiras de pergaminhos ou tecidos e os atavam de forma ostensiva na cabeça e nas roupas. Chamavam a atenção e, com essa “piedade”, impressionavam o povo; mas a lei não chegava à mente, muito menos ao coração. Para que fossem vistos, eles amavam os primeiros assentos nas festas, as primeiras cadeiras nas sinagogas, os lugares visíveis das praças; gostavam de serem chamados rabinos.

Recomendações aos discípulos (23:8-12)

Apoiado nos enganos de fariseus e escribas da lei, Jesus deu algumas recomendações aos discípulos, em primeiro lugar, e, por extensão, às pessoas que O escutavam naquele momento.

Primeira recomendação, sobre o uso de títulos honoríficos. “Não permitam que os chamem mestres”, disse Jesus; “porque têm um só mestre e todos vocês são irmãos.” Jesus tinha dois objetivos com essa recomendação. Primeiro, destruir a vaidade. O problema da vaidade está em seu jogo de aparências. Todas as pessoas tratam de mostrar que valem mais do que realmente valem. Muito frequentemente mostramos, como próprios, certos valores pessoais que as

peças apreciam muito, mas que na realidade não possui. Vaidade. A vaidade também age de outro modo: alguém dá muito valor a aspectos da personalidade que na realidade valem pouco. A aparência pessoal, por exemplo, que, sem ter importância, recebe importância capital sobre tudo o mais. Vaidade.

A vaidade vem do vazio; vazio. É uma ficção da fantasia pessoal. Como espuma de sabão. Quando circula pelo ar mostra-se preciosa, a luz externa lhe imprime brilhos fantasiosos, atrativos e bonitos; mas dentro, nada tem. Em um instante, “plaf”, arrebenta, desaparece. Convertem-se no que era: nada. É certo que títulos honoríficos ou acadêmicos não são espuma de sabão. Representam esforço, muito trabalho, qualidades de caráter sem as quais sua obtenção seria impossível. Além disso, têm um tremendo valor social e trabalhista. Há certos trabalhos que, sem título acadêmico correspondente, seria impossível consegui-los. A vaidade não está no título em si, mas pode estar na maneira como é usado. Por exemplo, usá-lo para se mostrar superior a todas as demais pessoas com quem se relaciona. Essa atitude é vazia, e não vale nada. Só aparência.

“Não esqueçam que têm um só mestre”, disse Jesus, “e todos vocês são irmãos.” O irmão sem título de advogado, médico ou professor pode ter qualidades espirituais muito superiores a todos os títulos que alguém ostente. Às vezes, o empregado é ancião na igreja ou dirigente da congregação onde seu empregador é membro, e onde também há outros membros com títulos acadêmicos importantes. Por isso, usar títulos para mostrar superioridade é nada mais que vaidade.

O segundo objetivo que Jesus tinha com Sua recomendação sobre o uso de títulos de honra era destruir a ideia de que o ser humano possa exercer domínio sobre a fé e a consciência de outros. Não há mestre, rabino, reverendo ou reverendíssimo, nem pai, nem pastor, nem bispo, que tenha poder de dominar a consciência de alguém, nem da pessoa mais insignificante do Planeta. “Todos vocês são irmãos”, disse Jesus. “E não chamem a ninguém ‘pai’ ou ‘rabino’ porque vocês têm um só Pai e Ele está no Céu. Nem permitam que os chamem ‘mestre’ porque têm um só Mestre, o Cristo. O mais importante entre vocês será servo dos outros.”

Segunda recomendação, sobre a exaltação própria. “Quem a si mesmo se enaltece”, disse Jesus, “será humilhado, e o que se humilha será enaltificado” (23:12). A verdadeira grandeza não é medida pelas ações de exaltação própria, mas pelo valor moral das pessoas. A grandeza está no caráter e a verdadeira grandeza de caráter está na pessoa que vive para o bem-estar dos semelhantes. Assim viveu Jesus, servindo sem condições a todos, incluindo Seus inimigos, por quem, no momento mais extremo de suas ações más contra Ele, rogou ao Pai: “perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”.

Enganos de missão (23:13-15)

A partir deste momento, Jesus trocou de audiência, já não Se dirigiu aos discípulos e à multidão, como fizera até o momento de Seus últimos ensinamentos no templo; dirigiu-se aos fariseus e aos escribas da lei. O escriba era um erudito na lei de Moisés e nas Sagradas Escrituras. Professor de teologia judaica. Intérpretes das Escrituras que ajudavam a definir o significado de seus conteúdos na vida religiosa privada, oficial e nas decisões do Sinédrio, ou Conselho do Governo Judeu. Começa aqui uma série de oito *ais* pronunciados por Jesus contra os escribas e fariseus. “Ai!” é uma interjeição que expressa desgosto extremo por faltas graves, e reclama julgamento proporcional à falta cometida. Os três primeiros *ais* relacionam-se com as faltas que os escribas e fariseus cometeram contra a missão de Israel.

O *primeiro ai!* Indica que em lugar de cumprir a missão, agiram contra ela. Deveriam abrir as portas do Reino dos Céus para que toda a humanidade entrasse nele. Mas fizeram o contrário: Fecharam o Reino dos Céus a outros. Disse-lhes Jesus: “vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando!” (23:13). Deus começou a explicar a missão deste povo desde os tempos de Abraão. Disse-lhe que devia levar a bênção de Deus a todas as nações da Terra (Gn 12:1-3; 18:23-33). Essa missão passou ao povo eleito de Deus, e todos os povos que se relacionassem com Israel deviam receber a bênção até o tempo do Messias, quando todos os povos receberiam a bênção em sua plenitude (Nm 24:9; Is 19:25). Mas Israel encerrou a bênção para si mesmo e não a compartilhou com o resto do mundo, para quem, ao anunciar

a bondade de Deus, seriam sacerdotes e pessoas santas (Êx 19:5, 6; 1Pe 2:9). Não foram santos para eles nem quando os atraíam para a sua religião.

No segundo e terceiro aís, Jesus os condena por não terem completado a missão interna em benefício do povo de Israel nem a missão externa em benefício dos gentios.

Por causa da missão, os fariseus e os escribas deveriam ter sido uma bênção para cada membro do povo de Deus. Em lugar disso, foram maldição. Usaram a religião como pretexto para explorar até os mais desamparados. “Ai de vocês escribas e fariseus hipócritas”, disse-lhes Jesus, “porque devoram as casas das viúvas e como pretexto fazem muitas e largas orações!” (Mt 23:14). Em Israel, não se podia alienar a propriedade imóvel, pois se tratava de uma propriedade familiar que devia passar de uma geração à outra. Mas, com a desculpa de que eram doadas ao templo, os dirigentes se apoderavam das propriedades em benefício pessoal. A missão não é cumprida com egoísmo e avareza, mas com serviço e abnegação.

Os gentios tampouco se beneficiaram com a bênção de Israel. Na época de Jesus, os judeus da diáspora eram bastante ativos em seu proselitismo. Quando os gentios aceitavam o judaísmo, eram obrigados a cumprir todas as leis judaicas, como se esse fosse o objetivo da missão divina que receberam. A escola do rabino Hillel (c. 20 a.C.), muito mais favorável aos gentios que a escola do Rabino Schammai, tinha uma máxima que dizia: “Amem as criaturas e as conduzam à Torá.”

“Ai de vocês mestres da lei e fariseus hipócritas!”, disse-lhes Jesus. “Percorrem o mar e a terra para ganhar um prosélito, e quando o alcançam, fazem-no duas vezes mais filhos da morte (geenna) que vocês” (23:15). Há traduções da Bíblia que dizem: “duas vezes mais merecedores do inferno” que vocês. Acontece que o texto original tem a palavra geenna e os tradutores a interpretaram em harmonia com o conceito que eles tinham sobre o estado dos mortos e a traduziram como “inferno”. Porém, a Bíblia não ensina o conceito de inferno que eles têm.

Geenna era um lugar, fora da cidade de Jerusalém, no qual, segundo a tradição rabínica, eram queimados os desperdícios e às vezes também cadáveres, especialmente de pessoas que não possuíam sepulcro. Localizava-se no Vale de Hinnom, onde antigamente adoradores de Moloque realizavam sacrifícios de criaturas para apaziguar a ira desse deus. Jeremias anunciou que Deus castigaria os infiéis de Israel, fazendo-os queimar nesse lugar e que, se o fogo não os consumisse, seriam consumidos pelas aves de rapina (Jr 7:32-35). Não se tratava de um fogo que queimaria eternamente, mas o que fosse queimado por ele estaria destruído para sempre.

Jesus comparou à palha os que caíam nesse fogo (Mt 3:12). Quanto dura a palha quando cai no fogo? A expressão “fogo eterno” descreve a eficiência do fogo, não a durabilidade das pessoas que são colocadas nele. O fogo que castigará os impenitentes e purificará a Terra, ao fim do milênio, será desse tipo e só existe nesse tempo e por um tempo só, até que tudo esteja destruído (Ap 20:9). Os escribas e fariseus faziam seus discípulos duas vezes mais filhos do castigo do sepulcro que eles. Em vez de obter sua salvação, como era o propósito da missão divina, condenavam-nos à morte e ao castigo final dos incrédulos.

Enganos de condução (23:16-28)

Agora, vêm os quatro ais restantes. Em quase todos eles, Jesus repete a frase “guias cegos”. A palavra “guia” pode significar professor que ensina a verdade aos que não a conhecem, ou líder que conduz uma comunidade. No caso dos fariseus e escribas, por eles desempenharem as duas funções, a expressão se aplicaria nas duas formas. Mas, como o primeiro ai está relacionado com o ensino, este grupo de ais deve se referir principalmente à liderança geral, sem excluir o ensino. De qualquer maneira, ela era parte da condução que, como líderes, exerciam na nação.

O primeiro engano de condução era sua falta de bom julgamento. Não tinham bom critério, porque a base deles era falsa. Jesus usou a prática do juramento para tornar claro este conceito. Juravam pelo ouro do templo e pensavam que, como base de juramento, era mais

importante que o templo. “Insensatos e cegos!”, disse-lhes Jesus. “Quem é maior: o ouro ou o templo que santifica ao ouro?” A resposta parece óbvia para a mente espiritual; tinha que ser o templo. Ali estava a base de tudo, na sagrada prática da religião judaica. Inclusive, os judeus da diáspora vinham uma vez por ano para cumprir seus deveres religiosos. Mas o interesse dos líderes não estava no aspecto espiritual do templo, e sim na parte material relacionada a ele. Por isso, para eles, o ouro era mais importante que o próprio templo. Tinham um critério materialista. Quando os líderes de uma nação perdem o critério espiritual e só se deixam levar por critério materialista na condução do povo, sua liderança se torna estreita, limitada e corrupta. Se isso acontece aos líderes religiosos, o desastre para o povo é maior.

Outro exemplo sobre o juramento é a oferenda. Os líderes da nação diziam que, ao jurar pela oferta que estava sobre o altar, o juramento era maior do que se a pessoa jurasse pelo altar onde se apresentava a oferta. “Néscios e cegos!”, disse-lhes Jesus. “Quem é o maior: a oferta ou o altar que santifica a oferta?” Realmente, um cordeiro posto sobre o fogo do altar era uma oferta; posto sobre o fogo, em outro lugar, era um assado, nada mais. Quão ridículo seria dizer: “juro-te pelo meu assado!” De novo, a inversão dos valores. A oferta era o que o ser humano apresentava a Deus, o altar era um símbolo da morte de Jesus, o que Deus oferece ao ser humano. Que vale mais: o humano ou o divino?

Quando líderes consideram que o humano é mais valioso que o divino, não só se tornam humanistas, também invertem a escala de valores que rege todos os aspectos da vida. Com essa filosofia, o líder só se sente obrigado diante de si mesmo. Sua vontade, e nada mais, determina a correção ou incorreção de seus atos. E como cada ser humano pensa que tudo o que faz está bem, mal estão os que criticam ou condenam as suas ações. Essa elevação da própria vontade ao pináculo dos valores pode facilmente arrastar um líder para o totalitarismo.

Se um dirigente toma decisões fundamentado em um critério determinado pelos valores materiais colocados acima dos valores espi-

rituais, e atribui importância maior ao que é humano em relação ao divino, o desastre, para eles e especialmente para o povo que dirige, está à porta. Esse desastre social também acontece no âmbito individual das pessoas, quando elas seguem o mesmo falso critério que Jesus condenou na vida dos escribas e fariseus. O desastre pessoal pode não ter as mesmas consequências terríveis que a falta de bom julgamento de seus dirigentes tem para a comunidade inteira, mas pode ter consequências para a pessoa isenta de bom critério e para as poucas pessoas que estejam sob sua influência.

O segundo engano de condução era o descuido do mais importante. Neste caso, Jesus utilizou três práticas religiosas, requeridas pelo próprio Deus: o dízimo, a lei e o consumo de animais limpos. Sobre o dízimo, Deus disse: “O dízimo da terra, tanto da semente da terra como do fruto das árvores, é de Jeová: é coisa dedicada a Jeová” (Lv 27:30). O texto original diz: “é coisa Santa ao Jeová.” Já estava em prática muito antes de Moisés. Por volta do ano 2100 a.C., mais de 600 anos antes de Moisés, ao voltar Abraão da batalha contra os reis que tomaram cativo seu sobrinho Ló, quando este vivia nas cidades da planície, onde estavam Sodoma e Gomorra, encontrou-se com Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo, o qual o abençoou. Abraão lhe entregou os dízimos de todo o despojo que tinha conquistado na batalha (Gn 14:20).

Jacó estava em viagem desde Berseba, sul da Palestina, perto do deserto do Neguebe, onde vivia com seu pai, Isaque, até Harã, ao noroeste da Mesopotâmia. Uma longa viagem, cerca de mil quilômetros, levaria aproximadamente um mês. Por ordem de seu pai e de sua mãe, ia procurar esposa entre os familiares de sua mãe que viviam nessa cidade. Na verdade, estava fugindo da ira de seu irmão Esaú que tinha prometido matá-lo porque ele se apoderara de sua primogenitura e tudo o que a acompanhava. No entardecer do segundo dia, acampou nas cercanias de uma cidade chamada Luz. Não entrou na cidade, temendo os cananeus que viviam nela. Sentiu a solidão, a distância de seu lar, especialmente pela razão da viagem. Seu pecado contra Esaú se lhe mostrou tão claro que, entristecido, confessou a Deus e suplicou Seu amparo na viagem. Pediu a Deus que, de algum jeito, mostrasse Seu perdão.

Nessa noite, em visão, Deus lhe mostrou uma escada que unia o Céu à Terra e anjos de Deus subiam e desciam por ela para o lugar onde ele estava. Deus não o havia abandonado. Como nunca abandona ninguém que confesse seus pecados a Ele, não importando a enormidade deles. Ao despertar, fez um voto, dizendo: “Jeová será meu Deus, esta pedra que pus por sinal será a casa de Deus e de tudo o que me deres, o dízimo separarei para Ti” (Gn 28:22). Aconteceu no ano 1929 a.C., 480 anos antes das leis de Moisés. Deus sempre requereu o dízimo; queria que o ser humano tivesse uma forma concreta de manifestar seu reconhecimento de que Ele é o dono de tudo e nós, apenas Seus administradores.

O engano dos fariseus não estava em devolver os dízimos. Estava em esquecer o mais importante: a lei moral. “Dais o dízimo da hortalã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas!” Tinham que dizimar tudo, e também tinham que obedecer à lei. Não se esqueceram do dízimo porque a fidelidade do povo nesse aspecto beneficiava materialmente os que recebiam os dízimos. E como eles não se preocupavam com benefícios espirituais, se esqueceram da justiça, da misericórdia e da fidelidade para com a lei.

“Guias cegos”, disse Jesus, “coam um mosquito, mas engolem um camelo!” (Mt 23:24). Os judeus não podiam comer nada imundo. Deus estava interessado no bem-estar espiritual e na saúde física de Seu povo. Tinha-lhe dado uma série de leis sanitárias para evitar o contágio de doenças e assegurar boa saúde. Essas leis também tinham sido pervertidas pelos líderes. Antes de beber água, tinham que peneirá-la, fazendo-a passar por um pano, para que não tivesse nenhum inseto imundo. Não acontecesse que, sem perceberem, ficassem imundos ou contaminados. O camelo era o maior dentre os animais imundos. Ao lhes dizer que não engoliam um mosquito, mas um camelo, Jesus condenava o fanatismo e a hipocrisia deles em relação às leis da saúde. Novamente, colocavam o menos importante acima do mais importante.

O terceiro engano de condução é a desonestidade. Na aparência externa, mostravam uma rigorosidade extrema. Todos os judeus lavavam muito bem os copos e os pratos, antes de usá-los. Os fariseus eram mais rigorosos do que ninguém. Ao falar do interior do copo e do prato, usa-os como símbolos, para se referir ao interior das pessoas. Aí a situação era muito diferente. “Ai de vocês escribas e fariseus hipócritas!”, disse-lhes, “limpam o exterior do copo e do prato, mas por dentro vocês estão cheios de roubo e de intemperança.” Eram líderes desonestos e sem autocontrole. Quando o líder rouba e dá rédea solta às suas paixões, o povo sofre. A nação se descontrola e a insegurança se apodera de todos. O resultado é a pobreza. Até o poderoso Império Romano se desmoronou pela corrupção, a destruição da família e a falta de autocontrole de seus líderes. A desonestidade também foi um dos elementos que desmoronou o poder do Império Soviético. Somam e multiplicam-se as nações que acumularam sofrimento e pobreza pela desonestidade de seus dirigentes.

O quarto engano de condução é a injustiça. Para falar dela, Jesus utiliza como ilustração os sepulcros. Tanto mortos como sepulcros eram agentes contaminadores. Ninguém devia tocá-los. Se alguém os tocasse teria que ser submetido a um processo de purificação que durava sete dias. Caso não se purificasse, era eliminado da congregação (Nm 19:11-22). Essa prática era muito rigorosa na época da Páscoa. A cada ano, um mês antes da festa, os sepulcros tinham que ser alvejados, para que todos pudessem purificar-se devidamente, antes que chegasse a festa. Jesus lhes disse: “você são como esses sepulcros, muito brancos por fora, mas dentro estão cheios de ossos de mortos”.

O branco dos sepulcros, da metáfora, era a aparência de justiça que mostravam; e os ossos de mortos eram a hipocrisia e a maldade que realmente possuíam. Pareciam justos com a justiça que surge de uma relação correta com Deus. Nessa relação, a pessoa adquire uma atitude justa para com todas as pessoas, sem causar nenhum mau trato a ninguém, nem mesmo um tratamento desagradável. Justiça que abrangia a letra e o espírito da lei; mas não eram assim.

“Vocês”, disse-lhes Jesus, “por fora dão a impressão de serem justos, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e maldade. Têm

a maldade que age contra a lei, a injustiça formal que é a injustiça mais primitiva; e têm também a injustiça espiritual da hipocrisia, que é a mais enganosa e sutil.” Os dirigentes injustos transmitem ao povo todo tipo de engano e desengano. Por isso, quando os justos governam, o povo se alegra; quando governam os injustos, o povo geme (Pv 29:2).

Enganos de tradição (23:29-36)

A luta entre o bem e o mal, presente em todas as atividades humanas, também invade as tradições dos povos. Todos os povos têm suas tradições; umas são boas, outras são tradições do engano, e o mal nelas está. Passam de uma geração a outra, conservando a identidade da nação ou introduzindo sementes de transformação. Em Israel, havia tradições excelentes, entesouradas pelas melhores pessoas de todas as gerações. Elas formam o corpo ideológico e a cosmovisão da milenar cultura judaico-cristã ocidental.

Além disso, temos que destacar a tremenda influência que os escritos do Antigo Testamento, que eles receberam por inspiração divina, tiveram e ainda têm sobre o cristianismo. Por isso, mais que aos judeus, seus escritos pertencem à humanidade. Contudo, todos os seus escritores foram israelitas. Inclusive todos os escritores do Novo Testamento, à exceção de Lucas. As boas tradições eram muitas; e a influência delas, muito abrangentes. Nisto, poucos povos, se é que há algum, podem competir com Israel. Há povos, como os gregos e os romanos, que exerceram e ainda exercem grande influência na cultura ocidental; mas na religião, sem dizer que não a tenham, é menor.

Desgraçadamente, o Israel contemporâneo de Jesus tinha suas más tradições, pelas quais Jesus condenou os escribas e fariseus. Eles eram seus principais defensores e os maiores responsáveis pela sobrevivência do mal que nelas havia. A condenação de Jesus está no oitavo aí, o último. Os enganos dos escribas e fariseus, que Jesus assinalou, em relação às tradições são os seguintes:

Primeiro engano de tradição: cumplicidade com o mal do passado. “Ai de vocês escribas e fariseus hipócritas!”, disse-lhes. “Pois vocês

fazem túmulos bonitos para os profetas e enfeitam os monumentos das pessoas que viveram de modo correto. E dizem: “Se tivéssemos vivido no tempo dos nossos antepassados, não teríamos feito o que eles fizeram, não teríamos matado os profetas” (23:29). Com certeza, teriam sido seus cúmplices. Ao se reconhecerem filhos deles, estão dizendo que teriam agido juntamente com eles. Passaram já muitas gerações desde o momento em que foram cometidos esses crimes, e vocês bem poderiam separar-se deles dizendo: “Nada temos que ver com seus atos, nem filhos somos deles; nós somos filhos de nosso Pai celestial, de quem eles se separaram, quando destruíram Seus profetas; estamos dispostos a aceitar Seus enviados do presente.” Mas não estavam dispostos. Em lugar de aceitar Jesus, preferiam se fazer cúmplices do passado, pois já estavam planejando matá-Lo.

Todos os governantes das nações deveriam conhecer sua história para evitar os enganos cometidos pelos antepassados. Mas em nenhum lugar isso acontece. Ao passar o conhecimento histórico nacional à nova geração, enfatiza-se as glórias da nação. O que tratam de fazer é engrandecer o patriotismo; não se importam com a sabedoria. Nestes últimos tempos, às glórias nacionais, acrescentam-se elementos ideológicos de certos grupos componentes da população. Tudo o que se conta do passado é uma cumplicidade ideológica com esses grupos, e os historiadores contam o que seu grupo ideológico fez. Naturalmente, tudo perfeito, sem a menor intenção de assinalar os enganos cometidos, a fim de superá-los.

Isso que se faz com a história e a tradição nacional é o que também as pessoas fazem em relação com sua própria história pessoal. Só pensam e contam suas glórias e tudo o que fizeram de bom. São escassas as pessoas que analisam seu passado com sabedoria, para não voltar a repetir os enganos cometidos. O mesmo acontece com instituições como a igreja. O estudo do passado, nacional, institucional, pessoal, não deve ser uma crítica, nem mesmo autocrítica, no sentido da busca dos culpados. Realmente, o conhecimento das pessoas que fizeram o mal tem pouco valor para o progresso. O que importa é saber qual foi o mal cometido,

para evitá-lo. A busca dos culpados cria conflitos, enfrentamentos, vinganças. Freia o progresso, porque se apoia no egoísmo. Nada do egoísmo é útil para o bem.

Em uma comunidade religiosa, o egoísmo é ainda pior. É a base da defesa irracional dos enganos cometidos por aqueles com quem nos identificamos e a quem defendemos. O progresso espiritual se torna impossível. Também acontece assim com as pessoas que constantemente rememoram seu passado, não para enfrentar seus enganos, mas para atualizar sua culpabilidade. O sentido de culpabilidade repetido é grotescamente egoísta. A culpa por um pecado cometido deve ser sentida só uma vez. Então, deve-se procurar imediatamente a solução do mal no perdão de Cristo, e nunca mais voltar a essa falta; nem como lembrança dela nem com sua repetição.

Segundo engano de tradição: aumento dos males cometidos pelos antepassados. É um grave engano voltar a fazer, no presente, os males cometidos pelos antepassados; pior ainda, se estes aumentarem. “Vocês completam a medida do mal começado por seus pais!”, disse-lhes Jesus (Mt 23:32). “Saibam vocês que Deus tem uma medida para Sua tolerância. Quando vocês a completarem, e estão a ponto de fazê-lo, virá a rejeição. Além disso, devem saber que, ao continuarem o mal de seus pais, vocês farão um mal muito maior que o deles. Eles mataram os profetas; vocês estão por matar Seu Filho. Façam-no! É um mal pelo qual virão muitos bens; mas sem mérito algum para os que o fazem. A esses, só a culpa. O mérito pertencerá ao Filho de Deus, que Se deixa matar, não por impotência, mas por escolha própria. Ele dá Sua vida pelos pecadores, por todos eles; inclusive por vocês e pelos que diretamente agirão em Sua morte, porque Ele não quer a morte do pecador. Ele quer que todos vivam. Melhor seria não seguir a tradição de seus pais, porque esta é uma tradição má, a tradição do mal. Porém, já que preferem esse caminho, percorram-no até o fim. Mas ai de vocês por levarem as tradições de seus pais até suas últimas e fatais consequências!”

Terceiro engano de tradição: repetição dos males no futuro. “Infelizmente, não podem escapar da condenação que os espera. Embora ajam com a astúcia das serpentes ou com a cautela das ví-

boras, não escaparão. Quando lhes forem enviados profetas, sábios e escribas, no futuro, vocês voltarão a fazer o mesmo. Repetirão os mesmos crimes. A uns açoitarão, a outros crucificarão e a outros matarão. Não o farão só no campo aberto ou nos lugares públicos, mas também nos lugares do culto sagrado. Nem mesmo nas sinagogas vocês se controlarão.

“E mais, farão uma perseguição sistemática, de cidade em cidade, sem respeitar lugar algum, sem perdoar ninguém. Arrastando o pior de suas tradições para o futuro, vocês conduzirão esta nação para a ruína. E a geração de vocês que fazem essas coisas, não todas as gerações que virão no futuro, será culpada de todo o sangue justo que se derramou desde Abel, o primeiro cidadão morto por razões religiosas, até Zacarias, o último mártir do Antigo Testamento hebraico.”

O último livro do Antigo Testamento hebraico era o Segundo Livro das Crônicas. Nele se conta o apedrejamento do sumo sacerdote Zacarias filho ou neto de Joiada, no átrio do templo, por ordem do rei Joás (835-796 a.C.); porque admoestava o povo por causa de sua desobediência à lei e lhe anunciava que Deus, por essa razão, os abandonaria (2Cr 24:20-22).

Consequências dos enganos cometidos por todos (23:37-39)

Já foi dito quais serão os castigos sobre a geração que, depois da morte de Jesus, perseguiria Seus enviados. Agora, são anunciados os castigos sobre Jerusalém e o templo, Sua casa; e com eles, as pessoas.

O templo ficará deserto, perderá suas funções e seus cultos ficarão sem adoradores. Os castigos sobre o templo e as pessoas não acontecem como resultado de uma decisão arbitrária de Deus. São consequências da própria escolha das pessoas. “Quantas vezes”, disse Jesus a Jerusalém, “quis juntar os teus filhos como a galinha junta seus pintinhos debaixo de suas asas, mas tu não quiseste.”

O povo de Israel ficará sem Jesus. “Vocês não voltarão a Me ver”, disse-lhes, “até o dia em que digam: Bendito O que vem no nome do Senhor!” Isto significa: será na segunda vinda de Jesus, quando todo olho O verá, incluindo os que O crucificaram (Ap 1:7).

Isso ocorreu terça-feira à tarde, hora de Se retirar definitivamente do templo. Perante o silêncio dos fariseus e dos dirigentes, Jesus reuniu Seus discípulos e iniciou a retirada. Não saiu derrotado nem fugitivo. Tinha terminado ali Sua obra. O conflito com os dirigentes O colocou diante do povo, no pináculo dos vencedores. As tradições, as filosofias, as vaidades humanas, o jogo das aparências, tudo o que o egoísmo produz para aumentar a própria grandeza e o vazio, tornaram-se bolas de sabão ante às claras verdades que Ele expôs. Era vencedor. Mas Israel, como nação, tinha dito separar-se dEle e de tudo o que Ele representasse. E a saída de Jesus do maravilhoso templo convertia a casa de Deus em casa do silêncio. Sem nenhum significado. Só. Deserta.

Quinto Grande Discurso: Profecias e Parábolas do Reino

Os discípulos caminhavam com Ele, absortos, silenciosos, tristes. Ressoava em sua mente a frase de Jesus: “Eis que a vossa casa vos ficará deserta”. Temor. “Não pode ser”, pensavam. Destruído o magnífico templo, a joia de Deus, o centro do orgulho nacional? O que o povo mais amava, em ruínas? “Não é possível”, voltavam a pensar. Mas surdo temor de algo mais grave rondava suas mentes como presságio de morte, sem consolo. Não se animavam a perguntar e, ao mesmo tempo, queriam que Jesus esclarecesse Suas palavras. Como fazê-lo?

Que edifício! (24:1, 2)

Aproximaram-se dEle. Seguiam em silêncio procurando as palavras para não se expressarem erroneamente, para não dar a entender que eles também pensavam como o restante. Dissimulando um pouco, só se atreveram a chamar a atenção de Jesus para o edifício. Sua beleza e fortaleza eram visíveis. As brancas pedras de mármore puro, enormes, perfeitamente colocadas; e o ouro que adornava o edifício com o brilho do Sol e a riqueza, tudo era um hino de formosura e harmonia. Que edifício!

“Tudo isto”, disse Jesus, como se lesse a mente deles, “será destruído. Não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada.”

De novo, o silêncio. A viagem para o monte das Oliveiras parecia um doloroso cortejo fúnebre, por causa do templo. Ninguém dizia nada. Havia apenas o pensamento: “Não é possível”. Ainda querendo o impossível. Ainda sonhando em um milagre. De algum modo Deus fará o que fez muitas vezes no rico passado nacional. Mas houve também momentos de julgamentos em que Deus deixou que a nação sofresse pela dureza de seu coração. “Não será este um deles? E então, o que será de nós todos? Seria o fim de todos nós! O fim do mundo!”

A pergunta do desastre (24:3)

Chegaram ao monte das Oliveiras. Sozinhos. A multidão já não estava com eles. Os dirigentes, escondidos nos lugares das deliberações do templo, tramavam. Ninguém mais, apenas os discípulos sozinhos. Como fez muitas vezes quando Se dispunha a ensinar às pessoas, Jesus Se sentou. Um a um, os últimos chegaram. Todos os discípulos acomodando-se ao redor dEle, armaram-se de coragem e perguntaram. “Quando acontecerão estas coisas e qual será o sinal da Tua vinda e do fim do mundo?” Não podiam nem queriam duvidar da palavra dita por Jesus. Não voltariam um passo atrás perguntando: Será o templo destruído de verdade? É melhor perguntar quando. Mas deixaram transparecer o que tinham pensado durante toda a viagem, e associaram a destruição do templo com o fim do mundo, como sendo o dia do julgamento e a destruição de tudo o que existe sobre a Terra (Mt 13:39, 40, 49; 28:20; Hb 9:26). “Não Te parece, Mestre, que não pode acontecer antes? Estamos de acordo, será destruído, mas tem que ser no fim do mundo, pois, de qualquer maneira, tudo será destruído. Interessa-nos o sinal, pois eventos tão grandes, como a destruição do templo e do mundo, não podem vir sem um anúncio muito especial da parte de Deus.”

Jesus teve compaixão deles, como sempre sentiu para com as pessoas quando estavam confusas. Juntou os dois eventos em Sua resposta. Mas os colocou em correta perspectiva. Enumerou os sinais em sequência cronológica, embora não exclusivamente, porque alguns deles se repetem. Deu conselhos específicos relativos à

destruição de Jerusalém e ao tempo do fim. E pôs em evidência a soberania e a vontade de Deus como única força determinante de tudo o que deverá acontecer antes, e mesmo no fim.

Sinais desde a Sua morte até o cerco de Jerusalém (24:4-20)

Jesus começou a responder, segundo o relato de Mateus. Sua resposta tem várias seções que refletem a alternância das profecias relacionadas com o fim do tempo e as que anunciam a destruição de Jerusalém. Há uma sequência desde a destruição de Jerusalém até o fim do mundo, e a primeira ocorrência serve de tipo para a segunda. Alguns sinais sobre a destruição de Jerusalém se repetem sobre o fim do mundo.

Ninguém vos engane (24:4)

“Vede que ninguém vos engane”, começou Jesus. O termo traduzido como “enganar” significa desviar da verdade, conduzir ao engano, desencaminhar, mentir. Jesus repetiu esse conselho quatro vezes em Seu discurso (24:4, 5, 11, 24). Por quê? Porque o engano seria uma característica em evidência nos dias que precederiam os dois acontecimentos: a destruição de Jerusalém e o fim do mundo. Talvez constitua uma das causas pela quais Deus determina pôr fim à história humana, como a conhecemos, e intervir pessoal e diretamente nela.

Paulo também, no documento cristão mais antigo, escrito em 51 d. C., fala destas coisas com “as mesmas palavras do Senhor” (1Ts 4:15-5:8), e anuncia o máximo engano dos últimos tempos, dizendo: “Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus” (2Ts 2:3, 4).

Enganos, guerras e desastres (24:5-8)

“Virão muitos em Meu nome”, disse Jesus, “e dirão: Eu sou o Cristo e enganarão a muitos.” O período da ascensão de Cristo, até o ano 70 d.C., quando os romanos destruíram a cidade de Jerusalém, foi um tempo de muitas manifestações religiosas: profetas, supostos messias,

aparentes milagres, e grandes conflitos entre as diferentes festas que compunham a sociedade judaica. Cumpriram-se literalmente as palavras do profeta Miqueias: “Ouvi, agora, isto, vós, cabeças de Jacó, e vós, chefes da casa de Israel, que abominais o juízo, e perverteis tudo o que é direito, e edificais a Sião com sangue e a Jerusalém, com perversidade. Os seus cabeças dão as sentenças por suborno, os seus sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro; e ainda se encostam ao Senhor, dizendo: Não está o Senhor no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá” (Mq 3:9-11).

“Vocês ouvirão de guerras e rumores de guerra”, tinha anunciado Jesus. E os ouviam. Também lhes disse que não se alarmassem porque ainda não era o fim, ainda não cairiam em mãos romanas. “Nação se levantará contra nação e reino contra reino”, disse-lhes. “Haverá fomes e terremotos. Tudo isto só será princípio de dores.” Mas o povo não cria em Jesus. Preferia colocar sua confiança em promessas de profetas falsos.

Henry Hart Milan escreveu um livro intitulado *A História dos Judeus*, primeira edição de 1830, com várias edições posteriores. Nos capítulos 13 a 16, conta o que ocorreu em Jerusalém nos dias que antecederam sua destruição. Os dirigentes contratavam falsos profetas para anunciar ao povo que Deus não permitiria a destruição da cidade por mãos romanas. Durante o cerco feito pelo exército romano, o povo estava certo de que o Todo-poderoso interviria para vencer as tropas estrangeiras. Apareceram muitos sinais anunciando o desastre e a condenação. Uma luz estranha brilhava sobre o templo à meia-noite. Ao pôr do sol, diz Tácito, historiador romano, apareciam sobre as nuvens umas visões de exércitos contrários combatendo. Ruídos misteriosos, de noite, aterrizavam os sacerdotes que serviam no templo.

Flávio Josefo, um judeu que testemunhou a guerra, agiu como mediador entre judeus e romanos e foi historiador dela, em seu livro *Guerra dos Judeus*. Tremia a terra, informa. Vozes gritavam: Saiamos daqui! Durante sete anos, um homem chamado Jesus, filho de Ananias, percorreu as ruas da cidade anunciando os desastres que viriam. “Voz do oriente”, dizia, “voz do ocidente, voz dos quatro ventos, voz contra Jerusalém e contra o templo, voz contra o marido

e a esposa, voz contra todo o povo.” Prenderam-no, açoitaram-no; nenhuma queixa. Albinus, o governador, o considerou maníaco e o deixou em liberdade. Só respondia: Ai de Jerusalém! Ai de seus moradores! Seus presságios só ficaram em silêncio quando uma pedra lançada pelos romanos caiu sobre ele. Morreu durante o cerco da cidade, cuja destruição tinha anunciado.

Muita maldade e perseguição (24:9-14)

“Então”, disse Jesus, “sereis atribulados e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do Meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; muitos falsos profetas se levantarão e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.” Pouco depois da ascensão de Jesus, por causa do ódio, o povo e os líderes da nação passaram a perseguir Seus seguidores. Houve pais e mães que traíram os filhos denunciando-os perante o tribunal; filhos traíram os pais. Amigos entregaram amigos à condenação. Houve perseguidores que derramaram sangue inocente, como o caso de Estêvão e Tiago.

A maldade se estendia por todo o império. A ambição e a luta pelo poder faziam com que se matassem uns aos outros. Os imperadores não morriam por morte natural, eram assassinados por seus sucessores. Os cristãos, perseguidos por toda parte, davam testemunho e pregavam o evangelho. Muitos dos que viam os sofrimentos deles se convertiam. Mas, ao mesmo tempo, falsos profetas faziam sua nefasta obra de engano. “Alguns”, diz Josefo, “lhes oferecendo segurança, atraíram as pessoas para lugares desertos ou à solidão das montanhas.” Esses sinais voltarão a se repetir no futuro.

O sinal para fugir de Jerusalém (24:15-18)

“Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa.”

O profeta Daniel tinha anunciado que, na metade da última semana de anos, das setenta semanas, ou quatrocentos e noventa anos, a vida do Messias seria tirada. Logo, subtrairia meia semana ou três anos e meio, para que o evangelho fosse pregado exclusivamente a Israel, período que devia terminar no ano 34 d.C. “Depois”, diz Daniel, “com a multidão das abominações, virá o desolador, até que venha a consumação e o que está determinado se derrame sobre o desolador” (Dn 9:27). Ao falar da abominação desoladora, Jesus Se referiu a esta profecia: a guerra dos romanos contra Jerusalém, de 66 a 70 d.C., que, ao destruir o templo, introduziu a abominação pagã desolando o lugar sagrado para sempre.

A primeira tentativa romana de tomar Jerusalém foi feita pelo general Cestio Galo. Ele sitiou a cidade o ano 66 d.C. Por razões desconhecidas, “quando a cidade estava a ponto de cair”, diz Josefo, “retirou seu exército e os soldados judeus o perseguiram”. Nesse momento, a saída da cidade ficou totalmente viável e os cristãos aproveitaram a oportunidade para fugir. O historiador Eusébio de Cesareia informa que foram para a cidade de Bolota, na Pereia, lado leste do Jordão.

Quando se reatou o cerco sob o comando do general Tito, na primavera do ano 70 d.C., voltaram as atrocidades da guerra. Fome, ódio, rancores, traições, sofrimentos, paixões desatadas; toda sorte de desgraças humanas e demoníacas. Força em ação. Josefo informa o caso de Maria, filha de Eleazar, uma mulher rica que vivia na Pereia. O cerco a apanhou em Jerusalém. Sofreu a fome de maneira tão desastrosa, que assou a metade de seu bebê de peito e o comeu. Por causa da fome, muitas pessoas saíram da cidade procurando algo para comer. Foram tomados prisioneiros e crucificados em frente da cidade, para atemorizar seus habitantes e forçá-los a se renderem. Por causa do ódio que sentiam por eles, os soldados romanos os crucificavam em estranhas e variadas posições. Tomaram noventa e sete mil prisioneiros. Não conseguiam suficientes cruzes para os corpos, nem suficiente espaço onde pôr as cruzes.

Durante o cerco, morreram um milhão de judeus. Em agosto, Tito ordenou aos soldados que não destruíssem o templo. Em vão. O ódio dos soldados era muito grande para que fosse contido. Um soldado arremessou uma lança acesa e a madeira de cedro do tem-

plo queimou instantaneamente. Além disso, a cobiça pelo ouro que viam e os enormes tesouros que imaginavam guardados no templo, os impulsionou a destruí-lo totalmente. Os líderes judeus abandonaram as torres e fugiram. No outono, o imperador Vespasiano, pai de Tito, ordenou a destruição total da cidade. Só deviam conservar duas torres – Mariamne e Fasael Hípico – para que as pessoas, no futuro, conhecessem a tremenda fortaleza das defesas que se renderam ao poder romano. Além disso, deviam conservar uma seção da muralha que rodeava a cidade, no oeste, para segurança da guarnição dos soldados romanos que ficariam nela. O resto da cidade devia ser convertido em um campo arado. E assim aconteceu.

“Não ficará pedra sobre pedra”, havia dito Jesus. Cumpriu-se literalmente. Eram os juízos de Deus. Quando Tito entrou na cidade, conforme conta Josefo, ao ver as fortalezas, as torres inexpugnáveis que tinha, as pedras enormes, a perfeição de sua junção, a solidez da sua massa total, seu peso e sua altura, exclamou: “Na verdade, Deus esteve conosco nesta guerra. Foi ele quem fez cair os judeus. Que força humana ou poder de máquinas poderia destruir essas fortalezas?” Sobre as ruínas de Jerusalém os romanos construíram uma nova cidade. Os judeus foram dispersos e o templo se acabou. A última tentativa judaica de controlar sua terra aconteceu com a revolta de Simão Bar Kokhba, 132-135 d.C. Em vão. Até ser criado o moderno Estado de Israel, esse esteve sob o controle dos gentios e a abominação assoladora desolou o país da religião judaica.

Conselho para os cristãos (24:19, 20)

“Orem para que sua fuga não seja no inverno nem no sábado”, disse-lhes Jesus. Não se referia aos discípulos somente, mas a todos os cristãos. Só um conselho: orar. Não poderiam sair antes da chegada das tropas romanas. Primeiro, porque elas viriam rapidamente. Segundo, porque as mesmas autoridades da cidade não permitiriam a saída de grandes grupos, por temor à traição e ao desânimo interno que tal saída pudesse produzir. Só podiam orar. E orar por dois pedidos específicos relacionados com o inverno e com o sábado. Que não fosse no inverno, porque a fuga seria mais complicada

e muito penosa. Que não fosse no sábado, porque os trabalhos de fuga quebrariam o quarto mandamento da lei de Deus, o qual ordena santificar o sábado. Quarenta anos depois, o sábado continuaria tão sagrado para os cristãos como sempre fora para todos os fiéis filhos de Deus. Isso significa que Jesus não teve a menor intenção de modificar a santidade do sábado, e que sua observância continuaria sendo requerida por Deus aos cristãos, no futuro; como foi requerida de todos os fiéis e dos judeus no passado.

Sinais além da destruição de Jerusalém (24:21, 22)

O olhar de Jesus penetrou mais além do fim de Jerusalém e da nação judaica. Também viu o que aconteceria dali até o fim do mundo. Descreveu esse lapso como um tempo de tribulação e de engano.

Uma grande tribulação (:21)

“Haverá uma grande tribulação”, disse, “como não houve desde o começo do mundo, nem jamais haverá.” Viu os quase trezentos anos vindouros de perseguição da Roma pagã e a extensa perseguição, de 1.260 anos, por parte da Roma papal, predita pelo profeta Daniel. Teve início no ano 538 d.C., quando começou a supremacia papal em Roma; e terminou em 1798 d.C., quando o poder papal foi suspenso por causa da prisão do papa, executada pelo General Berthier, da França (Dn 7:8, 24, 25; 12:7).

Dias abreviados (24:22)

Mas essa perseguição terminou antes de 1798. “Por causa dos escolhidos”, disse Jesus, “esses dias serão abreviados” (Mt 24:22). Por isso, os sinais astronômicos que se seguem começaram a acontecer antes de 1798.

Sinais do fim (24:23-35)

A esta altura de Seu discurso, Jesus estava preparado para entrar de vez nos acontecimentos do fim. Quer dizer, o tempo que precederá Seu retorno ao mundo pela segunda vez. O primeiro assunto apresentado está em relação com as falsificações de Sua segunda

vinda, para enganar os escolhidos. Logo, passou aos sinais que podem ser identificados com datas específicas. E terminou esta seção com a parábola da figueira, que descreve o tempo do fim.

Tempo de enganar os escolhidos (24:23-28)

“Então”, disse Jesus, “se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-Lo ali! Não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que Ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-Lo no interior da casa!, não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem. Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres” (24:23-28).

Como aconteceu antes do fim de Jerusalém, acontecerá também antes do fim do mundo. Voltarão a se levantar falsos profetas e falsos cristos. Em que consistirá seu engano? Em falsificar a segunda vinda de Cristo, dizendo que Ele apareceu em distintos lugares, que foi visto no deserto, nos aposentos. Antes do fim de Jerusalém, os falsos profetas também chamavam pessoas ao deserto ou às montanhas onde lhes mostravam os sinais de Deus. Sempre que são feitas referências à espera pela vinda de Cristo, é comum surgirem pregadores chamando o povo para algum lugar afastado, porque ali há maior segurança. Na época de Jerusalém, isso fazia algum sentido. Porém, no fim do tempo, quando a vinda de Jesus trará consigo a destruição de todas as coisas, qual será o objetivo de se ir a lugares afastados da população, para recebê-Lo? Em qualquer lugar acontecerá o mesmo, porque a vinda de Cristo afetará a Terra inteira e todas as pessoas. Uma para destruição, outras para salvação.

Qual é o objetivo dos falsos profetas? Enganar os escolhidos. Quais são os escolhidos? Na parábola dos obreiros da vinha, eram os que confiaram na justiça do dono da vinha, Deus. E Deus pagou a esses obreiros, de acordo a Sua generosa boa vontade (Mt 20:7, 15, 16). Na parábola da festa das bodas do filho do rei, eram os dignos, por aceitar o convite, que usaram o vestido doado pelo rei, a justiça de Cristo em seu caráter (Mt 22:8, 12, 14). Na época das

grandes perseguições contra os cristãos, eram os que foram perseguidos e perseveraram pela fé em Cristo (Mt 24:21, 22). Quando Jesus retornar pela segunda vez, serão aqueles que os anjos reúnem para que estejam sempre com o Senhor (Mt 24:31).

A segunda vinda de Cristo não acontecerá em algum lugar secreto. Será visível para todos os seres humanos. Como o relâmpago que se mostra do oriente até o ocidente. “E todo olho O verá”, diz João, “incluindo os que O condenaram à morte e O levaram à cruz” (Ap 1:7). Os que O traspassaram voltarão à vida, em uma ressurreição especial, pouco antes da segunda vinda de Cristo. Também ressuscitarão nessa oportunidade os que creram e pregaram sobre a Sua vinda no tempo do fim (Dn 12:2).

Este sinal tem estado em plena atividade em nosso tempo, especialmente durante os anos anteriores ao início do terceiro milênio da era cristã; e continuará no futuro. O espiritismo realiza uma estranha contribuição ao cumprimento desta profecia. Sua relação com as forças das trevas é amplamente conhecida e se envolve em atividades que mostram Cristo, como se não houvesse nenhum antagonismo entre eles. Mas as forças do mal, por natureza, são contrárias às forças espirituais do bem. Realizam esta aparente integração só para confundir.

Sinais com datas (24:29-31)

Com os seguintes sinais, Jesus fixou os tempos. Não informou a data, mas indicou os tempos de Sua vinda. Em todos os sinais anteriores ao fim de Jerusalém, dizia: “mas ainda não é o fim e o digo para que vocês não se assustem” (24:6); ou “tudo isto é só princípio das dores e o digo para que não tropecem” (24:8, 9). Mas a esta altura de Seu discurso, diz: “agora é o fim”.

“Imediatamente depois da tribulação daqueles dias”, disse Jesus, ou depois da grande tribulação, quando terminarem as perseguições dos 1.260 anos, o que equivale a dizer: depois de 1798, “virão os seguintes sinais...”. Devemos lembrar que este período foi abreviado para que os escolhidos não fossem totalmente eliminados. Por isso, temos que localizar o começo do cumprimento destes sinais, pouco antes de 1798. “Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o Sol

escurecerá, a Lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados” (24:29). Quatro sinais astronômicos. E é muito importante que sejam astronômicos porque os fatos neste campo são de uma precisão absoluta. Teria Ele planejado para que coincidissem com a data de 1798, um pouco antes ou um pouco depois? A resposta é positiva.

Nos registros astronômicos existe um fenômeno chamado o “dia escuro”, que aconteceu em 19/05/1780. O primeiro dos quatro sinais astronômicos seria o escurecimento do Sol. O segundo, relacionado com a Lua, aconteceu nessa mesma noite, quando a Lua saiu em plenitude, mas sem iluminar; parecia vermelha como sangue. O terceiro sinal, relacionado com as estrelas, foi um fenômeno extraordinário acontecido em 13/11/1833, quando aconteceu a maior chuva de estrelas cadentes de toda a História.

O quarto fenômeno, “as potências dos céus serão abaladas”, ainda está por se cumprir no futuro, possivelmente ao cair a sétima praga que João descreve da seguinte maneira: “Então, derramou o sétimo anjo a sua taça pelo ar, e saiu grande voz do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está! E sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e ocorreu grande terremoto, como nunca houve igual desde que há gente sobre a terra; tal foi o terremoto, forte e grande” (Ap 16:18-20).

“Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem;”, seguiu dizendo Jesus, “todos os povos da Terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória.” O sinal que distingue a vinda de Cristo de todas as falsificações é a nuvem de glória que O acompanha, porque não virá sozinho. Pois “quando vier o Filho do Homem na Sua majestade e todos os anjos com Ele, então, Se assentará no trono da Sua glória” (Mt 25:31).

O tempo do fim (24:32-35)

“Aprendam, pois, a parábola da figueira”, disse Jesus. “Quando ficam tenros seus ramos e brotam suas folhas, vocês sabem que o verão está perto. Assim também quando virem estas coisas saibam que o tempo está muito perto, às portas.” Quais coisas?

Os sinais do tempo, especialmente o último sinal do tempo do fim que acontecerá quando cair a sétima praga. Quando isso acontecer, a segunda vinda de Cristo estará às portas e a geração que vir a sétima praga, verá também a volta de Cristo à Terra. Isto se cumprirá. “O céu e a terra passarão”, disse Jesus, “mas as Minhas palavras jamais passarão”.

Vigiem, orem e trabalhem (24:36-51)

Ele apenas subtrai um ponto-chave em relação aos sinais: a data da segunda vinda. É possível sabê-la?

Ninguém sabe (24:36, 37)

“Mas”, disse Jesus, “a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem o Filho, senão o Pai.” Ele já falara o suficiente sobre o tempo. Conduziu-os em uma série de acontecimentos por toda a história da humanidade, desde Seus dias até a sétima praga, dando detalhes de acontecimentos que a história foi registrando com precisão assombrosa. Forneceu datas concretas como os sinais astronômicos, deixando-as às portas da segunda vinda. Só faltou a precisão da data. Mas isso não foi revelado. Não temos que especular. A única coisa correta a fazer é esperar. Virá em qualquer momento depois da sétima praga. A determinação da data está sob o exclusivo controle do Pai. É um mistério de Deus.

Como os dias de Noé (24:38-41)

“A vinda do Filho do Homem”, disse Jesus, “será como nos dias de Noé.” O que caracterizou os dias de Noé voltará a se repetir no tempo do fim.

Primeiro, os antediluvianos não souberam o que aconteceria. Não é que a vinda do dilúvio, como ideia, tenha estado fora da mente deles. Eles sabiam. Mas não se importaram com ela. Os cento e vinte anos de pregação, por parte de Noé, foram para eles como algo estranho, exótico, alheio à sua vida. Continuaram sua rotina, comendo, bebendo, casando-se, e escarnecendo do que consideravam excentricidades de Noé.

Segundo, sua imaginação estava entretida, criando novas formas de praticar o mal. Diz Moisés: “Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na Terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração” (Gn 6:5).

Terceiro, suas paixões violentas mantinham uma guerrilha permanente contra os poderes estabelecidos. “A Terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência.” E mais adiante confirma: “Então, disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a Terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a Terra” (Gn 6:11, 13). A palavra violência pode ser traduzida como atividade guerrilheira.

Ocupados em sua rotina, sua mente constantemente apanhada pelo mal e sua violência guerrilheira permanentemente ativa os mantinham desinteressados no dilúvio, “e não perceberam nada do que aconteceria”, disse Jesus, “até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim será na vinda do Filho do Homem”. As mulheres e os homens, interessados em seus assuntos diários, serão divididos em dois grupos: os que serão levados pelo Senhor e os incrédulos que serão deixados para a destruição. Não há nada secreto nesta separação. Será na segunda vinda gloriosa de Cristo, quando todos verão todas as coisas.

Vigiem como o pai de família (24:42-44)

“Como não sabem a que hora virá o Senhor de vocês”, disse Jesus, “vigiem, mantenham-se acordados. Não se entreguem à confusão do mundo. Não procurem os prazeres, não se insensibilizem com a rotina, nem se deixem apanhar pelas mesmas ambições das pessoas. Vocês têm assuntos muito mais importantes que esses. Têm que desenvolver seu caráter; estabelecer uma forma espiritual de vida que os faça fortes para enfrentar as angústias do fim. A igreja tem que cuidar como o pai de família cuida de sua casa. Porque se ele soubesse a que hora o ladrão viria roubar os bens de sua casa, não dormiria. Ficaria velando e cuidando da família. Vocês têm que estar preparados para a vinda do Filho do Homem, com a mesma preparação que demonstraram ter os que aceitaram o traje nupcial, nas bodas do filho do rei.”

Os dois servos (24:45-51)

Além disso, devemos trabalhar como o servo prudente a quem seu senhor deixou encarregado de seus conservos. Temos que lhes dar a comida apropriada a seu tempo. Como aconteceu antes do fim de Jerusalém, agora, antes que venha o fim do mundo, devemos anunciar o Evangelho ao mundo inteiro. Os cristãos primitivos o fizeram. Paulo diz que, em seu tempo, o Evangelho foi pregado a toda criatura que está debaixo do céu (Cl 1:23). O mesmo deverá ser realizado no fim. O Evangelho eterno tem que ser pregado a todos os habitantes da Terra inteira, a toda nação tribo língua e povo (Ap 14:6). “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mt 24:14). É privilégio dos cristãos viver “esperando e apressando” a vinda do Senhor (2Pe 3:12). Como? Pregando o Evangelho. “Dando o evangelho ao mundo, está a nosso poder apressar a volta de nosso Senhor. Não nos cabe apenas aguardar, mas apressar o dia de Deus” (*DTN*, p. 633). Se o Senhor nos encontrar cumprindo nosso dever, como servos fiéis e prudentes, nos colocará a cargo de todos os Seus bens.

“Mas”, Jesus continuou dizendo, “o que acontecerá se o servo mau disser em seu coração: Meu senhor demora para vir?” É o servo mau quem diz: “Está atrasado, adiou sua vinda. Tenho tempo para me divertir e me fazer importante.” E começa a oprimir seus conservos e a beber com os bêbados. Pobre homem! Não sabe o que está fazendo. Se só tivesse prestado atenção ao anúncio do Senhor, quando disse que o dia e a hora ninguém sabe, entenderia que Ele não pode estar atrasado, porque não marcou o dia nem hora para a Sua volta. Saberria que tem de vigiar, estar acordado, preparando-se para recebê-Lo e trabalhando para alimentar o mundo com o Evangelho. Em lugar de oprimir seus companheiros de espera, estaria nutrindo-os espiritualmente e protegendo-os do mal. Será terrível para ele porque o Senhor voltará no dia em que menos O espere e à hora menos pensada. E em lugar de colocá-Lo sobre seus bens, como o Senhor fará com o servo fiel e prudente, o castigará e lhe imporá a condenação destinada aos hipócritas e infiéis.



25

Preparação Para o Reino

As parábolas do Reino (25:1-46)

A última parte do discurso sobre as profecias e as parábolas do Reino contém três parábolas dedicadas a explicar a devida preparação para a segunda vinda de Cristo e a entrada no Reino dos Céus, em sua etapa de reino real.

As dez virgens (25:1-13)

“O Reino dos Céus”, disse Jesus, “será como dez virgens que, tomando suas lâmpadas, saíram a encontrar o noivo.” Não era um quadro inventado. Os discípulos tinham visto esta cena muitas vezes. Acontecia todos os anos depois da última colheita de outono. As bodas eram uma ocasião de alegria, e tudo devia contribuir para que esta fosse completa. Os preparativos eram rigorosos e a cerimônia era tão importante para a comunidade inteira, que qualquer outra atividade era suspensa, até a pregação do rabino. Se um rabino estivesse pregando, fazia um parêntese para sair e desejar plena felicidade aos noivos, depois, continuava com a pregação. A procissão nupcial começava na casa do noivo e se dirigia à casa do pai da noiva, para buscá-la e levá-la à casa do noivo, onde se realizava a festa.

Todas as dez virgens são crentes na vinda do noivo (25:1). Foram todas convidadas e todas aceitaram o convite. Nenhuma faltou,

nenhuma chegou atrasada, todas chegaram com suas lâmpadas acesas. A alegria das bodas era igual para todas elas. Reuniram-se perto da casa da noiva respondendo ao convite e desfrutavam de toda distinção que lhes era conferida por suas vestimentas brancas. Eram especiais. Ninguém sofre quando, estando em uma festa, sabe que é um convidado especial. Ao contrário, a alegria, sendo comum a todos, é muito maior para essas pessoas.

A parábola não está destinada aos incrédulos nem aos pagãos. Não pretende convertê-los nem condená-los. Simplesmente não fala a respeito deles. Todo seu conteúdo está dirigido aos que creem, aos que esperam Jesus; e todos, ao que parece, estão preparados para recebê-Lo. A parábola apresenta um quadro vivo da igreja e da experiência que viverá justamente antes da segunda vinda de Cristo. Durante a espera, todos parecem iguais. As diferenças não estão na superfície. Não estão na formalidade externa. Não estão na prática religiosa de cada dia. Estão um pouco mais profundas, invisíveis ao olho humano; mas plenamente visíveis ao olho divino.

A diferença invisível: o Espírito Santo (25:2-9). “Cinco delas eram prudentes”, disse Jesus; “e cinco, insensatas.” As prudentes sabem quem são. Têm um modo sério de pensar no que diz respeito às coisas da vida comum, e muito espiritual nas que estão relacionadas com Deus. Não são descuidadas; pelo contrário, agem com previsão em tudo. Não lhes faltam as coisas materiais, e as espirituais são sempre abundantes a elas. A prudência dessas virgens é como a soma das características de Marta e Maria. Fazem tudo bem feito e sua vida espiritual é rica.

As insensatas têm uma forma de pensar meio irresponsável, meio séria. Algumas vezes, fazem tudo bem feito; outras vezes, não tão bem feito. Nunca fazem tudo mal. Gostam de se aventurar com os limites. Às vezes, chegam tão perto do mal quanto a conservação da aparência de bem lhes permite. Não são más nem boas; mas parecem boas. Não são espirituais nem indiferentes; contudo, parecem espirituais. Nunca são encontradas em companhia dos perversos, mas gostariam de andar com eles. Agrada-lhes estar com as prudentes: desfrutar de sua alegria, participar de suas honras,

compartilhar as mesmas expectativas do futuro, até mesmo cair em suas debilidades; mas não são iguais.

Na parábola, as prudentes sabiam que, para ter uma lâmpada constantemente acesa, era necessário ter azeite disponível sempre. E fizeram a provisão. As insensatas podiam até saber a mesma coisa, mas não se importaram. Embora tivessem levado lâmpadas acesas, experimentando bem o que diz Davi: “Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra e, luz para os meus caminhos” (Sl 119:105), não levaram azeite consigo. As prudentes estavam preparadas; as insensatas, não.

O azeite é símbolo do Espírito Santo (Zc 4:1-14). Sem o Espírito, nada do que fazemos tem valor. Alguém pode estudar constantemente a Escritura, mas se não der lugar ao Espírito para que ilumine seu conteúdo, não a compreenderá nunca. Não é com inteligência, mas com o Espírito. Uma pessoa pode ter a teoria da verdade, mas se não permitir que o Espírito a transforme em vivência diária, de nada lhe servirá. Não é com conhecimento, mas com o Espírito. Alguém pode procurar a santidade realizando todas as formas aceitáveis da piedade, mas, se não permitir que o Espírito santifique seu coração; nada alcançará. Não é com realizações pessoais, mas com o Espírito.

Um indivíduo pode tratar de obedecer a Deus com todas as suas forças, mas se não deixar que o Espírito realize suas ações nele, nada conseguirá. Não é com esforço pessoal, mas com o Espírito. O estudo da Bíblia é indispensável; o conhecimento da verdade, imprescindível; a santidade é essencial; a obediência, inescapável; mas tudo isso só é obtido de maneira genuína e aceitável para Deus, por meio do Espírito. Ele utiliza nossa dedicação ao estudo, nossa inteligência, nosso conhecimento, nossas realizações, nosso esforço pessoal e nossa vontade, para realizar Sua obra. Nada disso é demais, tudo é necessário e tem valor; mas, sem a ação do Espírito, seus resultados seriam apenas uma miragem. O Espírito dá autenticidade e espiritualidade plena à religiosidade cristã vivida por uma pessoa.

O noivo não veio na hora em que as virgens esperavam. Não eram as virgens que decidiam a hora de sua vinda; era o noivo quem decidia. Se tivesse vindo no tempo delas, quando elas queriam, no momento que elas tinham previsto, tudo estaria bem para todas. Por

que não veio quando era conveniente para todas elas? Porque a religião não é uma questão de conveniência, mas de autenticidade, fé, obediência à vontade de Deus; é serviço a Deus, não é conveniência pessoal. A religião cristã não é uma fórmula para submeter Deus ao serviço dos seres humanos. É um modo de unir o ser humano a Deus, sem aparências nem falsificações. É verdadeira. Se Deus tivesse de se adaptar à vontade humana, a relação entre os cristãos e Ele seria caprichosa, interesseira, mesquinha e falsa; porque nós, seres humanos, somos assim. Não é Deus quem precisa ser como nós somos, mas sim, que nós sejamos como Deus é.

Quando foi ouvido o clamor que anunciava a vinda do noivo, apareceu a realidade de cada uma. Todas tinham entrado na crise do sono que apagou as lâmpadas. Alguns dizem que as lâmpadas eram como tochas: um pau com um trapo embebido em azeite na ponta que, ao acender-se, iluminava por uns quinze minutos. Dormiram até a meia-noite. A hora só indica a intensidade das trevas. A crise da meia-noite, sem luz, na maior escuridão, não seria solucionada sem azeite; e só as que tivessem azeite a resolveriam. Se o Espírito Santo é indispensável para as circunstâncias normais da vida, quanto mais no momento de crise. Esse momento não representou dificuldade para as virgens prudentes. Arrumaram suas lâmpadas e se prepararam para entrar na procissão nupcial.

“Deem-nos um pouco de seu azeite, disseram as insensatas às prudentes, porque as nossas lâmpadas se apagaram” (25:8). As insensatas queriam resolver a crise com o azeite das prudentes. Não puderam. Quando se trata de um problema de caráter, não se pode resolver com o caráter de outro. Alguém o tem ou não o tem. Não se pode pedir emprestado. Não se pode comprar. Não se pode improvisar. Há vezes em que uma pessoa pode beneficiar-se da fé que outra pessoa tem, mas a fé é intransferível. O amor de uma pessoa pode ajudar, e muitas vezes ajuda, outra que não tenha amor, mas o amor não se transfere. Cada pessoa ama com o amor que tem, não com o amor de outra. Cada pessoa crê com a fé que tem, não com a fé alheia. Cada pessoa tem seu próprio caráter, não pode ter o de outra pessoa. E o bom caráter, necessário para receber o noivo, só é construído com a ajuda do Espírito Santo.

Há muitas pessoas que dependem muito do próximo, para todas as coisas da fé. Não estudam a Escritura mas se apoiam no conhecimento das pessoas que estudam. São impacientes e se irritam com facilidade, mas esperam que outros demonstrem paciência para com todos os seus enganos. São egoístas e criticam todo mundo, mas esperam que outros sejam tolerantes e não as critiquem nunca. Ofendem com facilidade e se consideram cristãs sinceras, mas que ninguém as ofenda jamais. O pior é que se dão por ofendidas até quando ninguém as ofende. Isto que parece difícil de se resolver tem uma solução fácil e tão efetiva como a solução que as virgens prudentes tiveram. Nem mesmo é necessário se angustiar ou se preocupar. Basta ter o Espírito Santo. Com Ele virão todos os dons ou favores que a divindade possui.

“Não”, responderam as prudentes, “para que não nos falte a nós e a vós outras!”. Esse grupo tinha que iluminar o caminho do noivo. Se não o fizesse, cometeria ofensa muito grande contra o noivo. Não podiam fazer isso. “Vocês vão aos que vendem azeite, enquanto nós, aqui, asseguramos a atenção do noivo.”

Não houve tempo, não estavam preparadas (25:10-12). Quando foram comprar o azeite, o noivo chegou e as virgens prudentes entraram com Ele para o banquete. As outras tentaram entrar depois, mas a porta estava fechada. Com angústia, clamaram: “Senhor! Senhor! Abra-nos a porta.” “Não lhes conheço”, foi a resposta.

Com essa cena, Jesus leva Seus discípulos às cenas do julgamento final e eles, sem dúvida, recordaram o que lhes havia dito a respeito desse dia, quando pronunciou o Sermão do Monte. “Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos Céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-Me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em Teu nome, e em Teu nome não expelimos demônios, e em Teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, os que praticais a iniquidade” (Mt 7:21-23).

Com a segunda vinda de Cristo, vem também o dia do julgamento. O que será festa, alegria, regozijo e felicidade plena para

alguns, será angústia e desespero para outros. Os que não tiverem o Espírito Santo em seu coração, embora, na aparência, tenham agido bem, na realidade estiveram ofendendo ao Senhor e não poderão entrar em Seu Reino. Para que contou Jesus essa parábola? Ele mesmo responde: Para que “estejam acordados porque não sabem o dia nem a hora em que o Filho do Homem virá”.

Os talentos (25:14-30)

“O Reino dos Céus”, segundo disse Jesus, será também como um homem que se foi de viagem e chamando a seus servos, antes de partir, encarregou-lhes os seus bens. Tinha oito talentos de ouro. Muito dinheiro. Cada talento equivalia a 34 quilos de prata. O suficiente para pagar um trabalhador durante 20 anos de trabalho. Os oito talentos correspondiam a 272 quilos de prata que representavam o salário de uma pessoa durante 160 anos.

A responsabilidade era clara: administrar os bens (25:14, 15). Confiou-lhes os talentos para que os administrassem e os entregou a seus servos conforme a capacidade de cada um. “A um deu cinco talentos, a outro, dois e a outro, um.” Dá a impressão de que o terceiro recebeu pouco, e alguém poderia pensar que ele não era muito inteligente. Mas um talento não era pouco. Dava para pagar o trabalho de um homem durante 20 anos. Vinte anos de salário sempre foi muito dinheiro. Para administrar essa quantia, era preciso inteligência. Todos os servos eram inteligentes. A diferença entre eles não estava na inteligência. É certo que um era mais inteligente que o outro, mas a nenhum faltava inteligência. O que recebeu um talento tinha menos capacidade que o que recebeu dois e este menos que o servo dos três talentos; mas os três eram capazes. Às vezes, se diz que na igreja há pessoas de poucas habilidades, mas não podemos confundir. Os menos inteligentes também são inteligentes. Os que entendem de inteligência dizem que os mais inteligentes usam só usam dez por cento da inteligência que possuem. Há muita inteligência desperdiçada entre os seres humanos.

Administrar os bens do Senhor é uma tarefa muito especial. Está relacionada com a missão, já que ela é a maior obra de Deus

aqui na Terra. Os talentos são os dons que o Espírito Santo dá às pessoas para cumprir a missão. Eles não são quantidades fixas, são quantidades em aumento contínuo; e o aumento depende do uso que cada um fizer deles.

O uso dos talentos (25:16-18). Os dois primeiros servos, o que recebeu cinco e o que recebeu dois talentos, realizaram um trabalho igualmente excelente. Duplicaram o recebido. Quer dizer que duplicaram a capacidade de produção recebida originalmente. Esta é a grandiosidade do serviço a Cristo em Sua missão: a capacidade para realizá-la está sempre em aumento. E aumenta porque depende dos dons do Espírito Santo. Ninguém é mais generoso que Ele. Quando os discípulos, no dia de Pentecostes, necessitaram de mais talentos do que possuíam, receberam tudo o que necessitavam, até o dom de línguas, e a missão não se deteve nos limites de suas capacidades. Seguiu avançando com as capacidades do Espírito Santo generosamente outorgadas a eles.

Mas ninguém recebe aumento de capacidade se não usar aquela que possui. Tampouco recebe aumento, se não se colocar em circunstâncias de necessidade superior aos dons que já possui. Se uma pessoa cristã, depois de ter identificado seus dons, só se dedica a trabalhos que possam ser feitos com esses dons, nunca descobrirá os poderes ilimitados do Espírito. Por outro lado, se constantemente aceitar desafios missionários superiores ao que naturalmente pode fazer, será testemunha permanente do que o Espírito pode fazer com um ser humano totalmente consagrado a Deus.

A diferença está na fidelidade (25:19-23). Depois de muito tempo, o senhor da parábola retornou. Não há precisão quanto ao tempo. Foi simplesmente muito tempo. Mas o fator tempo é secundário, o importante é que o senhor retornou e foi ajustar as contas. De novo, a referência à segunda vinda de Cristo e ao julgamento. Naquela ocasião, o ajuste de contas não será feito com estranhos. A separação entre uns e outros, na segunda vinda, acontecerá entre os crentes. Os incrédulos serão julgados ao fim do milênio. No ajuste de contas da parábola, não houve muita complicação. Os servos que receberam cinco e dois talentos trouxeram o que tinham ganho: o

dobro, e receberam a mesma aprovação: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor.”

O ponto destacado nesta aprovação é a fidelidade, repetida duas vezes e, em segundo lugar, o fato de o servo ser bom. Bom, no sentido de ser inerentemente bom. Não apenas externamente bom, também bom por dentro. Fiel ou sempre confiável, o servo não falha. Essas são as características aprovadas por Deus para um servo dEle, para um crente que coloca em primeiro lugar a tarefa de Deus e se ocupa em cumprir a missão de proclamar o Evangelho para ajudar na salvação dos perdidos. A fidelidade à missão prepara os crentes para a segunda vinda de Cristo.

Condenado por ser mau e negligente (25:25-30). O terceiro servo não fez nada. “Senhor”, disse-lhe, “sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste, receoso, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu.” Em lugar de trabalhar, dedicou-se a discutir a personalidade de seu senhor. Sua injustiça, sua capacidade de conhecer, seu caráter, sua forma de agir, sua ética, sua exigência, sua intransigência, sua falta de compreensão, sua mesquinharia e seu mau trato. Estava enganado. Seu senhor não era assim; assim era ele.

Mas o senhor não discute com ele nem o corrige. Deus não precisa Se defender diante de nossa maneira absurda de raciocinar a respeito dEle. Além disso, o servo deixou que o medo controlasse suas ações. Uma tragédia! O medo real ou fictício, como neste caso, nunca produz nada bom. Só dúvidas, omissão, autocomiseração, desculpas, descuido e maldade. “Servo mau e negligente”, disse-lhe seu senhor, “sabias que ceifo onde não semeiei e ajunto onde não espalhei? Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juro o que é meu. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez.”

Foi condenado por ser mau e negligente. Mau no sentido de pecaminoso, culpado, indigno. Negligente não como alguém que faz as coisas malfeitas ou as deixa por fazer. Negligente no sentido de preguiçoso, problemático, criador de conflitos, briguento.

Os servos maus e negligentes com respeito aos bens de Deus, que incluem tudo o que Deus colocou nas mãos dos cristãos, serão condenados no dia do julgamento. Como se livrar dessa condenação? Produzindo com os talentos que o Senhor deu a cada um, sem enterrá-los. No uso dos talentos, os dons produzem as multiplicações do Espírito Santo que incluem a salvação.

As ovelhas e os cabritos (25:31-46)

Jesus contou as duas parábolas anteriores, a das dez virgens e a dos talentos, dentro do conceito do Reino dos Céus que aparece ao começo da primeira parábola (25:1). Embora a frase: “O Reino dos Céus será semelhante a...” não apareça no começo da parábola dos talentos, no texto original, pelo modo de iniciá-la se subentende que se refere a ela. A terceira parábola, a das ovelhas e dos cabritos, é ambientada de maneira diferente, embora em relação ao mesmo tema.

A segunda vinda de Cristo e o julgamento (25:31-33). “Quando o Filho do Homem vier em Sua glória”, disse Jesus, “com todos os Seus anjos, Se assentará sobre Seu trono de glória.” Anteriormente, Ele já havia dito que este é o sinal que identifica Sua vinda e evita a confusão proposta pelos falsos cristos, cuja vinda só pode ser vista em particular. Cristo virá em glória, em companhia dos anjos; e além disso, todas as nações se reunirão diante dEle. Para quê? Para que Ele separe os seres humanos em dois grupos, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Assim Ele introduziu a símile das ovelhas e os cabritos que, daí em diante e até o fim da parábola, Lhe serviu de eixo central para Seu ensino sobre o julgamento, em relação à Sua segunda vinda.

“Então separará uns dos outros como aparta o pastor as ovelhas dos cabritos”, disse Jesus. Antes, formavam um só grupo, uma espécie de comunidade sem que fosse possível distinguir as diferenças. Dava a impressão de que ovelhas e cabritos pertenciam todos ao mesmo dono. Na segunda vinda de Cristo, a aparência de um dono único será eliminada. Aparecerá a realidade de que, nesse grupo, os cabritos pertencem a um dono; as ovelhas, a outro. O grupo ficará desintegrado. Desaparecerá a forma de existência como comunidade, até então verificada. Haverá uma profunda e radical transformação

da humanidade. A sociedade plural deixará de existir. Já não estarão juntas a diversidade de ideias, a diversidade de condutas e a diversidade de governos. Será produzida a separação mais radical que alguém pudesse imaginar. Na realidade, ninguém pode imaginá-la, e se fosse possível imaginá-la, ninguém poderia executá-la.

Para que esse tipo de separação fosse possível, o líder que pretendesse realizá-la teria que conservar uma parte e destruir a outra. Mas, em uma sociedade pluralista, qual dos muitos grupos existentes deveria ser conservado, e qual deveria ser eliminado? Esse líder não teria conhecimento necessário para fazer a escolha, nem poder para eliminar outros, que de toda forma seriam maioria. Por outro lado, quem tem o prestígio moral para fazê-lo? Quem está moralmente limpo para não ser acusado de genocídio? Ninguém. Não há ser humano algum em condições de realizar a separação do Juízo. Só Deus. Por isso, ninguém, nunca, deveria se levantar como juiz da moral de outros. Podem existir juízes legais; mas juízes morais, impossível.

O paradoxo humano, neste aspecto, é muito grande. Os juízes morais são em muito maior número que os juízes legais. Quase cada ser humano se vê com o direito de julgar a conduta moral dos semelhantes e julga até mesmo suas mais íntimas intenções. Ninguém tem a sabedoria nem a integridade moral necessárias. Podemos julgar atos visivelmente incorretos e condenar ações cuja forma externamente visível seja evidentemente má. Porém, os casos que parecem ser de má conduta que não podem ser definidos sem uma compreensão das intenções deverão ser deixados para o julgamento de Deus. A separação radical entre bons e maus será feita por Ele no dia do julgamento final. “E porá as ovelhas à direita e os cabritos à esquerda”, acrescentou Jesus.

Julgamento dos que estão à Sua direita (25:34-40). “Vinde benditos de Meu Pai”, diz o Rei aos que estão à Sua direita, “recebam sua herança: O reino preparado para vocês desde a criação do mundo.” Aqui está a referência ao Reino, que não foi vista no começo da parábola. Isso indica que a segunda vinda de Cristo é o momento em que ele é entregue aos benditos do Pai. Não se trata de um reino inventado por Jesus durante Seu ministério terrestre. Nem é uma saída elegante

para Seu aparente fracasso no estabelecimento de um reino terrestre, por ocasião de Sua primeira vinda. Estava planejado assim desde a criação do mundo.

Quando os membros da divindade planejaram a criação da Terra e tudo o que nela existe, com os seres humanos para administrá-la, já sabiam o que aconteceria com Lúcifer: sua rebelião, a adesão de uma parte dos anjos à sua revolta, a queda do homem, o pecado de Adão e Eva e as consequências desse pecado para o mundo. Sabiam de tudo. Por isso, também planejaram o modo de salvar todos os seres humanos que optassem pelo bem, o julgamento de todos e o estabelecimento do Reino para os crentes em Jesus.

Por que estes recebem o Reino? A resposta é complexa e inclui muitas coisas. Mas, quando Jesus usava parábolas para explicar algo, geralmente Se concentrava em uma verdade específica que, com a parábola, iluminava de maneira especial a compreensão. O ponto aqui é o serviço. E o explica: “Porque tive fome e vocês Me deram de comer. Tive sede e Me deram de beber. Fui forasteiro e Me receberam em suas casas. Necessitei de roupas e Me vestiram. Estive doente e Me atenderam. Fui posto no cárcere e Me visitaram”. Todas são obras de serviço. Quer dizer que, fazendo essas obras de serviço, posso ganhar o Reino? Não, não é assim. Quer dizer que, se não as fizer, o perco. Isso apareceu claro na resposta que os da direita deram à explicação anterior. Nem perceberam que o tinham feito para Cristo. Fizeram-no simplesmente por amor. Não para ganhar o Reino.

Um cristão integrado totalmente com a pessoa de Cristo faz o bem sem pretender nada, como Cristo o fazia, só para beneficiar alguém e ajudá-lo a se salvar. O serviço só é serviço genuíno quando é feito como Jesus fazia, simplesmente para ajudar. “Senhor”, responderam os justos, “quando Lhe vimos faminto e Lhe alimentamos, ou sedento e Lhe demos de beber, ou forasteiro e Lhe hospedamos, ou necessitado de roupa e Lhe vestimos, ou doente ou no cárcere e Lhe visitamos?” “Saibam”, disse-lhes o Rei, “que tudo o que fizeram em favor dos necessitados, ainda ao mais insignificante deles, a Mim o fizeram; porque eles são Meus irmãos.”

Quem são os necessitados? Os pobres ou os enviados de Jesus para executar a missão? Há evidências, no evangelho de Mateus, de que Jesus estava interessado em que Seus enviados, os ministros do evangelho, fossem devidamente atendidos. E quem os atendesse, a Jesus atendia (Mt 10:14, 15). Mas aqui os necessitados não estão reduzidos apenas a eles. O contexto desta cena de julgamento é universal. Abrange todo tipo de ser humano, em todos os aspectos de sua vida.

Julgamento dos que estão à Sua esquerda (25:41-45). Esclarecida a situação dos justos, Jesus Se dirige aos de Sua esquerda e lhes diz: “Apartem-se de Mim, malditos. Vocês irão ao fogo que destrói para sempre, preparado para o diabo e seus anjos.” Por quê? Porque não são justos. Fizeram exatamente o contrário do que os justos fizeram. Encontraram muitos famintos, sedentos, forasteiros, nus, doentes, prisioneiros, e nada fizeram por eles. Que pena! Não perceberam que, nada fazendo por eles, tampouco o faziam pelo Rei e que o Rei um dia os castigaria por isso. Se soubessem que havia um castigo tão grande para os que não fizessem obras de serviço, as teriam feito. Mas se tivessem feito a obra de serviço apenas para se livrarem do castigo, não a teriam feito. A razão é muito simples: não teriam agido para ajudar a outros, mas para ajudar-se a si mesmos. Isso é egoísmo, e o egoísmo não recomenda ninguém ao Reino dos Céus. Exclui-o. Só os que são como Jesus entrarão em Seu Reino. Ninguém mais. E são como Jesus todos os que, por fé, O aceitam em sua experiência pessoal.

Castigo eterno e vida eterna (25:46). Os que são como querem ser, ao contrário do que Cristo quer que sejam, receberão o castigo eterno. E os que são justos, como justo é Jesus, obterão a vida eterna. O castigo é morte para sempre, como a recompensa é vida para sempre. Aquele que merece o castigo, no dia do julgamento, receberá a morte sem nenhuma possibilidade de receber a vida. Quando acontecerá a aplicação final do castigo? No fim do milênio, quando cada um comparecer perante o tribunal de Deus; e os injustos, que ressuscitam para enfrentar este julgamento, junto com a morte e o sepulcro, forem destruídos no lago de fogo. “Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles

havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo” (Ap 20:13, 14).

A preparação segundo as três parábolas

As três parábolas mencionam a entrada no Reino e o julgamento. Entram nas bodas os que estão preparados. Segundo a experiência das dez virgens, estão preparados os que têm o Espírito Santo e com Ele têm todos os dons da divindade. Segundo a parábola dos talentos, estão preparados os bons e fiéis servos. Os que sendo bons em seu interior e naquilo que realizam exteriormente, fazem, com eficiência, uma obra missionária confiável. Segundo a parábola das ovelhas e os cabritos, estão preparados para a segunda vinda de Jesus os que têm feito obras de serviço semelhantes às que Jesus fez quando esteve na Terra. Os três elementos fundamentais para a preparação do cristão – o Espírito Santo controlando sua vida inteira, sua fidelidade na missão e seu abnegado serviço cristão ao próximo – descrevem-no como uma pessoa preparada para o Reino dos Céus, para ser salva da condenação do julgamento e pronta para entrar na vida eterna.



Fim do Ensino

26 Público do Rei na Judeia

Quando Jesus terminou Seu quinto grande discurso e todos os ensinamentos que Mateus consignou nos capítulos 22 a 25, começou o fim de Seu ensino público na Judeia, que foi concluído com Sua prisão no Jardim do Getsêmani (Mt 26:1-56). O dia é quarta-feira, segundo o cômputo judaico; terça-feira de noite, no nosso cômputo.

Traição: o preço do Rei (26:1-16)

Quanto vale o Messias Rei? Parece muito estranho que este pensamento pudesse ter entrado na discussão depois daquela sequência de ensinamentos tão cheios de verdadeira revelação divina. Não foram aquelas pessoas alcançadas pela abundante atmosfera divina com sua riqueza espiritual inesgotável, apresentada por Jesus, para que entrassem nela? Tinham que permanecer na utilitária e miserável atitude que os humanos sempre têm? O mesmo engano que se repete sempre. Em vez de levar a maior vantagem para si, que é o que sempre os humanos querem, levam a menor; mas ao contar aos amigos, vangloriam-se de ter conseguido o peixe maior que se possa imaginar. A maior vantagem que se podia obter de Jesus era a vida eterna, e ainda é assim. Mas Judas preferiu as trinta moedas pelas quais, ao final, nem sentiu apego. Devolveu-as. Na transação perpetrada pelo traidor, Jesus pagou com Sua morte a vida para todos

os seres humanos. Judas entregou sua vida para conseguir a morte. Sua própria morte. Sem nenhuma possibilidade de receber a vida que Jesus oferece a todos.

Complô dos dirigentes (26:1-5)

“Bem sabem vocês”, disse Jesus a Seus discípulos, “que só faltam dois dias para a Páscoa.” Com esta festa, os judeus celebravam sua milagrosa libertação do Egito. Muito tempo havia passado desde aquele grandioso dia. Entraram no Egito nos dias de José. A história de José foi um verdadeiro milagre do amparo de Deus, a ele e a toda sua família. Levado ao Egito como escravo, devido à maldade de seus próprios irmãos que, por inveja, venderam-no aos mercadores midianitas, chegou a um lugar estranho, de costumes pagãos, onde tudo se lhe mostrava adverso. Mas Deus estava com ele. Deus o levou à casa de Potifar, não para que fosse tentado, mas porque confiava nele e bem sabia que não cairia na tentação. Deus o levou ao cárcere, não para castigá-lo, mas para libertá-lo da morte que lhe correspondia pelo delito de que fora injustamente acusado. Deus lhe deu a eficiência e a atitude de serviço que mostrou a favor do chefe do cárcere. Deus o pôs em contato com o padeiro e o copeiro do rei que estavam prisioneiros por suas próprias faltas. Deus lhe deu a capacidade para interpretar os sonhos que eles tiveram, e o copeiro voltou a servir a Faraó, embora tenha esquecido sua promessa de interceder junto ao governante em favor de José.

Deus deu os sonhos a Faraó e pôs nele a necessidade de procurar, de alguma forma, sua interpretação. Deus fez recordar ao copeiro a sua promessa de quealaria bem de José a Faraó. Deus o levou a Faraó como intérprete de seus sonhos e o pôs na corte de Faraó como o segundo mais importante do reino. Chegou o tempo da fome que afetou também a sua família. E, por milagre, Deus fez com que Faraó recebesse todos os membros de sua família, em seu território: deu-lhes alimento, uma terra boa onde se instalaram e tudo o que precisavam. Foram tempos muito bons para eles. Até a morte de José. Depois veio um faraó que não conhecia José e começaram as tribulações. Escravidão. Castigos. Sofrimentos. Séculos de dor. O povo da promessa nem sequer recordava das promessas

de Deus. Mas Deus não Se esqueceu. Preparou Moisés com a paciência de Seu amor inalterável.

Quarenta anos no Egito o tornaram um líder forte, determinado, eficiente e valente. Quarenta anos no deserto o tornaram um líder manso, espiritual, perseverante e compreensivo. Deus o mandou de volta ao Egito para libertar Seu povo. Novo milagre. Na verdade, houve muitos milagres numa demonstração do poder de Deus. Aconteceram as pragas e a morte de todos os primogênitos do Egito. A morte do cordeiro na casa de cada israelita proveu o sangue da libertação. A marca de sangue no umbral das casas era a expressão de sua fé no milagre. Seus primogênitos não morreram. E o povo saiu do Egito. Livre. Então nasceu a festa da Páscoa e a morte do cordeiro se transformou em um símbolo da morte do Messias. Por Sua morte todos poderiam viver. Judeus, não judeus, todos os que tivessem fé. A Páscoa se tornou a festa mais importante da nação. A festa do Messias.

Dois dias mais tarde, a parte simbólica da grande festa acabaria. A realidade substituiria o símbolo. O Messias ocuparia Seu lugar como cordeiro. Por isso, Jesus, mais claramente que nunca, lhes disse: “O Filho do Homem será entregue para que O crucifiquem”. Só dois dias! Os eruditos levantam muitos argumentos procurando determinar que dia da última semana era este. Parece, entretanto, que era na terça-feira à noite, em nossa maneira de contar os dias, começo da quarta-feira para os judeus daquela época, que contavam os dias de um pôr do sol até o outro. Um dia era toda uma noite mais toda a parte iluminada que a seguia.

Os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo, reunidos no palácio do sumo sacerdote Caifás, planejaram como prender Jesus para matá-Lo. Porém, tinham um problema: não podia ser na Páscoa. Era ilegal e o povo podia amotinar-se. Além disso, todo esse processo podia contaminá-los e impedir sua participação na festa. Impensável. Tinham apenas uma só alternativa: deveria ser antes da Páscoa. É possível que nesse momento Judas tenha se reunido com eles, pela primeira vez, para planejar a entrega de Jesus.

Betânia: o preço de Sua unção (26:6-13)

Seguindo em seu relato, Mateus coloca juntos o complô dos dirigentes e o jantar na casa do Simão, em seu estilo de agrupar assuntos do mesmo

tema. Mas parece que o jantar aconteceu no sábado anterior, (Jo 12:1, 2, 12, 13). Simão, o leproso, em sua casa em Betânia, realizou uma festa para honrar Jesus em agradecimento pela cura da lepra (Lc 7:36-40). Parece que, depois do milagre, ele se declarou discípulo de Jesus. Entretanto, não estava completamente convencido de ser Ele o Messias. Não é estranho que algumas pessoas experimentem um processo de conversão que vai por etapas, especialmente pessoas ricas, como era o caso do Simão. Lázaro e sua família foram convidados, embora para Simão fosse uma situação um pouco embaraçosa, pois parece que fora ele quem induziu Maria Madalena ao pecado. Mas não podia ignorar Lázaro, o discípulo mais notável em Betânia, especialmente depois que Jesus o ressuscitou..

Maria ungiu Jesus com um perfume muito caro (Jo 12:1-3) derramando-o na cabeça e nos pés. Judas iniciou uma reação contra ela à qual se afiliaram todos os discípulos. “Para que este desperdício?”, protestaram. Judas disse que poderiam ter vendido o perfume por trezentos denários e tê-los repartidos entre os pobres. Um ano de salário. Quem valia mais para eles? Jesus ou os pobres? Os pobres, talvez. Ou, no caso de Judas, ele mesmo. João diz que ele não se importava com os pobres. Interessava-lhe que o dinheiro fosse à bolsa comum. Como ele a administrava, podia tomar dinheiro para si, porque era ladrão. Os pobres, eram um pretexto. Má tradição.

Muitos cristãos, depois, colocaram o valor dos pobres acima de qualquer valor. Se o desejo de servi-los fosse genuíno, não haveria problema. Mas, não raro, trata-se apenas de um modo de encobrir outros objetivos ocultos, quase sempre muito egoístas. Jesus não desprezou o interesse pelos pobres: “os pobres sempre os terão com vocês”, disse-lhes. Façam sempre esta obra. Só que neste momento há uma prioridade sobre todas as demais, e esta mulher a respeitou. Ao derramar o perfume sobre Meu corpo, ela o está preparando para a sepultura. A prioridade é o sacrifício verdadeiro. O sacrifício de Cristo na cruz. O sacrifício que Ele espera de todo cristão, que leva adiante a missão.

A traição de Judas: trinta moedas (26:14-16)

Judas se sentiu preendido. Todos os egoístas são pessoas muito sensíveis. Ofendem-se facilmente e guardam rancor dentro de si, como

a resposta justa de sua dignidade própria defendida. Alguns explodem e se queixam, sentem-se maltratados e o dizem com violência carregada de amargura. Outros, calados, esperam o momento de sua “justa” vingança. Judas carregava essa dor, fazia mais ou menos um ano.

Quando Jesus pronunciou o sermão em que Se identificou como o Pão da Vida e muitos O abandonaram, Judas deixou que as forças destruidoras do maligno o dominassem, e decidiu se afastar dEle (Jo 6:70, 71). Agora, pensou que tinha chegado o momento para fazê-lo e foi falar com os dirigentes da nação a fim de negociar o preço da entrega. Trinta moedas de prata. Pouco. Só o valor de um escravo (Êx 21:32). O preço exato do Messias, predito pelo profeta (Zc 11:12). O preço da traição.

Muitos, na história do cristianismo, venderam Jesus por este preço: a traição sozinha, sem as trinta moedas. Mas esse não é o preço do Messias. Seu valor é o contrário da traição: lealdade, fidelidade, serviço, entrega a Ele de tudo o que somos e temos. Na realidade, não podemos comprá-Lo nem vendê-Lo. Judas pensou que O venderia; não O vendeu. Foi uma venda fictícia que terminou na perda total do vendedor. Uma quebra. Ademais, Ele não pode ser comprado com nada. É um presente. E o único preço do presente é o amor. Por amor, damos presentes; recebemos presentes, por amor. “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16).

A Santa Ceia: significado da morte do Rei (26:17-30)

Era quinta-feira, um dia antes do sacrifício pascal que devia acontecer no 14 de Nisã. De acordo com a nomenclatura original, no dia seguinte, começava a festa dos pães asmos. Mas, nos dias de Jesus, as duas festas eram chamadas indistintamente de Páscoa ou pães asmos. Segundo os registros astronômicos, no ano 30 d.C., ou décimo sexto ano de Tibério César, o 14 de Nisã caiu na sexta-feira. A quinta-feira, 13 de Nisã, foi o dia da preparação para a Páscoa. Dito isso, parece tudo muito simples e muito claro. Mas a determinação dessas datas é na realidade bastante complicada. João menciona um jantar pascal na sexta-feira à noite; e os sinóticos, na quinta-feira à noite. Há contradição entre eles? Alguns eruditos dizem sim; outros, não.

Há muitas coisas relacionadas com a celebração da Páscoa, naquela época, que ignoramos completamente. Por isso, a precisão do que aconteceu parece muito difícil para nós. Dogmatizar a respeito disso seria um engano. Em todo caso, parece que, no ano da crucificação, se celebraram dois jantares pascais. Um ao começar a noite do 14 de Nisã, quinta-feira à noite, segundo a contagem que hoje fazemos dos dias; e outro ao começar a noite do 15 de Nisã, nossa sexta-feira à noite. O primeiro foi praticado pelos conservadores. E o segundo, pelos liberais que se teriam desentendido com eles em alguns aspectos não identificados. Talvez, a necessidade de crucificar Jesus antes da Páscoa. Assim, foram criadas as condições para que Jesus fosse realmente crucificado à hora do sacrifício do cordeiro pascal, na sexta-feira à tarde, como aconteceu.

Surge outro problema: o cordeiro para a páscoa de Jesus. Onde o conseguiram? Todos os cordeiros comidos no jantar pascal eram sacrificados no templo. Nessa época, 200 mil cordeiros. Havia duas possibilidades: Primeira, conforme outros conservadores, naquele ano comeram a páscoa na quinta-feira à noite. Segunda, no jantar de Jesus não se menciona a presença de carne. Só pão sem fermento e vinho não fermentado. Jesus era o Cordeiro pascal. Ele estando ali, não havia necessidade de outro cordeiro. O que era necessário aconteceria no dia seguinte: Jesus seria morto à hora do sacrifício pascal. Ele foi o Cordeiro pascal daquele ano e é o de sempre. Tendo sido Jesus crucificado naquela sexta-feira, dali por diante, nunca mais seria necessário sacrifício de cordeiros.

Páscoa: a missão do Rei (26:17-19)

“Onde queres que Te façamos os preparativos para comeres a Páscoa?”, perguntaram-Lhe os discípulos. Para eles, era claro. Essa quinta-feira era o dia da preparação para a Páscoa. Mateus diz que Jesus “lhes deu indicações a respeito de uma casa, em Jerusalém, onde, logo depois de falar com seu dono, deviam fazer os preparativos”. Tinha que ser dentro dos muros da cidade. Além disso, lhes deu uma mensagem para o dono da casa: “O Meu tempo está próximo”, disse o Mestre, “em tua casa celebrarei a Páscoa com os Meus discípulos.” Possivelmente, tratava-se de um discípulo de Jesus, ou Ele estava apelando ao costume dos judeus na Páscoa: todas as casas

deveriam ser abertas para que os peregrinos celebrassem o jantar pascal. Finalmente, Seu tempo estava próximo. Até esse momento havia dito sempre: “Ainda não é Meu tempo”; “Minha hora não chegou”. Agora, a um dia da cruz, o tempo estava muito perto.

Quando Cristo e os discípulos se reuniram para o jantar pascal, já sentados à mesa, o Mestre dirigiu a conversa, abordando dois assuntos muito importantes: a identificação do traidor e o significado de Sua missão.

O traidor (26:20-25)

“Saibam bem”, disse-lhes, “que um de vocês Me trairá.” Todos ficaram muito impressionados. Ninguém culpou ninguém. Seria uma acusação muito grave contra alguém, e uma exposição a um engano imenso. Cada um perguntou: “Sou eu, Senhor?” Preferiam que Jesus identificasse o traidor. E Ele o fez.

Os quatro evangelhos mencionam cinco declarações de Jesus sobre a traição. Primeira: “Nem todos estão limpos”, dita durante a lavagem dos pés (Jo 13:11). A traição é uma impureza espiritual que a lavagem dos pés não elimina. Segunda: “O que come pão comigo, levantou contra Mim seu calcanhar”, foi pronunciada quando os discípulos voltaram a ocupar seus lugares à mesa (Jo 13:18). A traição destrói a mais íntima relação que possa existir com Cristo e com outros. Terceira: “Um de vós vai Me entregar”; dita momentos depois (Mt 26:21). A traição nunca é uma ação pela metade, sempre vai às últimas consequências da rejeição. Quarta: “O que coloca a mão comigo no prato, esse vai Me entregar”; dita em algum momento do jantar (Mt 26:23). A traição nunca é honesta, é sempre dissimuladora e falsa. “O Filho do Homem vai, como está escrito a Seu respeito, mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!” E então chegou a vez de Judas: “Acaso serei eu Mestre?” Quinta: “Você o disse,” respondeu Jesus. Já estavam no final da Ceia. Essas palavras impulsionaram Judas para a sua já planejada traição; e ele saiu do aposento.

Quando estavam comendo o jantar pascal, Jesus instituiu a Santa Ceia com o objetivo de explicar aos discípulos de então e de sempre o significado de Sua missão na Terra e qual era o verdadeiro sentido de Sua

morte. Sentido que eles não entenderam naquele momento, mas depois da ressurreição tudo se tornou muito claro. Em lugar de oferecer a tradicional explicação sobre a Páscoa, como o pai de família devia fazer neste instante do jantar, falou do novo significado dos símbolos. Tomou o pão sem fermento da Páscoa e o deu a Seus discípulos, dizendo: “Tomem e comam, isto representa Meu corpo.” Foi como se Ele estivesse ensinando: “Meu corpo é verdadeira comida. Não o podem comer literalmente, porque não é comida literal. Só podem comê-lo espiritualmente. Eu O entregarei na cruz para que, quando estiver quebrantado, e vocês aceitarem pela fé Meu sacrifício, tenham vida. E a tenham para sempre. A libertação que lhes trago agora é maior que a libertação do Egito. Agora os liberto do pecado. A Páscoa de então era só um símbolo que anunciava a Minha morte no futuro. A realidade do Egito transformada em promessa para o tempo em que vivemos agora. A Santa Ceia, como uma nova Páscoa, é uma lembrança de Minha morte e a promessa de Meu retorno e da vida eterna.”

O novo pacto em Seu sangue (26:26-30)

Depois, tomou a taça com vinho não fermentado; não havia fermento em nada durante a Páscoa e a festa dos pães asmos, e lhes disse: “Dela bebam todos. Isto é Meu sangue do novo pacto, derramado por muitos para perdão dos pecados.” Eis o significado das Suas palavras: “É claro que não beberão Meu sangue literal, digo-o em sentido espiritual; porque assim são as Minhas palavras: são espírito e são vida. Vocês só podem bebê-Lo se tiverem fé. Sem fé, o que bebem é apenas suco da videira. Nada mais. Vida não recebem. Mas se crerem, quando beberem o vinho do novo pacto, esse vinho se torna símbolo do Meu sangue. Deixa de ser um simples vinho e chega a ser um símbolo. Não se transforma em sangue, torna-se símbolo de Meu sangue. E pela fé, vocês recebem a realidade simbolizada pelo vinho. Essa realidade tampouco é Meu sangue literal. Não vão pensar vocês que receberão sangue de Meu corpo; receberão a vida que Meu corpo e Meu sangue comprarão para vocês. E a vida que Eu lhes darei permanece para sempre. Este símbolo terá valor todos os dias em que vocês o praticarem, até que outra vez o

bebamos juntos no Reino de Meu Pai.” Depois de cantarem o hino, saíram para o Monte das Oliveiras.

Clímax do ministério público (26:31-46)

No caminho, Jesus lhes deu muitas instruções. Mateus contou somente o anúncio do escândalo dos discípulos que incluiu a negação de Pedro. João, entretanto, registrou o conteúdo de Seu ensino, que veio a se chamar: Discursos de Despedida (Jo 13:31-17:26). Logo depois, Mateus acrescentou a experiência do Getsêmani com a qual Jesus terminou Seus ensinamentos na Judeia.

O escândalo dos discípulos (26:31-35)

Por que as pessoas se escandalizam? Por que se afastam de Jesus? “Todos vocês se escandalizarão comigo esta noite”, disse-lhes, “porque está escrito: ferirei o pastor e se dispersarão todas as ovelhas do rebanho.” As ovelhas ficariam sem líder, sozinhas. Não saberiam como agir sem Ele. Mas não seria por causa do líder que Sua ausência lhes resultaria em algo tão grave. Sim, por causa delas mesmas. Elas não sabiam se orientar nem seguir as orientações recebidas do líder.

Os discípulos ouviram as palavras de Jesus, mas não as entenderam. Sua falta de compreensão não residia em alguma falha na explicação, mas na mente deles. Seu interesse estava em outra coisa. Queriam o Reino, mas o queriam para dominar toda a Terra, para serem pessoas importantes nele; para serem grandes com a grandeza humana que é estimulada em todos os reinos. Assim, frente à angústia do perigo, ao risco de ir à prisão, à realidade de serem considerados pouca coisa, frente à desgraça de entrar no desprezo das pessoas, fugir parece o melhor. Fugirão de Jesus, para se esconder, para não ser ninguém. Que paradoxo! Antes, só queriam ser os primeiros em importância e poder; agora, preferiam que ninguém soubesse nada sobre eles. Ser ninguém. Não correr risco algum. Mas a vida não é assim. Existe risco em tudo o que fazemos; mesmo não fazer nada é muito arriscado.

“Mas não se aflijam”, disse-lhes Jesus, “depois que Eu ressuscitar, irei à Galileia para me encontrar de novo com vocês.” Começaremos tudo de novo. Pedro, impetuoso como sempre, apressou-se em

dizer: “embora todos Te abandonem, eu jamais Te deixarei.” “Tu Me negarás três vezes”, disse-lhe Jesus. “E acontecerá esta mesma noite, antes que o galo cante.” “Jamais Te negarei”, respondeu-lhe Pedro, “ainda que tenha de morrer.” Promessas. Prometer não custa nada, difícil é cumprir. Pedro não teve poder espiritual para cumprir o que prometeu. Mas a falta de valor, em uma ocasião, não é o fim de tudo. Jesus também pode restaurar aqueles que não cumprem suas promessas e o faz com a mesma compreensão e simpatia com que faz todas as coisas.

Faça-se a Tua vontade (26:36-46)

Detiveram-se no Jardim do Getsêmani, ao pé do Monte das Oliveiras. A tradição diz que esse jardim pertencia a Maria, mãe de João Marcos, assim como o aposento onde celebraram a Santa Ceia. Se foi assim, entende-se a liberdade de uso que Jesus tinha em ambos os lugares. Mateus registra seis ditos de Jesus no Getsêmani e menciona um a mais sem repetir as palavras, dizendo apenas: “e Se retirou a orar pela terceira vez”, dizendo o mesmo (26:44). Em quatro deles, Se dirige aos discípulos; e os outros três são orações por meio das quais fala com Deus.

Primeiro dito. Nem todos os ditos foram para todos os discípulos, mas o primeiro foi dirigido a todos eles. A esta altura eram onze. Judas já não estava com eles, mas com os dirigentes que queriam a morte de Jesus. Tão logo chegaram ao jardim, Ele disse: “Sentem-se aqui, enquanto vou ali orar” (26:36). Aproximava-se a hora da decisão final. Mas Ele estava calmo, em pleno controle de Si mesmo e das circunstâncias. Estava mais interessado no bem-estar de Seus discípulos do que em Sua própria situação.

O *segundo dito* foi dirigido a Pedro, Tiago e João, convidados a acompanhá-Lo a um lugar mais retirado. O Mestre estava triste e revelou isso: “Minha alma está muito triste até a morte; fiquem aqui e vigiem comigo” (26:38). Ainda não conversou com Deus. Sua tristeza era profunda, mas não descontrolada. Afetava o mais íntimo de Seu coração, mas só seria revelada se Ele contasse. Jesus não Se descontrolou em lamentos passionais nem em violentas manifestações de angústia. Nada disso foi visto pelos membros do grupo mais íntimo de Seus discípulos, nem pelos outros. A estes três contou o

que sofria, e por isso eles ficaram sabendo. Jesus administrou espiritualmente Sua dor. Que modelo!

Triste até à morte! Já estava quase morto de tristeza. Pode alguém morrer de tristeza? Qualquer pessoa pode morrer de amargura, também de angústia e de pena, de aflição e monotonia. Todas elas são enfermidades emocionais que podem controlar a personalidade inteira e causar sua destruição. Seus danos psicológicos invadem também o corpo e, quando isso acontece, pode se desenvolver nele uma variedade de doenças mortais. Mas Jesus não tinha nenhuma delas. Além disso, sabia administrar tão bem Sua tristeza, que esta só se tornava visível quando Ele queria. Parece que a saúde emocional é mais sólida enquanto a vontade ainda não perdeu o controle das emoções. Se estas invadissem a vontade e controlassem as decisões, um descontrole doentio se apoderaria totalmente da pessoa e o curso para a morte seria mais rápido e mais evidente.

Nesse dito, o interesse pelos discípulos deu um passo mais profundo que o anterior. Do bem-estar físico deles, passou para o seu bem-estar espiritual. Não só lhes disse: “Sentem-se! Vigiem!”, mas também: “Estejam acordados. Participem comigo. Envolvam-se no que estou fazendo. Não se desliguem de Minha obra. Não durmam quando Eu mais necessito de vocês. Estejam junto comigo neste momento de crise.”

O *terceiro dito* é uma oração. A mesma oração que repetira três vezes naquela noite: “Meu Pai, se possível, passe de Mim este cálice! Todavia, não seja como Eu quero, e sim como Tu queres” (26:39). Este é o dito do possível. Se é possível, disse. Pai, disse Jesus, se diante de Ti, isto é possível; se estiver em harmonia com a Tua vontade, que tudo pode. Porque Deus pode tudo. Mas não podendo passar de Mim este cálice, se Eu mesmo passá-lo de Mim, rejeitando-o, estarei afrontando Tua vontade. E Eu não quero sequer tentar fazer isso.

A alternativa possível para um cristão não é o que é possível em determinadas circunstâncias. Estas são muito mutáveis e não servem como padrões determinantes da conduta humana. Tampouco as leis devem determinar o que é moralmente permitido para um cristão. Há muitas leis que permitem certas condutas por causa da pluralidade das correntes de opiniões que existem, mas não porque

sejam moralmente boas para todos. Só são legalmente corretas. Por exemplo, a lei do divórcio o permite, mas o fato de que ele seja legal, não significa que seja bom. Uma pessoa religiosa, católica por exemplo, não deve se divorciar simplesmente porque a lei o autoriza. Deve ser fiel à sua religião nessa matéria. E todos os cristãos têm de aceitar a vontade de Deus como determinante do que, para eles, é permitido. Foi isso o que Jesus disse no Getsêmani. “Faça-se o que é possível para Ti; se para Ti é possível passar de Mim este cálice, podes passar. Mas se faça conforme a Tua vontade.”

O *quarto dito* é uma lição prática sobre a tentação e como evitá-la. Começou dirigindo-Se a Pedro. “Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?” Ele tinha orado durante uma hora, e eles dormindo. Por isso, ainda não estavam preparados para enfrentar o que em poucos momentos mais começaria a acontecer. Pode ser essa a mesma causa que mantém dormindo tantos cristãos, sem participar ativamente com Cristo em Sua obra? Sem oração, não existe integração profunda com Cristo. Essa integração que liga nossa personalidade com a personalidade de Cristo, e que integra Sua obra em nossas obras, de modo tão íntimo que as duas obras se tornam uma só com um só interesse: a obra de Cristo.

Completando Seu dito, acrescentou: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (26:41). Apenas falou da tentação mas não a definiu. A crise não é o momento para aprender a teoria da vida cristã. Isso tem que ser aprendido antes. A crise é o momento de ação. Importa saber o como e aplicá-lo. Como evitar a tentação? É preciso vigiar e orar. Era isso o que Jesus estava fazendo, ao contrário dos discípulos. Jesus estava acordado e conversando com Deus, por horas. Por várias horas, eles dormiam e não oravam. Por quê? Porque permitiram que seu corpo controlasse seu espírito.

Em casos assim, embora o espírito seja forte, perdeu Sua força e age com a debilidade do corpo. Se o espírito controlar o corpo, este perderá sua debilidade porque o espírito é forte. Como é obtido o controle espiritual do corpo? Por meio do Espírito Santo. Paulo diz claramente: “Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava

enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8:3, 4).

O *quinto dito* é a segunda oração. “*Meu Pai, se não é possível passar de Mim este cálice sem que Eu o beba, faça-se a Tua vontade*” (26:42). Esse é o dito do que não é possível, do que não se pode fazer porque não está em harmonia com a vontade de Deus. Deixar de tomar o cálice era um ato contrário ao que o Pai queria que Jesus cumprisse. Não deveria fazê-lo. Tinha que ir à cruz. Morrer nela. Completar Sua missão até as últimas consequências. Sua decisão já estava tomada, não podia ser alterada, porque a vontade de Deus é permanente, inalterável. “O mundo passa, e seus desejos, mas o que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1Jo 2:17). Assim foi para Jesus, e para cada cristão é assim. Quem quer permanecer para sempre, quem quer a vida eterna, deve fazer Sua vontade.

Depois desta segunda oração, voltou até onde estavam Seus três discípulos e os encontrou ainda dormindo. Já não os despertou. Retirou-Se para orar pela terceira vez. Mateus diz que repetiu o mesmo da segunda oração.

O *sexto dito* é a terceira oração. “*Meu Pai, se não é possível passar de Mim este cálice sem que Eu o beba, faça-se a Tua vontade*” (26:42). Esse é o dito da vontade espiritual. E não digo apenas vontade. Ninguém, só com a vontade, ou vontade própria, pode tomar a decisão que foi tomada por Jesus. A submissão da vontade humana à divina vontade, tem que ser obra do Espírito Santo ou não é possível. Por isso, qualquer cristão que deseje fazer a vontade de Deus, deve permitir a obra do Espírito Santo em sua mente, para que o transforme em uma nova pessoa. Por isso Davi dizia: “Ensine-me a fazer Sua vontade, porque você é meu Deus; Seu bom Espírito guie à terra de retidão” (Sl 143:10). Quando fazemos Sua vontade, reconhecemos que Ele é nosso Deus e não há outro Deus como Ele: reto e sábio, que ama o pecador e o salva; porque Sua vontade é para salvação e vida eterna. Uma pessoa que adora a Deus assim, cumprindo Sua

vontade, é feliz. “Agrada-me fazer a Tua vontade, ó Deus meu”, dizia Davi, “dentro do meu coração, está a Tua lei” (Sl 40:8).

O sétimo dito acontece quando Ele Se volta para os doze e lhes anuncia o que está para acontecer: “Ainda dormis e repousais! Eis que é chegada a hora, e o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos de pecadores. Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima” (26:45, 46). Esse é o dito da valentia espiritual. Jesus tinha tomado Sua decisão em harmonia com Deus e agora estava disposto a enfrentar o que viesse. Quando um cristão toma uma decisão em plena harmonia com o plano de Deus e Sua vontade, nada tem a temer. Não importa o que acontecer. Crise, angústia, traição, entrega de si à morte; não importa. O cristão espiritualmente valente enfrenta tudo.

É certo que os discípulos não estavam plenamente preparados para o que se seguiria, nem mesmo o entendiam; mas deviam enfrentá-lo. E Jesus os convidou para que o fizessem junto com Ele: “Levantem-se! vamos!”, disse. Se avançarmos com Jesus, embora não estejamos preparados para o que vier, Ele nos preparará. Avancemos sempre com fé. A fé nEle, ligada ao Seu poder, encontrará o caminho e a ousadia para cumprir Seus planos. Ao chegar a hora da crise, a enfrentaremos; preparados ou não.

O julgamento do Rei

Começa a crise redentora. Daqui até à cruz, nenhum de Seus antigos seguidores vê algo positivo. Só um desastre que ninguém deseja. Mas Jesus sabe muito bem o que está acontecendo. Não há desastre. Há redenção. A maior crise do cristianismo é uma crise redentora. E, daquele momento em diante, todas as crises que os cristãos enfrentarem, individualmente ou como igreja, terão o mesmo objetivo: dar testemunho. Cumprir a missão. Anunciar o evangelho por palavra e ação. Mateus relata o julgamento de Jesus com o objetivo de provar que Ele, na realidade, é Rei (Mt 26:47-27:31).

A prisão do Rei (26:47-56)

Buscaram-nO como a um rebelde ou bandido (26:55). Esse é o sentido do termo usado no original. Jesus não dirigiu nenhuma

insurreição. Não assaltou ninguém. A ninguém roubou nada, nunca. Jamais cometeu o menor dos pecados. Mas os que foram buscá-Lo eram todos mandados ou traidores. Essa classe de pessoas não precisa pensar. Só tem que fazer o que lhe mandam. Nada mais. É a chamada obediência cega. São moralmente responsáveis por seus atos? Ou responsáveis morais são os mandantes? Os dois. Ninguém pode se declarar moralmente irresponsável pelo que faz. É certo que a ordem superior os obriga. Mas existe um elemento simples que um Superior a todos os superiores colocou em cada ser humano. Chama-se livre-arbítrio. Cada um é livre para decidir suas próprias ações.

Quando uma pessoa faz algo, quer dizer que previamente o decidiu assim. Se não estivesse de acordo com a ordem de um superior, poderia rejeitá-la. Não é fácil. É preciso passar por cima de um treinamento muito pesado e estar disposta a enfrentar consequências, muitas vezes, terríveis. Mas o livre-arbítrio existe e tem que decidir. Na realidade, uma pessoa decide até quando não decide. Nesse caso, a decisão consiste em não decidir por si, e deixar que alguém decida em seu lugar. Aí a responsabilidade é compartilhada. Os mandantes e a turba que foi prender Jesus estavam nessa situação. A responsabilidade pela injustiça era compartilhada, solidária.

O sinal da traição (26:47-50)

A turba estava armada com espadas e paus. Ridículo! Prender o Rei do Universo com esse tipo de armas! Outra ironia: os líderes religiosos da nação tinham enviado a guarda do templo para prender o melhor Homem da nação. Deveriam enviá-la para protegê-Lo em Seu retiro espiritual. Estava com onze de Seus doze discípulos, pois o outro era traidor, e a noite poderia ser um momento perigoso para Ele. Inimigos da nação, soldados romanos, outros dominadores do império e bandidos comuns poderiam Lhe fazer dano. Isso era tão terrível como quando professos cristãos agem contra Cristo, na pessoa de Seus seguidores; sejam da mesma fé religiosa, ou de outra; da mesma igreja ou de outra.

Mais uma ironia: Judas tinha combinado com os guardas que ele identificaria Jesus com um beijo. Necessitavam que alguém lhes dissesse quem era Jesus? Não O tinham visto no templo naquela mesma

semana? Quem poderia confundi-Lo em qualquer grupo? Um beijo! O texto original diz: um beijo de profundo sentimento emocional. Acontece que o pensamento de Judas era o seguinte: “Se eu O entregar faço-Lhe um favor. Obrigo-O a fazer o que tem que fazer. Sou Seu amigo e O porei nas circunstâncias que O forçarão a agir como Rei, a tomar o comando, a anunciar oficialmente o estabelecimento de Seu Reino.” Sabia ou não sabia o que estava fazendo? Sabia e não sabia. Estava metido na mesma confusão que o diabo cria para cada ser humano ao qual deseja arrastar para a perdição. Quem ouve o demônio tem uma pequena babilônia dentro de si. A ela, une-se a grande babilônia usada pelo diabo para arrastar a sociedade. Era o que estava fazendo com Israel, naquele momento.

A maior ironia está nas palavras que Jesus dirige a Judas: “Amigo, para que vieste?” (26:50). Não se registra resposta de Judas. O que pode responder um traidor quando assume sua traição? Só silêncio e remorso. O sinal externo da traição foi um beijo. Mas o beijo não só identificou Jesus, mas também revelou a verdadeira identidade de Judas: era traidor. O sinal interno de um traidor é seu remorso. Tão forte o era em Judas que mais tarde foi e se enforcou.

O poder verdadeiro (26:51-56)

Os guardas do templo prenderam Jesus. Um de Seus discípulos não pôde suportar. Tirou uma espada e feriu o servo do sumo sacerdote. Começou pelo que estava mais próximo ao que deu a ordem de prisão. Não pretendia parar aí, por certo. Mas Jesus o deteve. O verdadeiro poder não está nas armas. Nem na manifestação de força ao estilo humano. Jesus usou o verdadeiro poder divino de duas formas: um milagre, restaurou a orelha do servo; e deixou que a profecia se cumprisse. Disse-lhe: “Acaso, pensas que não posso rogar a Meu Pai, e Ele Me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos? Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?” Segundo elas, deveria acontecer assim. E assim aconteceu.

Mateus diz que então todos os discípulos O abandonaram e fugiram. Perceberam que Jesus não faria nada para Se proteger e concluiram que tampouco faria nada para protegê-los. “Salve-se quem puder!”, pensaram. Eles só podiam fugir; e fugiram.

O Sinédrio julga o Filho de Deus (26:57-68)

Ficou sozinho e à mercê das injustiças do Sinédrio. Foi levado perante Caifás. Com Ele, estavam os dirigentes da nação. Pedro seguiu o grupo de longe. Não queria que o vissem, mas queria ver no que terminaria tudo aquilo. Entrou no pátio do sumo sacerdote e dissimuladamente se sentou com os guardas. Camuflado entre eles, era difícil que alguém o incomodasse. Não sabia que no grande conflito entre o bem e o mal é melhor fugir que camuflar-se. Aprendeu depois, e seu aprendizado foi muito doloroso.

Testemunhos falsos sem resposta (26:57-62)

O Sinédrio estava reunido. Começaram então a procurar testemunhas falsas para condenar Jesus. Geralmente, essa tarefa era relativamente fácil. Algum dinheiro e instrução para que a prova fosse montada, isso era tudo o que se necessitava. Candidatos também não faltavam. Desta vez, porém, não foi fácil. Não encontravam a prova contundente que O condenasse. Apareceram duas testemunhas e atestaram contra, informando que Jesus havia dito: “Posso destruir o templo de Deus e reconstruí-Lo em três dias.” Jesus nada respondeu. O sumo sacerdote insistia. Ele permanecia calado. Estranho enfrentamento. O máximo dirigente religioso da nação agindo contra Jesus. Além disso, agia quebrando os princípios básicos das leis judaicas sobre os processos judiciais. Todos revelavam uma hostilidade demasiadamente grande para realizar um julgamento justo.

Filho de Deus, Filho do Homem, Messias (26:63-68)

O sumo sacerdote e o Sinédrio quebraram vários regulamentos, entre os quais estavam os seguintes: 1) Os juízes tinham que realizar todo o processo durante a parte clara do dia, nunca de noite. 2) Nenhum julgamento podia ser realizado na véspera do sábado ou de uma festa religiosa. 3) Deveria haver espaço de pelo menos um dia entre o julgamento e o pronunciamento da sentença. 4) O Sinédrio não devia se reunir no palácio do sumo sacerdote. 5) Não poderiam ser aceitas falsas testemunhas. Se uma falsa testemunha se apresentasse em caso de pena capital, ficava sujeita à pena

de morte. 6) Nenhuma evidência de testemunha com testemunho incoerente poderia ser aceita.

O sumo sacerdote sabia que, aceitando testemunhas falsas, estava agindo de maneira ilegal. Por isso, tentou outro tipo de acusação: blasfêmia. “Eu te conjuro pelo Deus vivo”, disse a Jesus, “que nos digas se Tu és o Cristo, o Filho de Deus.” Era isso o que importava. Este era todo o problema deles. Não O aceitavam como Messias. O Messias que eles esperavam foi idealizado com seus ensinamentos desviados das Escrituras e era diferente de Jesus. O Messias, na personalidade de Jesus, era pacífico, bondoso, misericordioso, e descrevia o Reino dos Céus como um reino espiritual para pessoas espirituais que abandonassem o pecado. Não pretendia destruir o Império Romano, nem queria um reino humano universal. No conceito deles, Jesus não podia ser o Messias.

A resposta de Jesus foi calma, sem ostentação, simples, objetiva, completa: “Tu o disseste”, respondeu-lhe. “Entretanto, Eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (26:64). “Blasfemou!”, apressou-se a dizer o sumo sacerdote, esquecendo-se, em sua ansiedade por condená-Lo, de que não podia pronunciar sentença imediatamente. Tinha que esperar quarenta e oito horas, caso a sentença fosse justa. Mas como era injusta, que diferença faria o tempo? Além disso, a ordem era condená-Lo antes da Páscoa. E rasgou os vestidos, coisa que nunca poderia fazer. Submeteu a acusação à decisão do Sinédrio, imediatamente, o que também era ilegal. “Merece a morte”, sentenciaram os membros do tribunal. E começaram a ultrajá-Lo, a castigá-Lo e a escarnecer dEle. Nada disso foi feito dentro da legalidade. “Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que Te bateu!” E Mateus usa o julgamento que O condena para proclamá-Lo Messias. Primeiramente, usa as palavras do sumo sacerdote, quando perguntou: “És o Cristo?” Depois, usa as de Jesus, quando respondeu: “Tu o disseste”. E acrescentou que o Filho do Homem Se sentaria à direita do Todo-poderoso e voltaria nas nuvens dos céus. Finalmente, as palavras do Sinédrio quando lhe dizem: “Cristo, adivinha!” Não era necessário, e não o fez: sabia de tudo.

Negação, traição e arrependimento (26:69-27:10)

Mateus junta dois relatos sobre o mesmo tema: Traição. Os discípulos não estão livres dessa tentação. Quando alguém próximo a Jesus passa por crise de compreensão ou de perseguição pode entrar na traição e na apostasia. Mateus conta o que aconteceu a Pedro e o que aconteceu a Judas. Dois delitos parecidos com resultados diferentes. Um se arrepende, o outro se enforca. Por que um seguiu o caminho do arrependimento e o outro não?

As negações da covardia (26:69-75)

Pedro negou Seu Mestre três vezes. Tinha prometido não fazê-lo, mas o fez. Aconteceu da seguinte maneira:

Primeira negação: negar a relação com Jesus. Pedro se encontrava no pátio onde estavam os guardas e os servos. Seguro de não ser incomodado por ninguém, acompanhava o desenvolvimento do julgamento. De repente, uma criada se aproximou dele e lhe disse: “Você também estava com Jesus da Galileia.” Pedro, que não esperava falar com ninguém, surpreendeu-se. A surpresa lhe tirou o controle de si mesmo e quase sem pensar, só para se proteger, respondeu-lhe: “Não sei do que você está falando.” Ou seja: “Se eu não sei, você tampouco. Você não pode saber mais a respeito de mim que eu mesmo. Eu não tenho nenhuma relação com você: não a conheço, você não me conhece; nada sabe de mim. O que diz não tem sentido algum.” Falou com pressa, mas seguro. Perante uma pessoa segura do que diz, as outras vacilam. A mulher silenciou.

Pedro tinha escapado da acusação e do possível perigo que sua associação com Jesus pudesse lhe trazer. Não sabia bem por que, mas, por via das dúvidas, era melhor não se identificar com Ele. Essa é uma tentação comum. Quase todos os cristãos a têm enfrentado e tomam o mesmo caminho de Pedro: Ocultar sua vivência com Jesus.

Segunda negação: negar a pessoa de Jesus. Pedro sentiu que o lugar onde estava não era seguro. Foi para junto da porta de saída, e se sentiu mais seguro. Não sabia que o risco era o mesmo. Sua segurança não dependia do lugar onde estivesse naquela noite, mas do lugar onde estivera durante os últimos três anos. Ele não podia

apagar isso de sua vida, embora quisesse. Outra criada, menos discreta que a anterior, ao vê-lo, disse a todos os que estavam ali: “Este homem estava com Jesus de Nazaré.” A mulher não se referiu a um simples estar ao lado do outro, como quando estamos na multidão ou em lugar público e há outras pessoas ao redor. Referiu-se a estar com outro por companhia e amizade. “Você é amigo dEle.”

O que para um cristão deveria ser o maior louvor da vida, para Pedro se tornou um perigo. “Não conheço esse homem”, disse. Como ser amigo dEle? Ninguém é amigo de um desconhecido. Mas não é normal tratar um amigo como se fosse desconhecido. Pedro fez algo pior ainda. Jurou não conhecê-Lo. Dessa vez, sua tentativa de estabelecer separação entre ele e Jesus foi maior. Por que Pedro? O que você esperava ganhar ignorando-O, dizendo que não O conhecia, quando na realidade você O conhecia muito bem? Será que verdadeiramente desejava expulsá-lo de sua vida? Eu sei que não. E sei bem, porque não estava no meio dos fatos, como você estava naquele instante. Estou em seu futuro. Sei o que aconteceu depois. Mas continua acontecendo a mesma coisa e a muitos de nós acontece em nosso presente, sem que nada saibamos do futuro. Sua experiência, Pedro, se mostrou muito útil para nós. Não queríamos negá-Lo nunca, mas quem pode dizer: eu nunca Te negarei, Senhor? Você o disse e não valeu nada, aparentemente. Iguamente O negou.

Por outro lado, me pergunto: Será que não havia algo de verdade em suas palavras, quando disse: “Juro que não O conheço?” Sabe por que digo isso? Porque na realidade havia muitas coisas de Jesus que Pedro só conhecia de maneira muito parcial. Até esse instante, ainda pensava que Ele era um rei ao estilo dos reis humanos. Ainda não captara a dimensão espiritual de Seu Reino. Ainda esperava, contra toda esperança, que Ele tomasse o reino de Israel. Aí sim, você diria que O conhecia, que foi Seu amigo, que tinha estado com Ele e que Ele lhe havia tratado com mais intimidade do que a quase todos os outros discípulos.

Por que disse que não O conhecia? Pela honestidade de aceitar que ainda havia muitas coisas dEle que você não conhecia ou

conhecia muito mal? Não creio. Você tinha começado a trilhar o atalho da traição e a traição nunca é honesta. Medo, Pedro? É possível. Deixar de conhecê-Lo ou tratá-Lo como estranho por medo das pessoas é muito terrível. Assusta, só pensar. Mas meu medo é outro: Medo da separação. Não quereria sequer me sentir separado dEle. Muito menos, estar separado de fato. Mas, Pedro, não é verdade que falar é fácil? Fazê-lo é outra coisa, não é?

Terceira negação: negar a igreja. Para ouvir a mulher, as pessoas que ali se encontravam aproximaram-se de Pedro e lhe disseram: “Verdadeiramente, és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia.” Seu sotaque é galileu. Além disso, você não blasfema nem diz más palavras, não insulta ninguém, não recrimina.” É certo que contradisse à mulher, mas não havia nenhuma ofensa em suas palavras. Não a ofendeu nem a condenou. “Você fala como um de Seus discípulos; é um deles.” Pedro, então, desceu ao nível de seus acusadores. Começou a dizer maldições e a agir como eles para que não pensassem que pertencia à igreja de Cristo. Jurou que não O conhecia. Porém, as más palavras que disse eram só remendos sujos em sua boca limpa. Não eram dali. Pedro era um produto não acabado ainda, mas era um produto das mãos divinas. Como todos os cristãos. E “Aquele que começou em vós a boa obra”, diz Paulo, “a aperfeiçoará até o dia de Jesus Cristo” (Fp 1:6).

O arrependimento. No momento em que Pedro, pela terceira vez, disse: “Não conheço esse homem”, o galo cantou. Lucas diz que Jesus o olhou, e Pedro, lembrando-se do que lhe dissera fazia tão pouco tempo, sentiu profundo e genuíno arrependimento. Saindo dali, chorou amargamente.



27 “Está Consumado”

Remorso de uma traição (27:1-10)

O final de Judas foi muito diferente. Já tinha amanhecido a sexta-feira quando Judas foi informado de que Jesus fora condenado pelo Sinédrio e, segundo o costume, foi a Pilatos para que este confirmasse a condenação.

Sentiu remorso. Mas não se arrependeu. O arrependimento é uma mudança das decisões mal tomadas que afeta as ações, as quais, daí em diante, tornam-se retas. Por outro lado, o remorso só afeta as emoções. Nesse caso, não há mudança de conduta; esta segue na mesma direção do mal já iniciado. Só há angústia pelas consequências que possam vir. Judas sentiu que seu plano de forçar Jesus a implantar Seu Reino tinha fracassado. Percebeu que na realidade O matariam. E a culpa era toda dele. Foi aos chefes dos sacerdotes para lhes devolver as trinta moedas, possivelmente, esperando que eles desfizessem o negócio que tinham feito. Mas eles já tinham alcançado seu propósito. Não voltariam atrás só porque ele estava emocionalmente destruído. Quando Judas lhes disse: “pequei, traindo sangue inocente”, responderam-lhe: “que nos importa?” Dane-se você! Isso colocou Judas em uma depressão muito profunda. Lançou o dinheiro no santuário. Foi, e se enforcou. Ficou pendurado em uma árvore junto ao caminho e, depois, os cães devoraram seu corpo.

O monumento da culpa: um cemitério. O cinismo manifestado pelos sacerdotes em sua conversa com Judas sobre o Inocente se tornou legalismo, ao administrar as trinta moedas do Judas. Não quiseram colocá-las na arca das oferendas, porque, sendo preço de sangue, poluiria o tesouro do templo. Resolveram usá-las em uma obra de caridade pública. Contudo, não podia ser algo que beneficiasse os judeus, pois eles acabariam se poluindo; e, como sacerdotes, não podiam promover nenhuma impureza legal, para ninguém. Sem querer, fizeram um monumento de morte para a culpa. Compraram o Campo do Oleiro e fizeram um cemitério para sepultar estrangeiros. Trocou de nome. “Campo de Sangue” ficou mais apropriado para a sabedoria popular que, muitas vezes, perpetua certos nomes, contrariando os poderosos. Mateus diz que desta maneira se cumpriu o dito pelo profeta Jeremias: “Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi estimado Aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram; e as deram pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor” (Mt 27:9, 10).

Por que Pedro seguiu o caminho do arrependimento, e Judas não? Pedro havia cometido enganos, mas pouco a pouco estava crescendo em Cristo. Não tinha rejeitado o Espírito Santo e Ele ainda trabalhava nele. Conduziu-o ao arrependimento como outro passo nessa tendência de crescimento em Cristo. Judas escolheu caminho contrário. Pouco a pouco tinha desenvolvido uma tendência para a rejeição de Jesus. Concentrou-se em si mesmo, tinha visto todas as coisas com suas próprias paixões e justificava todo o mal que fazia como se fosse uma contribuição à causa de Jesus, como ele imaginava. Rejeitara o Espírito Santo e Ele já não podia guiá-lo ao arrependimento. Sozinho com sua culpa, não teve outra escapatória, caiu na autocondenação e se enforcou.

Julgamento perante Pilatos (27:11-31)

Jesus foi levado perante Pilatos, para que ele o ouvisse e ditasse a sentença de morte. Os dirigentes de Israel agiam como delatores ou acusadores. Seu tribunal não tinha atribuições para ditar uma sentença com pena capital. Mas Pilatos, no relato de Mateus, quase não escuta

o que Jesus fala; só uma curta frase. Jesus aparece como uma figura tão majestosa, que os verdadeiros processados são Pilatos e o povo.

É você o Rei? (27:11-14)

Mateus registra duas perguntas que Pilatos fez a Jesus. Nelas, aparece sua clara intenção de produzir uma decisão política, em lugar de uma decisão justa. Era o que as autoridades judaicas desejavam.

A Pilatos não importava muito a vida ou a morte de um prisioneiro. Interessava-se mais em sua própria tranquilidade, que foi alterada muito cedo naquele dia pela chegada dos líderes judeus com seu prisioneiro, e a imagem de seu governo. De caráter débil e vacilante, gostava de camuflar suas debilidades com decisões apressadas e expeditas. Muito frequentemente, injustas. Isso era o que desejava fazer naquela manhã. Mas, ao ver o prisioneiro, sentiu uma espécie de impacto positivo. Nunca tinha visto um homem semelhante, sem marcas de ciúme algum no semblante. Com olhar sereno e tranquilo. Seu porte tão nobre refletia a majestade digna de um rei. Ficou como encandeado por uma potente luz que penetrou em seus olhos não habituados a ver o bem.

“É você o rei dos judeus?”, indagou. No ambiente frio do tribunal, sua primeira pergunta, devido à vacilação natural de seu caráter, acentuada pela surpresa, ressoou quase como um reconhecimento. Quando perguntou: “É você o rei dos judeus?”, as autoridades judias se alarmaram. Não queriam interrogatório. Não tinham provas. Se Pilatos perguntasse muito, descobriria suas maquinações. E quem sabe que sentença daria? Guardaram assustado silêncio, esperando que a resposta de Jesus lhes permitisse aumentar suas acusações de rebelião contra Roma e conseguir que O condenasse por delito de lesa-majestade, cuja pena era a crucificação.

“Tu o dizes”, respondeu Jesus. Foi tudo o que disse no processo inteiro. Era uma pergunta sobre Seu messianismo e a respondeu positivamente. Só respondeu a esse tipo de pergunta em todos os interrogatórios a que foi submetido perante Caifás, Pilatos e Herodes. Sua resposta sem complicações nem ansiedades, como quem afirma uma verdade tão evidente que ninguém pode duvidar,

se impôs na mente de Pilatos como uma realidade indisputável. Os dirigentes judeus notaram isso e, desordenadamente, aumentaram as acusações: Rebelião, blasfêmia, usurpação do título de rei. Jesus não disse nada. O silêncio perante qualquer calúnia foi e ainda é Sua melhor resposta. Por que as pessoas se defendem tanto quando são caluniadas? Será por escutarem alguma verdade que tentam esconder? Se o que se diz for verdade, mais cedo ou mais tarde virá à luz. Nada se ganha em ocultá-la. Se não for verdade, a mentira também será descoberta, às vezes, mais claramente que a verdade. Nos dois casos, o silêncio é a melhor resposta.

Pilatos não podia crer. “Não ouve o que dizem contra Ti?”, perguntou. Jesus não disse nada. E Pilatos ia de assombro em assombro. Não sabia o que fazer. Condená-Lo por quê? Qual era o delito que O condenava? Havia pessoas O acusando, mas, em um julgamento, isso não é suficiente. Tem que haver uma falta, um crime que a lei condene. “Este não é o caso”, pensava Pilatos. Que faço? De repente, lhe ocorreu uma ideia e a pôs em prática imediatamente. Deixaria a decisão nas mãos do povo.

Barrabás ou Jesus, o Cristo? (27:15-23)

Cada ano, na festa da Páscoa, era costume soltar um prisioneiro, segundo a vontade do povo. Geralmente, eram prisioneiros políticos, cujos delitos sempre estavam acompanhados de outros crimes contra as autoridades romanas ou contra pessoas que eram favoráveis ao Império. Naquela Páscoa específica, havia um prisioneiro famoso. Chamava-se Barrabás. Estava sentenciado à morte. Seu delito: tinha-se proclamado Messias com poder suficiente para controlar o mundo e estabelecer uma nova ordem. Reunira um grupo de simpatizantes que o seguiram cegamente em sua rebelião contra o governo romano. Na verdade, era um bandido que manipulava os sentimentos religiosos do povo para executar suas maldades. “Esta é a solução”, voltou a pensar Pilatos. “Vou deixá-los escolher entre Jesus, o Messias, e Barrabás.”

Movia-se entre essas vacilações, quando entrou no tribunal um mensageiro com uma carta de sua esposa. Era o resultado de um so-

nho que ela tivera. Nesse sonho, viu um anjo conversando com Jesus e logo esse anjo a visitou. “A mulher de Pilatos não era judia, mas ao olhar a Jesus, durante o sonho, não tivera dúvidas de Seu caráter e missão. Sabia ser Ele o Príncipe de Deus. Contemplou-O em julgamento no tribunal. Viu-Lhe as mãos estreitamente ligadas como as de um criminoso. Viu Herodes e seus soldados praticando sua terrível ação. Ouviu os sacerdotes e príncipes, cheios de inveja e perversidade, acusando furiosamente. Ouviu as palavras: ‘Nós temos uma lei, e, segundo a nossa lei, deve morrer.’ João 19:7. Viu Pilatos entregar Jesus aos açoites, depois de haver declarado: ‘Não acho nEle crime algum.’ Ouviu a condenação pronunciada por Pilatos, e viu-o entregar Cristo a Seus matadores. Viu a cruz erguida no Calvário. Viu a Terra envolta em trevas, e ouviu o misterioso brado: ‘Está consumado.’ João 19:30. Ainda outra cena se lhe deparou ao olhar. Viu Cristo sentado sobre uma grande nuvem branca, enquanto a Terra vacilava no espaço e Seus assassinos fugiam da presença de Sua glória. Com um grito de terror despertou ela, e escreveu imediatamente a Pilatos palavras de advertência” (DTN, p. 732).

“Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por Seu respeito” (27:19), foi a mensagem enviada a Pilatos. Os sacerdotes e dirigentes do povo continuaram instigando a população. Pilatos se viu obrigado a perguntar ao povo: “A qual dos dois querem que lhes solte, a Cristo ou a Barrabás? A Barrabás, gritou a multidão.” Não havia dúvida. Preferiam os reinos deste mundo. “E o que vou fazer com Jesus, o Cristo?”, novamente perguntou Pilatos. A multidão disse: “Crucifica-O!” “Por qual crime?”, voltou a perguntar, já angustiado pelo terrível curso que tomavam os acontecimentos. “Crucifica-O! Crucifica-O!”, seguia gritando a multidão descontrolada.

Entregou-O para ser crucificado (27:24-26)

Um tumulto começou a se formar, e isso preocupou mais a Pilatos que o próprio julgamento. Não podia permitir que, como resultado de sua própria ação, se formasse uma revolta ali mesmo no palácio do tribunal. Se uma notícia dessa natureza chegasse a

Roma, haveria consequências políticas muito graves para ele. Voltou para a decisão política. Pediu água e lavou as mãos, num gesto inútil. Estava sujando as mãos com o sangue do Justo, o verdadeiro Rei do Universo, e a água não lava essa mancha. O pior era que ele sabia o crime que estava cometendo. “Sou inocente do sangue deste Justo!” Sentenciou.

Ao proferir a sentença sobre si mesmo, declarou que, na realidade, o réu não era Jesus, mas ele. Só que se atribuiu uma prerrogativa que não tinha: a de juiz sobre si mesmo. Quem determina a inocência ou a culpabilidade de cada ser humano é Cristo, e Pilatos estava a ponto de entregar o Juiz de toda a Terra. O povo fez o mesmo, usurpou a atribuição de julgar-se a si mesmo. Só que não se declarou inocente. Declarou-se superior. “Que Seu sangue caia sobre nós e nossos filhos!”, gritaram as pessoas.

Toda aquela geração de judeus pagará seu crime no tribunal de Deus. Fizeram-se superiores ao Messias, superiores ao Rei, agindo como se dissessem: “Sabemos o que estamos fazendo. Nada nos acontecerá. Sua morte não é injustiça alguma e nós assim o determinamos.” Soa familiar, muito próximo a cada pessoa humana. O julgamento por nós emitido é correto porque nós o emitimos. Podemos condenar a qualquer um e está bem. Mas o bem não está conosco, os humanos. Em nós reside o mal e, a menos que entreguemos nosso critério de julgamento à condução do Espírito Santo, não podemos fugir dele.

Pilatos soltou Barrabás e mandou que os soldados açoitassem Jesus, o Messias. Foram desumanos. Depois O entregou para que O crucificassem. Em momento algum pronunciou a sentença. O mais perto que esteve de proferir a sentença a respeito dEle, foi quando disse: “Não vejo neste homem crime algum” (Lc 23:4). Na verdade, não tinha nenhum delito, e era o Rei.

A crucifixão do Rei (27:27-44)

A crucifixão não foi um castigo. Jesus não foi condenado pelos romanos. E alguém sem delito não pode receber castigo. Mas houve algo tácito, uma vontade invisível, que, sem violar o livre-arbítrio de

ninguém (pois eles queriam fazer o que fizeram), dirigiu as decisões de todos os que participaram da crucificação. Era a vontade de quem não emitia palavras, mas transmitia poder. Não O arrastaram à cruz, Ele foi a ela para cumprir a missão que O trouxe ao mundo. Não O mataram, Ele deu Sua vida em resgate por muitos. Mateus relata esses acontecimentos de maneira direta e com grande economia de palavras. Utiliza somente aquelas necessárias para mostrar que crucificaram o Messias Rei (Mt 27:32-66).

Em três episódios, Mateus relata a crucifixão. As pessoas no pretório: a zombaria dos soldados. O outro no Gólgota, onde O crucificaram. E o terceiro quando já estava crucificado: Novas zombarias e insultos dos soldados e das pessoas.

A brincadeira dos soldados (27:27-31)

As pessoas inferiores na escala do poder imperial estavam acostumadas a ser duras, intransigentes e cruéis. Nem sempre, mas muito frequentemente sim. Os soldados levaram Cristo ao pretório. Tinham autorização de Pilatos para açoitá-Lo. “Por que não nos divertirmos um pouco?”, pensaram. Reuniram toda a tropa e O rodearam. Jesus no meio. E começaram a festa. Primeiro, O despiram. Não sei com que intenção. Talvez, só para colocar o manto escarlate sobre Seus ombros. Mas não creio. Se isso era tudo o que desejavam, bem poderiam haver colocado esse manto sobre as roupas que Ele usava. Não era suficiente. Nu, era um espetáculo de maior ridículo. Seu corpo sem nada e a turba de soldados romanos acostumados às atitudes mais grotescas da família humana era algo extremamente repulsivo. Sua falta de consideração por outros era conhecida em todo o Império. As pessoas os temiam, e com razão. Queriam escarnecer de Jesus e usariam todos os seus recursos para que a brincadeira fosse superlativa.

Depois de colocar o manto real sobre Seu corpo, puseram-Lhe uma coroa de espinhos, feita por eles ali mesmo. Um cano qualquer lhes serviu de cetro para o grotesco disfarce real que estavam construindo. Puseram-no em Sua mão direita. Estava preparado. O Rei, em traje completo, estava diante deles e eles se declararam Seus súditos.

Ajoelharam-se diante dEle. “Salve o rei dos judeus!”, zombavam. Ignoravam que estavam dizendo a verdade. Se soubessem que era realmente o Rei, em vez de escarnecer, teriam experimentado pânico jamais sentido em todas as suas batalhas. Mas ali estavam, ditosos em sua ignorância, cruéis em seu poder inferior, atrozes em seu deleite. Cuspiam nEle e O golpeavam. Escarneciam dEle. E Ele permanecia calado. Como não perceberam que esse silêncio era o mistério do desconhecido, a maior de todas as grandezas conhecidas por eles, do Sublime, o Divino? Quando saciaram o constante apetite faminto de crueldade e agressão, O vestiram de novo com as Suas próprias roupas e foram com Ele para o “Lugar da Caveira”.

E O crucificaram (27:32-38)

Não se sabe bem o caminho que seguiram. Não importa. Sabemos bem o que aconteceu. Junto à crueldade humana há sempre um pouco de bondade. No caminho, encontraram um homem simples chamado Simão. Um estrangeiro de Cirene, cidade da Líbia, na África. O que fazia em Jerusalém? Possivelmente era um peregrino judeu que estava ali para a festa da Páscoa. Havia uma importante sinagoga em Cirene. Os soldados o obrigaram a levar a cruz de Jesus. Ele, sem resistir, carregou. Evidentemente, depois se converteu, porque seus filhos, Alexandre e Rufo, se tornaram importantes para a igreja cristã (Mc 15:21).

Quando chegaram ao Gólgota, deram-Lhe uma bebida, mistura de vinho (não vinagre) com fel para entorpecer Seus sentidos e assim aliviar Seus sofrimentos. Mas Jesus estava em uma missão para a qual necessitava de todos os Seus sentidos em pleno funcionamento. Tampouco veio para não sofrer, o sofrimento pelos pecadores era parte da missão e devia cumpri-la até à morte. Não tomou. Em relação a isso, também havia uma profecia messiânica, que dizia: “Por alimento Me deram fel e na Minha sede Me deram a beber vinagre” (Sl 69:21).

Ao Jesus rejeitar entregar-lhes o controle de Sua vontade, Seus algozes O crucificaram. Ele mesmo controlava todas as Suas faculdades. Poderia ter evitado a crucifixão se assim tivesse desejado.

Mas o que queria era a salvação dos seres humanos e tudo o que fazia tinha esse objetivo. Estava ali como verdadeiro substituto dos pecadores, em um ambiente de pecadores e sob o escárnio dos pecadores. Nada fez contra nenhum deles, por eles deu Seu corpo e Seu sangue, Sua vida deu por eles.

Roma atestou que Jesus era o Rei. Primeiro, os soldados repartiram entre si os Seus vestidos e sortearam Seu manto entre eles, sem perceberem que assim cumpriram o que as Escrituras diziam: “Repartiram entre si Meus vestidos e sobre Minha roupa lançaram sortes” (Sl 22:18). Segundo, colocaram um letreiro sobre a Sua cabeça que explicava a causa de Sua crucifixão: “Este é Jesus, o Rei dos judeus”. Terceiro, crucificaram dois bandidos com Ele; um à direita, o outro à esquerda. Como se fosse o chefe de um bando, O colocaram ao centro. E era o chefe; não de bandidos, mas do Reino dos Céus e de todos os reinos. Rei dos reis e Senhor dos senhores. Isaías, falando do Messias, profetizara que quando derramasse Sua vida até à morte seria “contado com os pecadores” (Is 53:12). Ao colocarem os dois bandidos ao Seu lado, identificaram Jesus com o Messias.

Injúrias, brincadeiras e insultos (27:39-44)

Depois, Mateus apresenta o desfile da humanidade pecadora, em sua macabra marcha de críticas e brincadeiras, de baixas paixões e rancores, de intrigas e injúrias, de insultos e desprezos, de recriminações e absurdas condenações, como se o melhor que pudessem fazer pelos outros fosse expor suas próprias maldades e misérias.

Os que passavam pelo caminho, representando todos os homens e mulheres comuns de toda a sociedade humana, meneando a cabeça, blasfemavam contra Ele. “Salva-Te a Ti mesmo!”, diziam. “Se És o Filho de Deus, desce da cruz.” E todos eram religiosos, cidadãos de Israel, membros do povo de Deus! Como não podiam ter um pouco de respeito por uma pessoa em sofrimento? Não digo afeto espiritual, que na verdade deveria existir em toda pessoa religiosa, de qualquer credo, muito mais em membros formais do povo de Deus. Refiro-me ao afeto natural de um ser humano por outro quando o vê sofrendo. Isso eles não tinham. Quanto necessitamos

de Jesus: de Seu amor, Sua compaixão, Sua força e Seu poder espiritual para nos salvar!

Os *chefes dos sacerdotes*, com os mestres da lei e os anciãos governantes, representando todos os líderes do mundo, religiosos e políticos, escarneciam de Cristo, ridicularizando-O. Da mesma forma como, muitas vezes, os governantes pensam que o pensamento religioso é um modo inferior de pensar, ridículo e sem utilidade para os homens de governo. Alguns até chegam a pensar que religiosos, cristãos honestos e sinceros, não servem para tarefas de governo. Pensam que só os livres pensadores são úteis para dirigir o povo. Pensam que os liberais não aceitam ser controlados por instituições; que os homens e mulheres de mente secularizada e humanista só servem à necessidade humana daqui e agora.

Até mesmo alguns dirigentes religiosos chegam a pensar do mesmo modo, quando procuram indivíduos para a liderança das igrejas. Têm que ser pessoas de mente aberta ao diálogo e ao sincretismo; que pensem e que coloquem o ser humano no centro de suas decisões, que vivam para a sociedade humana e sempre deem espaço a maior pluralidade ideológica e doutrinária possível. Na verdade, que tenham a mente livre de todo dogmatismo doutrinário e moral; devendo adaptar tudo às circunstâncias presentes e ao ambiente humano-cultural que nos rodeia. Ser muito religioso neste tempo, pensam, é inapropriado e ridículo.

“Salvou os outros”, continuaram dizendo os líderes, “mas não pode salvar a Si mesmo.” E é o Rei de Israel! “Que desça agora da cruz e creremos nEle.” Apesar de seu cinismo, sem querer, O proclamavam Rei, porque, se eles não falassem, até as pedras poderiam fazê-lo. “Confiou em Deus, pois venha livrá-Lo agora, se, de fato, Lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus.” Com essa forma de falar de Deus, não só escarneciam de Jesus, mas também ridicularizavam o Todo-poderoso Deus universal. E eles se diziam líderes religiosos do povo de Deus!

Também estavam ali os dois bandidos. Tomara houvesse só dois bandidos no mundo! “E os mesmos impérios diziam também os ladrões que haviam sido crucificados com Ele!” “E por que não?”,

diriam eles. “Acaso não o fazem os que são muito melhores que nós? Se os bons de nossa sociedade zombam da religião, ou são indiferentes a ela; se os mais religiosos tomam a religião levianamente; se os mesmos que se chamam cristãos, põem em ridículo o cristianismo com o estilo de vida que levam, devem ter alguma razão pra isso. E com essa razão nós também estamos.” Depois de tudo, ser bandido ativo ou passivo, bandidos que ocultam suas maldades, mas não deixam de fazê-las, dá no mesmo. Não é assim?

A *humanidade inteira* estava ali para zombar. O lugar que, na verdade, lhes pertencia era a cruz. Ali deveriam estar todos os pecadores de todos os tempos; não para zombar, mas para pagar, com a morte, todos os pecados. Contudo, mesmo morrendo, não poderíamos pagá-los; essa morte teria sido apenas nosso castigo. E nesse caso, ao morrer por nossos pecados, não voltaríamos para a vida, nunca mais. Teria sido o fim de tudo e de todos, porque todos somos pecadores. Jesus estava na cruz ocupando o lugar de todos os pecadores, inclusive dos inimigos que falavam contra Ele naquele dia. Deixou-Se crucificar para morrer por eles, para perdoar todos os seus pecados, inclusive a zombaria, para salvá-los; e com eles, a todos nós pecadores modernos, sofisticados e soberbos, que até chegamos a pensar que o pecado não existe. Pode ser que exista na sociedade, dizem alguns, mas não nos indivíduos. Os indivíduos só são vítimas do pecado social, que pode ser eliminado trocando as regras de jogo e dando liberdade a cada um para que viva em harmonia com as suas próprias regras. Nada sabem. O pecado é rebelião pessoal contra Deus e todos somos rebeldes. Seu próprio conceito de pecado o confirma. Transferimos a culpa para a sociedade, mas esse gesto não liberta ninguém do pecado. Apenas confirma sua existência. O único modo de nos libertarmos dele é transferi-lo a Cristo. Ele sim, assimilou-o como sendo Seu e foi à cruz com ele.

A morte do Rei (27:45-66)

Mateus conta como foi a morte do Rei. Poderiam matá-Lo? Não, ninguém O matou. Tudo estava sob controle durante todo o processo de julgamento, a viagem para o calvário e durante a crucifixão.

Só se fez o que Ele permitiu e, quando chegou a hora de Sua morte, não morreu por causa da cruz, nem por causa da lança, nem pelo sofrimento. Morreu porque Ele entregou o Seu espírito.

Escureceu-se a Terra. Do meio-dia até às três horas da tarde houve trevas. Um poder superior ao Sol ali estava. Não era o poder das trevas. Era o poder que, quando manda, até o mal e as trevas obedecem. Não era um eclipse. Os cálculos astronômicos testemunham sua inexistência. Além disso, acabava de haver lua cheia. Era uma escuridão sobrenatural produzida pelo dedo de Deus. Seu poder ali estava. Com Ele, estava também o interesse de todos os anjos, de todos os seres existentes no Céu e no Universo inteiro. A provisão pelo pecado, que estava acontecendo na cruz, afetou os seres humanos e o governo universal de Deus, no mesmo grau que a rebelião maligna de Lúcifer, quando introduziu o pecado no Universo perfeito de Deus, mas de um modo oposto. Lúcifer introduziu o pecado e a culpa, Cristo, por meio de Sua morte na cruz, proveu a maneira de eliminar a culpa e o pecado.

Por que Me deixaste sozinho? Às três horas da tarde, Jesus, com voz potente, exclamou: “Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?” Não fez essa pergunta com o objetivo de saber algo que não saiba. Não expressou Sua dor para recriminar a Deus por haver-Se desentendido com Ele. Disse isso para que se cumprisse a profecia (Sl 22:1) e para que todos, de então e de sempre, pudessem saber que também tinha cumprido a profecia de Isaías. Anunciara que devia pisar o lagar sozinho, e sozinho salpicar-Se com o sangue que salva os redimidos (Is 63:3, 4).

Os escarnecedores ainda estavam ali e estarão sempre perto. “Está chamando por Elias”, disseram. Mas em meio aos zombadores geralmente há pessoas de boa vontade. Nem tudo é ruim. Ainda há seres humanos com misericórdia em seu íntimo. Um que ali estava interpretou a exclamação como forma de expressar Sua dor e procurou uma esponja com vinagre, para ajudá-Lo a suportar o sofrimento. Outros interferiram em sua boa ação. “Deixe-o!”, protestaram, “vejamos se Elias vem salvá-Lo.” Não era salvação para Si o que Jesus queria, mas salvação para os outros. E para assegurá-la

definitivamente, repetiu Sua exclamação, com voz muito alta, e entregou Seu espírito.

Tinha morrido. Aparentemente a maior vitória de Satanás, na realidade, foi sua maior derrota. Ele teria obtido vitória, se Jesus tivesse pecado. Mas nunca pecou. Manteve-Se em ligação permanente com o Pai. Jamais agiu independente. Nunca um pensamento rebelde. Nunca uma atitude contrária aos planos redentores da divindade. Sempre agiu em comunhão o Pai. No entanto, permaneceu sozinho no momento de entregar a vida pelos pecadores. Por quê? Porque se esse ato não fosse completamente voluntário, tratá-Lo como pecador, deixando-O morrer, sem que nunca tivesse pecado, só para beneficiar os que sempre pecaram, teria sido grande injustiça. Mas como foi um ato completamente voluntário de Jesus, Sua morte, em lugar de ser injustiça, foi um presente de amor para todos os que, por fé em Cristo, O aceitarem.

Este era o Filho de Deus (27:51-56)

As consequências de Sua morte começaram a ser produzidas imediatamente. Afetaram o passado, presente e futuro da raça humana.

Efeitos no presente e o passado. No santuário, o sacerdote estava preparado para realizar o sacrifício da tarde. Acontecia invariavelmente cada dia às três da tarde. Eram três horas, quando Jesus entregou o espírito. O sacrifício diário verdadeiro, desta vez o verdadeiro cordeiro pascal, tinha morrido no Calvário. Já não era necessário sacrificar nenhum cordeiro simbólico. No templo, o véu, que separava o lugar santo do lugar santíssimo se rasgou em dois, de alto a baixo. Criou-se uma comoção.

Desde a construção do tabernáculo, no deserto, e depois, através de todos os anos de adoração no templo, até esse momento, ninguém jamais tinha visto o lugar santíssimo, salvo o sumo sacerdote, que entrava sozinho uma vez por ano no dia da expiação anual. Ninguém havia sequer tentado olhá-lo. Se alguém fizesse isso, teria morte certa, instantânea. Naquele momento, tudo ficou visível e ninguém morreu. Assombro! Todos ficaram espantados. O sacerdote, preparado para sacrificar o cordeiro, ficou paralisado

e o cordeiro escapou. Não houve sacrifício. O presente do templo sofreu a maior transformação de toda a sua história e ninguém pôde evitá-la. Isto afetou seu passado também. Tinha chegado a seu fim não só como tempo, e sempre acontece assim quando o presente chega; tinha chegado a seu fim como conteúdo histórico.

O templo já não serviria mais como elemento para definir a verdadeira identidade nacional em Deus. Israel não era mais Seu povo predileto e único, nem Seu instrumento missionário para anunciar a salvação ao mundo. Essa tarefa foi passada a um povo sem nacionalidade, universal, formado por cidadãos de todas as nações; passou à igreja. E o passado de Israel, que, ao incorporar os seres humanos à fé dos israelitas, devia se tornar passado histórico de toda a humanidade, ficou somente como passado de Israel. Ficou escrito, como diz o apóstolo Paulo, “para nosso ensino, é verdade”. Mas o templo não seria mais o elemento unificador do passado cristão, nem o símbolo de sua nova identidade. O passado da igreja cristã é explicado por meio da cruz, e, por meio da cruz, são entendidos seu presente e seu futuro. O mesmo acontece com a vida de cada cristão. A cruz não somente transforma o tempo de sua história. Transforma a própria pessoa e tudo o que aconteceu, acontece e acontecerá com ela.

Efeitos no presente e o futuro. O evento que transforma a vida humana de maneira mais radical e profunda é a ressurreição. Quando Jesus morreu, houve um adiamento da ressurreição final dos justos. “Abriram-se os sepulcros”, diz Mateus, e muitos santos que tinham morrido ressuscitaram. Efeito presente: saíram dos sepulcros. Porém, Mateus não fica somente aí; dá um passo para o futuro, dois dias depois, domingo da ressurreição. Efeito futuro: “Depois da ressurreição de Jesus”, acrescenta, “entraram na cidade Santa e apareceram a muitos” (Mt 27:52, 53).

Foi assim que o efeito pessoal da ressurreição se transformou em um efeito comunitário. Os indivíduos que viram esses santos receberam o mais importante testemunho do poder da cruz que já foi devotado a alguém. O futuro estava alterado para sempre. A ressurreição não era só uma promessa para ser cumprida no futuro;

a cruz fez com que se tornasse uma realidade presente. O presente e o futuro estavam juntos em Cristo Jesus, disponíveis para cada ser humano, como efeito imediato da morte do Senhor. O Reino dos Céus tinha chegado.

Efeitos sobre a vida dos incrédulos. “O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor”, diz Mateus, e exclamaram: “Verdadeiramente este era o Filho de Deus!” Convicção por pânico? Não há problema! Os santos diante da presença de Deus também sentiram o mesmo. Moisés confessou depois de sua experiência no monte Sinai. “Ai de mim que sou morto!”, disse outro santo, “pois sendo pecador meus olhos viram o Santo de Israel.” E quem de nós não sentiria o mesmo se visse a ação sobrenatural dos poderes divinos, agindo sem nenhuma limitação? Até os endurecidos, calejados e insensíveis soldados que pouco antes estiveram torturando e zombando de Cristo, sentiram os efeitos de Sua morte. Para eles, Jesus não era mais o rei da paródia que, poucas horas antes, eles mesmos construíram. Ao ver Sua morte e tudo o que aconteceu, estavam seguros de que era o Filho de Deus. Que transformação! Eles eram só as primícias de todos os gentios que, desse dia em diante, chegariam à mesma conclusão. E foram muitos!

Efeitos sobre os fiéis que seguem a Jesus de longe. Mateus diz que havia umas mulheres “olhando de longe” (27:55). Medo? Certamente. Mas não era um grupo de mulheres comuns. Entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu. Todas as mulheres que estiveram a serviço de Jesus, atendendo Suas necessidades diárias e as necessidades dos discípulos; financiando Seus gastos com os recursos delas mesmas. Há dois aspectos na conduta dessas mulheres. Não devemos omitir nenhum deles. Primeiro, apesar das circunstâncias perigosas, elas estavam ali. Bem poderiam ter ficado em casa. Os riscos eram muito grandes e embora só estivessem olhando de longe, poderiam ser identificadas como Pedro foi identificado no palácio do sumo sacerdote.

Segundo, embora elas estivessem presentes, estavam camufladas na multidão. Presentes, mas de longe. Não podemos desprezar

o fato de que há cristãos presentes na igreja, mas que estão longe. Podem ter suas razões válidas. Mas não é uma posição confortável nem segura. É melhor ter um compromisso arriscado com Cristo e estar perto dEle todo o tempo. As mulheres entenderam assim e momentos mais tarde, no seguinte dia, embora o perigo não houvesse passado, pois os soldados estavam também no sepulcro, foram lá para ver Jesus e servi-Lo como sempre.

A sepultura do Rei (26:57-66)

Mateus continua sua história contando os acontecimentos relacionados ao sepultamento de Jesus. Três são os atores principais: José de Arimateia, Pilatos e um grupo de dirigentes judeus integrado pelos chefes dos sacerdotes e os fariseus. Tanto José como os dirigentes aproximam-se de Pilatos para pedir algo em relação a Jesus. O pedido deles descreve sua posição com respeito a Jesus.

José de Arimateia manifesta publicamente sua fé em Jesus. José era um homem muito rico, bom e justo, membro do Sinédrio e um discípulo secreto de Jesus. Por temor aos judeus (João 19:38), não havia manifestado publicamente sua fé. Porém, a condenação de Jesus confirmou sua fé nEle. Estava preparado para tomar uma posição definitiva e manifestá-la publicamente. E o fez. “Foi a Pilatos”, diz Mateus, “e lhe pediu o corpo de Jesus. Então, Pilatos mandou que lhe fosse entregue.”

José expressou seu afeto por Jesus realizando ele mesmo parte dos trabalhos de sepultamento. Tirou-O da cruz, ajudado por Nicodemos, que Mateus não menciona, envolveu-o em um lençol limpo e O pôs em um sepulcro novo que tinha cavado na rocha para si mesmo. Depois mandou que seus servos fizessem rolar uma pedra para a entrada do sepulcro e se foi. Maria Madalena, segundo Mateus, e a outra Maria ficaram sentadas em frente ao sepulcro. Desde esse dia, José de Arimateia foi ativo discípulo de Jesus. Serviu no campo missionário e existiram tradições informando que Felipe, no ano 63 d.C., junto com outros onze discípulos, o enviou das Gálias a Bretanha.

Os dirigentes judeus confirmam a sua incredulidade. Sepultaram Jesus na sexta-feira, pouco antes do pôr do sol. Era o dia de preparação para o sábado. “No dia seguinte, depois da preparação”, diz Mateus, os chefes dos sacerdotes e os fariseus se apresentaram perante Pilatos com um estranho pedido, embora a esta altura nada fosse estranho para eles. Nem mesmo o fato de fazer este pedido no sábado, caso totalmente proibido por sua própria lei. Durante os dois dias anteriores, tinham transgredido tantas leis que uma transgressão a mais não lhes importava. Toda a sua preocupação consistia em silenciar Jesus para sempre. Seu pedido era que Pilatos pusesse uma guarda de soldados, no sepulcro de Jesus, para evitar que Seus discípulos roubassem o corpo e depois dissessem que tinha ressuscitado. “Esse enganador”, disseram-lhe, “quando ainda vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei.”

Alguns pensam que eles não poderiam saber que Jesus havia dito tais palavras. Mas eles as tinham ouvido bem claramente, quando pediram a Jesus um sinal que provasse Sua condição de Messias, e Ele disse que só lhes daria o sinal de Jonas. Para evitar a ressurreição, queriam o selo romano no sepulcro e uma guarda de soldados. Pilatos concedeu. Embora estivesse zangado com eles, sem nenhuma disposição de atender seus pedidos, cedeu, para se livrar de sua importunação e insistência que já o deixavam aborrecido. Colocaram outra pedra no sepulcro, selaram-na e deixaram os soldados guardando o sepulcro. Nada disso servia para alcançar o objetivo que eles tinham em mente. Apenas servia para revelar sua determinação de rejeição, de incredulidade e de obstinada persistência em seu desvio.



Ressurreição

28 do Rei e a Grande Comissão

“**R**essuscitou!” A notícia foi eletrizante e transformadora. A cruz produziu uma mudança radical na vida de cada habitante do planeta Terra. Já não estavam sob o domínio de Satanás. O reino das trevas tinha perdido a batalha e a fase espiritual do Reino dos Céus já estava instalada no mundo. A ressurreição produziu uma mudança similar na emergente igreja cristã. O núcleo inicial, a koinonia dos doze apóstolos e discípulos de Jesus, saiu de seu primitivo estado de identidade difusa e entrou para uma experiência de clara identidade com Cristo. O que o templo tinha sido para o judaísmo, agora Cristo passou a ser para a igreja cristã. Isto ficou claro na consciência da igreja depois da ressurreição. Como a mudança foi produzida? Pela realidade de ver o Cristo ressuscitado, pela experiência de ouvir Suas instruções posteriores à cruz e pela grande comissão que entregou à igreja; o programa de sua identidade: a missão de levar o evangelho ao mundo inteiro. A comunidade apostólica se tornou uma igreja missionária, cuja razão de ser foi e é definida por Cristo e a missão. Mateus o conta de um modo sucinto e muito claro (Mt 28:1-28).

Ressurreição: domingo (28:1-10)

Aconteceu no domingo de manhã. Jesus morreu pouco antes do pôr do sol de sexta-feira, à hora do sacrifício da tarde. Às três horas da tarde,

em nossa maneira de contar o tempo de cada dia. No sábado, Ele permaneceu na tumba. Assim como na criação, descansou no sétimo dia de toda a obra que tinha criado e feito (Gn 2:2), na redenção, descansou da obra missionária que tinha terminado na cruz dando vida eterna a todos os que nEle cressem. Uma nova criação de consequências eternas.

Os que tiveram medo (28:1-4)

Já sem medo, mas muito cedo, Maria Madalena e a outra Maria, possivelmente a mãe de Tiago e José (Mc 15:47; 16:1), fora ao sepulcro para ver se estava tudo em ordem. Lucas diz que foram para colocar especiarias aromáticas no corpo de Jesus (Lc 24:1). Essas mulheres que, por temor, se mantiveram olhando de longe quando Jesus foi crucificado, já não tinham medo. O único assunto que lhes importava era Jesus. Só as pessoas que se importam consigo mesmas têm medo. Aquelas que se esquecem de si mesmas e só se importam com Jesus e os demais semelhantes nunca têm medo.

O medo é uma espécie de autoamparo frente a um perigo real ou imaginário. Na maior parte das vezes, imaginário. Especialmente quando se trata de um medo doentio ou culpado. As mulheres não sentiam isso. Só se importavam com Jesus. Por isso, elas foram as primeiras em anunciar o Cristo ressuscitado. Acontece que os medrosos não podem cumprir a missão. Por isso, Paulo disse que os discípulos anunciavam o evangelho em parceria, sem medo nem consideração ao risco pessoal que pudessem correr, ao anunciá-lo.

Um anjo tirou a pedra do sepulcro. Quando o anjo desceu do Céu ao sepulcro, houve grande terremoto, mas o terremoto não removeu a pedra. O que Deus mais usa para realizar Sua obra são as forças naturais que operam inadvertidamente. De maneira silenciosa, como fazer brotar a semente, dar crescimento às plantas, produzir frutos e grãos que servem de alimento aos seres vivos do planeta. Algumas vezes, de maneira espetacular, quase cataclísmica, para mostrar Seu poder e impressionar os seres humanos com alguma grande lição sobre esse poder, como aconteceu no Monte Sinai, quando escreveu as tábuas da lei que logo depois entregou a Moisés e, por meio dele, a toda a humanidade. Mas, dessa vez, no sepulcro,

o terremoto só anunciou a chegada do anjo. Há ocasiões em que Deus quer fazer Sua obra de modo mais pessoal, colocando um toque próprio nessa obra. Isso foi o que fez no domingo pela manhã. O próprio anjo do Senhor tirou a pedra. Colocou-a de lado e se sentou sobre ela. Vestido de branco imaculado, se mostrava luminoso e brilhante como um relâmpago.

Os “*valentes*” *soldados romanos sentiram medo*. A visão de anjos era um espetáculo desconhecido para eles. Mas conheciam muito bem o uso do poder. Sabiam como as pessoas tremiam, quando um exército romano entrava em ação. Sabiam como eles mesmos tremiam, quando o poder do César agia perto deles. Ao sentir o terremoto e ver a força do anjo do Senhor removendo a pedra do sepulcro, ficaram tremendo e caíram como mortos. Soldados romanos deprimidos! Um espetáculo digno de saborosa ironia. Mas era a realidade, a mesma que viveria qualquer ser humano culpado perante o poder e a presença do celestial. Sua culpa era muito clara. Quanto os soldados que estiveram no Gólgota têm para contar de sua experiência com os episódios da crucifixão! A escuridão, o terremoto e as forças naturais protestando, podendo atuar contra todos os malvados. Eles sabiam. Inocentes não eram. E ao ver o anjo, imediatamente imaginaram o castigo que bem mereciam. Esse era seu costume. Castigavam os culpados, sempre, com castigos muito maiores que o tamanho da culpa que tivessem. E o Filho de Deus, mais importante que todos eles e mais forte que o Império, não os castigaria muito mais do que eles castigariam uma falta como a que eles mesmos tinham cometido?

A consciência pessoal de culpa é um juiz muito severo. Não tem a misericórdia que Deus tem. Só castiga. Com um castigo sempre exagerado. É como uma vingança nossa contrária a nós mesmos que não detém sua ação até nos destruir. Só a misericórdia de Deus pode nos salvar, e nos salva. Do contrário, cada pecador, impulsionado por seu próprio sentimento de culpa, seria um assassino de si mesmo. Foi por essa mesma misericórdia divina que os soldados romanos apenas se deprimiram. Teriam que ter morrido. Mas Cristo não estava ali, depois da ressurreição, com o objetivo de Se vingar. Ressuscitou para provar que nEle há vida, e é vida o que traz para

os seres humanos, especialmente os que acreditam em Sua morte. Foi Sua morte que abriu os obscuros domínios do mal, no sepulcro, para que os condenados a morrer recebessem vida eterna, pela fé.

O regozijo da ressurreição (28:5-10)

“*Não tenham medo*”, disse o anjo às mulheres quando estas viram o que tinha acontecido. “Sei que buscais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde Ele jazia. Ide, pois, depressa e dizei aos Seus discípulos que Ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galileia. Ali O vereis.” Até esse momento, as mulheres só sentiam o assombro da nova realidade. Mas, ao saírem dali, foi só alegria. Regozijo supremo. Uma alegria tão intensa que colocou em seus corpos uma energia nova, alguma força real que produziu rapidez. Correram para dar a notícia aos discípulos. Esperavam que essa correria não fosse detida até chegar a seu destino, para entregar a boa-nova sem demora. Mas havia algo melhor, mais seguro que o anjo, mais evidente que o sepulcro vazio. O próprio Jesus saiu ao encontro delas e as deteve, não para trocar a ordem ou a mensagem do anjo, nem para retardar seu cumprimento, mas para tornar mais evidente e mais real o seu conteúdo. Saudou-as. Elas, ao vê-Lo, se jogaram aos Seus pés e os abraçaram; e com infinita devoção, com regozijo infinito, O adoraram.

“*Não tenham medo*”, disse Jesus pela segunda vez. O anjo lhes havia dito o mesmo. Agora, entretanto, era mais íntimo. Jesus ali estava transmitindo-lhes valor de forma pessoal. Eliminando suas culpas, superando seus remorsos; dando-lhes a suave e segura confiança espiritual, tão necessária, indispensável para dar testemunho. Elas seriam suas primeiras testemunhas e era indispensável, para atestar convincentemente, que tivessem uma vivência da maior intimidade com Jesus Cristo. Ele a proveu como provê aos cristãos tudo o que porventura lhes faltar para serem testemunhas verdadeiras e eficientes. Medo, nunca mais. Só o valor da experiência, a força da mensagem. Só o poder que vem do Espírito Santo e a feliz alegria do evangelho: Jesus Cristo apenas.

Repetiu a mensagem: “Ide avisar a Meus irmãos que se dirijam à Galileia e lá Me verão”, disse-lhes. Uma entrevista do Senhor que já

estava marcada mesmo antes da cruz (Mt 26:32). Essa confirmação era segura. Não tinham que vacilar pensando que a cruz tivesse alterado alguma coisa dita por Jesus antes dela. Tudo era seguro. A Revelação de Deus, tão firme como a Sua própria palavra; tão eterna como Ele mesmo. O que Jesus ensinou, o evangelho do Reino, era ensino para sempre. O evangelho não era mais uma promessa, como nos tempos do Antigo Testamento. À promessa acrescenta-se a mensagem de Jesus, Sua vida, Sua morte na cruz e a ressurreição. Todos os elementos da antiga promessa transformados em realidade. O evangelho é a própria pessoa de Jesus. Os discípulos deveriam se encontrar com Ele na Galileia.

O relatório dos guardas romanos (28:11-15)

A experiência dos guardas foi extraordinária, mas eles a administraram mal. Isso acontece sempre com as pessoas que trabalham com suas decisões, sem submeter a vontade à direção do Espírito Santo. Mateus conta o que eles fizeram para inventar a origem da lenda judaica sobre o roubo do corpo de Jesus, que os discípulos teriam realizado no sábado à noite, para nós; e na noite de domingo, segundo o cômputo judeu.

O que aconteceu (28:11)

Enquanto as mulheres foram à caminho para o cenáculo, na casa de Maria, mãe de João Marcos, para dar aos discípulos a mensagem de Jesus, alguns dos soldados romanos voltaram para a cidade com um problema muito sério. Não tinham cumprido a missão que receberam. Tinham que cuidar do sepulcro, até ao terceiro dia, e evitar que durante esse tempo o corpo de Jesus desaparecesse. Se não cumprissem esse dever, teriam o mesmo castigo que deveria ser aplicado a um soldado encarregado de cuidar de um prisioneiro, se este escapasse: a morte. O corpo de Jesus não foi roubado pelos discípulos. Eles sabiam o que acontecera, mas o próprio Jesus já não estava no sepulcro.

Não levaram o relatório diretamente aos seus superiores. Foram aos chefes dos sacerdotes e lhes informaram “tudo o que tinha acontecido”. Os eventos que eles viram naquela manhã. A chegada do anjo, o terremoto, a remoção da pedra, a ressurreição de Jesus, o estado inconsciente em que ficaram. Cometeram um grave engano. Do

ponto de vista humano, talvez não; porque receberam grande soma de dinheiro e a promessa de amparo se houvesse algum problema para eles. Mas, do ponto de vista dos fatos reais e de sua responsabilidade diante de Deus, foi um engano muito grave. Colocaram-se à mercê da perversa imaginação dos sacerdotes que estavam determinados a ocultar tudo o que coincidissem com as predições de Jesus.

O relatório falso (28:12-15)

Imediatamente, os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram para decidir o que fariam. Inventaram um plano falso com dois elementos moralmente questionáveis: suborno e mentira.

O *suborno* é um recurso muito utilizado pelos seres humanos. Com ele, compram a boa vontade e até a própria vontade de uma pessoa. As quantias que são pagas variam de acordo com a importância do assunto em jogo ou o grau de dificuldade que a pessoa oferece para se vender. Neste caso, foi envolvida uma quantia muito grande, “muitas moedas de prata”, diz o texto. A persuasão do dinheiro, para algumas pessoas, é mais importante que a persuasão da razão e dos fatos. Os soldados aceitaram o suborno. Não sei o que pensavam sobre esses líderes religiosos que resolviam um assunto religioso com dinheiro. Mas esse não foi um caso único. O dinheiro continua tendo muito poder nos assuntos religiosos do cristianismo. O problema não é tanto o que pensam as pessoas sobre isso, embora seja um péssimo testemunho, mas o que Deus pensa. Todo o dinheiro do templo administrado pelos sacerdotes, supunha-se, era propriedade sagrada de Deus, e Ele não coloca Seu dinheiro a serviço do engano. Certamente O desagradaram muito. Mas Seu desagrado foi ainda maior com a história que inventaram.

A lenda do roubo de seu corpo foi uma mentira suja. “Vieram de noite os discípulos dEle e o roubaram enquanto dormíamos”, disseram-lhes. Que imaginação! Se estavam dormindo, como poderiam ter identificado os discípulos? O que poderiam ter dito era que alguém veio e o roubou, deixando aberta a investigação sobre quem eram os ladrões. Mas os líderes não queriam investigação alguma. Sequer procuraram castigar os ladrões. A violação de tumbas, naquele tempo,

era um delito muito grave castigado com pena de morte. Inventaram a história e depois agiram sem crer nela. Ao menos nisso foram coerentes. Como podiam crer em sua própria mentira? Impossível! Se esse conto fosse certo, os dirigentes religiosos teriam sido os primeiros a procurar o corpo até encontrá-lo; porque assim poderiam ter mostrado a prova mais contundente do engano e, castigando os discípulos com a pena de morte, teriam posto fim às atividades de seus inimigos. Não foi assim. Sabiam que a busca do corpo e a investigação do caso, só poderiam trazer à luz seu próprio engano. Por outro lado, se os discípulos que asseveravam a ressurreição de seu Mestre estivessem mentindo, como poderiam estar dispostos a morrer por Ele sabendo que tudo era mentira? Impossível!

Circulou a lenda dos líderes e muitos creram. Até em nosso tempo há pessoas que acreditam nela. Em alguns casos, trata-se de teólogos profissionais, com todos os estudos desta disciplina, com grande reconhecimento de seus pares, que ensinam dúvidas e tentam provar que a ressurreição nunca aconteceu. E estão seguros de seu ensino. Como não vão estar seguros se partirem de uma premissa que os obriga a chegar a essa conclusão? Não aceitam que Jesus tenha sido divino-humano. Para eles, Ele só era um ser humano, maior que os outros homens fundadores de grandes religiões como Maomé, Confúcio ou Buda, embora o que Buda fundou não seja propriamente uma religião. Como ia ressuscitar se era só um homem?

Mas era Deus encarnado e ressuscitou. “Pois se Cristo não ressuscitou”, diz Paulo, “é vã a nossa esperança e nossa fé, vazia é a nossa pregação e ainda nossa crença é vazia. Pior ainda, nós somos falsas testemunhas e os mais infelizes de todos os seres humanos. Mas Cristo ressuscitou dos mortos, acrescenta triunfalmente, primícia dos que morreram é feito e nEle todos serão vivificados” (1Co 15:14-19). Em outra parte, a respeito de Cristo escreveu: “foi declarado Filho de Deus podendo, segundo o Espírito de santidade, por Sua ressurreição dos mortos” (Rm 1:4). E nós, os que cremos, sabemos disso, não por ter acreditado em um conto, mas porque deixando de lado a lenda, experimentamos o poder da cruz e o poder de Sua ressurreição que nos deu vida; porque embora es-

tivéssemos mortos em nossos pecados e delitos, Ele nos fez novas criaturas para Sua glória.

Visita a Galileia e a grande comissão (28:16-20)

Chegamos ao final do evangelho de Mateus. Ele escolheu terminar sua história na Galileia. Como ele focaliza as atividades que Jesus realizou nessa região do país é apropriado que termine sua narrativa ali. Ele relata um fato histórico de adoração e dúvidas e a grande comissão com identidade missionária, adotada pela igreja cristã mais tarde.

Adoração e dúvidas (28:16, 17)

“Os onze discípulos foram a Galileia”, diz Mateus, “à montanha que Jesus lhes tinha indicado.” Três vezes lhes tinha dado a ordem de encontrá-Lo ali. A primeira vez, foi na noite de quinta-feira, segundo nosso cômputo, quando, à caminho do Getsêmani, informou-lhes que todos eles se escandalizariam naquela noite e Pedro O negaria três vezes. Disse para se encontrarem na Galileia. O convite para esse encontro era um modo de lhes dizer: “Embora todos vocês vão Me trair nesta noite, depois que se arrependerem, venham encontrar-se comigo na Galileia.” Depois de Minha ressurreição Eu irei adiante de vocês (Mt 26:32). A segunda vez, quando o anjo que abriu a tumba de Jesus ordenou a Maria Madalena e a outra Maria que fossem aos discípulos para lhes dar a notícia da ressurreição, também ordenou que dissessem: “Ele vai diante de vocês a Galileia. Ali O verão” (28:7). A entrevista estava confirmada. A terceira vez, quando Maria Madalena e a outra Maria estavam indo transmitir aos discípulos a mensagem do anjo, Jesus Se encontrou com elas no caminho e repetiu a mesma mensagem: “Digam a Meus irmãos que vão para a Galileia; ali Me verão”. Três vezes lhes disse Jesus: “ainda estou com vocês!”

Obedeceram. Dirigiram-se para a Galileia. Nada é mais agradável a Deus que a obediência. Revela aceitação, boa vontade, companhia, confiança, intimidade, desejo de agradar. Quando Saul desobedeceu a ordem de Deus, com o pretexto de guardar os melhores animais de Agague, rei de Amaleque, para Lhe oferecer em sacrifício, por meio do profeta Samuel, o Senhor lhe disse: “Acaso sente prazer Jeová

tanto nos holocaustos e sacrifícios como na obediência às palavras do Jeová? Melhor é obedecer que sacrificar; prestar atenção melhor é que a gordura dos carneiros” (1Sm 15:22). A esta altura dos fatos, Deus já não requeria sacrifícios de animais, seu valor tinha terminado quando Jesus morreu na cruz. Mas seguia requerendo obediência.

Uns O adoraram, outros duvidaram. É conhecido que somente a obediência é suficiente. Os onze tinham obedecido à ordem de ir para a Galileia. Ali estavam. Mas quando viram Jesus, uns, ao vê-Lo, movidos por uma fé tão espontânea como genuína, O adoraram. Discípulos do íntimo até a pele, do sentimento às ações, do desejo à vontade, discípulos por inteiro. Contudo, alguns duvidaram. Cristo estava ali, diante deles. Ressuscitado! Visível, palpável, conversando, vivo. Que mais queriam? Sempre haverá pessoas que duvidam, mesmo entre os cristãos, até dentro do corpo de dirigentes. Não eram estes os que foram escolhidos para dirigir a igreja depois da ascensão? Duvidam por quê? Pela mistura de egoísmo que, uns mais, outros menos, todos colocamos em nosso serviço a Deus. Aqueles que se rendem totalmente ao Espírito Santo, se livram do egoísmo, creem com fé genuína e não duvidam. Só louvam a Deus por tudo. E terminam com a história de suas vacilações para começar a nova vida sem os vaivéns da incredulidade.

Façam discípulos de todas a nações (28:18-20)

Então Jesus Se aproximou deles, diz Mateus, e lhes deu a grande comissão. Uma missão para cumprir. Era uma questão de identidade para a igreja. Sua identidade, desse momento em diante, estava definida por dois componentes: 1) Cristo e a missão. Que seriam eles desde aquele momento? 2) Cristãos e missionários. É certo que ainda ninguém pensava na designação de cristão, que viria posteriormente quando em Antioquia os seguidores de Cristo começaram a ser chamados cristãos (At 11:26). Mas eles eram Seus seguidores e o próprio Jesus já começou a defini-los. E a missão também os definiu, porque sem missão a igreja não existe.

Base de poder. A missão não poderá ir muito longe sem poder. “Todo poder Me é dado no Céu e na Terra,” disse-lhes Jesus. “Tenho toda a autoridade necessária.” Inclui poder de decisão, habilidade

para executar, capacidade para agir em um conjunto ordenado de pessoas. Inclui tudo. “Este poder é para Mim a base da missão que lhes ordeno e será para vocês a base de sua execução e cumprimento. Não estamos entrando em uma aventura, nem aventuraremos pelo mundo sem saber o que queremos. Meu poder age no Céu e na Terra. De hoje em diante vocês são Meus sócios, Meus aliados, Meus coobreiros, Meus associados na missão e juntos triunfaremos.”

Vocês, a igreja, são os Meus comissionados. Todo o grupo. Na missão não há heróis independentes nem pessoas que se mandam sozinhas. Todos têm a mesma comissão e têm que agir de forma conjunta. A missão é a visão de tudo, para todos na igreja como um todo. A igreja é o corpo vivo da missão. Todos os crentes formam parte da igreja e ela tem que trabalhar na missão com todos os crentes. Sem esquecer nada.

Uma ordem. “Façam discípulos”, disse-lhes. Não têm alternativa, isto é uma ordem. “Vocês são Meus discípulos porque aceitaram que Eu dirija a vida de vocês e decidiram estar sempre comigo. Daqui em diante, vocês têm que fazer de outras pessoas Meus discípulos, assim como vocês são Meus discípulos. Será, pois, Meu discípulo todo aquele que crer e confiar em Mim, Me aceitar, seguir, obedecer e trabalhar na missão de fazer novos discípulos; incluindo homens e mulheres. Todos estes são os Meus seguidores” (Jo 6:66; 7:3; At 6:1, 7; 9:19; 11:26).

Os discípulos começaram a ser chamados cristãos em Antioquia (At 11:26) e, depois disso, todos os cristãos têm que ser discípulos. Com o tempo, essa equação foi esquecida e, agora, há cristãos que não se consideram discípulos, porque pensam que os discípulos, no tempo de Jesus, eram os líderes da igreja. Na realidade, discípulos eram todos os que acreditavam nEle. Assim tem que ser hoje. Todos os que creem em Jesus, cada um dos membros da igreja deve ser um discípulo. Um discípulo tem que discipular.

É certo que as funções administrativas da igreja não são para todos, mas para todos é a missão. Nesse sentido missionário Pedro definiu o sacerdócio de todos os crentes. Disse: “Vocês são linhagem escolhida, real sacerdócio, nação Santa, povo adquirido por Deus, para que anunciem as virtudes dAquele que lhes chamou das trevas para a Sua

maravilhosa luz” (1Pe 2:9). Não diz que são real sacerdócio para ser pastores, mas para divulgar, publicar, proclamar o evangelho. O sentido original do texto é que se proclame por toda parte.

Um objetivo com visão de tudo. “Façam discípulos em todas as nações”, disse-lhes Jesus (28:19). Aqui não se trata de um alvo anual de batismos. Embora seja de muitas centenas ou de muitos milhares, ele será sempre muito pequeno. O objetivo de Jesus abrange todas as nações. Este objetivo inclui dois elementos: um geográfico e outro demográfico. Os cristãos devem levar o evangelho a todos os territórios de todas as nações e têm que ensiná-lo a cada pessoa que viver nessas nações. Os planos de evangelização da igreja têm que incluir sempre o todo. Uma igreja local deve planejar cada ano como levar o evangelho a todo o território sob sua jurisdição e como alcançar a todos os habitantes desse território.

O pastor dessa igreja tem que se considerar pastor de cada pessoa que vive em seu território; e cada membro de sua igreja, um missionário para o território ao redor de seu lar. Do mesmo modo devem planejar os distintos níveis da organização da igreja. Sempre com a visão global. Se o todo ficasse fora do planejamento missionário, o objetivo que Jesus deu à missão da igreja cristã jamais seria alcançado. E é só assim que poderão ser cumpridas as palavras de Jesus, em Seu discurso sobre os sinais do fim: “E será pregado este evangelho do Reino em todo mundo, para testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mt 24:14). Sempre o todo. Quando a igreja pedir a Deus o todo e trabalhar por ele, Deus o dará.

Um método. O método da grande comissão foi estabelecido pelos três verbos que aparecem nela: Ir, batizar, ensinar.

Primeiro, em português, o verbo “ir” aparece como imperativo. Mas no grego é um particípio. O imperativo está na frase: Façam discípulos! O particípio de ir não significa “ide” ou “vão”. Significa indo de um lugar a outro. Então um elemento do método evangelístico para cumprir a missão é indo de uma casa a outra casa, de uma cidade a outra cidade, de um país a outro, de um continente a outro continente, até cobrir o mundo inteiro. A missão não pode se deter em nenhum lugar nem passar por cima de lugar algum, por mais difícil que seja pregar nele.

Indo, como método para discipular significa que os discípulos têm que estar em um movimento discipulador e evangelizador permanente, indo de um lugar a outro, até abranger o mundo inteiro.

Segundo, Jesus disse: façam discípulos “*batizando-os* em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Se o batismo cristão fosse somente em nome do Pai e do Espírito Santo estaria em harmonia com o judaísmo; porque no judaísmo os dois são considerados divinos. Mas a inclusão do Filho, no mesmo nível deles, faz de Jesus um Ser divino e coloca o cristianismo um passo à frente do judaísmo. Mateus disse claramente que Jesus é o Messias Rei, um Ser divino, Deus conosco (1:23). Nas últimas palavras do evangelho, deixa registrada outra característica divina de Jesus: Sua onipresença. “Estou convosco sempre”, disse Jesus aos Seus discípulos.

Como a referência ao batismo vem antes da referência ao ensino, pensam alguns, pode-se batizar primeiro e ensinar depois. Tal ideia é completamente alheia à grande comissão. Jesus não revela a menor intenção de estabelecer uma sequência do que deve ser feito para cumprir a missão. Além disso, a ideia de ensino já está presente no conceito de ir de um lugar a outro, que aparece antes do batismo, porque este movimento implica a entrega de algo em cada lugar. Esse algo é o evangelho, Jesus. Não é uma pessoa física que se entrega nos lugares visitados. É um ensino sobre a Sua pessoa, a mesma revelação que Ele fez de Si mesmo, por palavras e ações. O objetivo não é batizar as pessoas, mas fazê-las discípulas.

O batismo é um método para discipular porque a pessoa que aceita Jesus se torna discípula por meio do batismo e porque outras pessoas, ao presenciarem seu testemunho batismal, se sentirão atraídas para Jesus.

Terceiro, Jesus disse: Façam discípulos “*lhes ensinando* a obedecer tudo o que mandei a vocês”. Este é um ensino intencional e com objetivo. Seu objetivo não é conhecimento, é guardar; e guardar é a forma mais pessoal e mais íntima de obedecer. Devemos ensinar os discípulos a obedecerem tudo o que Jesus mandou. Quer dizer, repetir o mesmo que Jesus fez com os discípulos dEle, ao fazer novos discípulos para Ele. Jesus queria ter, em todos os tempos, a mesma

qualidade de discípulos que Ele havia discipulado. A mesma entrega sem reservas, a mesma obediência incondicional, a mesma retidão de vida, a mesma fidelidade, o mesmo zelo missionário que tinha pedido a eles queria em todos.

Ensinando todas as coisas significa fazer novos discípulos, mas iguais aos discípulos antigos. Por isso, ensinar tudo o que Jesus mandou aos primeiros discípulos era e continua sendo o indispensável.

Uma promessa. Jesus disse: “Asseguro-lhes que estarei com vocês sempre”. Jesus é Deus. Como Deus, é onipresente e eterno. Por isso, pode estar onde quer que haja um discípulo, todo o tempo. Sua presença garante o êxito da missão e dá segurança aos discípulos. Podem trabalhar sem medo, sem as ansiedades da incerteza, com a absoluta confiança de quem sabe que o resultado final será bem-sucedido. Alguns dizem que isso é triunfalismo e o triunfalismo, dizem, é um grave engano. É possível que o triunfalismo tenha um pouco de confiança excessiva nas próprias obras e desconheça um pouco a presença dos defeitos humanos que nunca faltam. Mas a segurança no êxito final não é triunfalismo. É apenas fé. A fé que, não duvidando de nada, apega-se à promessa e a faz própria. A fé que, em virtude de crer em tudo, vê tudo se tornar realidade; porque fiel é o Senhor que prometeu. A missão não é fácil e muito difícil é seu objetivo, porque fazer discípulos é sempre complicado; entrar em cada nação alcançando cada pessoa parece impossível. Porém, com a presença de Jesus, a igreja cumprirá o que Ele mandou.

Um tempo de duração. A grande comissão tem um tempo de duração. Vai do momento em que Jesus ordenou a missão na Galileia “até o fim do mundo”. Cada minuto desse período é tempo de ação missionária. Parece longo tempo, mas a maior parte dele já se foi. O tempo do fim é curto. Agora tudo é urgente. Até o demônio sabe que resta pouco tempo e anda como leão rugindo, procurando a quem devorar. Satanás devora. Cristo salva. A tarefa de salvar é a missão cristã, e os cristãos agora têm pressa porque o fim se aproxima. “Será pregado este evangelho do Reino, para testemunho as todas às nações; então virá o fim. E eis que estou convosco”, disse o Rei onipresente, “todos os dias até o fim do mundo.” AMÉM!

“Mateus simplesmente contou a história. Não fez teologia nem pretendeu escrever uma obra erudita. Contou. Contar é a forma mais comum da comunicação humana e a mais fácil de entender. O que contou não era um conto. Não era um livro sobre uma pessoa com muitas histórias inventadas.”

Assim o Dr. Mario Veloso começa o seu Comentário Homilético de Mateus, um livro que vai enriquecer a biblioteca e a experiência espiritual de milhares de leitores. A obra foi idealizada para ajudar os pregadores a elaborar sermões mais sólidos, nutritivos e fundamentados na Palavra de Deus.

Ao explorar o Evangelho de Mateus orientado por um sábio guia, você vai ganhar novo vislumbre sobre a vida de Jesus. E, com certeza, vai sentir o desejo de contar de novo as grandes obras que o Rei e Salvador, o Messias prometido, fez e continua fazendo em relação à nossa vida.

O Dr. Veloso, teólogo chileno, teve um bem-sucedido ministério como pastor, professor e líder espiritual em diversos países, especialmente o Brasil. Pensador profundo, é autor de vários livros, inclusive o *Comentário do Evangelho de João*. Atualmente, ele vive na Califórnia, mas não perdeu os vínculos com o povo e a realidade da América do Sul.

